

MEU *Amor*
ENVOLVENTE

SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 2

JUJU FIGUEIREDO



MEU *Twiz*
ENVOLVENTE
SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 2

1º EDIÇÃO

JUJU FIGUEIREDO

Copyright © Juju Figueiredo

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Mari Sales

Revisão: Thaynara Santos (Primeira revisão)

Milena Santos (Segunda Revisão)

Diagramação Digital: Juju Figueiredo

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



NOTA DA AUTORA

Este é o segundo livro da série Envolvente, composta por 5 livros.

Pode ser lido independente do primeiro, porém pode conter spoiler.

Boa leitura!



SINOPSE

Eles sabiam que não deveriam se envolver, mas era aquele ditado: Os apostos se atraem.

Eduarda Medeiros vivia sua vida tranquilamente. Formada com honras na Universidade de São Paulo, é uma advogada de renome dentro do estado.

Ela sabia, desde que colocou seus olhos no juiz Arthur Brandão, que não deveriam se envolver, mas resistir ao charme e as provocações dele era impossível.

Arthur Brandão, juiz de renome, conduta impecável e opinião imparcial. Ele sabia que provocando e atizando a advogada a levaria para sua cama.

Mal sabem eles que o destino gosta de pregar peças.

Arthur esconde um segredo a sete chaves, segredo esse que pode destruir seu novo relacionamento.

Eduarda só queria encontrar um lar para uma criança que perdeu a mãe quando era um bebê.

Juntos, eles irão embarcar em uma história repleta de mistérios, segredos, mentiras e verdades. E no meio disso tudo, descobrirão que reconstruir dois corações partidos pode ser mais



EPÍGRAFE

O seu cheiro já seria o bastante

Pra me fazer pensar no que eu disse antes

Eu finjo não querer

Mas já era

A vida sempre coloca a gente em perigo

E você com certeza é o meu preferido

É só um toque seu

E já era

Já era de se esperar, não é?

Quem se faz de forte costuma ter medo da dor

as olha que loucura né?!

Te vi e os meus olhos mudaram de cor

Antes da gente dar nome já era pra sempre

E eu com medo de ser

Mas quando eu falo de amor por aí

É pensando em você, só você

Nossa Conversa – Kell Smith



PRÓLOGO

Eduarda

Te amo odeio, mas mesmo assim quero você

Só você pra me ganhar com o olhar

Curtindo até me perco te dou direito de me achar

Briga, separa, quebra a cara e volta

Ver que um sem o outro a vida é tão sem graça

Suíte 14 – Henrique e Diego com MC Guimê

5 ANOS ANTES

Estava nervosa? Com certeza, não apenas porque eu iria para o estágio dos meus sonhos, mas também porque estaria ao lado de um dos mais conceituados juizes de São Paulo.

Minha professora havia conseguido o melhor estágio para mim, junto com um juiz chamado Arthur Brandão. Pelo que pesquisei sobre ele era um dos mais requisitados para casos estaduais, como grandes crimes, direitos empresariais, civil, de família, penal etc. enfim, em outras palavras,

ele era *foda*.

Guiei meu carro para dentro do estacionamento do Tribunal de Justiça Estadual de São Paulo e respirei fundo, antes de pegar minha bolsa e sair em direção a entrada.

Era uma grande oportunidade e eu sabia disso. Trabalhar aqui acrescentaria muito ao meu currículo e minha carreira como advogada. Trabalhar ao lado do juiz Arthur Brandão era o sonho de qualquer estudante de direito, afinal o homem tinha uma carreira impecável, era conhecido por sua postura impassível dentro dos tribunais, apesar de ter apenas 33 anos, sim pesquisei sua vida, exercia sua profissão como se tivesse mais idade. Era assim que eu queria ser um dia, queria exercer minha profissão de maneira que eu pudesse ser reconhecida por minha impecável postura profissional, por ter mérito e sabedoria ao defender um caso.

Entrei no prédio e vi todas aquelas pessoas andando, alguns falando ao celular outros conversando entre si. Estar ali me fazia sentir como se estivesse no mesmo patamar que eles, mesmo que eu ainda fosse uma mera estudante da área.

Por um minuto, me senti como eles.

Balancei a cabeça e caminhei até a recepção.

— Bom dia, me chamo Eduarda Medeiros e estou aqui para ver a senhora Marta, secretária do juiz Arthur Brandão.

— Bom dia, ela já até ligou para saber se você tinha chegado, só se dirigir ao décimo quarto andar, ela estará te esperando. — Me entregou uma credencial e segui para o elevador.

Se dissesse que estava calma estaria mentindo, de tão nervosa minhas mãos suavam e meu coração estava disparado. Assim que o elevador parou no andar indicado respirei fundo e ao sair vi uma mulher sorrir ao me olhar.

— Você deve ser a Eduarda, sou Marta. — Ela me abraçou,

— Olá, Marta. — Retribui seu abraço.

— Vou te mostrar o prédio enquanto esperamos o Arthur chegar, ele pegou um engarrafamento na vinda para cá e por isso está um pouco atrasado.

— Entendo. — falei. Não sei se estava aliviada ou não, por não precisar conhecê-lo agora. Acho que meu maior nervosismo era por conta disso.

Após conhecer cada canto daquele andar, Marta disse que precisava fazer umas ligações e que eu podia ficar à vontade até que Arthur chegasse. Enquanto esperava o senhor juiz aparecer, decidi tomar um café, precisava me acalmar de algum jeito e acho que essa seria uma boa maneira.

Me servi e fui andar pela recepção enquanto ingeria aquele líquido perfeito.

Estava admirando a vista, perdida em vários pensamentos, que me desliguei do que acontecia em minha volta, e não ouvi quando o elevador anunciou que alguém estava chegando.

— Está perdida?

Me assustei tanto com a voz que virei rapidamente e acabei esbarrando no homem atrás de mim o que me fez derramar o café, que ainda estava no copo, em sua camisa branca e perfeitamente passada.

— Meu Deus. — Foi a única coisa que eu consegui sussurrar.

— Tem noção do que você fez? — O homem perguntou e eu me irritei com seu tom de voz. Levantei o olhar para ele e vi Arthur Brandão em minha frente com um olhar incrédulo, mas mesmo assim o enfrentei.

— Como assim “noção”? Foi um acidente, poderia acontecer com qualquer um. — Falei.

— Acredito que se estivesse prestando atenção não teria acontecido esse acidente.

— Se você não tivesse falado comigo, eu não teria derramado café em você. — O que deu

em mim? Não faço nem ideia, afinal o homem que estava em minha frente era um juiz renomado e eu estava discutindo com ele.

Eduarda, onde está o seu juízo?

Boa pergunta.

— A culpa é minha então?

— Deveria. — Já comentei que não tenho filtro entre meu cérebro e a boca? Pois é.

— Olha aqui...

— Olha aqui você — Interrompi apontando o dedo em sua cara. — Quem pensa que é para falar nesse tom comigo? Está se achando só porque é um dos melhores juizes do estado? Me poupe, pensei que fosse mais humilde.

Ele estava pasmo com minha ousadia.

Eu estava pasma com minha ousadia.

— Você sabe com que está falando garota?

— Sei sim, com um babaca idiota metido a juiz que acha que pode tratar mal as pessoas porque as coisas não saíram do jeito que planejava.

Acho que das duas uma, ou ele não sabia como rebater a minha fala ou só não o fez porque fomos interrompidos.

— Algum problema, Arthur? — Marta perguntou, sem entender nada do que via. A cena deveria ser no mínimo cômica para quem assistia.

Uma estudante de direito e um juiz poderoso se enfrentando porque ela derramou café em sua roupa. Parecia até piada.

— Nenhum, Marta. — Ele disse sem desviar os olhos de mim. — Apenas me arrume outra

camisa porque houve um *acidente* aqui — Tratou de frisar bem essa palavra.

— Certo, mas tem certeza de que está...

— Marta, agora!

— Sim. — Ela respondeu e saiu nos deixando sozinhos.

— Que esse seu *acidente* não se repita. — Disse, assim que a Marta saiu.

— Você é sempre assim, arrogante? — Revirei os olhos.

— E você sempre derrama café nas pessoas? — Revidou minha pergunta.

— Idiota.

— Petulante. — E saiu, antes que eu o ofendesse ainda mais.

Apenas depois que ele saiu do meu campo de visão me permiti respirar.

Eu era totalmente louca, o que tinha dado em mim? Mas eu não o deixaria falar comigo daquela forma nem se fosse presidente da república. Tinha certeza de que se fosse uma das minhas colegas de faculdade teriam recuado e ficado com o rabinho entre as pernas, eu não vou negar, Arthur era o homem mais falado por elas por causa de sua beleza e, pude comprovar hoje, que não era pouca, mas eu não me deixava levar por um rosto bonito, não mesmo. Se ele pensa que podia falar assim comigo apenas por conta do cargo que tinha, iria mostrar que comigo o buraco é mais embaixo, como dizia minha mãe.

— Menina, o que você disse que o deixou tão irritado? — Marta veio perguntar.

— Eu o deixei irritado? — Falei sorrindo. — Ponto para mim, então.

— Não brinque com fogo criança, você pode se queimar.

— Ele começou, agora aguenta.

Ela apenas me olhou como se não acreditasse no que estava acontecendo.

— Vamos lá. — Ela disse se virando, mas antes acrescentou. — Quando Arthur descobrir que você é a estagiária dele vai ter um ataque.

Marta não errou, se Arthur pudesse matar com um olhar eu não estaria aqui para contar essa história.

Eu mostraria para o juiz Arthur Brandão que ele não mexia com Eduarda Medeiros e ficava por isso mesmo. Faria questão de deixar meu nome ficasse registrado em sua memória, assim ele pensaria duas vezes antes de descontar sua raiva, ou seja lá o que fosse, nas pessoas.



CAPÍTULO 1

Eduarda

Não encosta, não me beija

Só me olha, me deseja

Quero ver se você vai aguentar

A noite inteira sem poder me tocar.

Sim ou Não - Anitta feat Maluma

5 anos depois

Juro que tentei, mas foi difícil me concentrar no documento a minha frente, era um caso pequeno e simples, um trabalhador lutando pelos seus direitos e um patrão pão duro que não queria seguir a lei, tinha certeza de que eu levaria essa, mas meu sono estava tão grande que eu quase cai em cima do notebook umas duas vezes.

Me encostei na cadeira e fechei os olhos, não iria dormir, mas estava cansada demais para ler até uma receita de bolo. Suspirei quando senti meu corpo relaxar, eu realmente precisava de umas

férias, as meninas tinham toda a razão quando reclamavam disso.

Gemi quando uma batida na porta me lembrou onde eu estava. Respirei fundo e abri os olhos.

— Entre. — A porta foi aberta e a Júlia entrou, fechando-a em seguida. Ela estava com uma pasta na mão e seu típico ar de quem sabia o que estava fazendo, eu acompanhava cada passo que ela dava em direção a minha mesa. Júlia estava longe de ser uma mulher metida e de nariz em pé, mas não podia negar que sua elegância e seu jeito autoritário a faziam parecer uma princesa.

— Tenho novidades.

— Diga.

— Acabei de voltar de um abrigo que tem a criança com o perfil que seus clientes procuram.

Sorri para ela, uma notícia boa.

— Que maravilha! — Falei, já tinha uns dois meses que meus clientes, André e Malu, estavam na fila de espera para encontrarem uma criança para adotar.

— Também achei, foi difícil encontrar, mas valeu a pena. A garotinha é linda.

— Você a viu?

— De longe apenas, estava conversando com a diretora quando ela apareceu.

— Vou entrar em contato com a Malu hoje mesmo para dar a notícia. — Falei colocando um lembrete no celular. — Qual o nome dela?

— Yasmim. É uma menina linda, uma pena que tenha que viver em abrigos

— Família?

— Não se sabe. — Ela respondeu suspirando. — Tudo que temos em mãos é que a mãe foi

brutalmente assassinada alguns dias após o nascimento da criança.

— Assassinada? Por quem?

— A polícia não sabe. Ela foi encontrada morta dentro de um casebre, no subúrbio de São Paulo. Os moradores próximos só perceberam porque a criança não parava de chorar, um homem invadiu a casa e encontrou a mulher morta no chão, e a criança chorando dentro do berço.

— Que horror. — O mundo era cruel, eu não conseguia ver uma motivação para alguém tirar a vida de um ser humano dessa maneira.

— Sim, não tenho detalhes sobre o caso, mas como sei que pode querer ficar mais informada a respeito, acho que o Guilherme e a Verônica podem te dar um dossiê completo sobre o caso.

— Verdade, vou convidá-los para almoçar comigo e com a Marta. Vamos? — Falei mudando de assunto.

— Queria, mas tenho que ir buscar a Rebeca na creche, a babá está fazendo um exame hoje.

— E o Fernando?

— Em audiência com o Arthur. — Revirei os olhos e ela sorriu.

— Vocês dois não tem jeito mesmo, em. Ele só não faz a mesma cara que você quando citam seu nome porque quer manter a postura de homem autoritário e imponente.

— Pra mim ele poder ir para o inferno.

— É um amor lindo. — Disse, sarcástica.

— Vai se ferrar, Júlia. — Falei irritada e minha amiga apenas gargalhou.

— Você pelo menos já o viu depois que ele voltou para o Brasil?

— Não, e te garanto que estou bem assim.

— Vocês dois não tem jeito mesmo, ainda os verei casados.

— Deus é mais em minha vida Júlia, isso por acaso é algo que se fale para uma amiga?

— Você é o drama em pessoa, Duda. — Ela se levantou e ajeitou a bolsa nos ombros. —

Nos vemos no jantar que a Verônica marcou?

— Se eu não for ela vai me buscar em casa e me arrastar até o restaurante, então, sim nos vemos lá.

— Beijos amiga, qualquer coisa me liga. — Ela soprou um beijo no ar e saiu da minha sala.

Mandei uma mensagem para Guilherme perguntando se a Verônica e ele podiam almoçar comigo, pois eu precisava conversar com eles. Cinco minutos depois ele respondeu que sim e eu voltei as minhas atividades matinais, tentar não dormir em cima do meu notebook.



Dessa vez eu consegui terminar de ler o documento inteiro sem dormir, anotei os pontos principais e estava completamente pronta para defender o caso do senhor Marcos de Almeida. A audiência seria em dois dias, mas já havia falado para ele não se preocupar, ele receberia todos os seus direitos.

Quando deu meio-dia, minha porta foi aberta e Marta entrou sorrindo para mim.

— Vamos? Estou faminta.

Desde que terminei o estágio com metido do Arthur e ele deixou o Brasil para fazer doutorado em *Cambridge* ela veio trabalhar como minha secretária, havíamos nos tornando amigas e ela era uma excelente profissional, diga-se de passagem.

— Vamos. — Desliguei o notebook, me levantei e peguei minha bolsa, já saindo da sala. —

Guilherme e Verônica almoçarão conosco, algum problema?

— Nenhum. Vi que a Júlia esteve aqui.

Chegamos em meu carro e entramos, hora de enfrentar o trânsito caótico de São Paulo.

— Sim, ela encontrou um abrigo que tem uma menina com as características que o André e a Malu querem.

— Isso é muito bom.

— Sim, a menina tem uma história muito trágica para alguém de apenas 5 anos. — Soltei um suspiro de indignação, até onde ia a maldade humana? Essa era uma pergunta para qual eu não tinha resposta.

Assim que chegamos ao restaurante, Guilherme e Verônica já estavam a nossa espera. Os cumprimentei, nos sentamos e fizemos nossos pedidos.

— Eu me lembro desse caso. — Guilherme falou. — Realmente não tinham muito com o que trabalhar. Ela foi encontrada morta por asfixia, de acordo com o laudo do IML a arma foi uma sacola de plástico.

— E deixaram a criança viva. — Marta comentou tão chocada quanto eu.

— Quem quer que tenha feito isso achou que quando descobrissem a morte de Jéssica a criança já estaria morta. — Verônica respondeu.

— Nem sinal do pai da criança? — Questionei.

— Na época que foram feitas as buscas pelo assassino, não tivemos pistas nenhuma, ela não estava desaparecida, não havia muita informação sobre ela, documentos constavam que ela era órfã. Realmente foi mais um caso de assassinato não resolvido.

Suspirei, estava cansada de ver casos como esse, em que o assassino ficava solto.

— Não entendi o motivo de querer saber sobre o caso. — Guilherme comentou.

— Estou em um caso de adoção, a Júlia chegou com o perfil de uma criança e me contou o pouco que sabia sobre o caso.

— Meu Deus! — Verônica falou. — É a mesma criança?

— Sim. — Confirmei. — Ela agora tem a oportunidade de encontrar um lar. Estou torcendo para Malu e André quererem ficar com ela. Não é a primeira criança que visitamos e eles dizem que ainda não a veem como filha deles.

— É algo difícil, Duda. — Verônica diz, como se eu não soubesse.

— Eu sei. — Suspirei, estava cansada e ainda nem tinha se passado metade do dia. Meu celular vibrou em cima da mesa e logo o peguei para ver. Era uma mensagem da Malu dizendo que poderiam ver a criança, respondi rapidamente que a visita seria marcada e assim que tivesse mais notícias passaria para eles.

— Vai ao jantar, não é Duda? — Verônica me olhava de maneira questionadora e eu revirei os olhos.

— Tenho outra escolha?

— Tem, se tiver morta e enterrada a sete palmos debaixo do chão.

— Isso é uma hipótese a se considerar. — Falei, levantando minha mão ao queixo como se estivesse pensando na possibilidade e Marta riu.

— Não entendo essa sua briga com Arthur, sério.

— Eu também não, Marta, e olha que eu conheço o meu irmão e ele só é assim com a senhorita Eduarda. — Guilherme falou rindo.

— Devo merecer um prêmio então, porque tive que aturar aquele troglodita por um ano inteiro enquanto fazia estágio. — Resmunguei.

Eles riram como se eu tivesse contado a maior piada do ano.

— Super engraçado. — Resmunguei.

— Amiga desculpa, mas é mesmo. Você e o Arthur são uma comédia. — Revirei os olhos, novamente, e ela continuou. — Mas me promete que você vai ao jantar?

— Eu já disse que ia, certo? Então não vamos mais falar nesse assunto, por favor. — Supliquei.

— Ok, vamos apenas comer. — Ela disse, olhando para o marido em seguida.

Eles não entendiam minha implicância com Arthur, nem poderiam era algo que as vezes nem eu entendia. E sinceramente, não fazia questão de tentar, só sei que quando se tratava de falar com aquele juiz metido a galã, eu perdia todo o meu bom senso.

Arthur tinha o poder de me tirar do sério.

O almoço terminou sem mais delongas e eu voltei para o escritório, passei a tarde com o processo de adoção da criança e a história dela me intrigava cada vez mais, não a dela mesma, mas de sua mãe, por que alguém a mataria de forma tão cruel? E o caso não ter sido resolvido me fez pensar que algo nessa história não faz sentido. Apesar de vários casos de assassinatos nunca terem sido desvendados.

— Estou indo para casa, Duda, nos vemos mais tarde.

— Tudo bem, Marta. — Falei sem tirar os olhos do notebook.

Ouvi a porta se fechando e digitei no google o nome que Verônica havia me mandado por mensagem.

Jessica Ferreira Mendes, assassinada em 20/06/2014

A matéria abriu e falava que ela era mãe solteira, e de acordo com os vizinhos, morava no bairro a pouco no tempo. Ninguém sabia dela, nem familiares, amigos, nada. Tentar descobrir algo sobre ela era como procurar uma agulha no palheiro.

Impossível.



Faltavam uns 20 minutos para o horário combinado pela Verônica e eu ainda estava em frente ao meu closet tentando descobrir o que usar.

Me sentei na cama e peguei meu celular para responder as mensagens do whats. Havia uma mensagem da Bruna, uma foto para ser mais exata, onde a Manu brincava com a Gabriele, sua tia, que era um ano mais velha que ela. Ela estava ainda mais linda, tão fofa e com um sorriso espontâneo.

Duda: *Estão tão lindas!*

A resposta veio logo em seguida.

Bruna: *Ela está sentindo falta da madrinha, quando vem visitar?*

Duda: *Vou tentar nesse fim de semana, é a correria do trabalho.*

Bruna: *Não se preocupe amiga, a gente entende. Venha quando puder.*

Duda: *Estarei aí esse fim de semana. Agora tenho que ir me arrumar, beijos.*

Bruna: *Vai lá e mostra para o juiz o que ele está perdendo.*

Revirei os olhos e ignorei sua última mensagem.

Senhor, será que não existe um ser humano que não me atormente em relação ao Arthur?

Suspirei, levantei da cama e peguei minha roupa, não podia contrariar um pedido/ordem da Verônica, tinha medo dela, afinal, ela tinha uma arma.

Fitei meu guarda-roupa mais uma vez e já decidi que roupa iria usar, sorri para o vestido escolhido.



Dizer que a casa da Verônica e do Arthur era uma “casa” seria eufemismo, aquilo era praticamente um palácio. Os seguranças permitiram minha entrada e guiei meu carro até o estacionamento, quando estava me preparando para descer um carro preto parou ao lado do meu. Tentei espiar quem era, mas os vidros escuros dificultavam minha visão, por fim decidi que era hora de descer e encarar a fera.

E no momento que eu desci, ele desceu também. Nossos olhares se prenderam. Não havia ninguém do lado de fora, a não ser os seguranças. Do lado de dentro eu podia ouvir tocando *sim ou não* da Anitta, sorri internamente e decidi fazer a minha melhor cara de anjo.

— Arthur Brandão. — Falei saindo do meu carro e indo em direção a ele.

Seus olhos percorreram meu corpo sem nenhum pudor.

E desde quando ele tem isso?

— Eduarda...

Sorri ironicamente.

Desse corpo você não prova de novo. Pensei comigo mesma.

— Espero que tenha tido uma boa estadia no Canadá.

— Você não estava lá para me atormentar, então foi maravilhosa.

Sorri diabolicamente e me aproximei de seu ouvido, seu perfume me envolvendo como sempre fazia quando me aproximava dele.

— Bem-vindo ao inferno querido, porque comigo por perto você não vai ter paz.

Me afastei e sua mão segurou meu braço, seu olhar indicando que não estava para brincadeiras.

— Ainda bem que eu sei como domar essa diaba.

Me soltei do seu aperto e sorri.

— Nem nos seus sonhos.

E sai dali rebolando da melhor forma que eu sabia.

Arthur, Arthur você sabe muito bem como é nossa relação. Pensei comigo mesma, mas dessa vez seria diferente, até porque eu teria o controle da situação.

Ah se eu teria.



CAPÍTULO 2

Eduarda

Yo te quiero ver enlouquecer

Quiero provocarte

Vas a ver que cuando quiero algo

Yo lo puedo hacer

Si no me conoces

No dudes de mí pues

Paradinha – Anitta

— Eduarda, você está provocando. — Júlia falou, sorrindo para mim.

— Eu? Jamais. — Perguntei ironicamente ao tomar um gole da minha bebida.

— Imagina. — Verônica disse. — Posso saber o que você está aprontando?

— Nada. — Falei, colocando o copo em cima do balcão.

Ainda não estava aprontando, mas aprontaria. Odiava a fato do Arthur despertar em mim todos os atos mais insanos que se podia imaginar e isso era desde que nós dois começamos a trabalhar juntos, só não podia negar que me divertia ao irritá-lo. Gostava de enfrentá-lo, sentia pena da Marta, ela sempre presenciava nossas discussões e achava graça na maioria das vezes. Mas teve algumas que ela não presenciou e essas eram as piores.

Infelizmente, eu dividia a mesma sala que Arthur, ainda odiava o fato de trabalhar ao seu lado, implorei para minha orientadora trocar o estágio, mas foi em vão.

— *Seu estágio é o sonho de todo aluno de graduação em Direito, Eduarda. Não vou trocá-la só porque você não foi com a cara do Arthur.*”

Teria que me contentar com esse fardo até o fim do ano. Apenas suspirei e voltei a prestar atenção no processo que Arthur julgaria dali há três dias. Não deveria estar mexendo em suas coisas, mas o caso era deveras interessante. Provas e fatos ali eram evidentes e mostravam que o acusado era inocente, ele só estava no lugar errado e na hora errada.

— *Posso saber o que você está fazendo na minha mesa?* — *Pulei de susto ao ver Arthur me encarando como se pudesse me matar, espiei por entre a porta e vi que a mesa de Marta estava vazia. Isso não era bom, era sempre ela que me livrava das broncas de Arthur.*

— *Só estava lendo.* — *Falei me levantando imediatamente de sua cadeira.*

— *Quem te deu permissão para mexer nas minhas coisas?*

— *Seu computador está desbloqueado, eu fui guardar uma pasta vi o arquivo aberto e dei uma olhada.*

Falei dando de ombros, como se não fosse nada demais e passando por ele, mas sua mão segurou meu braço me fazendo parar e virar de frente para ele.

— Eduarda, existe algo chamado privacidade. Se você não sabe se existe lhe ensino agora.

Puxei meu braço do seu aperto e me virei de frente para ele.

— E existe algo chamado “se não quero que mexam em minhas coisas colocarei senha.”

— Me surpreenda que você seja estudante de Direito, Eduarda. Você não parece ser uma pessoa que age de acordo com a profissão que quer exercer.

— Acontece que meu chefe não é uma pessoa que eu sinta vontade de usar meu conhecimento com ele.

— Você é muito arrogante, Eduarda. — Ele disse, sem tirar os olhos de mim.

— E você é soberbo, parece que não vê nada além do próprio nariz.

— Não pedi para você alguma opinião sobre a minha conduta.

— Babaca. — Falei. — Não vou perder meu tempo discutindo com alguém que tem cérebro de passarinho.

Eu me virei para sair e no momento seguinte me vi sendo prensada contra sua mesa e ele praticamente em cima de mim, minhas mãos estavam presas as suas e minha respiração se acelerou.

— Você merece um castigo por isso Eduarda, e eu vou adorar castigar você do jeito que merece.

Antes que eu pudesse retrucar sua boca invadiu a minha de uma maneira que parecia querer fundir as duas, tentei resistir, mas vamos combinar que resistir a esse homem era praticamente impossível. Dei passagem para ele me invadir com sua língua e gemi, involuntariamente, quando sua mão soltou a minha e apertou minha cintura, as minhas foram

para seus braços, onde eu sentia seus músculos sobre a camisa, perfeitamente passada. Arthur chupou e mordiscou meu lábio inferior me fazendo arquear em sua direção. Suas mãos passearam pelo meu tronco e chegaram aos botões da minha blusa social, foi aí que me dei conta do que eu estava fazendo, o afastei de mim e dei um tapa em seu rosto.

— *Nunca mais ouse me tocar desse jeito. — Falei descendo da mesa e saindo da sala. Corri para o banheiro e me tranquei lá até me acalmar.*

Nunca imaginei que Arthur fosse me beijar daquela maneira, acabei dando um sorriso involuntário ao lembrar da pressão de sua boca sobre a minha, mas prometi a mim mesma que aquilo não aconteceria novamente.

Acho que já temos uma noção de que aquela promessa nunca foi cumprida nem aqui e nem na China. Depois daquele dia Arthur fazia questão de me provocar de todas as maneiras e em lugares inapropriados.

— Vamos tocar a música que você pediu Eduarda, o que você vai fazer? — O semblante da Verônica era de pura preocupação.

— Vou dançar, sabe que eu adoro fazer isso.

— Sim, sabemos, mas não tem ninguém dançando.

— Serei a primeira então. — Sorri para ela.

— Isso tudo para provocar o Arthur? — Júlia questionou?

— Claro que não! — *Claro que sim!* Minha mente gritou. — Desde quando eu faço alguma coisa pensando naquele idiota?

— Eduarda, só não faça nada que vá se arrepender depois.

— Pode deixar, eu sei muito bem o que estou fazendo.

Meu olhar desviou dela para o grupo onde se encontrava Fernando, Guilherme e Arthur. Ele estava me encarando, parecia adivinhar que eu faria algo, pois seus olhos pareciam soltar labaredas.

Um homem veio até nós e falou algo no ouvido de Verônica que apenas acenou com cabeça e me olhou. Assim que ele saiu ela sorriu para mim.

— Sua música é a próxima.

Sorri com isso e me levantei na hora que *paradinha* da Anitta começou a tocar. Sorri para elas e as puxei para o meio da sala, eu sabia dançar, só que elas também sabiam, quando entenderam o que eu queria sorriram e balançaram a cabeça para mim, mas começaram a balançar o corpo no ritmo da música. Uns meses atrás na aula de dança tínhamos aprendido os passos dessa coreografia e eu estava doida para mostra-la.

Todos pararam de conversar e nós viramos o centro das atenções. Fernando, Guilherme e Arthur estavam embasbacados com o que viam e eu podia vê-los se controlando para não tirar a gente dali.

A cada batida da música, cada movimento que fazíamos podia ver todos surpresos e pareciam apreciar a coreografia, quando terminamos fomos aplaudidas por todos os convidados.

— Se meu marido brigar comigo por conta desse show, Eduarda, juro que te mato. — Verônica sussurrou, sorrindo para todos.

— Faço minhas as palavras dela. — Júlia concordou.

— Deixem de ser bobas, seus maridos adoraram.

— Um certo juiz também. — Júlia falou.

Acho que todos eles desconfiam do que rolou entre nós dois, mas nunca admitiria em voz alta, não eram nem doidos.

Alguns minutos depois eles se aproximam de nós.

— Caramba, as aulas de dança estão fazendo um belo resultado. — Guilherme comentou, dando um beijo em sua esposa.

— Verdade, todas estão de parabéns. — Fernando concordou, sorrindo.

— Obrigada. — Respondemos juntas.

— Achei uma falta de vergonha. — Arthur falou e sorri internamente.

— Por qual motivo exatamente? — Me virei para ele e perguntei.

— Como uma mulher da lei deveria dar o exemplo. — Ele jogou para mim.

— Não vejo problema. — Retruquei. — Não estou em local de trabalho, não estou fazendo nada de errado. Aliás, desde quando é proibido dançar?

— Nunca disse que era proibido dançar, mas acho que sua dança estava um pouco ousada.

Sorri para ele.

— Mas isso não é da sua conta, certo? Danço o que eu quiser e se nem o marido das meninas reclamaram, porque você acharia ruim?

Percebi quando seu maxilar travou e ele me encarou com fúria nos olhos.

— Que tal dançar outra, Eduarda? — Ouvi a voz de Júlia e sorri.

— Vamos.

Me virei para as meninas e elas sorriam para mim.

Fomos para o meio da sala e começou a tocar *não sou obrigada* da MC POCAHONTAS.

Fiz questão de dançar a música inteira olhando em sua direção, ele sabia que eu o estava provocando e eu estava adorando ver meu corpo rebolando ao som das batidas do funk, a cada vez

que rebojava minha bunda, ele fazia questão de descer os olhos pelo meu corpo inteiro, fazendo minha temperatura se elevar a graus exorbitantes.

Assim que a música acabou e voltamos para nossos lugares, Arthur parecia querer matar alguém.

— Coitado do copo, Arthur, ele não te fez nada. — Falei, sorrindo ironicamente.

Tinha certeza que os outros observavam nossa conversa, mas pouco me importei.

Arthur se aproximou de mim e levou sua boca até meu ouvido, sussurrando logo em seguida.

— Me aguarde, diaba, porque você vai pagar muito caro por isso.

— Veremos. — Falei e ele saiu de perto de nós.

Tomei mais um gole da minha bebida e sorri internamente, Arthur Brandão não fazia noção de onde estava se metendo.



Tirando todos os pormenores a festa foi muito boa, a tempos não me divertia assim. Já havia chegado em meu apartamento e estava na cozinha bebendo um copo d'água, junto com um comprimido para dor de cabeça quando a campainha tocou chamando minha atenção. Franzi o cenho e desbloqueei meu celular para ver a hora, já se passava de uma da manhã, estranhei mais ainda. Coloquei o copo em cima da mesa e fui até a porta, ao abrir dei de cara um certo juiz escorado no batente.

— Como você subiu? — Perguntei.

— Você se esqueceu de tirar meu nome da lista de pessoas autorizadas. — Seu tom era

irônico e perigoso ao mesmo tempo.

— O que você faz aqui? — Não sentia medo, na verdade eu suspeitava que ele fosse me procurar, mas não que fosse imediatamente.

— Está na hora de você aprender uma lição, diaba.

Cruzei os braços e arqueei uma sobrancelha.

— Que lição?

— 1° Nunca dance daquela maneira na frente de ninguém. — Ele deu um passo em minha direção. — 2° Não me provoque rebolando essa bunda gostosa em danças obscenas. – Mais um passo – 3° agora terá que aguentar as consequências por ter me provocado.

— E vai fazer o quê? — Ele estava a centímetros de distância de mim e, meu Deus, eu estava quase pulando em cima dele. — Me bater?

— Vou bater, vou bater muito Eduarda, vou bater tanto que você vai implorar para eu continuar.

Então ele fechou o espaço entre nós, e sua boca possuiu a minha de maneira ardilosa e incontrolável.

Seja o que Deus quiser, porque esse homem me teria hoje nem que fosse a força.



CAPÍTULO 3

Eduarda

Olha ele todo, todo se achando,

tá metendo o louco

Daqui a pouco eu vou fazer

que nem eu fiz com o outro

Se quando eu danço te incomoda,

amor, eu acho é pouco.

Não sou obrigada - MC Pocahontas

Juízo? Nunca tive. E o pouco que tinha, quando estava com esse bendito homem, ia todo embora. No momento que sua boca tomou a minha de maneira quase ilegal, desejei que tivesse feito isso mais cedo. Me afastei dele e respirei.

— Você é louco. — Falei olhando dentro de seus olhos.

— Você me deixa louco, Eduarda, é diferente.

Sorri ironicamente e passei por ele, trancando a porta e me virando para olhá-lo logo em seguida.

— Por que não confessa que veio pois estava com saudade.

Passei por ele e caminhei até a cozinha, me servi de outro copo com água e tomei, enquanto era observada por ele.

— Você não mudou nada pelo visto. — Falou enquanto caminhava em minha direção, pegou o copo das minhas mãos depositando-o em cima da pia e me pegou no colo, andando comigo até a bancada que dividia a sala da cozinha. Me colocou sentada ali e se acomodou entre minhas pernas.

— Você também, já que está aqui e provavelmente vai passar a noite na minha cama novamente. — Dei um sorriso irônico para ele.

— Isso é o que você pensa. — Disse categórico e arqueei uma sobrancelha para ele.

— Então o que faz aqui? — Falei impaciente, cruzando meus braços.

— Vim garantir que aquele *showzinho* que você deu hoje não volte a se repetir.

Essa eu tive que rir.

— Você não tem um pingão de noção do que está falando. Onde já se viu? Você não é meu pai, meu namorado, nem amigo. Não tem esse direito.

Estava puta da vida, que filho da mãe, quem ele pensa que é para dizer o que devo ou não fazer.

— Serei bem claro e pretendo não repetir essa conversa. — Prendeu minhas mãos contra o balcão e se aproximou de mim. — Você, não vai dançar para ninguém dessa forma a não ser que seja para mim e na hora que eu quiser.

Fiz questão de aproximar meu rosto do dele.

— Sonha mesmo, aproveita que não paga imposto.

— Abusada.

Ele disse e se apossou da minha boca antes que eu pudesse retrucar.

Babaca!

Arrogante!

Gostoso!

O empurrei com meus pés.

— Some daqui. — Desci do balcão e o empurrei até a porta do apartamento.

— Ainda não comecei minha lição...

— Foda-se. — Destranquei a porta, abrindo-a e o empurrei. — Me erra, Arthur Brandão!

Fechei a porta na cara dele e me virei de costas, com um sorriso.

— Eduarda Medeiros, eu odeio você! — Ele gritou.

— O sentimento é recíproco. — Gritei de volta.

Ouvi o elevador chegar e sair, suspirei aliviada quando me vi sozinha. Não ia dormir com ele, precisava focar nisso.

— Foco, Eduarda, foco!

Tranquei a porta e fui para o meu quarto, tudo que eu queria agora era dormir e esquecer aquele maldito juiz.



Eu estava dormindo, sonhando que alguém tocava a campainha, eu ia abrir a porta mais não tinha ninguém, tornava a fechar e a bendita campainha volta a tocar. Então o sonho foi ficando cada vez mais distante e eu abri os olhos assustada, a campainha que tocava era a minha.

Me levantei da cama em um pulo e corri para a sala, se fosse aquele babaca do juiz novamente eu o mataria com minhas próprias mãos. Mas assim que abri a porta meu coração falhou umas duas batidas, não acreditava em quem estava na minha frente.

— William? — Foi a única coisa que eu consegui dizer.

— Vai falar só isso? — Ele perguntou tirando os óculos escuros e mostrando aqueles olhos azuis que eu adorava me perder enquanto conversávamos e ele cuidava de mim. — Esperava uma recepção mais calorosa.

— William! — Então eu cai em mim e me joguei em cima dele, prendendo minhas pernas em sua cintura e sentindo seu perfume e abraço tão familiar. — Que saudade, que saudade!

— Eu também estava!

Ele me colocou no chão e eu tratei de ajudá-lo com as malas. Assim que colocamos tudo para dentro, nos sentamos na cozinha enquanto eu passava um café.

— Ainda não acredito que você está aqui. — Falei sorrindo para ele. — E pelo jeito veio para ficar.

Havia muitas malas.

— Sim, estou abrindo uma filial aqui no Brasil, fui designado para abrir e cuidar de todos os tramites legais até tê-la em perfeito funcionamento. — Servi uma xícara de café para ele, do jeito

que gostava, forte e sem açúcar. — Depois disso eu decido se fico por aqui ou volto para Nova Iorque.

Sorri para ele.

— Papai e mamãe sentiram orgulho da gente. — Falei me lembrando deles.

— Sim, sentiriam mesmo, mas você não fica longe. Advogada formada com honras, uma das melhores aqui de Sampa.

Sorri para ele.

— Só Deus sabe como foi difícil. — Adocei meu café, porque ninguém merece tomar café sem açúcar. — Mas eu venci e tenho orgulho disso.

Ele segurou minha mão e beijou, igual quando éramos crianças.

— Senti sua falta, maninha. — Ele falou com um meio sorriso.

— Não mais que eu, pode ter certeza.

William e eu éramos gêmeos, eu era mais velha que ele apenas alguns minutos, mas isso não o tornava menos protetor e nem fazia diferença, cuidávamos sempre um do outro e desde que nossos pais se foram ele sempre tentou fazer isso da melhor forma possível. Devia tudo que tinha a ele, porque se não fosse sua força de vontade depois da morte deles eu não teria suportado muito tempo.

— Vai ficar por aqui? — Perguntei.

— Pelo menos por um tempo. — Ele disse. — Enquanto eu não arrumo um canto para mim. Tem algum problema? Algum namorado que eu deva conhecer?

Revirei os olhos e me levantei, era só o que me faltava.

— Pelo amor de Deus, não sei nem o que é isso.

— Claro, sei... — Tinha ironia em sua voz e eu só olhei para ele com um olhar matador. —

Sabe onde fica seu quarto, eu vou me arrumar, tenho que estar no escritório daqui a pouco.



A manhã passou voando e quando me dei conta o relógio já marcava cinco da tarde.

Desliguei tudo e mandei uma mensagem para as meninas, confirmando se nosso encontro estava de pé. Havíamos combinado de sair para comer fora, e o dia que dava para todas era hoje. Peguei minha bolsa e sai da minha sala, Marta estava terminando de organizar as suas coisas para encerrar seu expediente também.

— Até amanhã Marta, bom restante de noite. — Falei enquanto colocava meus óculos escuros.

— Para você também e ainda bem que amanhã é sexta. — Ela olhou para o teto como se agradecesse mentalmente.

— Ainda bem. — Concordei e fui para o elevador, ela tinha razão, ainda bem que era sexta.

Demorei uns 20 minutos para chegar ao shopping, deixei meu carro no estacionamento norte e segui para a entrada, dando uma breve olhada pelas vitrines, logo viria aqui comprar algo, estava precisando desestressar.

Cheguei na lanchonete combinada e vi que a Bruna e a Júlia já haviam chegado. Sorri e fui para a mesa escolhida, coloquei minha bolsa em cima da cadeira e cuidei de pegar minha afilhada que estava sentada ao lado da mãe.

— Manu, princesa linda da dinda! — Falei a enchendo de beijos, enquanto ela ria e pedia que eu parasse. Dei mais dois beijos em seu rosto, beijei a testa das duas mulheres e depois fiz a mesma brincadeira com a Rebeca, filha da Júlia. Ela também gargalhou, mas como ela não podia

perder o fôlego, rapidamente parei.

— Onde está a Verônica? — Questionei.

— Presa na delegacia, surgiu um caso de última hora e ela não pôde sair agora.

— Complicado essa vida dela. — Falei e todas concordaram.

Fizemos nossos pedidos e Bruna lançou uma notícia que eu não esperava.

— Jeferson me mandou uma mensagem ontem à noite. — Arregalei os olhos, não tinha como falar dele e não lembrar da Tati, ainda sentíamos muito a sua falta e ele foi o mais afetado com a morte dela.

— O que ele queria? — Questionei, em um misto de felicidade e saudades.

— Está voltando para o Brasil, vem para ficar.

— Que maravilha! — Falei.

— Estava pensando em algo. — Bruna disse.

— O quê? — Júlia, que apenas observava nossa conversa, perguntou.

— O dia das mães está chegando, eu falei com o Fellipo e queríamos fazer um almoço nesse dia, o que acham?

— Uma ótima ideia. — Júlia falou e eu concordei.

— A Lily está vindo para o Brasil depois de amanhã com o Henry então acho que seria uma ótima oportunidade de reunir todos.

— Perfeito.

— Quem vai chamar o Arthur?

A encarei como se tivesse nascido um terceiro olho em sua testa.

— Isso é brincadeira, não é? — Minha amiga me odiava.

— Não, não. Querendo ou não ele se tornou parte do grupo e não adianta tentar negar isso.

Apenas bufei e nesse momento nossos pedidos chegaram, agradei pela morte do assunto.

Assim que terminamos de comer e fomos pagar a conta vi que a Júlia paralisou.

— Mamãe, por que a senhora parou? — Rebeca olhava a mãe enquanto puxava sua bolsa, mas ela parecia não notar, me virei e tentei olhar o que ela via.

Havia um homem vindo em nossa direção, eu não o conhecia, mas ele parecia familiar.

— Boa noite, senhoritas. — Ele cumprimentou e o cumprimentamos de volta, menos Júlia, que parecia ter virado estátua.

O homem olhava para minha amiga com tanta intensidade e depois para a Rebeca que uma lâmpada ascendeu dentro da minha cabeça.

— Júlia, podemos conversar?

— Não, não podemos, me deixa em paz, Rodrigo. — Ela praticamente cuspiu as palavras.

Quando ela disse o nome eu soube quem era, o pai biológico da Rebeca. Era hora de intervir pela minha amiga.

— O que você deseja com ela? — Questionei.

— Não é da sua conta.

— É sim, sou advogada dela e — tratei de falar baixo, — quando se trata do homem que se recusou a assumir um filho por ser um covarde, não vou medir esforços para que fique longe dela.

— Conheço meus direitos.

— Que maravilha, eu também. — Falei sorrindo, entregando meu cartão para ele. — Peça

para o seu advogado me ligar para tratarmos desse assunto.

Ele arregalou os olhos quando viu meu nome e voltou seu olhar para Júlia. Minha amiga parecia apavorada.

— Ainda vamos conversar, Júlia, isso não vai ficar dessa forma.

Então ele saiu a passos duros. Bruna segurava nas mãos de Rebeca e Manu.

— Vou levá-las para comprar algo.

Assenti e me virei para minha amiga que desabou.

— Ele não pode tirar minha filha, Duda, por favor não o deixe tirar, minha princesa.

A abracei e afaguei seus cabelos.

— Vou fazer o possível e o impossível para isso não acontecer.

Se tinha uma coisa que fazia com unhas e dentes, era defender aqueles que eu amava, e Júlia era uma dessas pessoas, já havia sofrido muito no passado, não merecia sofrer de novo.

— Obrigada.

Sorri e beijei seu rosto.

— Nunca falho com uma promessa minha.

Com um sorriso sincero vindo de sua parte, pagamos a conta e fomos atrás da Bruna com as crianças.



CAPÍTULO 4

Arthur

Sim, você sabe que eu estive te observando

Tenho que dançar com você hoje (Daddy Yankee)

Vi que seus olhos já estavam me chamando

Me mostre o caminho que eu vou (oh)

Despacito - Luis Fonsi

Em todos esses anos que eu conhecia Eduarda Medeiros, nunca conheci uma palavra que pudesse defini-la de forma completa, ao mesmo tempo que ela era um mistério, ela fazia questão de deixar claro o que pensava e isso me tirava do sério, sempre me tirou.

Infelizmente, aquela mulher era um demônio em um corpo de anjo, quando estava enterrado nela, ia do céu ao inferno em questão de segundos. Sabia que estava ferrado desde a primeira vez que provei de seus lábios. Foi um erro, mas foi o erro mais delicioso que eu já cometi. Se me arrependia de tê-la beijado a primeira vez? Jamais. Aqueles lábios estavam pedindo para serem degustados por

mim desde a primeira vez que coloquei meus olhos neles, quando a diaba derramou seu café em mim.

Aquele dia estava gravado em minha memória, aquela mulher teve a coragem de me afrontar de uma forma que nunca vi ninguém fazer. Quando descobri que ela seria a minha estagiária meu sangue subiu, como eu poderia ensinar essa mulher que me afrontava a cada palavra que eu dizia? Eu tinha que respirar fundo todos os dias antes de entrar em meu escritório.

— Arthur, tem meia hora que estou falando com você, o que está acontecendo? — Fernando perguntou me olhando com um ar debochado.

— Nada. — Respondi, tomando mais um gole da minha bebida.

Era sexta à noite, não trabalharíamos amanhã e eu decidi que vir a uma boate seria algo interessante. A música que tocava agora era *chantaje* do Maluma com a Shakira, haviam várias pessoas dançando na pista, e eu me segurava para não ir dançar, era algo que eu gostava no passado, mas depois que minha vida desmoronou, deixei de lado, como se a cada passo pudesse me fazer lembrar dela.

— Por que não admite que estava pensando na Eduarda?

— Por que eu não estava. — Negaria até a morte que meus pensamentos estavam nela.

— Queria muito entender esse seu ódio pela Eduarda, Arthur, mas a única explicação que me vem na cabeça é que você a deseja.

Se um olhar matasse meu amigo estava morto.

— Isso que você está dizendo não tem a menor possibilidade de acontecer.

— Arthur, mentir para você mesmo é a pior coisa que existe.

Decidi ignorar e me concentrar na letra da música.

Yo soy masoquista

Con mi cuerpo, un egoísta

Tú eres puro, puro chantaje

Puro, puro chantaje

Siempre es a tu manera

Yo te quiero aunque no quieras

Tú eres puro, puro chantaje

Puro, puro chantaje

Vas libre como el aire

No soy de ti ni de nadie

Eu deveria merecer muito, porque até nas letras das músicas ela aparecia em minha cabeça.

Inferno de mulher.

— Arthur, aquela não é a Eduarda?

Olhei para onde meu amigo apontava e vi meu mais delicioso pesadelo esbanjando sensualidade na pista de dança.

Putá que pariu.

Eu tinha que dar o braço a torcer, Eduarda dançava melhor do que ninguém. Ela tinha uma cintura que parecia ganhar vida enquanto dançava ao som das melodias que me levavam a loucura e, pelo visto, de todos os caras da boate, já que todos estavam admirando-a.

— Limpa a baba, Arthur. — Olhei para trás e vi a Júlia rindo para mim.

— Fernando, não estou afim de ser grosso com sua esposa. — Falei e ela gargalhou. —
Afinal, o que vocês fazem aqui?

Eu não podia ter um momento de paz?

— Bom, sabe que eu não saio sem a minha mulher. — Fernando falou dando um beijo no rosto da esposa. — Então falei que estaria aqui e que se ela quisesse eu estaria esperando por ela, mas disse também que você estava comigo.

— Exato, como eu sai com as meninas mais cedo, convencer a Duda a vir comigo foi fácil, já que ela ama esse tipo de dança. — Falou apontando para amiga que agora dançava *Felices los 4*.

Bufei quando vi 3 caras dançando em volta dela.

— Você não disse que eu estaria aqui, não é? — Perguntei estreitando os olhos para ela.

— Lógico que não, se eu dissesse que você estaria aqui ela inventaria mil e uma desculpas.

— Deveria ter dito.

— Deveria mesmo. — Ouvi a voz da diaba atrás de mim. — Não pisaria nessa boate se eu soubesse que esse indivíduo estava aqui.

Virei para olhá-la e me deparei com a visão dela que mais gostava, suada e ofegante. Porém, não me deixei abalar, ainda não estava acreditando que ela tinha me expulsado de sua casa nessa madrugada, eu estava a ponto de possuí-la naquele balcão e, mais uma vez, me deliciar de seus gemidos, que eram melhores do que qualquer música.

— Fico feliz que minha presença cause tais sensações na senhorita.

Ela revirou os olhos e tomou o copo das minhas mãos, e tomou todo o líquido que estava nele.

Maldita.

— Se quisesse beber algo era só pedir. — Falei irritado.

— E perder a oportunidade de te irritar? Não.

— Não acha que já me deixou irritado demais desde que voltei? — Havia até me esquecido que o Fernando e a Júlia estavam ao nosso lado.

Ela sorriu, sorriu como se não soubesse do que eu estava falando. Então se aproximou do meu ouvido e sussurrou, totalmente alheia da sensação de seus lábios em meu ouvido, sua voz extremamente sexy e seu cheiro alucinante faziam comigo e com minha libido.

— É horrível ter uma frustração sexual, não é? Se acostume, pois não vou me deitar com você novamente.

Decidi entrar no seu jogo.

— Não precisa ser deitada, Eduarda. Pode ser em pé, contra a parede, do jeito que eu sei que te deixa completamente louca e te faz implorar por mais.

Quando a ouvi gemer e ofegar soube que havia vencido essa rodada.

Ponto para mim, baby.

— Babaca. — Ela disse.

— Amor, você está sentindo a tensão sexual que se formou aqui? — Júlia perguntou rindo.

— É sempre assim, anjo, todas as vezes que eles se encontram.

Estava prestes mandar o Fernando para a puta que o pariu quando começou os primeiros acordes da música *despacito*. A ideia era louca, completamente, mas eu estava disposto a pagar o preço.

— Dança comigo. — Falei olhando para a Eduarda e ela me olhou como se eu fosse louco.

— Você tem certeza que está bem? Desde quando você dança?

— Vai me negar uma dança? — Perguntei arqueando a sobrancelha.

— Duda, só aceita, você vai se surpreender. — Fernando disse sorrindo.

— Ok, aceito.

Me levantei e segurei sua mão a guiando para o meio da boate.

— Vamos lá, Arthur, me surpreenda. — Ela falou debochada e no momento em que Luís Fonsi começou a cantar, puxei seu corpo de uma vez ao encontro do meu e ela soltou um grito de surpresa.

— Apenas deixe-me guiá-la. — Sussurrei.

Então começamos, um embalo de corpos e mãos, com olhos nos olhos. Descrever essa dança parecia impossível, à medida que seu corpo se mexia de acordo com o meu e ela se entregava a dança, as pessoas paravam para nos assistir, nossos quadris em uma sincronização perfeita, a maneira que ela sorria a cada passo, como se estivesse surpresa. Parecia sexo em meio a dança, há muito tempo não encontrava uma mulher que dançasse desse jeito, com quem meu corpo se encaixasse perfeitamente, que eu sentia prazer em dançar. Minhas mãos passeavam pelo seu corpo sem nenhuma restrição, ela parecia não se importar com a forma que eu a puxava para perto de mim, como se eu quisesse possuí-la na frente de todos. A todo momento eu sentia vontade de tomar seus lábios em um beijo que poderia ser o próprio pecado, mas controlei essa parte de mim.

Eduarda era uma surpresa, uma surpresa que eu não sabia lidar.

Quando a música acabou, fomos aplaudidos, porém, não desgrudei meu olhar dela, não descolei nossos corpos, nossas respirações estavam ofegantes e eu só queria saber dela assim, debaixo de mim implorando que eu a fodesse com mais força, da forma que ela gostava.

— Me surpreendeu, Juiz, devo dizer que não esperava tudo isso. — Ela disse, ainda com dificuldade.

— Posso te surpreender de várias formas possíveis.

— Boa tentativa, Arthur, mas vai precisar mais do que isso para me levar para a cama.

— Sabe que não preciso te levar para a cama para fazer você delirar de prazer, não é?

Ela se afastou de mim e não deixou de dar um sorriso sacana enquanto falava.

— Presunçoso como sempre, não é?

— Tenho plena certeza do que falo, Eduarda, e você também.

Ela apenas se virou e foi embora, me deixando mais uma vez frustrado. Quando eu a pegasse de jeito, ela saberia que não podia me negar um pedido.



— Tem certeza que me querem nesse almoço? — Perguntei para Júlia e para o Fernando, a Eduarda tinha sumido no meio da multidão e decidi não dar bola para isso.

— Claro, você faz parte do grupo agora. — Júlia falou. — A própria Bruna pediu para te convidar.

— Não está muito em cima da hora?

— Nada, vai ser algo simples, e é daqui uma semana, tempo o suficiente para arrumarmos tudo.

Olhei para Fernando que entendeu meu olhar, sabíamos muito bem que nada que envolvia Bruna, Júlia, Eduarda e Verônica na organização era simples.

— Vamos, Arthur, você precisa se divertir um pouco. — Júlia tinha milhões de argumentos para me fazer ir, não era possível.

— A Eduarda vai pular longe quando souber que eu vou. — Comentei.

— Você é muito preocupado com o que a Duda pensa sobre você ir ou não. — Júlia disse,

me olhando atentamente. — Mas, respondendo sua pergunta, ela já sabe que você vai e sim, ela pulou lá longe quando soube. Mas ela não pode impedir que você vá.

Ponderei, realmente ela não podia me impedir de ir, e seria interessante rever algumas pessoas e conversar com outras.

— Pode falar para a Bruna que irei no almoço, meu irmão vai também?

— Acha mesmo que se a Verônica for o Guilherme não vai atrás? — Fernando falou rindo.

— Ele só falta lambar o chão que a mulher dele pisa. — Comentei. Não era uma ofensa, achava o amor da Verônica e do Guilherme dignos de um filme de Hollywood, eles mereciam toda a felicidade do mundo.

Procurei mais uma vez para ver se eu tinha um vislumbre daquela diaba na boate, mas não havia nem um sinal dela. Como ela dominava meus pensamentos dessa forma? Não sei, mas eu precisava eliminá-la do meu sistema.

— A Eduarda foi embora, Arthur, disse que hoje não podia demorar porque tinha visita em casa.

— Visita? — Perguntei, se aquela infeliz achava que podia me atçar e sair com outro depois estava muito enganada.

— Sim, ela...

— Não preciso saber, Júlia, guarde suas palavras. — Me levantei. — Se me dão licença, irei procurar alguém para passar a noite, preciso aliviar a tenção.

Me virei e sai sem esperar outra resposta do casal.

Eu precisava foder, não existia apenas a Eduarda de mulher, mas devo confessar que, mesmo ficando com outras, nenhuma seria igual a ela.



CAPÍTULO ESPECIAL

Bruna

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si

É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti

É sobre desde cedo aprender a reconhecer a sua voz

É sobre o amor infinito que sempre existiu entre nós

É saber que você está comigo nos momentos que eu mais preciso pra me acompanhar

Então fazer valer a pena cada verso daquele poema sobre o que é amar

Trem bala-Ana Vilela – Versão dia das mães

Bruna

A semana passou voando devo dizer, eu estava bem animada com esse almoço, seria a primeira vez que eu conseguiria reunir todos os meus amigos, além de ser uma data super especial. Eu queria fazer com que todos se sentissem bem e acolhidos.

— Um doce pelos seus pensamentos. — Fellipo falou, enquanto me abraçava por trás e beijava o topo da minha cabeça.

— Só estou feliz por está reunindo pessoas importantes para uma comemoração especial.

— Vai ser muito especial mesmo. — Disse passando a mão pela minha barriga.

Essa semana havia descoberto que estava grávida do meu segundo filho, nervosa? Com certeza. Mas feliz porque tinha outra vida dentro de mim.

— Vamos descer, as meninas já estão chegando e as crianças estão brincando na piscina.

— Vamos.

Ia sair do seu abraço, mas ele me puxou me fazendo ficar de frente para ele.

— *Non dimenticare mai che ti amo*^[1].

Sorri para ele, havia aprendido um pouco de italiano nos últimos anos, Fellipo tinha uma maneira bem singular de me ensinar, se é que me entendem.

— *Mai, amore mio.*^[2]

Ele sorriu e me beijou. eu estava nas nuvens, nossa vida era perfeita e eu não tinha do que reclamar, talvez alguma toalha molhada em cima da cama, ou tampa do vaso levantada, mas fora isso, nada.



Assim que entro na cozinha vejo todas as minhas amigas andando de um lado pro outro, cada uma fazendo uma coisa.

— Vamos pôr ordem na feira aqui! — Falei chamando a atenção de todas. — Alguém viu minha mãe?

— Subiu ainda agora com a Manu. — Laura falou.

— Obrigada, já voltou para ajudar vocês.

Fui até o quarto da Manu e encontrei as duas ali, conversando. As admirei, como sempre fazia. Minha filha era a cara da avó, até algumas manias ela tinha herdado.

— Mãe... — Manu me viu e eu entrei, me sentando ao seu lado.

— O que foi meu bem? — Perguntei alisando meu cabelo.

— Ela estava chorando, por causa do irmãozinho novo.

Olhei minha pequena e sorri.

— Mamãe, a senhora vai amar mais ele do que eu. — Ela ia começar a chorar de novo.

— Jamais meu bem. — Falei tentando acalmá-la. — Eu vou amar os dois da mesma maneira, mas ele ou ela, vai precisar de mais cuidado que você, igual você precisou quando era bem pequeninha.

— Ele não vai ficar no meu quarto?

— Não, meu bem. Só se você quiser e mais pra frente, quando ele for maiorzinho.

— Vovó, — Ela se virou para minha mãe. — Ainda vou ser sua neta preferida?

— Sempre, minha linda. — Manu abraçou a avó e depois se virou para me abraçar.

— Te amo, mamãe.

— Também te amo.

Então ela saiu do quarto saltitando.

— Ela vai se acostumar com a ideia, meu amor.

— Vai sim, mãe, eu tenho certeza. E a propósito, feliz dia das mães.

Seus olhos marejaram como sempre fazia quando eu dizia isso.

— Pra você também, minha menina. Te amo muito, Bruna. — Falou enquanto me abraçava.

— Também te amo mãe, incondicionalmente.

Ela beijou meus cabelos e eu não poderia deixar de agradecer por ter uma mãe maravilhosa.



Laura

Eu procurava a Gabriele por todo os lados, onde essa menina tinha se metido? Não estava dentro de casa, não estava na piscina. Passei pela área da churrasqueira e nada dela, fui até o estacionamento e não a encontrei.

Porque a Bruna tinha que comprar uma casa tão grande?

Ia voltar para procurar lá dentro, quando um carro estacionou perto de onde eu estava parada, não consegui identificar quem estava dirigindo por conta dos vidros escuros, mas assim que a porta se abriu, pude sanar minha curiosidade ao ver um homem vestido de maneira esporte, cabelos penteados para trás, barba meio grisalha, óculos escuros estilo *Ray-ban*, ele era lindo. Isso eu não podia negar, eu só não o conhecia.

— Bom dia. — Cumprimentou.

— Bom dia, você é? — Perguntei.

—William, sou irmão da Eduarda. E você? — Claro, ela disse que o irmão dela viria.

— Sou Laura. — Ele arqueou uma sobrancelha e tirou os óculos, tive que respirar fundo, ele tinha olhos azuis impressionantes.

— É um prazer Laura. — Ele estendeu a mão para mim e eu apertei.

Hipnotizada.

Completamente.

— Mamãe, mamãe! — Tive que voltar ao mundo real quando ouvi minha filha gritando.

— Gabi! Onde você está? — Fiquei desesperada, sua voz demonstrava medo.

— Aqui mamãe, atrás da árvore.

Olhei para o lado e vi várias árvores perto do muro. Deixei William de lado e corri para onde minha filha gritava.

— Gabi do céu. — Ela estava caída no chão, tinha arranhado as pernas e os braços. — O que aconteceu com você?

— Eu caí da árvore, mamãe. Meu pé tá doendo muito, muito.

Me abaixei e quando fui tocar em sua perna ela gritou.

— Calma, meu amor, deixa a mamãe ver.

— Tá doendo, tá doendo. — Ela chorava e me deixava desesperada.

— Ela pode ter torcido o tornozelo, tem que levar pro hospital.

Olhei na direção da voz e vi William atrás de mim.

— Ela não me deixa pegá-la. — Estava desesperada, nunca vi minha filha dessa maneira.

— Eu pego. — Ele se abaixou do meu lado e segurou a mão da Gabi.

— Tudo bem mocinha? É o seguinte, eu preciso que você seja forte e não chore na hora que eu pegar você, tudo bem? Precisamos te levar ao hospital para ver esse pé.

— Mãe, eu tô com medo.

— Não tenha, meu bem, mamãe vai com você.

— Posso? — Ele perguntou e, fazendo uma careta ela concordou, em segundos ela foi levantada por ele e saímos em direção ao seu carro. Indicou com a cabeça a porta de trás e eu abri, ele colocou minha filha no banco.

— Não quero te tirar da festa.

— Não tem importância, primeiro ela.

Assenti e entrei pro carro.

— Mamãe, me perdoa.

— Já perdoei amor. — Falei beijando sua testa.

Ela já tinha acalmado o choro e se encostou no meu ombro.

— Te amo, mamãe.

Beijei seus cabelos, a melhor parte de ser mãe era esse mar de emoções que eu sentia todos os dias, e eu não mudaria nada disso.



Júlia

— Posso saber o que te preocupa? — Fernando disse me entregando um copo de suco.

— Medo. Puro medo.

— Sabe que não precisa sentir isso, não é?

— E se ele tentar me tirar a Rebeca? Eu não vou suportar ficar sem minha filha, amor.

— Ele não vai tirar ela da gente. Esqueceu que seu marido é advogado? E que a sua amiga é advogada? Para todos os efeitos, eu sou o pai da Rebeca.

— Sempre, amor. Nunca disse o contrário, você apareceu na pior hora da minha vida e transformou tudo ao meu redor. Sem você — Olhei para nossa filha, que vinha em nossa direção, — Eu teria feito a maior burrada da minha vida.

Ele beijou minha testa.

— Te amo, Júlia.

Eu ia responder, quando minha filha chegou até mim com a respiração cansada.

— Bombinha, mamãe, bombinha. — Peguei minha bolsa e estendi a bombinha para ela. —

Tome meu amor.

Fernando a ajudou, até ela respirar de uma maneira mais tranquila. Devido ao parto prematuro e todas as complicações que tive durante o processo, Rebeca nasceu com problemas respiratórios e não podia se cansar muito.

— Obrigada, mamãe. Te amo.

Me beijou e depois beijou o pai.

— Também te amo, papai.

E saiu para voltar a brincar com as crianças.

— Tem vontade de ter um filho? — Perguntei. — Que fosse seu mesmo.

— Você já me deu a Rebeca, que é o melhor presente que eu poderia ganhar.

— Se eu tivesse cometido aquela besteira...

— Mas não cometeu e superou todas as suas dúvidas, é uma mãe maravilhosa, amorosa, linda. — Suspirei, eu tinha um marido mais que perfeito. — Mas, se daqui a alguns anos você quiser adotar um bebê, não vou me opor. Adoraria criar mais um bebê.

— Por isso que eu te amo. — Falei. — Você sabe exatamente como me animar.

— Esse é o seu instinto materno falando mais alto.

— Obrigada, por ter me dado essa oportunidade.

— Sabe que não precisa agradecer.

Beijou minha testa.

Mas eu precisava, se não fosse ele, eu não estaria aqui. Se o Fernando não tivesse aparecido em minha vida, eu não sei o que seria de mim, então sim, eu o agradecia, todos os dias.



Verônica

— Que tal outro filho? — Guilherme perguntou.

— Ficou maluco, amor? Já basta o Nicolas para nos dar trabalho.

— Uma menina, para ser tão linda igual você. — Falou beijando minha testa.

— Quem sabe mais para frente. Ter o Nicolas já foi um desafio e tanto, ter outro então...

— Mas agora é diferente, amor, temos estrutura financeira e emocional para isso. Na época que tivemos o Nicolas não era assim.

E era verdade, descobri que estava grávida no fim do ensino médio, estava com 17 anos e não tinha um pinga de noção sobre o que era ser mãe. Tive que aprender tudo na marra, amadurecer rápido. Guilherme sempre do meu lado, não deixou me faltar nada, trabalhava durante o dia e estudava a noite, para manter a casa, e eu trabalhei até os sete meses de gravidez. Não paramos nossas vidas, pelo contrário, quanto mais as pessoas falavam, mais nós lutávamos para provar que éramos capazes de lutar por nossos sonhos, criar nosso filho e ser independentes.

A prova disso era nossa faculdade concluída com sucesso e nossas carreiras na polícia federal.

— Pode chamar Valentina. — Falou brincando e riu.

— Sem modinha, amor.

Senti seu sorriso em minha bochecha, nesse momento Nicolas veio pisando duro e sentou ao meu lado.

— O que foi? — Guilherme perguntou.

— A Gabi é irritante e chata. — Ele disse eu olhei para meu marido, que deu um sorriso.

— Mulheres são complicadas, filho.

— A Gabi não é mulher, é uma criança. — Ele cruzou os braços.

Nicolas tinha 11 anos, estava na famosa fase da “aborrescência” e suas crises com a Gabi, que não tinha nem 5 anos completos, chegavam a ser cômicas.

— Tente conversar com ela, meu filho, vocês são amigos. — Sugeriu.

— Não quero.

Eu ia falar outra coisa quando a Duda veio em nossa direção.

— A Laura está no hospital com a Gabi.

Nicolas arregalou os olhos.

— O que ela tem?

— Parece que torceu o pé.

— *Merda.*

— Nicolas! — Ralhei com ele.

— Desculpa, mãe, mas a senhora pode me levar até lá? Por favor, por favor.

— É melhor esperarmos aqui, filho.

— Mas...

— Sua mãe tem razão. — Duda falou. — Por que não vem me ajudar? Tenho que trazer algumas coisas aqui pra fora.

— Tá bom. — Ele se levantou e saiu acompanhando a Duda.

— Está pronta para mais essa fase de mãe? — Guilherme me perguntou.

— Meu filho está apaixonado, meu Deus.

— Ele nem sabe disso, amor. — Guilherme riu.

— Mas está e quando perceber vai ficar louco. Amor, a Gabi não tem nem 5 anos!

Estava desesperada.

— Calma, amor. Ainda vai levar alguns para ele perceber isso, mas se prepare pois prevejo um furacão vindo dele.

Suspirei e sorri.

— Mais uma fase sobre ser mãe.

— E você vai passar por ela maravilhosamente. — Afirmou e me beijou em seguida. — Te amo, nunca duvide disso.

E eu o amava também, mais do que a mim mesma.



Lily

Eu tinha todos os motivos do mundo para não querer meu filho, tinha todos os motivos do mundo para odiá-lo, tinha todos os motivos para ter desistido da ideia de tê-lo, mas eu não sentia nada disso. Desde o primeiro momento, a partir do instante que coloquei meus olhos nele, sabia que o amaria e faria de tudo para protegê-lo. Daria minha vida pelo Henry se fosse preciso.

Foi difícil toda a caminhada até aqui? Sim, sem sombras de dúvidas. Perdi a conta de quantas terapias eu enfrentei, quantas psicólogas visitei, mas ainda assim eu tinha constantes pesadelos e, certas ações, eu não pararia nunca de fazer. Era o Henry que me dava forças todos os dias para levantar e não seguir a diante com meus medos e inseguranças, por causa do meu filho eu estava aqui.

— Eu queria muito saber porque uma mulher tão linda como você, parece ser tão fechada. — Estremeci ao sentir a aproximação de Pedro.

— Não é da sua conta.

— Ríspida como sempre.

— Não é algo exclusivo para você, não se preocupe.

Me virei para sair, mas ele segurou meu braço e me fez ficar de frente para ele, meu coração acelerou e minhas mãos suaram, mas não pelo fato de ser um homem lindo como Pedro, muito menos pelo fato de ser desejo, foi puro medo. O pavor se instalou dentro de mim e as cenas daquela fatídica noite vieram como flashes em minha cabeça.

— Por favor, me solte. — Implorei fechando os olhos, senti seu aperto diminuir e ele me soltar completamente.

— O que você esconde, Lily? — Ele me olhava de uma forma intensa, como se pudesse ler todos os meus pensamentos mais secretos.

— Nada que te interesse.

— Sai de perto da minha mãe.

Henry apareceu, com toda a marra que uma criança de quase seis anos pode ter. Ele não deixava nenhum homem se aproximar de mim, sabia que eu tinha medo.

— Só estava conversando com ela, garotão. — Pedro disse.

— Ela não quer conversar, já disse para sair de perto.

Pedro levantou as mãos em sinal de rendição.

— Belo guarda-costas. — Afirmou antes de se afastar, mas com uma promessa silenciosa de que nosso assunto não estava terminado.

Odeio você, Pedro, odeio você por tentar entrar em minha vida.

— Tá bem, mamãe?

Me abaixei e o abracei.

— Obrigada meu herói. — Sussurrei.

Ser mãe foi o que me impediu de deixar esse mundo, Henry era a minha razão de viver. Pelo menos toda a dor me trouxe algo de bom, exercer a maternidade era algo que nunca imaginei para mim, mas foi muito bem-vinda durante meu período de aceitação.

— Te amo, mãe. — Disse beijando meu rosto.

— Também te amo, meu filho. Muito.

Um dia ele saberia de toda a verdade, um dia, e eu torcia para esse dia demorar a chegar.



Eduarda

Era incrível ver a felicidade de todos, já estávamos no fim da festa e aquela angústia que sempre me dominava no fim dessa data tomou conta de mim.

— Sinto tanto sua falta, mamãe.

— Falando sozinha?

Olhei para trás e vi Arthur se aproximar de mim.

— Hoje não, Arthur, por favor, não estou afim de discutir.

— Não vim discutir, Eduarda, te vi pensativa e vim perguntar o motivo.

Olhei para ele.

— O verdadeiro Arthur foi abduzido, certo?

Ele sorriu.

— Apenas hoje, vamos tentar não discutir?

— Ok. — Ele levantou a bandeira branca, vamos aceitar. — Gostou do almoço?

— Sim. — Respondeu sentando ao meu lado. Ficamos observando enquanto as crianças pulavam dentro da piscina. — Pensa em ter uma família? Filhos?

Suspirei, esse era outro ponto da minha vida que eu não gostava.

— Até queria, mas eu tenho a Manu, como afilhada, tenho o escritório...

— Não foi isso que eu perguntei, Eduarda.

Suspirei e decidi ser franca com ele, pelo menos uma vez.

— Queria, meu sonho era ser mãe, desde que eu era criança, mas eu não vou realizar esse sonho.

— Por que? — Ele se virou para me olhar. — Você é linda e tenho certeza de que seria uma mãe maravilhosa.

Sorri diante do seu comentário, mas o sorriso sumiu assim que apareceu.

— Não posso ter filhos, Arthur, sou estéril.

Então ele fez algo que eu nunca imaginei que faria, segurou minha mão.

— Então deveria saber que mãe não é só quem gera, é quem cria. Você sabe que milhares de crianças estão em abrigos a espera de uma mulher que possa adotá-los e lhes dar um lar.

— Eu sei, mas ainda não estou pronta para isso.

— Na hora que estiver, tenho certeza de que a criança escolhida por você será muito amada.

— Por que acha isso?

Ele sorriu para mim.

— Sabe que o Guilherme e eu somos adotados, certo? — Não imaginava — A nossa mãe nos criou como se fosse a biológica, ela era incrível, nos criou sozinha e não parou para pensar no que os outros diriam. Eu a amava muito, se o Guilherme e eu somos as pessoas que somos hoje, foi devido a ela.

— Que lindo.

— Não se prenda por estereótipos, Eduarda. Se quer ser mãe, seja mãe.

Voltei a olhar as crianças.

— Obrigada. — Falei e me virei para ele sorrindo. — Essa não é mais uma tentativa para me levar para a cama, não é?

Arthur jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Pelo jeito não funcionou. — Falou depois.

— Babaca.

— Metida. — Silêncio por uns minutos. — Pense no que eu disse.

Beijou meu rosto e me deixou sozinha e surpresa com seu gesto.

Esse homem sabia me surpreender e isso não era nada bom.



CAPÍTULO 5

Eduarda

É preciso amar as pessoas

Como se não houvesse amanhã

Porque se você parar pra pensar

Na verdade, não há

Pais e filhos - Legião Urbana

Após a festa do dia das mães, decide colocar as coisas no escritório em ordem, isso incluía conversar com André e Malu sobre a criança que eles queriam adotar. Olhei meu relógio mais uma vez e ainda faltava 30 minutos para eles chegarem, peguei meu celular conferi algumas mensagens que havia recebido, nada de tão urgente, então bloqueei e voltei minha atenção ao arquivo em aberto na tela do meu computador.

O caso da menina ainda me deixava com pulga atrás da orelha, era impossível que ninguém

conhecesse a mãe, tinha algo de errado nessa história, algo que não fazia sentido, uma pequena peça estava faltando, mas não conseguia saber onde procurar.

Passei cerca de vinte minutos absorta nesses pensamentos quando Marta bate na porta do meu escritório e a abre em seguida.

— Eduarda, seus clientes chegaram.

— Pode mandá-los entrar. — Ela acenou e fez menção para que eles entrassem.

André e Malu entraram com toda a pose de um casal que exala perigo pode ter, não que eles fossem realmente perigosos, mas eles tinham a personalidade forte e transmitiam confiança aonde iam.

— Malu e André, sejam bem-vindos. — Falei cumprimentando-os e me sentando logo em seguida.

— Estamos ansiosos para saber sobre a criança Eduarda, você disse que ela tinha o perfil que procuramos. — Malu falou olhando para o marido.

Malu era uma mulher de 36 anos que não podia ter filhos, estava à procura de um há anos, mas nunca conseguiu encontrar nenhuma criança com as características que pedia: Olhos castanhos escuros, cabelos pretos e lisos, que fosse tímida, pequena. Até o dia em que Júlia falou da Yasmim.

— Sim, nós marcamos uma visita hoje ao orfanato onde ela está, temos que esperar apenas a Júlia chegar.

— Nós temos chances, não temos? — André perguntou e notei ele segurar a mão da esposa, sorri para eles.

— Sim, vocês conhecem todo o processo legal de adoção certo? Vão passar alguns dias com a menina, como forma de adaptação tanto para ela como para vocês, a Júlia vai acompanhar todo o caso de perto.

— Sim, nós sabemos. — Malu disse.

— Ótimo, vocês sabem que a mãe dela foi assassinada quando ela era um bebê, então não temos notícias sobre familiares ou amigos, porém, precisamos procurar algum parente vivo que possa saber da criança.

Eles se entreolharam.

— Mas existe chance de isso acontecer?

— Não, Malu. — Suspirei. — A polícia encerrou o caso quando não descobriu nada sobre o passado da mãe da criança, o que é no mínimo estranho, mas as chances para encontrarmos algum parente de sangue da menina é praticamente nula.

Eles pareceram respirar aliviados com minhas palavras. Iria acrescentar outra coisa, mas Marta abriu a porta me impedindo.

— Júlia chegou, vou mandar entrar.

Apenas confirmei e minha amiga entrou na sala com toda sua elegância e exalando confiabilidade.

— Boa tarde. — Ela os cumprimentou. — Eduarda deve ter falado de mim, sou Júlia Meneses Braga, assistente social e estou no caso de vocês junto com ela.

— Falou sim, um prazer trabalhar com você. — Malu falou estendendo a mão e Júlia retribuiu o cumprimento, fazendo o mesmo com André.

— Estamos ansiosos para irmos visitar a criança. — André disse.

— Eu trouxe uma foto dela para vocês. — Júlia pegou o celular e mostrou a foto da menina para o casal.

— Ela é linda. — Malu sussurrou, estava com os olhos presos na tela do aparelho.

— Sim, amor, ela é perfeita. Nós a encontramos. — Sorriram um para o outro e devolveram o celular para Júlia que me entregou para me mostrar a foto também.

Yasmin era linda, parecia uma boneca de porcelana. Os olhos escuros davam a impressão de estarmos sendo sugados por um buraco negro, de tão brilhantes que eram, e o sorriso meigo e gentil transmitia uma paz absurda. Eu estava encantada pela pequena, muito encantada. Se eu pudesse ter uma filha, sem sombra de dúvidas, ela seria a escolhida.

— Vamos? — Perguntei devolvendo o celular da minha amiga.

— Claro! — Eles se levantaram. — Vamos em nosso carro e encontramos vocês lá, pode ser?

— Claro, Malu, estamos saindo agora também. — Respondi.

— Nos vemos lá então e muito obrigada, as duas, — Disse nos olhando. — Vocês estão realizando nosso maior sonho.

Sorri para eles e eles saíram do meu escritório.

— Gostei deles. — Júlia falou enquanto eu pegava minhas coisas.

— Também gostei. — Falei, já saindo do escritório sendo acompanhada por ela. — Tenho certeza de que serão ótimos pais para a Yasmim.

— Sim, também acho. — Ela disse e seguimos para o subsolo, pegar o seu carro.

Por sorte o trânsito estava leve e tranquilo, coloquei uma música aleatória na rádio e me deixei vagar por pensamentos.

— Rodrigo me ligou, acredita? — Olhei para ela, que encarava a tela do celular como se pudesse quebrá-lo a qualquer momento.

— O que ele queria?

— Conversar sobre a Rebeca. — Ela se virou para mim. — Duda, ele não pode tirar minha menina, ele não quis saber de mim, não quis saber sobre o filho que eu carregava dentro de mim, ele disse que o filho poderia ser de qualquer um, como posso deixar perto da Rebeca alguém que a rejeitou antes mesmo dela nascer?

— Nós vamos dar um jeito, o advogado dele entrou em contato comigo hoje cedo, sabe que vamos passar por todo um processo, não é? Tentar resolver de uma maneira que não envolva juiz e nem nada.

— Não quero minha filha perto dele, Eduarda. — Sua voz era dura e eu estacionei na entrada do orfanato e a encarei.

— Ele é o pai, Júlia.

— Mas não está registrado. — Ela me olhou. — Você precisa me ajudar, não coloco Fernando nesse caso porque tenho certeza de que a primeira coisa que ele vai fazer é quebrar a cara dele.

— Seria merecido. — Murmurei.

— Mas não seria certo e a última coisa que preciso agora é do meu marido sendo acusado de agressão.

Suspirei e segurei suas mãos.

— Vamos dar um jeito, você vai ver.

Ela sorriu e se arrumou para descer do carro, fiz o mesmo.

Malu e André estavam nos esperando, assim que entramos uma mulher bem vestida, diretora substituta do orfanato, se chamava Suzana, veio nos receber.

— Fico feliz que tenham vindo. — Ela cumprimentou a todos. — Vamos entrar, a Yasmim

está brincando com as outras crianças agora, mas está animada com a visita.

O casal sorriu e seguiu para o caminho indicado pela diretora, olhei em volta e vi várias crianças nas janelas, nos observando. Me doía vê-las dessa forma, a espera de alguém que viesse e lhes desse um lar, uma família, amor, carinho, tudo que uma criança tinha direito.

— Suzana, podemos conversar um minuto? — Perguntei.

— Claro. — Ela olhou par Júlia. — Pode acompanhá-los?

— Sim. — Respondeu e me olhou logo em seguida, mas não disse nada e apenas seguiu caminho.

— Vamos até a sala da diretoria.

Assenti e seguimos até lá.

Nos sentamos e eu resolvi ir direto ao assunto.

— Fiquei muito intrigada com a história da mãe da Yasmim, Jéssica, sei que a polícia já deu o caso como encerrado, mas sempre procuramos indícios de que possa haver algum parente vivo da menina. A senhora não se lembra se a Yasmim trouxe com ela, quando era pequena, algo que pudesse relacioná-la a alguém de seu passado? Um tio, tia. Alguma coisa?

Estava ficando paranóica com essa história, mas algo me dizia que tinham algumas coisas que não batiam.

— Não que eu me lembre, quando Yasmim chegou era apenas um bebê. Não havia nada com ela, a não ser a história contada pela polícia.

Suspirei, seria mais difícil que procurar agulha no palheiro.

— Obrigada, Suzana, me perdoe por ocupar seu tempo.

— Não precisa se desculpar. — Falou. — Entendo que essa história seja difícil de

compreender mesmo.

Abri a porta da sala.

— Onde está o diretor, você é a substituta, não é?

— Sim, mas o diretor Rogério não está bem de saúde, está afastado do cargo a meses e deixou tudo em minha responsabilidade, disse esses dias que não sabe se voltaria.

— Certo, obrigada.

Nos despedimos e eu sai, mas não sem antes esbarrar com uma menina linda de cabelos pretos e olhos parecendo duas gemas negras de tão brilhantes.

— Cuidado por onde corre, Yasmim. — Falei me abaixando para ficar do seu tamanho.

Ela sorriu e rodopiou.

— Como sabe o meu nome? — Perguntou virando a cabeça para o lado e sorri para ela.

— Apenas sabendo.

Ela ia falar outra coisa, mas ouvi a Suzana me chamando.

— Eduarda... — Olhou para a menina e sorriu. — Hora de lanche, Yasmin, já para a cozinha.

— Tá bom, tia. — Me surpreendendo ela beijou minha bochecha e saiu correndo. Me levantei e encarei a diretora.

— Me esqueci de algo, Rogério guarda isso a sete chaves, não sei o porquê, mas quando chegou aqui, a Yasmim trazia essa corrente em seu pescoço, ninguém deu importância na época, mas pode ser alguma coisa.

Ela me entregou a corrente que tinha as iniciais S&C no pingente. Peguei meu celular e tirei uma foto.

— Obrigada, Suzana, pode guardar novamente, talvez encontraremos algo a partir disso.

Agradei e fui a procura de Júlia para irmos embora, porém não comentei do pingente.



Estava morta quando cheguei em casa, mas isso não me fez tomar um banho de imediato e cair na cama. Aproveitei que meu irmão não estava no apartamento e entrei no escritório, procurando por pingentes com as iniciais S&C.

Passei horas procurando, até que encontrei algo, a foto do pingente em uma logo de uma página na internet era idêntica na foto.

Abri e não acreditei no que meus olhos viram. S&C era uma casa de prostituição, uma famosa casa de prostituição diga-se de passagem.

Minha mente não queria ligar os fatos, mas ligou.

Jéssica era uma prostitua e, provavelmente, foi morta por um de seus cafetões ou algum cliente insatisfeito.



CAPÍTULO 6

Eduarda

Irmão, me deixe ser seu abrigo

Nunca o deixarei sozinho

Eu posso ser aquele que você pode ligar

Quando você estiver para baixo

Irmão, me deixe ser sua fortaleza

Quando os ventos noturnos estiverem impelindo

Ser aquele a iluminar o caminho

Te trazer para casa

Brother – Needtobreathe

Posso estar errada, posso estar muito errada. Na verdade, completamente errada, mas mesmo assim essa dúvida começou a rondar minha mente a cada vez que eu lia mais sobre a tal casa

de prostituição. S&C, de acordo com o site, significada *Sex & Communication*. Um nome bem estranho, diga-se de passagem.

Vasculhei mais um pouco e vi que havia uma filial em SP, ficava em um bairro nobre de SP, eu deveria imaginar, já que era um local luxuoso de acordo com as fotos mostradas, eu só queria entender qual era ligação disso tudo. Eu tinha um enorme quebra-cabeça nas mãos, mais ainda faltavam partes para começar a montar as coisas.

Sei que o certo seria entregar essa pista para a Verônica e Guilherme, pois eles eram policiais e saberiam o que fazer, mas eles não eram os responsáveis pelo caso na época que aconteceu, então certamente não seriam eles a reabrir o caso, por isso iria buscar algumas coisas sozinha e, se encontrar algo concreto, passaria para eles depois.

A casa funcionava todos os dias, abria no período da noite e o funcionamento era tanto dentro do ambiente como do lado de fora, ir até esse local era extremamente perigoso, ainda mais para alguém que não estava acostumada com isso, mas algo me dizia que ali eu encontraria parte das respostas que procurava.

Eu só precisava de alguém para ir comigo, eu batia as unhas em cima da mesa, tentando pensar em alguém para me acompanhar quando a porta do meu escritório se abriu e William entrou, parando em minha frente.

— Está nesse escritório desde que chegou Duda, será que dá para desligar um pouco a advogada e trazer a minha irmã para podermos curtir um pouco?

Sorri para ele.

— Desculpa, é mais forte do que eu. — Falei sorrindo e bloqueando a tela do meu notebook para que ele não visse exatamente o que eu estava fazendo.

Sabe aquela ligação chata que todo irmão gêmeo tem? Odiava ela com todas as minhas

forças. William estreitou os olhos para mim, como se quisesse ler meus pensamentos, graças a Deus não podíamos fazer isso.

— Por que eu tenho a sensação de que você está escondendo alguma coisa?

— Deve ser apenas impressão sua, isso sim. — Falei me levantando e pegando minha bolsa.

— Tem certeza? Te conheço Eduarda, sei muito que essa sua cabecinha gosta de pensar em mil maneiras de conseguir alguma coisa ou fazer algo.

— Não precisa se preocupar comigo, já sou grandinha e vacinada. — Hora de mudar de assunto. — O que vamos comer?

— Que tal darmos uma volta e decidir no caminho?

— Perfeito! — Falei indo abraçá-lo.

— Tenha cuidado, Duda, sinto que alguma coisa vai acontecer com você.

— Vou ficar bem, prometo. — Falei, lhe dando um beijo no rosto. — Sei me cuidar.

— Promete, Duda? Porque você é a única família que eu tenho, se eu te perder não sei se irei conseguir seguir em frente.

— Eu te amo William, não vai acontecer nada comigo, tá bom? Agora vamos comer? Por que estou faminta.

— Vamos.

Ele passou os braços em volta dos meus ombros e saímos do meu escritório.

Eu espero realmente que nada de ruim me aconteça, porque se acontecer não quero ver meu irmão sofrendo igual sofreu quando nossos pais morreram.



Fazia tempo que eu não saia com meu irmão, apenas para tirar sarro da cara um do outro e rir de lembranças do passado.

As pessoas olhavam para nós e sorriam, enquanto nós dois ríamos feito duas crianças.

— Meu Deus, William. Você derramou molho de cachorro quente em sua camisa! — Falei pegando um guardanapo e limpando o local.

— Sempre acontece e você sabe disso. — Falou não dando importância.

— Só toma cuidado. — Retruquei voltando a comer e ele me observou atentamente. — O que foi?

— Você se parece mais com a mamãe a cada dia que se passa.

— Acha?

— Sim. — Sorriu. — É a cara dela, o sorriso, até as broncas.

Retribui ao sorriso. Era bom saber que eu parecia com a mulher que era tudo para mim, minha maior fonte de inspiração.

— Sinto falta dela, muita falta. — Falei olhando para o nada. — Às vezes fico me perguntando se ela está feliz e orgulhosa da maneira que conduzimos nossas vidas.

— Tenho certeza de que ela está. — William esticou a mão e eu coloquei a minha sobre a dele. — Ela estaria orgulhosa da mulher que você se tornou, Duda.

— E do homem que você se tornou também, William. — Sorri.

Após pagarmos a conta e voltarmos a caminhar, fiquei refletindo sobre a vida, já havia me

acostumado com o fato de que meus pais não estariam presentes em determinados momentos da minha vida, nunca fui de exigir muito deles, eles trabalhavam muito e eu sabia que era cansativo participarem ativamente de nossas vidas, mas mesmo assim eles faziam esse sacrifício, faziam de tudo para termos o melhor e sermos os melhores.

— Sinto tanta falta deles. — Falei olhando as estrelas.

— Eu também. — Ele suspirou. — Não vamos pensar em suas mortes.

— Estou pensando na vida. — Falei sorrindo. — Mamãe e papai estariam perguntando se você não pretende arrumar uma namorada.

William riu.

— Não é tão simples, mãe. — Falou como se estivesse conversando com ela. — Sabe que não sou um homem muito ligado ao amor.

Sorri para ele.

— Estou esperando a mulher que vai lhe ensinar o amor aparecer. — William sorriu para mim e segurou minha mão. — Quando aparecer você será a primeira a saber.

Ia fazer outro comentário, mas meu celular começou a tocar dentro da bolsa. Peguei o aparelho e vi o nome do Arthur, não sabia se seria uma boa ideia atender, mesmo com a bandeira branca que ele levantou entre nós no domingo. No entanto, uma ideia me ocorreu, uma ideia louca, mas que poderia dar certo. Decidi atender o telefone.

— Alô.

Silêncio do outro, até que ouvi sua voz.

— Liguei errado

Vou fingir que acredito.

— Confessa que estava com saudade de ouvir minha voz. — Provoquei.

— Não se ache.

— Foi bom você ter ligado, preciso de um favor seu. — Comecei e observei meu irmão me olhar de maneira estranha.

— Que favor? — Não dava para distinguir se ele ajudaria ou não pelo tom de sua voz.

— Podemos almoçar amanhã? Explicarei tudo, prometo.

— O que você está aprontando, Eduarda? — Pelo que eu conhecia dele, poderia muito bem está com a testa franzida e com mil coisas se passando pela sua cabeça.

— Não estou aprontando nada, amanhã conversamos. Beijos.

Desliguei antes que ele fizesse mais perguntas.

— Quem era?

— Um amigo.

— Amigo? — Provocou. — Conheço esse tipo de amizade.

— Vai se ferrar, William. — Retruquei guardando o celular. — Vamos embora. Ele foi me atormentando até o apartamento sobre o telefonema, mas eu não iria falar do que se tratava, muito menos quem era Arthur Brandão e o que ele significava na minha vida.

Não que ele significasse alguma coisa. Apenas PERIGO, mas fora isso, nada demais.



A manhã foi tumultuada, dei início ao processo de adoção da Yasmim e marquei uma reunião

com a Malu e o André para o dia seguinte, Júlia já havia me informado que eles podiam pegar um fim de semana para sair com a menina e passar o dia com ela, para irem se conhecendo.

A pedido do Fernando, eu seria advogada da Júlia no caso contra o pai da Rebeca, aceitei com todo prazer. Sei o quanto minha amiga sofreu no início da gravidez e Fernando foi um anjo que apareceu para lhe salvar. Ajudaria os dois a deixar Rodrigo bem longe da Rebeca com todo o prazer.

Após assinar alguns documentos que precisavam ser entregue na secretaria de justiça, voltei ao caso da boate, estava martelando em minha cabeça o que eu tinha que fazer, mas não era tão simples, eu não podia chegar até lá e perguntar pela Jéssica, se alguém de lá a matou daria muito na cara, primeiro eu teria que observar o local e saber como funcionava. O difícil seria convencer Arthur a me ajudar, ele era muito certinho para se meter em coisas que não eram de sua alçada. Suspirei e apoiei o queixo em minhas mãos, essa minha ideia era péssima.

— Eduarda? — Olhei para cima e vi Arthur entrando em minha sala.

— Como...

— Se olhar seu celular, verá que ele tem mais de 50 chamadas não atendidas. Resolvi subir para saber se vamos almoçar juntos ou não.

— Vamos. — Olhei a hora no computador e vi que já estava passando da hora do almoço. Me levantei, peguei minhas coisas e sai, sendo seguida por ele. Marta me lançou um olhar questionador, mas eu explicaria para ela depois.

Resolvemos/ele me obrigou, a irmos em seu carro. Era impossível ter um encontro com Arthur e não brigar a cada 5 minutos feito cão e gato.

Quando chegamos ao restaurante e fizemos nossos pedidos. Ele me encarou de uma maneira tão intensa que tive que desviar o olhar, odiava quando fazia isso.

— Qual o motivo de querer almoçar comigo? Tenho certeza de que não é porque hasteei a

bandeira de paz entre nós dois.

— Primeiro me conte o motivo de ter me ligado. — Ele arqueou uma sobrancelha e tomou um gole de sua água.

— Já disse que liguei por engano.

Revirou os olhos e eu sorri; se tinha uma coisa que ele não sabia fazer era mentir.

— Preciso da sua ajuda.

— Com?

Então expliquei todo o caso, o casal que queria adotar a criança, a história por trás, o assassinato de Jéssica e minha suspeita sobre alguma coisa está errada, falei da visita ao orfanato ontem e do colar que Suzana me entregou. Quando cheguei na parte da casa de prostituição eu tinha total atenção do juiz.

— Acha que ela foi morta por alguém lá de dentro?

— Sim, mas não tenho certeza. Preciso descobrir o que aquele colar significa para eles.

— Eduarda, isso não é caso para você. Fale tudo isso para o Guilherme e a Verônica, eles saberão o que fazer com essas informações.

— Não, Arthur. Me escute, tudo que eu tenho são suspeitas, apenas isso. Para descobrir se minhas suspeitas têm fundamento preciso ir até essa boate, casa, seja lá o nome e pesquisar.

— Você é louca? — Esbravejou. — Você não vai a uma casa de prostituição sozinha.

— Por isso que te chamei aqui, queria saber se iria comigo.

— Trate de tirar essa ideia maluca da sua cabeça, Eduarda, eu te proibido de ir até aquele local.

— Você não tem o direito de me proibir de fazer nada. — Retruquei, me contendo para não

gritar. — Eu só perguntei se você iria comigo, já que não vai posso muito bem ir sozinha.

— Você não vai sozinha.

— Então você vai comigo?

— Cacete, não Eduarda, você não vai a esse lugar, pode tirar essa ideia maluca da cabeça, conte tudo para a polícia e eles decidem o que fazer.

— Você não manda em mim, Arthur Brandão, coloque isso em sua cabeça, se você não vai comigo, vou sozinha. — Me levantei e peguei minhas coisas. — Passar bem.

Saí sem olhar para trás.

Afinal, o que poderia dar errado se eu fosse sozinha?



CAPÍTULO 7

Arthur

E cada vez que eu fujo, eu me aproximo mais

Eu me aproximo mais, e te perder de vista assim é ruim demais

E é por isso que atravesso o teu futuro

E faço das lembranças um lugar seguro

Não é que eu queira reviver nenhum passado

Nem revirar um sentimento revirado

Mas toda vez que eu procuro uma saída

Acabo entrando sem querer na tua vida

Ana Carolina – Quem de nós dois

Louca.

Completamente maluca. Meu Deus, onde estava o juízo da Eduarda? Nos pés? Coloquei

dinheiro em cima da mesa e fui atrás dela, ela não iria naquele lugar, nem que para isso eu precise amarrá-la ao pé da minha cama.

Sai do restaurante e a encontrei pedindo um táxi, agarrei seu braço e sai andando com ela.

— Me solta, Arthur. — Ela tentou livrar o braço do aperto, mas era em vão. Eu era muito mais forte.

— Não até você tirar essa ideia louca da cabeça.

Parei e a virei de frente para mim.

— Você não entende...

— Eu não entendo? — Suspirei e segurei seus ombros. — Eduarda, isso é uma péssima ideia, você não quer saber como é uma casa de prostituição.

— E por acaso você sabe como é?

Ah, Eduarda, você não imagina o quanto eu sei sobre essas casas.

Em hipótese nenhuma eu a deixaria ir até aquele local, não queria reviver meu pesadelo com ela, simplesmente não dava.

— Homem é tudo igual, vai pro inferno, Arthur.

Ela tentou sair, mas a segurei novamente.

— Porra, Eduarda. — Resmunguei tentando ser calmo. — Será que você não entende que ir até lá é colocar sua vida em risco?

— Arthur, eu preciso saber se esse local tem alguma ligação com o passado da Jéssica, preciso saber se existe alguém da família, até mesmo o pai da menina Yasmim.

Balancei a cabeça.

— Eduarda, se ela realmente tiver sido uma prostituta o pai pode ser qualquer um.

— Não, essas casas não seriam tão irresponsáveis a ponto de deixar uma “funcionária” engravidar. — Ela me olhou. — Por favor, Arthur.

— Mas a menina não será adotada? Por que essa obsessão de tentar encontrar parentes dela?

— Os parentes podem vir com o decorrer do tempo, eu quero entender porque mataram a Jéssica e só vou descobrir isso se eu for até esse local.

— Esqueça esse assunto, se você inventar de pisar nesse local eu conto tudo para o Guilherme.

Esperava que meu tom de voz fosse suficiente para fazê-la desistir dessa ideia maluca.

— Mas...

— Vamos embora, Eduarda. Vou te levar de volta para o escritório.

Agarrei sua mão e, praticamente, a puxei até o carro.

A volta foi feita em silêncio, Eduarda digitava freneticamente em seu celular e eu não conseguia parar de imaginá-la entrando em um local como aquele. Essa ideia estava completamente fora de cogitação, totalmente descartada.

Assim que parei o carro em frente ao prédio que ficava seu escritório, ela abriu a porta imediatamente, só não desceu porque segurei seu braço.

— O que foi? — Sua voz era ríspida.

— Eduarda, lembre-se você é advogada, uma das melhores de SP, não policial, não queira fazer um trabalho para o qual não tem conhecimento.

Ela puxou seu braço, saiu do carro e bateu a porta, mas se abaixou e respondeu ao meu

argumento:

— Não se preocupe, eu sei me cuidar.

Se virou e saiu. Soltei um suspiro e sabia que ela não iria tirar essa ideia da cabeça, conhecia Eduarda o suficiente para saber que ela iria naquele local.

Ignorando esses pensamentos, liguei o carro e segui para o meu próprio escritório.



Tentei de todas as formas não pensar na Eduarda, mas nada me tirava da cabeça que ela aprontaria. Nada. Conhecia aquela mulher e ela era mais teimosa do que eu imaginava, meu maior medo era de que ela se envolvesse em uma enrascada e não fosse capaz de sair.

Só queria entender o motivo de todo interesse nesse caso.

Justo essa boate. Parecia que o passado queria vir à tona com toda a força.

Tamborilando os dedos em cima da mesa, peguei meu celular e disquei o número do meu irmão.

— Fala, Arthur. — Sua voz estava ofegante e esperava não ter pego em nenhum momento mais íntimo.

— Atrapalho? — Perguntei logo.

— Não, estava na esteira, bom que faço uma pausa. Mas qual o motivo da ligação.

— Queria perguntar sobre um caso antigo, de uns cinco anos atrás.

— Nome e sobrenome.

— Não sei o sobrenome, mas o nome é Jessica e ela foi encontrada morta dentro de sua casa, asfixiada. Tinha uma filha pequena.

— Sei qual é. — Ele permanece em silêncio e eu aguardo. — Eduarda estava mexendo nessa história também.

— Ela comentou comigo. — Falei vagamente.

— Comentou foi? — Podia notar um traço de humor em sua voz. — Andam se encontrando para ela comentar as coisas.

— Vai se ferrar, Guilherme. Pode ou não me falar sobre o caso?

Ele riu, mas logo ficou sério.

— Vou passar para a Verônica, ela está mais por dentro do caso. Até mais.

Ouvi a voz de sua mulher de longe e logo em seguida ao meu ouvido.

— Arthur, o caso da Jéssica foi reaberto, estamos com várias pistas novas desde que a nova delegada assumiu o caso, a questão é: O caso nunca deveria ter sido fechado, a polícia tinha provas o suficiente para encontrar o assassino na época, mas não o fez. — Ela fez uma pausa e tentei absorver tudo que havia dito, então continuou: — Não sabemos porque foi fechado e muitos menos o motivo, a polícia está tentando descobrir.

— Reaberto? — Foi tudo que eu consegui dizer.

— Sim. — Suspirou. — Sei que ligou por conta da ligação que isso tem com seu passado, mesmo que indiretamente. E por causa da Eduarda, ela está cuidando da adoção da filha da Jéssica, sei que se preocupa com ela e sei também que quando ela coloca uma coisa na cabeça ninguém é capaz de tirar, mas me ouça, não posso dar detalhes, mas não deixe a Eduarda se envolver com isso além do processo de adoção, Arthur, se ela procurar algo fora do que tem que fazer não quero imaginar o que pode ocorrer, você sabe do que essas pessoas são capazes.

— Verônica...

— Nem venha, Arthur. Não posso falar mais nada, por hora tente controlar a Duda, você é o único capaz de fazer isso. Até mais.

Ela encerrou a ligação e eu bufei. Amarrar Eduarda ao pé da cama realmente era uma opção.

Ia discar o número dela quando minha porta foi aberta e minha secretária entrou.

— Ligaram do fórum e pediram para o senhor ir até lá com urgência.

Respirei fundo e prometi a mim mesmo que faria essa ligação mais tarde.



Ao sair do fórum tive que enfrentar dois fatores: celular sem bateria e congestionamento infernal. Durante todo o trajeto até meu apartamento, Eduarda não saía dos meus pensamentos, era uma droga porque eu sabia que ela iria aprontar, só não sabia o que fazer para impedir, ir até seu apartamento me pareceu ser uma boa ideia, o problema era que ficava na direção oposta à qual eu me encontrava e eu não sairia assim tão fácil daquele congestionamento.

Decidi manter meu trajeto até minha casa e ligar para ela assim que colocasse meu celular para carregar.

Quando finalmente cheguei em casa faltava alguns minutos para as 20:00 horas, coloquei o celular na carga e fui tomar um banho enquanto ele não ligava. Estava preocupado, mas eu torcia para Eduarda usar o juízo que tinha e não fazer nenhuma besteira.

De banho tomado, liguei meu celular e disquei o número da Duda. Uma duas, três, quatro, cinco vezes e o celular só caía na caixa postal.

Inferno!

Peguei a chave do carro e fui atrás daquela maluca, só esperava não chegar tarde demais.



Meu carro estava em uma velocidade baixa, eu estava na rua do local onde a Duda indicou, meu estômago se revirou ao lembrar de tudo que já vivi, querendo ou não, meu passado tinha ligação direta com essa vida, eu só não queria a Duda presa a essas pessoas podres.

Mulher teimosa, não sei como me envolvi com ela no passado, na verdade sei sim, aquela mulher batia de frente comigo e não abaixava a cabeça para mim, além de determinada era irritantemente linda. Pensei que passar dois anos sem vê-la, iria me fazer esquecê-la. Ledo engano, porque bastou colocar os olhos nela que o desejo voltou com ainda mais força.

Sou desperto dos meus pensamentos quando uma batida na janela do carro chama minha atenção, abro o vidro do meu lado esquerdo e dou de cara com uma loira, com lábios vermelhos e uma roupa que mais mostrava do que escondia.

— Procurando alguma coisa em especial? — Ela perguntou tentando ser sensual, mas não deu muito certo.

— Não obrigado. Se me der licença. — Fechei o vidro e segui, estacionei o carro mais à frente e comecei a andar até perto da entrada, tentando ligar para a Eduarda a todo momento, mas ela não atendia a droga do celular.

Quanto me aproximei da segurança foi que ouvi.

— *Socorro!*

Eu reconheceria essa voz em qualquer lugar, dei meia volta e segui para o local de onde

vinha o grito.

— Seu filho da puta! — Vociferei, tirando um homem que prendia Eduarda contra a parede e tentava terminar de rasgar suas roupas.

O empurrei de cima dela e ele cambaleou, tentando me acertar. Desviei e fui ainda mais rápido, soquei seu rosto duas vezes, fazendo-o cair no chão inconsciente.

Me virei para a Eduarda e ela estava encolhida na parede, seu olhar era de puro medo, se abraçava e chorava baixinho.

— Porra, Eduarda! — Me aproximei dela e a abracei.

— Obrigada, obrigada, obrigada.

Sussurrou tantas vezes que isso me quebrou por dentro.

— Está tudo bem, Duda, estou aqui com você. Vai ficar tudo bem.

Ela não respondeu, apenas se agarrou mais a mim enquanto chorava baixinho e eu beijava o topo de sua cabeça.



CAPÍTULO 8

Arthur

Será que alguém explica a nossa relação

Um caso indefinido mais rola paixão

Adoro esse perigo, mexe demais comigo

Mas não te tenho em minhas mãos

Caso Indefinido - Cristiano Araújo

— Olha para mim, Duda. — Pedi e, mesmo relutante, ela levantou a cabeça. A falta de claridade no local não me deixava vê-la direito, mas notei que seu rosto estava vermelho pelo choro e a maquiagem estava borrada.

Passei os dedos sobre as lágrimas, enxugando até que sua respiração se acalmasse e não houvesse mais choro.

— Como... — Sua voz era um sussurro, mas não permiti que ela falasse.

— Não importa, não deixaria jamais que alguém encostasse em você.

Ela fecha os olhos e vejo que está lutando para tentar falar algo.

— Eu preciso entrar...

— Não, Eduarda. — Segurei seu rosto para que me olhasse. — Olha o que quase aconteceu com você, não vou correr o risco de te deixar agir sozinha. É perigoso, já falei.

— Eu só preciso saber da Jéssica...

— A Jéssica está morta, Duda, coloca isso na sua cabeça.

— Vocês estão falando da Jéssica Ferreira Mendes?

Olhei para trás e vi a mesma mulher que havia me abordado mais cedo, seu olhar parecia em choque.

— Você a conheceu? — Duda perguntou.

Ela não respondeu, olhava de mim para a Eduarda como se decidisse se poderia ou não confiar na gente.

— Por favor, moça. — Duda pediu. — Nós queremos ajudar.

— Aqui não é um bom lugar.

— Então onde seria um bom lugar? — Ela insistia.

— Melhor não me meter...

— Por favor. — Decidi entrar na conversa. — É importante.

— Me encontre nesse lugar, amanhã. — Ela disse, estendendo um cartão, percebi ser de uma lanchonete e ouvi Duda suspirar aliviada. — Seu nome?

— Débora. Preciso ir.

Então saiu antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, olhei para Eduarda e me levantei

puxando-a comigo.

— Vamos embora. — Sentenciei, tirando meu blazer e colocando em volta dela. Ouvimos o homem que tinha tentado agredi-la gemer, passei meu braço em volta da Duda e a tirei dali.

— Está de carro? — Questionei.

— Vim de táxi.

Não disse nada, a levei até meu carro e a coloquei ali dentro. Após isso entrei e segui para o meu apartamento.

— Meu apartamento, não, por favor! — Implorou e eu franzi o cenho.

— Por que não?

— Meu irmão está lá, não quero deixá-lo preocupado.

— Vou levar você para o meu então. — Respondi, já fazendo a volta.

— Não...

— Nem tente inventar alguma coisa, vamos para o meu apartamento e fim de papo, não vou te deixar ir para algum hotel.

Ela não tentou rebater meu argumento. Assim que chegamos, coloquei o carro na garagem e a ajudei a descer, fizemos todo o percurso até o meu apartamento em silêncio. Assim que entramos, ela parou e observou o local, como se fosse a primeira vez que estivesse ali. Me limitei a observá-la, a maneira como seus olhos absorviam cada detalhe da sala, como se quisesse gravar em sua mente para se lembrar. Diferente do seu corpo, seus olhos demonstravam uma fraqueza que jamais pensei que veria nela.

Eduarda ficou me olhando por um tempo, seus olhos baixaram para o chão e depois voltaram a me encarar, como se ela estivesse decidindo o que falar naquele momento, observei seu

peito se mover lentamente até que ela falou.

— Obrigada. Obrigada por ter ido me salvar. — Ela apertou os olhos e vi que estava tentando não chorar. — Não sei o que teria acontecido se você não tivesse aparecido.

Sai de perto da porta e, mesmo lutando contra, a abracei. Ela deixou que eu sustentasse todo o peso do seu corpo e chorou. Eu também não queria nem imaginar o que poderia ter acontecido se eu tivesse demorado mais um pouco.

— Vai ficar tudo bem. Só vamos esquecer esse episódio.

Me afastei dela o suficiente apenas para poder olhar dentro de seus olhos. Naquele momento senti vontade de colocá-la no colo e cuidar dela, tomá-la em meus braços e a fazer esquecer de tudo o que houve. Coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha e a senti estremecer sobre esse toque. Fechei os olhos e tentei me controlar.

— Acho melhor você tomar um banho. — Sugeri, abrindo os olhos. — Pode usar o meu quarto. Vou ver se encontro algo para você vestir e fazer algo para comermos.

Ela assentiu e se afastou, indo em direção ao meu quarto. A única mulher que entrou ali depois de tantos anos, não que ela precisasse saber, mas depois de tudo que me aconteceu, ela era a única que tinha essa liberdade para andar livremente dentro do meu apartamento.

Suspirei quando ela sumiu de vista e passei a mão entre os cabelos, eu tinha que me controlar, só que era impossível.

Malditamente impossível.



Péssima ideia.

Foi uma droga de ideia para falar a verdade.

Meu olhar se perdeu nas curvas do seu corpo no momento em que ela pisou na cozinha, usando apenas uma camisa minha, era a única coisa que havia ali para ela vestir. Maldito tesão reprimido por essa mulher.

Desviei o olhar antes que fosse tarde demais.

— Não tinha muita coisa, então eu preparei um macarrão para comermos.

Notei o barulho da cadeira sendo mudada de lugar e arrisquei um olhar e a vi sentada de frente para mim.

— Nem precisava preparar nada, eu estou bem.

— É o mínimo que posso fazer. — Falei tirando o macarrão da panela, colocando no prato e colocando em sua frente.

— Você já fez mais por mim hoje do que em qualquer dia, Arthur. De verdade, não sei como agradecê-lo.

Suspirei e me sentei em sua frente.

— O que você fez foi perigoso, Eduarda, poderia ter acontecido algo muito pior se eu não tivesse aparecido, mas não é só isso, esse assunto é para a polícia.

— Eu sei. Fui irresponsável admito, apesar de tudo conseguimos o contato daquela mulher, Débora. — Ela comeu um pouco do macarrão. — Acha que ela está falando a verdade?

— Não sei. — Pensei na mulher. — Se a Jéssica realmente tiver sido uma prostituta, então sim, ela pode estar falando a verdade.

— Vai ligar para ela amanhã?

— Eduarda...

— Por favor, Arthur, prometo que depois que a gente ouvir o que ela tem a dizer eu vou cuidar apenas do processo de adoção da Yasmim, mas eu preciso saber. Por favor.

— Por que todo esse interesse. — Questionei.

— A Yasmim, se você a visse, ela é tão linda, com uma história tão trágica, Arthur. — Ela encarou o prato de comida e depois voltou a me olhar. — Quando a Júlia me disse o que havia acontecido com ela, fiquei pensando na crueldade do mundo, até que ponto as pessoas são capazes de chegar para obterem o que desejam. E se ela quiser saber da sua história algum dia? Como os pais adotivos vão dizer a ela que a mãe biológica foi assassinada e a polícia nunca descobriu o que houve?

— Conversei com a Verônica mais cedo, ela disse que a nova delegada reabriu o caso da Jéssica.

— Mas por que? Qual a finalidade?

— Não sei, ela não podia falar, mas disse apenas que era para você se manter longe.

Ela me encarou por um tempo e podia ver as engrenagens da sua cabeça trabalhando.

— Será que alguém da polícia escondeu provas importantes, na época do assassinato?

— Talvez, mas não sabemos o que está acontecendo. Vamos deixar o trabalho da polícia para a polícia, pelo amor de Deus. Me prometa que não vai se envolver nesse assunto além do necessário.

Pude notar sua relutância, mas quando os seus ombros relaxaram vi que podia me tranquilizar, pelo menos por um tempo.

— Certo, Arthur, prometo me manter longe apenas depois que conversamos com a Débora, você prometeu.

— Fechado.

Pelo menos não precisei amarrá-la ao pé da cama, pensei comigo mesmo.

Terminamos de jantar e Eduarda me ajudou com o a louça. Ofereci meu quarto para ela, já que o outro eu não abria de maneira nenhuma e preferia assim, mesmo após anos. Ela insistiu que poderia dormir no sofá, mas fui enfático dizendo que ela não me atrapalharia. Após ver que era uma guerra que já havia perdido, ela foi dormir.

Fui para o meu escritório e fechei a porta. Me sentei em frente à minha mesa e abri a gaveta que mantinha trancada. Peguei uma caixa que guardava ali e a abri com cuidado, pegando o colar onde as iniciais S&C estavam gravadas em ouro.

O levantei contra a luz e analisei bem, poderia significar qualquer coisa, qualquer coisa, mas eu sabia que não era assim.

Guardei a caixa no local novamente e tranquei a gaveta.

— Eduarda, você precisa se manter longe dessas pessoas. Se quiser permanecer viva precisa me obedecer e ficar longe. — Falei para mim mesmo.

Ainda doía me lembrar, ainda doía ver o seu olhar assustado, ainda doía saber que não fui capaz de fazer nada e ainda não sou. A única coisa que eu podia fazer era manter a Eduarda longe deles, o mais distante possível.



CAPÍTULO 9

Eduarda

A gente é tão um do outro, que o resto é tão pouco

Aqui tá tudo certo pode bagunçar de novo

Tão um do outro, parece namoro

Cada vez que 'cê' volta tem sabor de beijo novo

Parece Namoro – Marília Mendonça

Não sei como consegui dormir durante a noite. Mentira, sei sim. O cheiro do Arthur estava impregnado em cada canto daquela casa, ele pode não ter dormido comigo, mas era como se tivesse. Eu estava envolvida em seus lençóis, em sua cama, em seu quarto, em sua casa. Ainda não acreditava que estava ali, depois de anos sem pisar meus pés nesse apartamento. Suspirei e fechei os olhos, sentindo o cheiro de seu perfume amadeirado invadir meu nariz e se infiltrar em meu cérebro de uma maneira que sabia que não esqueceria tão cedo.

Nós dois poderíamos implicar o tanto que fosse, mas eu sabia que ele não me deixaria correr perigo, igual na noite passada. Foi irresponsável da minha parte ir até lá, mesmo quando ele

disse que eu não deveria ir, mas sabe quando o sexto sentido apita dizendo que se formos lá vamos encontrar o que estamos procurando? Apesar de tudo que aconteceu, temos uma pista de onde começar a procurar e eu espero, por tudo que é mais sagrado, que seja uma pista verdadeira.

O sol começava a clarear o quarto e decidi que era hora de me levantar, me espreguicei e caminhei até o banheiro. Me encarei no espelho que tantas vezes já me olhei e sorri, se alguém me dissesse que eu estaria aqui depois de tanto tempo eualaria que a pessoa era louca.

Tomei um banho demorado, escovei os dentes e vesti a mesma camisa que passei a noite, eu não tinha roupas aqui, fiz questão de levar tudo quando terminamos e teria que dar um jeito de alguém trazê-las para mim.

Saí do quarto sendo guiada pelo cheiro de café sendo coado, Arthur não bebia café, mas sabia que era viciada na bebida quente que me fazia acordar para o mundo.

Nada.

Absolutamente nada me prepararia para a visão que eu encontrei na cozinha. Arthur usava apenas uma calça, estava de costas para mim e pude observar o contorno de suas costas bem desenhadas, os músculos dos bíceps contraídos à medida que ele levanta a panela para fazer a água cair dentro do coador. Era a verdadeira visão do paraíso.

Quando se virou para me olhar, pareceu surpreso ao me ver. Ele não disse nada, terminou de preparar o café e veio até mim, ficando a centímetros de distância. Não desviamos o olhar, eu não sabia o que estava acontecendo, mas estávamos em uma bolha e certamente não sairíamos dali antes de saciar o desejo que tínhamos um pelo outro. Quando a mão do Arthur tracejou o contorno do meu rosto, fechei os olhos e me deixei levar pelas sensações que seu toque causava em meu corpo.

Sem aviso prévio, enlaçou minha cintura, me erguendo e minhas pernas agarraram sua cintura, segurei seu pescoço, trazendo-o para mais perto. Caminhou comigo até a mesa da cozinha e me colocou sentada ali, se posicionando entre minhas pernas.

— Diga o que você quer, Eduarda. — A voz dele era baixa, cheia de desejo e me fez ofegar ao pensar em mil possibilidades de tê-lo. Uma de suas mãos percorreu o meu corpo, enquanto a outra, segurava meu pescoço. Tombei para o lado lhe dando livre acesso a área, sem perder tempo ele depositou beijos ali, intercalando com mordidas e lambidas de leve.

— Arthur... — Minha voz implorava para que ele parasse de me torturar e me fizesse logo sua.

— Diga o que você quer, Eduarda. — Beijou meu queixo e mordeu em seguida, pairando a centímetros da minha boca. Olhos nos olhos, respirações sincronizadas e desejo. Puro e cru.

— Eu quero que você me faça sua. — Falei lentamente.

Eu não soube explicar o que significava o brilho nos olhos do Arthur, mas não me importei, porque no minuto seguinte sua boca invadiu a minha, beijando, chupando e exigindo tudo que eu podia dar a ele.

Espalmei as mãos em seus ombros, fazendo-o ficar ainda mais colocado em mim. Senti nossas partes íntimas se esfregarem e ele começou uma tortura lenta e gostava, se mexendo contra mim, esfregando seu pau em minha calcinha que estava para lá de molhada, arquejei quando me ergueu.

— Vou te fazer minha, Eduarda, mas antes vou degustar você como se fosse o vinho mais caro de uma adega.

Quando entramos em seu quarto e me colocou em cima da sua cama, ele me olhou como se eu fosse a mais bela obra de arte de um museu.

— Você é tão linda. — Disse e um sorriso dançou em meus lábios.

— Gosto de ouvir isso de você.

— É a verdade.

Seus lábios passearam em meu rosto indo para o pescoço, depositando beijos leves, intercalando com mordidas, para em seguida voltar a me olhar.

— Tem certeza que quer isso? — Ambos sabíamos que depois do que aconteceria aqui seria difícil voltar atrás. Não teríamos um relacionamento, mas eu era dependente do corpo do Arthur de uma maneira quase sobrenatural.

Apoiei meu corpo em meus cotovelos e beijei seu queixo.

— Eu preciso de você, Arthur. Dentro de mim, me dando prazer da maneira que só você sabe me dar.

Eu não precisei falar mais nada, sua boca devorou a minha, seu corpo prendeu o meu embaixo dele e suas mãos trataram de arrancar sua camisa do meu corpo, suas mãos tracejaram cada pedaço meu, me reivindicando, me fazendo arquejar e gemer para que ele acabasse com a tortura que era não ter o que eu tanto almejava.

Quando sua boca tomou meus seios agarrei seus cabelos e o mantive ali, chupando, mordendo, sugando.

— Sabe como eu estava com saudade disso? — Gemeu, quando colocou o outro seio na boca e chupou me fazendo arquear as costas. Amava quando ele me deixava louca sem ao menos tocar onde eu mais necessitava.

Minha intimidade latejava, eu precisava de um alívio, tentei buscar alguma fricção, mas era em vão.

— Arthur... — Gemi o nome dele, precisa dele.

Sua boca abandonou meus seios e me encararam.

— Escolha Duda, quer que eu te foda com minha língua ou com meu pau?

Maldito Arthur Brandão.

— Apenas me foda, Arthur! — Foda-se se eu estava implorando, precisava dele, urgentemente.

Sua boca passeou pela minha barriga até chegar no cócs da minha calcinha.

— Parece que temos alguém necessitado aqui. — Murmurou, mas fui impedida de falar quando retirou a calcinha e levou até o nariz, cheirando toda a minha excitação.

Porra de homem que sabe o que fazer para me deixar ainda mais excitada.

Seu olhar encontrou com o meu e um sorriso sacana despontou de seus lábios.

— Vou dar a você exatamente o que quer.

Sem aviso nenhum ele caiu de boca em minha boceta, não estava preparada para sentir sua língua serpentear entre minha entrada e meu clitóris, entre chupões e beijo molhados. Arthur me levava ao delírio, me fazia arquejar, suspirar e implorar para que ele me fizesse gozar.

— Arthur! — O filho da mãe não me deixava gozar, me levava ao limite e quando sentia que estava prestes a me desfazer, parava beijando o interior das minhas coxas e me deixando frustrada.

— O que você quer, Diaba? É só falar.

Filho da puta.

— É bom você me fazer gozar seu filho da mãe ou então você...AH!

Gemi quando ele voltou a me chupar, tremer a língua em meu clitóris e enfiar dois dedos em mim, procurando um pequeno nervo ali dentro que eu sabia que seria minha ruína. Eu gemia em alto e bom som, precisava me libertar, precisava...

— Puta... que... pariu... — Falei ofegando quando seus dedos encontraram o que procurava.

Arregalei os olhos, seus dedos aumentaram o ritmo, quando sua língua trabalhou mais

depressa e quando gozei foi como se tivesse sido destruída em milhões de micropartículas e reconstruída em tempo recorde.

Arthur não parou de me chupar, lambeu cada gota do meu gozo como se fosse um manjar dos deuses.

Fechei os olhos enquanto ainda tentava me recuperar do orgasmo, mas pude ouvir o barulho do pacote de camisinha sendo aberto.

Sua boca invadiu a minha e senti meu gosto ali.

— Veja como você é deliciosa, Eduarda... — Chupei sua língua e ele gemeu. — Quero você de quatro.

No começo eu ficava com vergonha, mas depois que vi que não havia motivos para isso. Por isso sexo com Arthur nunca era e nunca seria monótono, ele não era assim.

Me virei de costas e me posicionei, senti uma palmada em minha bunda seguida de uma lambida, gemi e me contorci. Precisava dele de novo.

— Apoie as duas mãos na cabeceira da cama. — Instruiu e assim eu fiz, olhei para trás e tive a visão do pecado.

Arthur estava com seu pau na mão, masturbando-se enquanto olhava para minha bunda empinada para ele, minha boceta apertou claramente desejando ser preenchida por ele.

— Arthur... — Gemi...

— Vou foder você do jeito que você gosta. — Disse, se aproximando, colocou a camisinha e um segundo depois deslizou para dentro de mim.

Gememos ao sentir o contanto dos nossos corpos.

— Malditamente apertada. — Falou praticamente urrando.

— Apenas me foda, Arthur. — Pedi, totalmente perdida de prazer.

Então ele começou, um vai e vem lento a princípio, mas conforme eu gemia e implorava por mais, foi aumentando o ritmo.

— Mais forte... — Falei gemendo, meus seios se mexendo à medida que Arthur entrava e saía de dentro de mim, suas mãos agarravam minha cintura e a apertavam cada vez que minha boceta sugava seu pau.

— É assim que você gosta, não é sua safada — Afirmou, enquanto dava um tapa em minha bunda. Gemi e fechei os olhos quando o ritmo se tornou frenético. Só se ouvia nossas respirações, gemidos e nossos corpos colidindo um com o outro.

Senti outro orgasmo se formar, o senti aumentar dentro de mim.

Um gemido escapou dos lábios dele.

— Vamos, Eduarda. — Sua voz estava errática, mas eu sabia que ele estava quase lá. — Goze comigo, faça essa boceta gostosa mamar meu pau, vamos.

E foi meu fim, senti um tapa forte em minha bunda, Arthur soltou minha cintura puxou meu cabelo, soltei a cabeceira da cama e minhas costas colaram em seu peito, enquanto seu pau entrava em mim.

Então, ouvi sua voz em meu ouvido...

— Goza para mim.

Explodi em um orgasmo que me fez fechar os olhos e meu corpo estremecer, foi como se o mundo tivesse explodido ao meu redor e ficássemos apenas nós dois ali, desfrutando do prazer que era estarmos juntos. Senti quando ele mordeu meu ombro, gozando em seguida, gemendo meu nome.

Arthur saiu de dentro de mim e me deitou na cama, fechei os olhos e me aconcheguei nos

lençóis, estava cansada e totalmente saciada.

Senti o momento que seu corpo deitou ao meu lado e seus lábios beijaram minhas costas, subindo até minha nuca.

Me virei para olhá-lo.

— E agora? — Sussurrei, passando os dedos pelo seu queixo.

— Agora. — Pegou meus dedos e beijou as pontas. — Eu vou amar você debaixo do chuveiro, lentamente.

Se levantou e me pegou no colo, caminhando comigo até o banheiro.

— Eu já tinha organizado minha vida inteira sem você, então você volta e a gente se envolve de novo...

— Não vamos pensar nisso agora, por favor. — Pediu me colocando sentada em cima do balcão.

Sorri para ele.

— Mas é sempre assim, não é? — Perguntei. — Eu arrumo a vida e você bagunça...

— Uma bagunça não faz mal, Duda. — Aproximou nossos rostos e sorri quando tentou me beijar, porém não deixei.

— Temos que conversar e você sabe disso...

Suspirou.

— Eu sei, mas não será agora. — Me puxou do balcão, passei minhas pernas em sua cintura e o abracei. — Agora vou fazer amor com você embaixo desse chuveiro.

E me beijou, cumprindo prontamente com aquilo que falou.

Foi lento, foi intenso e eu fui ao paraíso quando cheguei ao limite.



CAPÍTULO 10

Eduarda

Sei bem

O que te faz bem, eu sei

Mas no fundo eu já tentei

Não faltou coragem

Ausência - Marília Mendonça

Eu estava em frente ao espelho terminando de me maquiar quando vejo, pelo reflexo, o sorriso zombeteiro da Verônica ao me analisar.

— Posso saber qual é a piada? — Questionei.

— Eu realmente não esperava essa cena. — Falou se apoiando no batente da porta. — Tenho que saber de algo?

Foi algo bem simples. Eu liguei para a Verônica, pelo celular do Arthur e pedi para ela passar em meu apartamento e escolher umas roupas e trazer para mim.

Simples, fácil, rápido e sem complicações, certo?

Errado, pois minha amiga agora tinha milhares de ideias em sua cabeça.

— Transou com o Arthur não foi?

— Verônica? — Ela direta, bem direta.

— Qual é, Duda. — Apontou para mim. — Eu conheço vocês dois, basta uma faísca para entrarem em combustão.

Revirei os olhos e voltei a tarefa difícil que era aplicar um rímel sem borrar.

— De qualquer forma. — Continuei. — Não sei o que está ocorrendo. — Guardei o rímel e olhei para ela. — Acha que algum dia nós dois podemos dar certo?

Ela sorriu e segurou minhas mãos.

— Claro que sim. Vocês dois se completam, apesar de parecerem não se suportar.

Sorri para ela.

— Nossa relação é mais complicada do que você imagina. — Suspirei, porque era tão complicado que as vezes eu tinha certeza de que eu e ele não era para existir.

— Vai dar certo, só ir com calma, sei que o passado dele não é fácil, mas sei também que você tem uma participação importante na vida dele.

— Quem sabe do futuro, não é? — Voltei a olhar me olhar no espelho, mas não me passou despercebido que ela sabia que seria difícil, praticamente impossível.

— Sinto muito interromper as duas. — Pelo reflexo vi Arthur aparecer na porta do banheiro. — Eduarda, temos um compromisso em meia hora.

Apenas assenti e o vi se afastar.

— Bom, tenho que ir para a delegacia. — Me virei para ela e a abracei. — Obrigada por ter vindo.

— Conte sempre comigo. — Ela se afastou de mim e sorriu. — Por favor sabe disso, não é?

— Sei. — Ela sorriu e saiu do banheiro, balancei a cabeça e guardei minhas coisas.

Ao sair do quarto não me contive e parei em frente a porta do quarto que por um longo tempo foi um mistério para mim. Estendi a mão e passei pela madeira, sentindo-a gelada. Meus dedos tocaram a maçaneta e eu engoli em seco. Apertei os olhos e encostei a testa na porta.

— Por que seu passado sempre tem que ficar entre a gente, Arthur? — Sussurrei.



— Tem certeza de que é esse o local? — Perguntei quando Arthur estacionou o carro em frente a uma lanchonete que nunca vi na vida.

— Sim. — Respondeu após estacionar o carro. — Vamos entrar e descobrir a verdade?

Assenti e desci do carro.

Esperei por Arthur e sua mão tocou minhas costas, me guiando até a entrada.

Quando entramos no local a maioria das pessoas olharam para nós, estávamos chamando a atenção e eu imaginava que seria o carro do Arthur e nossas roupas elegantes.

Ele me conduziu até uma mesa e nos sentamos, uma moça veio perguntar se queríamos algo e negamos.

— Ela está demorando. — Conferi a hora.

— Está mesmo. Acha que ela mentiu?

Não respondi de imediato, não queria acreditar nisso, simplesmente não dava. Apoiei os cotovelos na mesa e suspirei.

Infelizmente a mulher parecia ter mentido.

— Desculpa te fazer passar por tudo isso, eu deveria ter escutado.

— Você fez o que achou que era certo, Eduarda, não precisa pedir desculpas por isso.

— Preciso sim, me coloquei em risco, coloquei você em risco. Se fosse outra pessoa...

— Eduarda. — Ele me interrompeu e o olhei. — Eu iria atrás de você não importa em qual situação você estivesse.

Não existia uma resposta para o que ele disse, me perdi olhando dentro de seus olhos, sentimentos que eu jurei a mim mesma manter escondido estavam querendo aflorar, mas eu não podia fazer isso, não podia. Arthur jamais será o homem certo para mim e eu precisava lidar com isso.

Fechei os olhos, tentando enterrar tudo que eu sentia lá no fundo do coração, trancar e jogar a chave fora. Se não deu certo na primeira vez que ficamos juntos, por que daria agora?

— Vamos embora. — Já estava levantando, enquanto falava.

— E a Débora? — Questionou.

— Fizemos papel de trouxa. — Olhei em volta e fechei os olhos.

Como fui burra de ter acreditado em uma prostituta. Caminhei até a saída sem esperar por ele, quando estava quase alcançado o carro, senti o braço do Arthur me puxando para ele.

— Mas...

— Não faça isso de novo. — Me interrompeu.

— Isso o quê?

— Me dar as costas, Eduarda. — Seu olhar estava travado no meu. — Não faça isso.

— Já tínhamos terminado o assunto, eu só quero ir embora. Tenho uma reunião com clientes importantes ainda na parte da manhã, então se puder me soltar.

— E se eu não soltar vai fazer o quê? — Arqueou a sobrancelha.

— Você tem amor a sua vida. — Puxei meu braço do seu aperto, mas foi em vão. — Arthur, solta o meu braço.

— E aí está ela. — Sua voz era carregada de ironia. — A diaba indomável.

— Vai pro inferno, Arthur.

— Vai me recepcionar por lá? — Meu Deus, como eu odeio esse homem.

— Você é um babaca de marca maior.

— E você está se comportando como uma criança mimada.

— Grosso, babaca, cafajeste! Me solta, senão eu vou gritar.

— Grita, mas gosto de te ver gritando de outro jeito. — Antes que eu pudesse xingá-lo sua boca se apoderou da minha, o impacto foi tão forte que bati as costas na porta do carro e gemi contra sua boca.

— Machucou? — Se afastou e eu revirei os olhos.

— Só cala a maldita boca e me beija. — Dessa vez eu recomecei o beijo, feroz e intenso, como sempre era com Arthur Brandão.

Nos afastamos e minha respiração estava irregular, mantive meus olhos fechados.

— Você é a mulher mais teimosa que eu já conheci, Eduarda.

Abri os olhos e peguei ele me encarando.

— Você também, Arthur, estamos quites. — Sorri e ele balançou a cabeça.

— Vamos embora então, já que não conseguimos o que queria. — Assenti e me virei para entrar no carro.

— Vocês dois! — Paramos ao ouvir uma voz nos chamando. Uma mulher vinha correndo até nós dois. — Vocês estão esperando pela Débora?

Troquei um olhar com Arthur.

— Estávamos, mas já estamos de saída. — Falei.

— Vocês precisam vir comigo, ela pediu para eu não chamar ninguém, mas ela precisa de cuidados médicos, não vai conseguir se recuperar sozinha dentro daquela casa.

— O que aconteceu? — A voz do Arthur indicava preocupação.

— Aqueles monstros. — Ela tinha lágrimas nos olhos. — Eles quase a mataram, eu já implorei que ela saísse daquela vida, mas ela não pode. Vocês precisam ajudá-la.

— Iremos. — Respondi. — Aonde é a casa?

— Rua de cima.

— Entre no carro e a senhora nos guia. — Arthur falou.

— Isso, vamos logo.

Abri a porta do banco de trás e ela se acomodou, me virei para Arthur.

— Será que...

— Não conclua. — Pediu. — Por favor.

Assenti e entrei no lado do carona.



Quando chegamos na casa, segui a mulher, que se chamava Alessandra.

— Graças a Deus eu cheguei a tempo de as crianças não verem essa atrocidade. As mandei para a escola e não deixei que vissem a mãe naquele estado.

Ela abriu a porta e eu entrei na pequena casa, sentia a presença de Arthur atrás de mim.

Ela parou em frente a uma porta que presumi ser o quarto.

— Vamos entrar, espero que ela entenda que estou fazendo isso pelo bem dela. — Ela estava aflita, seu sofrimento era nítido em cada palavra que dizia.

— Ela vai entender. — Falei colocando a mão em seu ombro e recebendo em troca um olhar de agradecimento.

Percebi ela respirar fundo e abrir a porta do quarto. Alessandra entrou e me deu passagem, assim que eu entrei, coloquei a mão na boca e arregalei os olhos.

— Meu Deus, o que fizeram com você?



CAPÍTULO 11

Eduarda

É coisa de pele

Sempre nós dois rola um flashback

Não era o certo, mas sempre acontece

Quem vai nos julgar

Não sabe o que é amar

FlashBack - Gustavo Miotto

Estava em choque. Eu não reconhecia o rosto da mulher a minha frente, estava coberto por hematomas, os olhos estavam inchados e podia notar arranhões por todo seu corpo.

— Alessandra, quem está aí? — A voz dela era fraca, seus olhos mal se abriam.

— Fiz isso pro seu bem, Débora. — Ela estava chorando. — Por favor, criança.

— Eu pedi para você não... — Ela tossiu e pude notar sangue em sua boca.

— Sem discussão, Débora. — Arthur falou. — Se aproximando dela. Você precisa ir urgente para o hospital. Onde dói?

— Tudo dói, eu mal consigo respirar. — Notei a dificuldade em sua fala.

— Não podemos carregá-la até o carro, Eduarda. — Arthur me olhou. — Ela pode ter algo quebrado.

— Vamos chamar uma ambulância então.

— Não! — Ela falou e tossiu em seguida. — Se eles perceberem essa aproximação aqui, vão me matar, vão matar meus filhos, não posso permitir que isso aconteça.

— Eduarda... — Arthur se aproximou de mim e me puxou para fora.

— O que?

— Eu não sei a gravidade dos ferimentos dela, mas tenho certeza de que quebrou algo, ela levou uma surra e tenho medo de perguntar o que mais aconteceu. — Sussurrou.

— Eu imagino o que tenha acontecido. — Olhei para dentro do quarto e então uma ideia me veio à cabeça. — Não podemos chamar uma ambulância, mas um médico já nos ajudaria.

— O que você está...

— Me empresta seu celular. — Pedi, interrompendo-o. — Tem o número do Jeferson?

— Sim.

Abri a agenda telefônica e liguei para o meu amigo.

— Alô, Jeferson? Preciso de um favor seu, é um caso de vida ou morte.



Expliquei o que eu sabia para meu amigo e passei o endereço de onde estávamos.

Estava impaciente e andava de um lado para o outro, minha mente não parava de criar teorias sobre o que teria acontecido.

— Eduarda, se acalme. — Pediu Arthur.

— Estou tentando, mas não está dando certo pelo visto.

— Tome menina, um pouco de café vai lhe fazer bem. — Alessandra se aproximou e me entregou uma xicara.

— Obrigada.

Bebi um pouco e voltei a olhá-la.

— Sabe dizer o que aconteceu? — Perguntei e notei ela apertar as mãos.

— Débora sofreu muito com a vida, perdeu a irmã que era seu porto seguro e se viu a beira do precipício quando teve que assumir a guarda dos sobrinhos, estudar, trabalhar. — Ela parou e notei que estava emocionada. — Eu ajudei como pude, mas não tive como impedir quando ela começou com essa vida.

— Por que ela não sai? — Perguntei.

— Ela já tentou, mas eu não consigo imaginar o que ela fez para cometerem essa monstruosidade com ela.

Olhei para o Arthur, Alessandra podia não saber, mas eu acho que Arthur e eu tínhamos um bom palpite.

Preferi não tocar no assunto e foi nesse momento que Jeferson apareceu na porta.

— O que aconteceu, Eduarda?

Me levantei e fui abraçá-lo. Ela havia voltado para o Brasil, mas ainda não havíamos tido tempo de conversar.

— Obrigada por vir. — Agradei.

— Sempre viria por você, sabe disso. — Sorri para ele.

— Vem, acho que você pode nos ajudar.

O levei até o quarto e quando ele viu o estado da Débora, sua reação não foi diferente da minha.

— Meu Deus! — Sem esperar que eu falasse alguma coisa o médico dentro dele se aproximou da cama e começou a examiná-la.

— Vem comigo. — Arthur sussurrou em meu ouvido e me puxou para fora de casa.

Quando estávamos distantes o bastante perguntei.

— Acha que...

— Sim. — Respondeu minha pergunta antes mesmo que eu fizesse. — Ela teve uma lição porque descobriram que ela iria falar sobre a Jéssica.

— Isso é absurdo, o que essas pessoas são capazes de fazer para esconderem um crime?

— Tudo, Eduarda, eles são capazes de tudo. — Sua voz se tornou sombria e seu olhar estava perdido, como se estivesse preso dentro de suas lembranças.

— Arthur, Eduarda. — Olhei para trás e vi o Jeferson caminhar em nossa direção. — Ela precisa de um hospital urgente.

— Foi por isso que chamamos você. — Falei. — Precisamos de ajuda para leva-la até o carro.

— Eduarda, ela precisa de uma ambulância, tenho certeza de que ela tem fraturas internas, alguns ossos quebrados. Levá-la no seu carro é acelerar que o pior aconteça.

— Ela não quer... — Arthur falou.

— Eu sei que ela não quer. — Jeferson o interrompeu. — Impressionante como a mulher consegue ser teimosa mesmo estando correndo risco de vida. Eu vou chamar uma ambulância, nós vamos para o hospital e não é ela quem vai me impedir.

Olhei para o Arthur e não tive escolha a não ser aceitar, afinal, era a vida dela que estava em jogo.

Depois de uma pequena discussão entre Jeferson e Débora, eu tinha quase certeza de que se ela estivesse bem teria voado no pescoço do meu amigo, ele acionou o socorro e minutos depois os paramédicos estavam levando a Débora.

— Alessandra, as crianças, por favor...

— Não se preocupe, eu irei cuidar deles. Agora deixe que eles cuidem de você, Débora. E não se esqueça, a Ester e o Thales precisam de você, não desista.

Ela foi colocada dentro da ambulância e Jeferson veio até mim.

— Eu estou indo direto para o hospital, irei pegar o caso. — Ele se virou, mas voltou a me olhar. — O que aconteceu com ela?

Olhei para a ambulância que deixava a porta da casa.

— Eu não sei de tudo. — Olhei para ele. — Mas faça todos os exames, Jeferson, eu... — Fechei os olhos. — Eu temo que ela tenha sido estuprada.

Ele apenas assentiu e saiu em direção ao seu carro, olhei para Alessandra e peguei meu cartão dentro de bolsa e fui entregar a ela.

— Aqui, qualquer coisa não hesite em me ligar.

Ela segurou o cartão e arregalou os olhos.

— Você é aquela advogada famosa que sempre aparece na televisão dando entrevistas. Sabia que seu rosto não era estranho.

— É, eu sou eu.

— O que a Débora fez para você?

— Nada. — Respondi. — Na verdade, ela pode me ajudar.

Arthur apareceu ao meu lado.

— Vamos, sei que você vai querer ir para o hospital.

— Com toda a certeza. — Olhei para a senhora. — Obrigada, novamente, me ligue se precisar.

Nos despedimos e seguimos para o carro.

— Me empresta seu celular, preciso ligar para a Marta e pedir que remarque minha agenda para outro dia.

Ele ligou o carro e logo depois tirou o aparelho do bolso me entregando em seguida.

Disquei o número da minha secretária e ela atendeu em seguida.

— Bom dia, Arthur, o que você...

— Bom dia, Marta, sou eu, preciso que você remarque minha agenda inteira de hoje para outro dia.

— Eduarda? — Ela fez um silêncio e depois completou. — Ah, meu Deus, vocês dois finalmente se acertaram?

Revirei os olhos e suspirei, seria uma longa chamada.



Só levantei os olhos porque Arthur estendeu um copo de café na minha frente.

— Obrigada. — Falei pegando o copo de sua mão.

— Nenhuma notícia?

— Não. — Suspirei. — Será que ela vai nos contar alguma coisa?

— Não sei, eu já duvidava que ela fosse falar algo, agora depois do que aconteceu acho impossível.

— Estou torcendo para ela me dar uma luz sobre isso.

— Tudo por causa da menina? — Questionou.

— Se você conhecesse ela entenderia o que eu estou falando. Yasmin é encantadora, eu só a vi uma vez e te digo isso com toda a certeza.

— Você tem um brilho diferente no olhar quando fala dela. — Olhei para ele.

— Ela só desperta em mim algo diferente.

— Instinto de mãe.

— Não diria isso, mas não sei descrever o que é. — Dei de ombros. — Enfim, gosto dela a ponto de me meter nessa história e descobrir a verdade.

Ficamos nos olhando por um tempo, até eu desviar o olhar primeiro. Eunão sabia o que estava acontecendo entre a gente. Não queria entender, era como se relembrar o que vivemos no passado fosse doloroso demais. Tinha medo de me envolver de novo, de me apegar para no fim, nossa “relação” terminar em briga.

Com isso me veio uma lembrança, uma lembrança boa.

“Eu estava cansada, a faculdade estava consumindo toda minha energia. Cheguei praticamente arrastada no trabalho, assim que a Marta me viu correu até mim.

— Menina, parece que um caminhão passou por cima de você, o que aconteceu?

— Isso se chama fim de semestre, Marta. — Falei entrando na sala do Arthur e me jogando no sofá. — Tem uns dois dias que eu não durmo direito, apenas afundada em livros de direito e me mantendo acordada a base de café e energético.

— Isso é um perigo, Duda, precisa dormir e se cuidar. — Falou vindo até mim.

— Não se preocupe, eu vou ficar bem. — Segurei suas mãos. — Apenas um copo de café e eu estarei pronta pro trabalho.

— Não sei o que faço com você. — Balançou a cabeça ao dizer. — Vou comprar comida para você e pedir o expresso que você tanto gosta.

— Obrigada. — Ela beijou minha testa e saiu da sala.

Aproveitei que ela saiu, e que Arthur não viria trabalhar hoje e me deitei no sofá. O sono e o cansaço eram tanto que eu apaguei. O sono foi tanto que nem cheguei a sonhar, quando finalmente acordei e abri os olhos, dei de cara com Arthur sentando ao meu lado, me observando dormir.

— Arthur? — Minha voz saiu rouca e meio grossa, devido ao sono.

— Eduarda, você está bem? — Sua mão tocou minha bochecha e eu fechei os olhos.

— Agora eu estou. Eu não deveria ter dormido aqui, me desculpe.

— Não precisa se desculpar, a Marta me falou que você estava cansada e não dormia a dias por conta da faculdade.

— Não pensei que fosse chegar a esse ponto. — Me sentei e passei as mãos no rosto, tentando espantar o sono que ainda havia em mim.

— Está sendo demais?

— Não é isso, eu... — Não adiantava mentir. — Pensei que eu fosse dar conta, de tudo sabe.

— Não precisa ser a mulher maravilha o tempo inteiro, Duda. Tem que descansar.

— Vou tentar.

— Não, tentar não. Você vai, está livre pelo restante da semana, pode estudar tranquilamente e dormir também.

— Eu... Obrigada. — Sorri para ele.

— Quero você bem. Sabe disso, certo?

Me levantei e ele também, acabei sorrindo ainda mais.

— Por que eu acho que isso tem segundas intenções?

— Segundas, terceiras, quartas. — Se aproximou de mim e enlaçou minha cintura. — Quantas você quiser.

Mordeu meu queixo e eu segurei seu rosto próximo ao meu.

— O que eu faço com você?

— *Tenho várias ideias.*

Então me beijou.”

Eu não sabia de onde tinha vindo essa lembrança, era uma droga lembrar do passado desse jeito, do que éramos e não somos mais.

— Quero conversar com você. — Assustada por ter sido pega lembrando do passado, o encarei.

— Sobre o que?

— Sobre nós, Eduarda. Quero saber se ainda existe um nós depois de tudo que houve anos atrás.

Engoli em seco, eu também queria saber.

Será que ainda existia a possibilidade de um “nós” entre o Arthur e eu?



CAPÍTULO 12

Eduarda

Se um amor do passado voltou,

é porque na verdade ele nunca acabou.

Autor Desconhecido

Olhei novamente a hora. Suspirei e levantei para esticar as pernas, eu não sairia desse hospital sem antes falar com a Débora. Claro que estava usando o momento para repensar a conversa com Arthur.

Eu queria descobrir, mas também tinha medo. Nossa relação nunca foi fácil, simples ou normal. Mas o que realmente aconteceu no passado, você deve se perguntar, afinal, temos que ter começado de um modo.

Eu não queria no início, tentei a todo custo resistir ao charme, aos olhares, aos sorrisos discretos do todo poderoso juiz Arthur Brandão. Pensei que ele fosse me odiar depois do nosso primeiro dia de trabalho e, sim, ele odiou, fazia de tudo para me tirar do sério, para que passasse dos limites. Não tinha um dia em que nós dois não discutíssemos, ou que ele me fizesse uma promessa

silenciosa com o olhar.

Não deveria ter cedido, não deveria tê-lo deixado entrar em minha vida, não deveria ter me... suspirei. Não deveria ter feito muita coisa.

Mas as coisas ficaram fora do controle. Erámos intensos em tudo, não havia restrições, barreiras ou impedimentos na hora que estávamos juntos. Quando começamos a sair combinamos de manter segredo sobre nosso relacionamento, afinal, eu era sua estagiária e ele era responsável por me ensinar tudo que sabia. Bom, ele ensinou mais do que devia.

Apesar de estarmos em um certo tipo de relacionamento, as brigas não diminuíram, pelo contrário, elas aumentaram em um nível exaustivo. Discutíamos por tudo, até se o vento soprasse mais forte que o normal. Exagero? Talvez, mas isso era a gente, um furacão, uma combinação explosiva e perigosa.

Foi assim durante um ano.

Passei um ano da minha vida transando com Arthur Brandão da maneira mais bruta e tórrida que se pode imaginar. Ele não era carinhoso, ele não era gentil. Ele era ele. Simples, mas não tinha nada de simples nisso.

Contraditório, sei.

Não nego que gostava disso, eu amava. Arthur sabia como me domar. Um sorriso escapou de meus lábios.

“Ainda bem que eu sei domar essa diaba”

Essa frase era a “nossa” frase. Sempre quando eu me fazia de difícil ou negava dar a ele o que queria, ele dizia isso. Eu adorava, claro. O desafio ficava explícito no ar.

Com a aproximação da minha formatura e o fim do estágio, as coisas foram ficando complicadas e isso envolvia os segredos sobre o seu passado. Passado que ele fazia questão de

esconder de mim. Tudo que eu sempre quis foi que ele confiasse em mim, se abrisse comigo, mas ele sempre fazia o contrário. Se fechava e se afastava.

Uma vez acordei sozinha em seu apartamento, aproveitei esse momento para entrar naquele quarto que ele mantinha em segredo. Não deveria ter entrado ali, deveria ter esperado para ele me contar, deveria ter confiado nele. Nada me prepararia para o que eu vi ali dentro, nem se ele me contasse.

Fiquei em estado de choque. Completamente paralisada. Eu deveria ter saído dali quando ouvi a porta da sala se abrindo, precisaria ter fechado a porta e fingir que não tinha visto nada, mas era impossível.

As memórias daquele dia vieram com tudo, como se estivesse acabando de acontecer.

“— Eduarda, você já acordou? — Nem a voz dele foi capaz de me tirar do meu estupor.

Estava completamente paralisada.

Eu ouvia seus passos se aproximando, mas não conseguia me mexer, não estava no meu controle.

— Eduarda... — Soube que ele tinha chegado quando sua voz morreu. Me virei para ele e vi raiva em seu olhar, também vi medo, mas a raiva sobrepunha esse sentimento. — Eu falei para nunca abrir essa porta.

Ele passou por mim e fechou a porta.

— Por que nunca me contou? — Minha voz era puro choro.

— Por que não é assunto seu! — Berrou.

— Não? Nós estamos juntos, Arthur! — Gritei de volta. — Você e eu temos um relacionamento, por mais estranho que seja isso, eu tinha direito de saber! Você não tinha direito

de esconder isso de mim!

— Achei que caberia a mim te contar sobre isso, não você mexendo nas minhas coisas!

— Sério? — Ironizei. — E todo aquele papo de confiança, quero tentar algo diferente com você? Onde se encaixa nisso?

— Eu ia te contar, cacete! — Passou as mãos no cabelo, desesperado. — Eu ia contar, mas eu não estava pronto. Eu nunca estou pronto para falar disso!

— Você não pretendia me falar, não é? — A verdade foi um tapa na minha cara. — Nunca ia me falar, estávamos juntos a pouco mais de um ano e você nunca ia me falar.

— Duda...

— Não... — Me afastei dele. — O que o nosso relacionamento é para você? O que eu significo para você?

Ele ficou calado, seu olhar não identificava nada. Fechei os olhos e as lágrimas caíram com mais força.

— Você nunca pensou em me assumir. — Constatei e seu silêncio me confirmou que eu estava certa. — Eu seria o seu segredinho sujo pelo tempo que você quisesse até o dia em que se cansasse de mim.

— Eu posso falar...

— Não. — Ergui as mãos. — Não precisa falar mais nada, eu já entendi.

Me virei e entrei no quarto já procurando minhas roupas, me vesti em tempo recorde. Ele não tentou me impedir, não tentou me convencer do contrário. Para quê? Eu já estava adiantando o que ele precisaria fazer daqui a um tempo.

Peguei todas as minhas coisas e saí do quarto sem olhar para trás.

O encontrei encostado na bancada da cozinha, havia uma garrafa de vodca em cima da mesa e ele tinha um copo vazio em mãos.

— Nós terminamos aqui. — Proferi e ele não disse nada.

Encarei como um “sim” o seu silêncio e saí do seu apartamento sem olhar para trás.”

Depois desse dia nossa relação piorou.

O fim do estágio foi um verdadeiro inferno, ninguém aguentava quando nós dois estávamos na mesma sala. Encerrar aquela etapa foi um verdadeiro alívio, odiava ter que vê-lo quase todos os dias, encontrá-lo em saídas que nossos amigos propunham, vê-lo com outra mulher me matava, mas eu era forte e tentava a todo custo me manter indiferente aos seus comportamentos.

Quando ele anunciou sua ida para o Canadá foi um choque para mim, eu sabia que ele iria, era o sonho dele fazer pós-graduação em Cambridge. Fiquei em um estado de melancolia quando me contou a novidade, pois há uns meses havíamos combinado de comemorarmos juntos se ele conseguisse.

Saber que ele comemoraria com outra me deixava com uma sensação estranha. Fui embora mais cedo naquele dia, dei uma desculpa que estava com dor de cabeça e o deixei com suas comemorações.

Nesse dia eu chorei em meu apartamento, não pelo fato dele não estar comigo, mas pelo fato de saber que ele nunca sentiria por mim um terço do que eu sentia por ele. Mas o que eu sentia por ele? Não sei, mas era diferente de tudo que já havia experimentado.

Naquela mesma noite Arthur apareceu na minha porta, dizendo que quando fazia uma promessa não quebrava, ele iria comemorar comigo. Não esperava, tentei negar, tentei brigar, tentei fazê-lo entender que era totalmente errado, mas não resisti por muito tempo, ele me teve naquela noite de uma maneira que eu jamais pudesse imaginar que fosse possível. Após nos satisfazermos o

mandei embora da minha casa e da minha vida.

Aquela noite foi nossa despedida, jurei a mim mesma nunca mais cair nos seus jogos de sedução ou na sua lábia. Mas aqui estava eu, três anos depois pensando na possibilidade de existir um “nós” nessa relação que sempre foi um enigma para mim.

— Vejo fumaça saindo de sua cabeça, Duda. — Olhei para o Jeferson que caminhava em minha direção.

— Impressão sua, Jeferson. — Ele me estendeu um copo com café e eu o peguei agradecida.

— Será mesmo? Sabe que pode contar comigo para qualquer coisa, não é?

— Sei sim e obrigada por isso. Mas acredito que esse problema nem eu mesma consiga resolver.

Ele se sentou ao meu lado e o ouvi suspirar.

— Fico feliz que esteja de volta ao Brasil. — Comentei depois de um tempo.

— Não pensei que voltaria. — Me olhou. — Ainda dói, ainda mais agora.

Faria 5 anos que a Tati tinha morrido, estávamos cada vez mais próximos da data e o Jeferson sempre ficava, ainda mais, fechado.

— Ela teria orgulho do médico que você se tornou. — Segurei sua mão.

— Acha?

— Com certeza. — Sorri para ele. — Ela teria orgulho de qualquer que fosse sua profissão, Jeferson, sabe disso.

— Sinto tanta a falta dela. Parece que foi ontem que a perdi.

— Nenhuma outra mulher foi capaz de preencher isso?

Ele riu baixo.

— Não existe espaço para outra mulher em minha vida, Duda, sempre vai ser ela. — Se levantou e estendeu a mão para mim. — A Débora já está em um quarto, sendo medicada e pode responder suas perguntas agora.

Coloquei minha mão na sua e ele me levou até o quarto da paciente.

— Tente não a forçar muito. — Pediu quando chegamos em frente ao quarto. — Ela está muito fraca. Ficarão no hospital por pelo menos quatro dias.

Assenti e me virei para entrar.

— Débora? — Entrei no quarto e vi seu olhar demorar em mim, antes de desviar para a janela. — Será que podemos conversar um minuto?

Ela não falou nada, percebi que minha tarefa não seria nada fácil.

— Preciso falar sobre a Jéssica Ferreira Mendes — Comecei. — Acredito que vocês já tenham trabalhado juntas.

— Eu não vou falar nada, não adianta pressionar.

— Débora... — Comecei, mas fui interrompida pela porta se abrindo e Verônica entrando com toda sua postura de policial federal.

— Você vai falar sim, mocinha. — Minha amiga disse e mostrou o distintivo a ela. — Polícia federal.



CAPÍTULO 13

Eduarda

Sou pela verdade, não importa quem a diga.

Sou pela justiça, não importa a favor de quem ou contra quem.

Malcolm X

O olhar de raiva que a Débora lançou para a minha amiga não passou despercebido por mim.

— Vamos lá, Débora, você pode facilitar o meu trabalho e me contar tudo o que sabe sobre Jessica Ferreira Mendes, ou podemos fazer isso do modo difícil. — Verônica pegou uma cadeira e colocou ao lado da cama.

— Eu não vou ser presa, certo? — Detectei medo em sua voz. — Eu tenho dois sobrinhos, que são como filhos, para cuidar. Eu não posso...

Ela parou e respirou fundo, fazendo uma careta logo em seguida.

— Não será presa, Débora. — Verônica garantiu. — Eu só preciso saber quem era a

Jéssica, porque teriam motivos para matá-la e o que fizeram com você.

— Certo, irei contar tudo que sei. — Ela encarou o teto. — Quando entrei para a S&C eu não sabia nada desse mundo, era inexperiente e tinha muito medo. Logo eu conheci a Jéssica, ela se tornou minha melhor amiga.

— A Jéssica também era uma prostituta. — Afirmiei.

— Sim, só que de uma forma diferente.

— Como assim diferente? — Questionei e ganhei um olhar reprovador da minha amiga.

— Ela não era uma prostituta de rua, como eu. Nem ficava dançando dentro salão. Jéssica era uma das mais bem pagas prostitutas de luxo de São Paulo.

— Prostituta de luxo. — Verônica franziu o cenho. — Não faz sentido, ela foi encontrada morta dentro de um casebre no subúrbio de São Paulo.

— Vocês não entendem mesmo como funciona a vida de uma prostituta, ainda mais dentro da S&C. São seis cafetões, cada um deles gerenciam cerca de 20 garotas, o que você ganha em uma noite, 80% vai pro bolso deles, você fica basicamente com nada.

— Por que entrou para essa vida?

— Fui muito ingênua na época, eu não arrumava um trabalho, precisava pagar as contas e cuidar dos meus sobrinhos. Quando recebi a proposta reusei, mas cheguei ao ponto de ficar tão desesperada que não vi outra saída.

— O seu cafetão era o mesmo da Jéssica? — Verônica perguntou.

— Não. — Ela tratou de negar. — Existe uma regra que não devemos conhecer nenhum dos outros 5 sócios, e ela não podia falar quem era o dela, assim como eu não podia falar quem era o meu. Uma regra ridícula, eu sei, mas vindo deles você tinha que obedecer.

— Você disse que a Jéssica estava grávida. — Essa parte me interessou e eu cheguei mais perto. — Você tem alguma ideia de quem pode ser o pai da criança?

— Essa gravidez gerou muitos problemas dentro da boate pelo que fiquei sabendo. Era um absurdo uma prostituta engravidar, a Jéssica apanhou muito para revelar o nome do pai da criança, mas foi em vão. Ela sabia que eles o matariam em menos de 24 horas se descobrissem.

— Pelo que você disse, ela era prostituta de luxo, suponho que os clientes dela sejam pessoas de uma classe bem alta, capazes de pagar um valor exorbitante para não serem descobertos.

— Exatamente. — Confirmou olhando para minha amiga. — A Jéssica se encontrava em um patamar elevado dentro da boate, era como se fosse uma promoção se tornar esse tipo de prostituta, mas ela tinha medo, porque quando uma pessoa atingia essa categoria ela, misteriosamente, sumia.

Troquei um olhar com a Verônica.

— A pessoa era morta? — Perguntei.

— Não, não era morta. Ela simplesmente sumia, pelo que Jéssica conseguia me contar, elas eram levadas para outro lugar, só não sabia onde. O primeiro caso de sumiço foi com a Paloma, há 12 anos. Ela é uma lenda dentro da boate, a primeira prostituta a se tornar uma acompanhante de luxo. Mas alguns meses depois foi encontrada morta, brutalmente assassinada.

Paloma, aonde eu tinha visto esse nome? Tinha certeza de tê-lo visto em algum lugar, mas não conseguia me lembrar.

— Você falou que Jéssica não contou, nem sobre pressão, quem era o pai do filho dela. Ela sabia quem era o pai?

— Sim, ela sempre soube. Ele era um cliente dela, cliente fixo. Pelo que ela me contava eles estavam apaixonados, mas ela não podia simplesmente deixar a vida que levava, não era fácil, nunca foi. Então eles se encontravam escondidos fora da boate e as vezes ele contratava os serviços dela,

mas não era sempre que fazia isso. Por que ela odiava ser tratada por ele como aquilo que ela era.

— Ele sabia da gravidez?

— Não, ela nunca contou. — Suspirou. — Quando descobriu que estava grávida ela tratou de terminar com ele, ele tentou de tudo para eles reatarem, mas foi em vão.

— Débora, você reconhece esse colar? — Perguntei, lhe mostrando uma foto do colar que a Suzana havia me mostrado.

— Conheço, é o colar que indica que as prostitutas da S&C são de luxo, alto padrão. Por que?

— Eu sou advogada, tem um casal querendo adotar uma menininha linda, mas a história dela é trágica, a mãe dela foi asfixiada até a morte e a criança encontrada quase morta dentro do casebre.

Débora arregalou os olhos e abriu a boca, mas não disse nada.

— A filha da Jéssica está viva?

— Sim. — Falei. — Nada contra o casal que deseja adotá-la, mas desde o princípio eu senti que tinha algo de errado quando a assistente social me disse sobre a mãe dela ter sido assassinada, mas nunca pegaram o assassino.

— Débora. — Minha amiga interrompeu. — Quem fez isso com você?

— Não sei. — Ela fechou os olhos por uns segundos. — Eu tinha terminado o expediente. Estava voltando para casa, quando fui abordada por dois homens, eles estavam vestidos de preto e usavam máscara no rosto, não soube identificá-los, só sei que eles me pegaram e começaram a me bater. Em um momento perdi a consciência, pensei que tinha morrido. Então acordei quase em frente à minha casa e gritei pela Alessandra.

— Alguém teria motivos para fazer isso com você?

— Não que eu saiba.

— Seu cafetão? — Perguntei.

— Ele não seria louco de fazer isso comigo, ele sabe que... — Ela se calou. — Enfim, ele não foi. Tenho certeza disso.

— Acha que eles quiseram te dar um susto? — Perguntei. — Por falar que iria me ajudar?

— Não sei. — Ela arregalou os olhos. — E se eu estiver correndo risco de vida?

— Não se preocupe quanto a isso. — Verônica disse ao mesmo tempo que digitava no celular. — Vou colocar policiais em volta da sua casa e do quarto, ninguém entra ou sai sem ordens da polícia.

Eu estava andando de um lado para o outro, o homem que tentou me agarrar naquela noite não saía da minha cabeça e se ele tiver ouvido a nossa conversa e tivesse contado a alguém, alguém poderoso dentro da boate capaz de mandar calarem uma testemunha importante para esse caso.

— Eduarda, sabe de alguma coisa? — A voz da Verônica me fez olhá-la.

— Não, eu não sei. — Menti, eu precisava conversar com a Débora sozinha, mas não seria agora.

Meu olhar caiu para a mulher deitada na cama, percebi que ela pensou a mesma coisa que eu.

— Vocês duas estão me deixando confusa, será que podemos conversar outra hora? Minha cabeça está explodindo de dor e os remédios estão me deixando com sono.

— Vamos deixá-la descansar, Débora. — Verônica se levantou. — Vólto outra hora.

— Só mais uma coisa, Débora. — Eu precisava saber disso. — Você sabia quem era o pai

do bebê que a Jéssica esperava?

— Sim. Um pouco depois que ela deu à luz, ela me contou.

— Qual o nome dele?

— Caio Fonseca de Camargo.

Franzi o cenho.

— O filho do político? — Questionei.

— Isso, mas é só o que eu sei.

— Obrigada. — Falei novamente e caminhei até a saída. Olhei para a minha amiga, ela estava submersa em pensamentos. — Verônica?

— Duda, eu não sei como dizer isso, mas fique longe desse caso. Se possível entregue o caso da adoção para outro advogado e...

— Está maluca, Verônica? Sabe muito bem que eu não vou fazer isso. Agora que eu tenho um possível pai para a Yasmim irei conversar com a Júlia sobre a possibilidade de entrarmos em contato com ele.

Percebi que ela estava em uma luta interna consigo mesma.

— Eu não vou conseguir te impedir de qualquer jeito, mas por favor faça apenas isso, não mexa em algo que você não sabe o que é.

— E você sabe? — Eu sabia que ela estava me escondendo algo.

— A polícia tem suas suspeitas. — Ela se virou para ir embora, mas voltou. — Quando encontrar com o Caio me avise, tenho perguntas para ele também.

— Verônica — chamei antes que ela se virasse. — Por que o caso foi reaberto?

— Porque nem todos que estão a nossa volta são confiáveis, Eduarda. Apenas te peço para ter cuidado, isso é mais perigoso do que você imagina.

Então ela se virou e saiu.

Eu queria respostas para as minhas perguntas, mas isso só fez minhas dúvidas aumentarem.

Quem teria matado a Jéssica?

Seus cafetões? Algum cliente insatisfeito? O pai do bebê?

Essas perguntas ainda não tinham respostas.

Peguei meu celular e disquei o número da Júlia.

— Diga Eduarda. — Ela atendeu em seguida.

— Tenho uma novidade sobre o caso do pai da Rebeca. — Falei caminhando até a sala do Jeferson. — É uma pista de quem pode ser o pai da Yasmim.

Ela não falou nada por alguns instantes, mas quando o fez senti medo em sua voz.

— Te encontro dentro de uma hora na sua sala. — Disse encerrando a chamada.

Eu apenas sentia que quanto mais eu mexia nessa história mais dúvidas surgiam em minha cabeça.



CAPÍTULO 14

Eduarda

A criança é alegria como o raio de sol e estímulo como a esperança.

Coelho Neto

Quanto mais eu pensava no assunto mais perguntas surgiam em minha cabeça. Estava parada no semáforo, olhava aquela luz vermelha como se ela tivesse todas as respostas que eu precisava. A questão era, eu iria querer as respostas? Iria querer descobrir toda a verdade que parecia ser tão podre e tão horrenda que era capaz de ferir e matar pessoas?

Infelizmente, as respostas para essas perguntas eram positivas. Mesmo não sendo minha obrigação ou minha área eu queria descobrir a verdade, desvendar esse mistério que durava anos. Não estou irracional, estou tentando colocar um pouco de justiça, as pessoas perderam completamente a noção do perigo quando começaram a pensar mais em si mesma e se esqueceram do próximo, vê-las cometendo todo e qualquer tipo de atrocidade, matando por coisas insignificantes, era demais.

Acordei dos meus pensamentos ao ouvir os carros buzinando atrás de mim, balancei e

cabeça e segui caminho, eu ficaria doida a qualquer momento se pensasse demais nisso.



Assim que cheguei no meu escritório Marta me informou que a Júlia já estava me esperando, agradei com um aceno de cabeça e segui ao seu encontro. Hoje era um dia daqueles que não sobrava tempo para conversas, depois faríamos isso. Entrei em minha sala e a Júlia estava lendo um livro, pude ver pela capa que era psicologia infantil.

— Parece uma leitura bem interessante. — Comentei colocando minha bolsa dentro do meu armário, tirando apenas meu celular dali. Me sentei e ela, finalmente, tirou os olhos do livro e me olhou.

— Fascinante, deveria ler. — Fechou-o e se acomodou na cadeira. — Qual assunto vamos discutir primeiro?

— Vamos falar logo do caso do babaca do pai da Rebeca.

— Aquele infeliz não é pai da minha filha, Duda. — Falou, exasperada.

— Mas ele quer ser. — Retruquei.

— E você não vai deixar, certo?

Sorri para ela.

— Lógico que não, Júlia, não seria nem doida — Desbloqueei meu notebook e abri o arquivo que a delegada Geovana havia me mandando.

— Então fale de uma vez, estou a ponto de ter outro filho de tanto nervosismo.

— Calma. — Estava procurando uma coisa. — Só preciso achar algo.

— Achar o...

— Pronto. — A interrompi. — Seu *querido* ex, é casado com uma mulher chamada Brenda Gonçalves, ela já o denunciou duas vezes por violência doméstica. Estão em processo de divórcio, mas ele não quer assinar de jeito nenhum, a polícia já emitiu uma ordem de restrição contra ele. — Rolei algumas páginas. — Brenda descreve o marido como agressivo, desorientado, impaciente e explosivo.

Olhei para ela.

— Isso quer dizer...

— Isso quer dizer que o Rodrigo não vai ter direito nem de ver a Rebeca, Júlia. Sua causa está ganha, amiga.

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

— Nem acredito nisso. Obrigada, Duda.

— Não precisa agradecer, faria isso até de olhos fechados. — Segurei sua mão sobre a mesa. — Aquele homem não vai chegar perto de vocês.

— Vou avisar ao Fernando.

— Depois, Júlia, temos outro assunto importante.

Ela concordou e guardou o celular.

— Certo, você mencionou na ligação que poderia ter encontrado o pai biológico da Yasmim, mas como?

— Uma longa história. — Me levantei e caminhei até a cafeteira, peguei duas cápsulas e coloquei na máquina, observei o café cair nas xícaras e os adocei em seguida, após terminar de prepará-los, nos servi.

— Acabei fazendo uma besteira.

— Que besteira, Eduarda?

Então contei a ela a história da boate, do colar e, por fim, da Débora.

— Meu Deus, Eduarda. — Ela estava perplexa. — Isso é sério.

— Pensa que eu não sei? — Me levantei e comecei a andar pela sala. — Agora precisamos ir atrás desse Caio Fonseca de Camargo e descobrir se a história bate com o que a Débora falou.

— Bom. — Começou a dizer ao mesmo tempo que digitava freneticamente no celular. — Para sua sorte, eu tenho o contato com a assessora do Caio e neste momento estou entrando em contato com ela para saber se podemos conversar com ele o mais rápido possível.

— Está brincando, sério?

— Claro que é sério. — Respondeu, guardou o celular e me encarou. — Agora é só esperar ela responder.

— Júlia, você um anjo em minha vida.

— Que isso. — Ela suspirou. — Eduarda, e se ele for o pai? O que vai fazer em relação a Malu e o André? Por que eles estão na fila de adoção.

— Eu sei, isso me preocupa também, mas primeiro temos que comprovar a paternidade do Caio, feito isso ele vai decidir se quer brigar pela guarda da filha ou se não vai querer saber dela.

— Entendo. — Ela se levantou. — Eu preciso ir agora, tenho algumas pendências para fazer ainda hoje.

— Obrigada, Júlia. — A abracei. — Qualquer novidade sobre o Caio me ligue.

— Pode deixar.

Ela saiu da sala e eu voltei aos meus afazeres, mas não estava conseguindo me concentrar,

tinha dois casos para estudar e uma reunião em duas horas com o gerente de uma empresa que queria discutir contratos sigilosos.

Duas horas. Daria tempo.

Peguei minha bolsa e sai do escritório.



Eu não pensei duas vezes, quando dei por mim já estava no orfanato, mas não entrei, apenas fiquei observando as crianças pela grade. Até uma bola parar perto de onde eu estava, qual não foi minha surpresa ao ver a Yasmim vindo pegá-la.

Ela era tão linda e tão meiga, se tivesse a chance de ter uma filha queria que fosse igual a essa criança linda, feliz e encantadora.

Ela pegou a bola, mas parou ao me ver.

— Você já esteve aqui uma vez, certo?

— Sim. — Confirmei.

— Eu lembro de você. — Sorri com isso e ela também. — Quer brincar comigo?

— Não posso, estou do lado de fora.

Ela se aproximou ainda mais de mim.

— Você não pode entrar. — Ela parecia triste, me agachei próximo as grades e a observei.

— Por que não?

Ela parecia em dúvida se falava ou não, então ela olhou para os lados e se aproximou ainda

mais, sussurrando logo em seguida.

— Porque ouvi o tio Rogério dizer que se você se aproximar daqui vai te matar.

Então ela saiu correndo e eu fiquei ali parada, sem saber o que pensar direito.



Fiquei aérea durante a reunião inteira, eu só conseguia pensar na frase da Yasmim. Eu não sabia se era apenas uma brincadeira de criança ou se, realmente, alguém queria me matar. Chegar a essa conclusão me causava um frio na espinha.

Nem sei como cheguei em casa, minha mente estava em qualquer lugar, menos comigo. Fui direto para o meu quarto, precisava dormir, precisava de um banho, precisava pensar nos últimos acontecimentos da minha vida.

— Está tudo bem, Duda? — Olhei para a porta do meu quarto e meu irmão estava escorado no batente.

— Sim, por que não estaria? — Comecei a tirar meus brincos.

— Bom, primeiro não dormiu em casa e não me deu notícia, se eu não tivesse ligado para a sua secretária eu não saberia o que tinha acontecido.

Fechei os olhos e massageei a nuca.

— Desculpa, William, aconteceu muita coisa e eu estou com a cabeça cheia de problemas. Quanto a dormir fora, já sou grandinha o bastante e sei me cuidar, mas da próxima vez eu aviso.

— Teremos próxima vez? — Ele tinha um sorriso nos lábios.

— Idiota. — Revirei os olhos. — Mas se veio aqui tem algo para me dizer, vamos lá, diga.

— Estarei fazendo uma viagem na próxima semana para uma cidade chamada Flor de Lis, fronteira com Minas Gerais.

— Interessante, vai encontrar alguém?

— Não, irei a trabalho mesmo.

— Certo, tem minha benção. — Falei e ele riu. — Estou saindo, quer vir?

— Não, estou com dor de cabeça e cansada. Fica para a próxima. — Ele veio até mim e beijou minha testa. — Te amo, doida.

— Também te amo.

Ele me deixou sozinha e fui para o banho.

Após uns 20 minutos, saí já pronta para cair na cama, mas antes iria comer alguma coisa. Preparei um sanduíche básico e fui comer enquanto lia minhas mensagens, abri a primeira da Júlia.

Júlia: *Para sua total alegria temos um almoço com o Caio amanhã, a assessora dele ficou de passar o endereço, quando souber o lugar te informo.*

Duda: *Obrigada, Júlia, você é demais.*

Amanhã uma parte da história seria posta a limpo, estava nervosa e apreensiva. A fala da Yasmim não saía da minha cabeça, mas eu não tinha coragem de contar a ninguém. Eu precisava ver essa menina longe daquele orfanato, algo me dizia que aquele lugar não era seguro.

Meu celular vibrou novamente, dessa vez com uma mensagem do Arthur.

Arthur: *Precisamos conversar, podemos almoçar amanhã?*

Dessa vez o todo poderoso juiz teria que esperar, sei que precisávamos conversar, mas esse assunto era mais importante.

Duda: *Almoço não, terei compromisso nesse horário, mas jantar seria uma boa ideia.*

A resposta veio imediatamente.

Arthur: *Te espero na minha casa às 20h:00.*

Duda: *Ok.*

Não obtive mais respostas, mas senti que esse jantar não seria agradável.

Senhor, me dê forças.



Júlia e eu estávamos olhando o cardápio, esperando Caio Fonseca chegar, mas ele já estava atrasado 15 minutos.

— Acha que ele vem? — Perguntei.

— Vem sim, a assessora dele confirmou. Se acalme.

— Estou tentando. — Voltei a encarar o cardápio.

Não preguei o olho a noite inteira. Tudo parecia formar uma bola de neve e estava cada vez mais confuso entender as coisas.

— Senhoritas Eduarda e Júlia?

Olhei para cima e vi um homem de óculos escuros, camisa social, mas trajado de maneira despojada, ele tinha um sorriso natural nos olhos, os cabelos estavam levemente bagunçados, sabe aquela expressão “Acabei de foder”? Ele tinha essa expressão.

— Sim. — Falei, então ele tirou os olhos e me encarou.

Lindo.

Muito lindo.

Jesus, ele era perfeito.

Mas meus elogios sumiram quando seu semblante fechou e seu sorriso desapareceu.

— Jéssica? — Ele falou, completamente chocado, olhando em minha direção.



CAPÍTULO 15

Arthur

Vida, devolva minhas fantasias

Meus sonhos de viver a vida

Devolva-me o ar

Sem teu carinho, meu mundo fica tão vazio

Os dias quentes são tão frios

E as noites me trazem

A dor desse amor

KL B - A dor desse amor

Parecia que o mundo inteiro estava desabando em cima de mim, e uma avalanche vinha em minha direção. Não tinha como fugir, não tinha como evitar, tudo desmoronaria e talvez não restasse nada para contar história.

Verônica e Guilherme estavam em minha frente, ambos com cara de poucos amigos.

— Não adianta me olharem com essa cara. — Falei, pela décima vez.

Verônica revirou os olhos, ela estava mais irritada do que o normal.

— A questão aqui não é essa Arthur! — Esbravejou. — A questão é que a Eduarda precisa saber a verdade, e ela vai descobrir de um jeito ou de outro, e eu prefiro que ela descubra por você.

— Você não entende. Nenhum de vocês dois.

— Eu entendo mais do que você possa imaginar. — Guilherme se manifestou pela primeira vez. — E você sabe disso, eu sei o quanto você tem sofrido nos últimos anos, mas não faz mais sentido, já se passaram doze anos, doze anos e você nunca superou.

— Por que ainda tenho esperanças que ela volte!

— Mas ela não vai voltar! — Verônica explodiu. — Você não percebe não é, Arthur? Não tem noção do que você está fazendo! Além de estar ferindo a si mesmo, está colocando a Eduarda nessa história. Admita de uma vez por todas que ela não é apenas mais uma foda sua, você passou anos com mulheres que não valiam nada porque queria aplacar a dor que ela deixou em seu peito. Mas a Duda chegou e quebrou esse coração de gelo e você ainda insiste em dizer que tem.

— Verônica... — Alertei.

— Você vai me ouvir, Arthur. — Ela disse. — Você não vai magoar a minha amiga, você não vai levá-la para a cama e fazer mil promessas sem cumprir uma. Porque, por mais cabeça dura que a Eduarda seja ela é apaixonada por você, mas nunca vai admitir enquanto não se sentir segura o bastante. Mas você não está aberto, nunca estará aberto para viver de novo enquanto estiver preso no passado! Você precisa deixá-la ir.

— EU NÃO POSSO! — Gritei.

Havia perdido qualquer controle que tinha, estava me sentindo sufocado, estava me sentindo perdido, igual no dia em que ela quase me deixou.

— Eu não consigo, vocês não conseguem entender. — Falei e me sentei no chão, completamente desnortado.

— 12 anos, Arthur. — Vi ela apontar o dedo para mim. — 12 malditos anos que eu observo você ser desse jeito, tem que enfiar na sua cabeça que não adianta mais, ela não vai voltar. Você tem que seguir em frente. Se você não contar para a Eduarda, eu mesma conto.

Ela se virou, pegou sua bolsa e saiu da minha sala.

Fechi os olhos, queria que um buraco se abrisse no meio dessa sala para que eu pudesse sumir dentro dele.

— Arthur. — Encarei meu irmão, não sei dizer quanto tempo exatamente ficamos nos olhando. Mas eu não aguentei, desabei novamente e ele me deu o alento que eu precisava. Ficou comigo enquanto eu chorava e gritava, colocando para fora toda a dor que eu estava sentindo, toda a dor que me consumia há anos.

— Eu sei que é complicado, mas você precisa decidir. — Me sentei direito e o encarei.

— Não pode me pedir para fazer isso, não pode me pedir para simplesmente desistir.

— Não estou pedindo para desistir. — Ele se levantou. — Estou pedindo para contar a verdade para a Eduarda, ela merece saber de você.

Ele caminhou em direção a porta, mas voltou a me encarar.

— Nossa mãe iria gostar da Duda, ela iria dizer que ela é a sua cara.

— *Ela* também era minha cara e nossa mãe a amava, apesar de tudo.

— Sim, mas *ela* está inalcançável no momento. Pensa nisso.

Então ele saiu.

Deus, o que eu faço?



Cheguei em casa e fui direto tomar banho. Eu precisava decidir o que fazer, apesar de tudo eu sabia que eles tinham razão, eu não poderia viver do passado.

A Eduarda chegou em minha vida em um ponto crucial, um ponto que eu estava prestes a desistir de tudo, mas não o fiz. Não o fiz porque gostei dela, gostei do que ela me fazia sentir, me sentia vivo de novo quando estávamos perto, como se nada tivesse acontecido.

No fundo do meu coração eu sabia que *ela* não voltaria para mim, sabia que nunca mais veria seu sorriso ou ouviria o meu nome sair de seus lábios.

Eu queria poder recomeçar minha vida do zero, esquecer a porra do meu passado, esquecer que ela existiu na minha vida.

Mas como esquecer um amor de infância?

Como esquecer a mulher que você planejou passar o resto da sua vida, que fez planos, sonhou em ter filhos?

Como apagar um passado que, mesmo tendo me destruído por completo, me fez ver que eu poderia amar e ser amado?

Nunca pensei que a porra do amor fosse doer tanto. Nunca pensei que amar pudesse custar um preço tão alto, se eu soubesse não teria feito o que fiz, teria poupado sua vida. Mas fui egoísta, pedi que *ela* viesse comigo, pedi que escolhesse a mim e ela o fez. Ela me escolheu e isso me tornou o homem mais feliz do mundo.

Mas não era simples, nunca seria simples. Eles a queriam a todo custo, eles queriam tanto que a tiraram de mim da maneira mais horrenda que se poderia imaginar. Eles não castigaram só a ela, castigaram a mim também, porque todos os dias eu lembrava dela, a culpa recaía sobre meus ombros e apenas uma frase que aquele maldito homem me disse naquele dia, ecoava em minha mente como se quisesse me condenar.

“Você a matou.”

E ele tinha razão, se eu não tivesse pedido para que me escolhesse, se eu não tivesse insistido para ela vir embora comigo talvez ela estivesse bem, talvez ela estivesse *viva*.

Eu queria apenas a chance de pedir perdão, de dizer que apesar de tudo eu ainda a amava e sempre amaria.

Me sentei na cama, a porta do quarto estava aberta e eu observava o outro quarto. Era nele que eu guardava minhas lembranças, minhas memórias, minhas dores e todos os sonhos que construímos e que foram embora em questão de segundos.

Me levantei e caminhei até lá. Parei em frente a porta sem saber se deveria entrar ou não. Não pisava ali desde que tinha voltado do doutorado. Aos poucos eu estava me curando, aos poucos retomava as rédeas da minha vida. Querendo admitir ou não, a Eduarda tinha uma parte importante dentro dessa minha melhora, graças a ela eu não estava mais obcecado em ir *vê-la*, mas ainda mantinha minhas visitas regulares, porque parte de mim, aquela parte mais egoísta, ainda se negava a aceitar que ela não voltaria mais para mim.

Coloquei a mão na maçaneta da porta, mas não abri.

Eu poderia me livrar de todo o meu passado e seguir em frente?

Ser feliz novamente?

Sem respostas para aquelas perguntas, virei a maçaneta e a porta se abriu.

Tudo estava exatamente igual, nada fora do lugar.

Havia uma empregada que mantinha o quarto limpo, não tinha permissão para falar nada sobre ele, sua descrição era impecável, assim como o serviço.

Havia 3 anos que eu não entrava ali, desde que a Duda o abriu e mesmo ela tendo visto, não me desfiz de nada.

Acendi a luz e o cômodo se iluminou. A primeira coisa que eu olhei foram as fotos. Dezenas de fotos nossas, ou apenas dela estavam penduradas na parede, em uma espécie de mural. Ela estava sorrindo na maioria delas, aquele sorriso pelo qual eu me apaixonei quando a vi pela primeira vez no orfanato. Aquele sorriso que mesmo depois de eu ter ido embora ficou gravado em minha mente.

As roupas dela estavam todas em caixas espalhadas pelo quarto, dezenas de caixas. Me aproximei da cama e peguei um porta joias que ela guardava consigo desde pequena. Com muito cuidado eu o abri, ali dentro tinham papéis de balas com frases de amor, bilhetes de cinemas, ingressos de shows, havia um par de brincos. Eles foram meu presente a ela no dia em que fui embora do orfanato, tudo que compartilhamos juntos. Bem no fundo havia um par de alianças, peguei-as e as observei.

Apenas uma vez a coloquei no dedo.

No dia em que fui feito o homem mais feliz da face terra, mas eu não podia dizer muita coisa, pois foi nesse mesmo dia que meu mundo inteiro desmoronou e eu perdi a essência da vida.

Mais adiante, em uma arara, havia um vestido de noiva. Ele foi feito especialmente para ela, do jeito que ela queria, da maneira que imaginou a vida toda.

Um vestido digno da princesa que ela era.

Me levantei e passei a mão pelo tecido delicado, imaginando-a ali comigo, me dando coragem sobre o que fazer ou me dizendo qual direção seguir.

Ainda me lembrava do dia em que a vi vestida nele. Ela estava tão linda. Cheguei a questionar se eu a merecia em minha vida, se eu merecia ao menos um por cento do seu amor.

Deslizei meus dedos por entre as mangas rendadas, parecia loucura, mais ainda sentia seu perfume impregnado ali, como uma tortura de que não a tinha mais em minha vida.

Me virei e olhei mais a diante, onde havia uma caixa com os convites do casamento.

Passei a mão por cima, mas não ousei abrir. Meus olhos ardiam conforme as lembranças vinham, conforme meu peito se apertava de saudade, conforme minha mente gritava: eu era culpado por ela não estar ao meu lado.

Sentei no chão e deixei as lágrimas caírem.

Deixei porque não aguentava mais, não conseguia mais suportar esse sentimento.

Essa dor...

Essa maldita dor que me deixava doente.

Que me fez querer morrer quando ela saiu da minha vida.

Mesmo com a visão borradas pelas lágrimas, peguei um álbum de fotografias e contemplei aquela felicidade que eu não tinha mais, aquele amor que eu perdi por culpa *deles*, não minha, mas inteiramente *deles*.

Foi então que me dei conta do que a Verônica disse. Eu não suportaria perder a Eduarda, porque ela estava caçando-os, mesmo não sabendo ela estava procurando os mesmos assassinos da minha noiva, aquele colar era a prova disso. Se eles descobrirem eles a matariam.

Ela tinha que saber a verdade.

Ela precisava saber a verdade.

Enxuguei minhas lágrimas, me levantei e deixei o quarto para trás. Fui até a sala e peguei

meu celular em cima da mesa e mandei uma mensagem para a Duda.

Arthur: *Precisamos conversar, podemos almoçar amanhã?*

Sua resposta veio em seguida.

Duda: *Almoço não, terei compromisso nesse horário, mas jantar seria uma boa ideia.*

Certo, mais tempo de preparação para mim.

Arthur: *Te espero na minha casa às 20h:00.*

Duda: *Ok.*

Joguei o celular em cima do sofá, mas o peguei novamente e digitei uma mensagem para a enfermeira Jaqueline.

Arthur: *Estarei indo visitá-la amanhã, faz tempo que não a vejo.*

Jaqueline: *Ok, doutor. Vou deixar tudo pronto.*

Bloqueei a tela e suspirei.

Seria a coisa mais difícil que eu faria na vida, mas ela merecia saber e isso incluía *vê-la*.



CAPÍTULO 16

Eduarda

Difícil não é lutar por aquilo que se quer,

e sim desistir daquilo que se mais ama.

Eu desisti. Mas não pense que foi por não ter coragem de lutar,

e sim por não ter mais condições de sofrer.

Bob Marley

Pisquei novamente, tentei procurar algo em minha mente, mas nada vinha, olhei para Júlia, mas ela parecia mais perplexa que eu.

— Jéssica? — Ele repetiu, dessa vez se aproximando mais de mim.

— Acho que o senhor se enganou. — Minha frase o fez parar, ele piscou algumas vezes e, parecendo cair em si, se sentou na única cadeira vaga em nossa mesa.

Caio apoiou os cotovelos na mesa e abaixou a cabeça, permanecendo assim por alguns minutos, quando pareceu se acalmar, se recompôs e nos encarou.

— Desculpa por isso. — Falou para mim. — É que você é incrivelmente parecida com ela.

— Eu... — O que dizer para ele naquele momento? Eu não fazia ideia. — Não sei o que dizer.

— Não precisa, deve me achar um louco. — Ele riu. — Nem conheço você e te confundo com uma mulher que... uma mulher que mudou minha vida para sempre.

— Não te culpo. — Respondi.

— Bom, — ele pegou o cardápio e começou a folheá-lo. — É um almoço para uma conversa a qual minha secretária não soube me informar o assunto, presumo que a senhorita Júlia. — Olhou para minha amiga. — Possa me explicar.

— Posso. — Minha amiga tomou a frente da conversa.

Enquanto isso, eu observava o homem a minha frente, Caio não parecia ser do tipo de homem que se envolvia em escândalos e ter um caso com uma prostituta, obviamente, o colocaria nessa situação se o caso viesse à tona, coisa que não aconteceu.

— Está dizendo que posso ser o pai dessa criança? — Voltei a prestar atenção na conversa.

— Sim. — Entrei na conversa. — Recomendo que procure um advogado e peça para ele trabalhar em todos os tramites legais para que você possa fazer o exame de DNA. Isso, é claro, se você quiser saber se é pai da Yasmim.

— Você é a doutora Eduarda Medeiros. — Ele me encarava seriamente. — Por que não pode ser minha advogada?

— A Yasmim está em um abrigo, eu sou advogada do casal que deseja adotar a menina, não posso pegar o caso.

— Entendo, alguém para me recomendar? — Ele arqueou a sobrancelha.

— Tenho, doutor Fernando Braga. — Apontei para Júlia. — Marido da minha amiga.

— Certo, vou querer o contato dele. — Júlia mexeu na bolsa e entregou o cartão do marido ao Caio.

— Pode ligar no escritório, ele estará lá. — Virou-se para mim. — Se importa se eu for embora? Tenho outro compromisso daqui a pouco e preciso pegar a Rebeca na creche e levar para minha mãe.

— Claro que não, pode ir.

— Sorri para ela, que em seguida se virou para o Caio. — A Eduarda vai te manter mais a par sobre tudo, ela está bem por dentro do caso. — Então me olhou de forma repreensiva e eu revirei os olhos.

— Claro. — Caio respondeu.

— Um bom almoço. — Então minha amiga nos deixou sozinhos.

— O que você quer pedir? — Ele perguntou.

— Faça a escolha, eu te acompanho.

Seu olhar sobre mim era de curiosidade, mas não retrucou e chamou o garçom.

— Você não parece ser uma advogada dentro dos padrões, apesar de ser uma das melhores.

— Tomei um gole da minha água e o encarei.

— Eu faço o que for preciso para que seja aplicado a justiça.

— Vai fazer justiça pela Jéssica?

— E pela filha dela. — Completei.

— Que pode ser minha filha. — Ele suspirou. — Ainda é difícil acreditar nessa história.

Mas se eu parar para analisar faz sentido ela ter me expulsado de sua vida, de ter cortado todos os

laços.

— Por que não insistiu quando ela terminou?

— Eu insisti, insisti até ela me dizer que eu fui uma marionete nas mãos dela, que ela me usou e nunca me amou.

— A Jéssica foi assassinada, Caio. — Me endireitei na cadeira. — Será que ela realmente quis dizer tudo isso?

— Eu não sei, sei que sofri, sofri muito quando ela terminou comigo. Quando disse que eu não passei de um homem que ela quis se aproveitar, queria que eu pensasse o quê? Ela era uma prostituta, e poderia muito bem estar falando a verdade.

— Se tivesse descoberto que existia uma possibilidade de ela estar grávida você teria insistido mais.

— Não sei, essas são perguntas pelas quais não tenho como te dar uma resposta completa. Doutora, a única coisa que posso te dizer de concreto agora é apenas uma, quero descobrir se essa menina é minha filha, porque se for, eu vou lutar com todas as minhas forças para que fique comigo.

— Eu entendo.

— E sabe de uma coisa, doutora?

— O quê? — Questionei.

— Estaremos em lados opostos do tribunal, porque mesmo a senhorita, tendo vindo atrás de mim, irá defender o outro casal que quer a guarda.

— Não é uma escolha minha.

— É sim, e você sabe disso.

— Porque me chamou de Jéssica? — Mudei de assunto.

— Você é muito parecida com ela, eu pensei que estivesse de frente com a mulher que eu amei por longo tempo.

— Não posso ser tão parecida. — Pisquei.

— Te provo. — Ele pegou o celular e após procurar um pouco, me mostrou uma foto e eu me espantei.

Realmente, eu era parecida com ela, muito na verdade. Poderíamos nos passar por irmãs facilmente, porque a Débora não mencionou isso? Eu tinha que conversar com ela novamente.

— Deve ter sido um choque. — Lhe entreguei o celular.

— Foi, confesso que se fosse ela, não sei o que faria ou falaria.

— Sinto muito por tudo. — Em um impulso coloquei minha mão sobre a dele. — A polícia reabriu o caso, muita coisa está mal contada nessa história, mas tudo vai se resolver, prometo.

— Obrigada, doutora. — Ele apertou minha mão.

— Duda, me chame apenas de Duda.

— Obrigada, Duda, por tudo.



Eu estava esperando a Malu e o André em meu escritório, mas estava com minha mente dispersa, um lado pensava no almoço que tive com Caio. Ele era totalmente diferente do que eu pensei, jurava que por ser filho de político ele queria esconder seu relacionamento com a Jéssica, mas ele sempre quis que ela saísse dessa vida e assumisse um relacionamento com ele, Caio estava disposto a passar por cima do status que seu sobrenome e sua família empunha e se casar com uma

mulher da vida, pelo simples fato: a amava.

Meu outro lado pensava no jantar com Arthur essa noite, eu não sabia o que pensar, muito menos se deveria pensar em algo a respeito disso, eu já não sabia de mais nada. Queria apenas que minha vida fosse menos complicada.

Olhei a hora e vi que meus clientes estavam prestes a chegar, peguei a pasta que a Júlia havia me enviado e os documentos que Fernando me encaminhou via e-mail. Caio foi mais rápido do que eu imaginei, logo ele entrou em contato com Fernando e pediu, pediu não, exigiu, urgência em seu caso, alguns minutos após eu chegar no meu escritório ele já havia me telefone afirmando que tinha entrado com o pedido de ação Judicial para realizar o exame de DNA, para minha surpresa ou não ele só estava esperando a autorização do Juiz, que era ninguém mais que Arthur Brandão.

Querendo ou não, esse homem estava de todo jeito na minha vida.

Respirei fundo, eu sabia que ele iria autorizar, peguei meu celular e mandei uma mensagem para o Jeferson.

Duda: *Como está a Débora?*

Não precisei esperar muito, sua resposta veio logo em seguida.

Jeferson: *Tirando sua teimosia, ela está melhor.*

Duda: *Preciso falar com ela novamente, tem como ser ainda hoje?*

Jeferson: *Hoje não, Duda, acabou o horário de visita.*

Duda: *Estarei aí amanhã cedo então.*

Jeferson: *ok.*

Bloquei a tela no mesmo instante em que Marta entrou na sala anunciando a chegada da Malu e do André.

Quando eles entraram e se sentaram eu comecei.

— A Assistente social encontrou o possível pai da Yasmim.

Eles se entreolharam, como se estivessem em uma comunicação silenciosa.

— Ela o encontrou assim do nada?

— Vocês precisam compreender que não é tão simples. — Falei me curvando sobre a mesa.

— A Yasmim foi para um abrigo porque a mãe está morta e não havia indícios de familiares para que a criança ficasse sobre a guarda deles.

— E o que mudou? — André perguntou.

— A polícia encontrou pistas de quem pode ser o pai da criança, pistas sobre possíveis envolvimento da mãe, não é tão simples, André.

— Nós entendemos, Eduarda. — Malu falou. — Mas nós não vamos desistir, no instante em que colocamos os olhos naquela menina nosso coração transbordou de amor. Queremos dar um lar para ela, uma família que a ame e a proteja de tudo.

— Eu compreendo e apoio a iniciativa de vocês.

— Nos prometa, doutora, que não irá desistir desse caso, que vai lutar com a gente até o fim. — André pediu.

— Prometo a vocês que irei fazer tudo que estiver ao meu alcance para a criança ter o melhor lar possível, farei o que puder para serem vocês, mas a decisão não caberá a mim e sim ao juiz.

— Confiamos em você. — Malu disse e eu apertei sua mão.

— Agradeço a confiança de vocês.

Eu estava entre a cruz e a espada, literalmente.

ARTHUR

Eu estava a 15 minutos parado no local, mas não conseguia fazer minhas pernas obedecerem ao comando para se movimentarem.

Podem me chamar do que quiserem, de medroso, covarde, irresponsável, mas simplesmente não dava.

Não era fácil.

Nunca seria fácil, por mais tempo que se passasse.

Eu só queria manter as lembranças boas dela, vê-la naquele estado fazia minha culpa aumentar. Só vinha visitá-la em datas importantes, seu aniversário, nosso aniversário de namoro, noivado e a data em que iríamos nos casar.

Odiava olhá-la e saber que era para eu estar ali, era para mim aquela emboscada, era para eu estar naquele carro. Eu quem deveria estar deitado naquela cama por 12 anos.

Com uma coragem que eu não sei de onde vinha, saí do carro e caminhei em direção a entrada da casa. Abri a porta e vi a Jaqueline sentada, lendo um livro. Ela era paga para morar aqui e cuidar dela em tempo integral.

— Doutor Arthur, pensei que não fosse descer do carro.

Ela veio me abraçar, era uma senhora muito simpática a quem tinha pego um certo zelo depois de tantos anos trabalhando comigo.

— A senhora sabe que nunca é fácil.

— Sim, meu filho, eu sei. Mas você tem que ser forte.

— Eu tento, sempre eu tento.

— Sei que sim. — Ela me puxou para me sentar e foi até a cozinha. — Quer comer algo?

— Não precisa, eu só vim vê-la. — Pausei. — Como ela está?

— Na mesma, do mesmo jeitinho.

Assenti e me levantei, caminhei até a porta do quarto e, o mais devagar que eu conseguia, abri a porta, no instante em que ela se abriu eu a vi imediatamente, deitada, ligada a vários aparelhos que mediam pulsação, soro, batimentos cardíacos, sonda. Tudo, absolutamente tudo que se podia imaginar.

Entrei no cômodo e fechei a porta, fui me aproximando da cama até conseguir ver seu rosto pálido e magro, me sentei ao seu lado e segurei sua mão, mesmo nesse estado ela era tão linda.

— Ah, Paloma, como eu sinto sua falta, meu amor. — Foi tudo que eu consegui dizer antes das lágrimas escorrerem pelo meu rosto.



CAPÍTULO 17

Arthur

Você é assim

Um sonho pra mim

E quando eu não te vejo

Eu penso em você

Desde o amanhecer

Até quando eu me deito

Eu gosto de você

E gosto de ficar com você

Meu riso é tão feliz contigo

O meu melhor amigo é o meu amor

E a gente canta

E a gente dança

E a gente não se cansa

De ser criança

A gente brinca

Na nossa velha infância

Velha infância – Tribalistas

Permaneci por cerca de 20 minutos ao seu lado, contando sobre os últimos acontecimentos. O coma ainda era algo inexplicável, não se sabia como a consciência da pessoa se encontrava quando ela estava nesse estado. Eu não sabia se ela me ouvia, mesmo assim eu falava com ela, todas as vezes que vinha vê-la, eu contava o que estava acontecendo comigo, como se, de repente, ela pudesse acordar e me dizer que decisão tomar em determinada situação.

— Queria poder dar fim nesse seu sofrimento, Paloma. — Segurei sua mão. — Queria que você pudesse descansar em paz, mas não é tão simples.

Eu teria feito isso, teria deixado ela partir, mas não podia. Eu não podia desligar esses aparelhos, simplesmente porque era crime. Eu não podia dar um fim no sofrimento dela porque eu poderia ser preso por assassinato, uma droga. Mantê-la escondida também não foi fácil, tive que fingir sua morte para que aqueles maníacos que a perseguiam me deixassem em paz, não me orgulho de ter feito isso, mas para manter essas pessoas longe da Paloma eu faria qualquer coisa.

— Amanhã trarei uma pessoa para te conhecer, ela precisa saber dessa parte da minha vida, ela está procurando as mesmas pessoas que tiraram você de mim, e eu tenho medo por ela. — Suspirei. — Muito medo de perdê-la, eu não suportaria, Paloma, eu não suportaria perder a Eduarda. Uma parte de mim já morreu quando você ficou nesse estado, se por algum motivo eu perder a Eduarda, eu morro junto.

Poderia parecer estranho eu falar abertamente de outra mulher para aquela que quase foi minha esposa? Sim, demais, mas não era para mim, pelo menos não mais. A Paloma jamais iria querer que eu ficasse definhando enquanto ela estava presa a uma cama de hospital. Se ela pudesse, ela mesma teria me dito para seguir em frente, encontrar uma pessoa que valesse a pena eu ficar, foi a mesma coisa que ela me disse no dia em que eu saí do orfanato, junto com o Guilherme.

— *Eu não queria ir sem você, Paloma. — Estava chateado por estar deixando-a, parecia que eu estava ignorando todos os nossos sentimentos.*

— *Você é o garoto mais teimoso que eu já fiquei, Arthur! — Ela se levantou e observei sua cara emburrada, as mãos na cintura e aquela pequena ruga em sua testa, que se formava todas as vezes que ela queria brigar comigo.*

Me levantei e enlacei sua cintura, trazendo-a para mais perto de mim.

— *Você que é teimosa. — Paloma fez um biquinho tão lindo que tive vontade de mordê-la, mas não o fiz, já havíamos sidos pegos uma vez em um ato um tanto íntimo, não queria esse constrangimento para ela novamente.*

— *Vou sentir sua falta, amor. — Seus braços rodearam meu pescoço e ela depositou um selinho em minha boca.*

— *Também vou sentir sua falta. — Falei, antes de cobrir sua boca com a minha. Amava beijá-la, amava cada pedacinho do seu corpo e a forma como ela se moldava a mim.*

Eu tinha apenas 15 anos, ela faria 18 daqui uns meses e, mesmo assim, não tive empecilho de ganhar seu coração.

— *Tem que me prometer que vai sair e conhecer garotas novas. — Ela disse ao se afastar.*

— *Paloma...*

— *Estou falando sério, Arthur, nada de ficar quieto no seu canto, com suas músicas e seus*

pensamentos, você vai sair, curtir a vida, conhecer novas garotas e até se apaixonar, é uma ordem.

— Mas eu já sou apaixonado por você, Paloma. — Retruquei.

— E eu por você, mas nós dois não sabemos como será o futuro, nem quem são as pessoas que irão entrar em nossas vidas, por isso tem que me prometer que vai se esforçar ao máximo para encontrar uma garota bacana que goste de você.

— Olha o que você está me fazendo prometer...

— Foda-se. — Me interrompeu. — Promete ou não?

Olhei para o céu, como se ali estivesse a resposta que eu precisava dizer, não me sobrava escolha a não ser prometer.

— Prometo.

— Eu te amo, Arthur Brandão. — Disse sorrindo e se jogando em meus braços novamente.

— Eu te amo, Paloma.

A beijei novamente.

— Arthur, ela já chegou. — Me afastei da Paloma e olhei para o Guilherme, meu irmão, um ano mais novo que eu, o único que sobrou para chamar de família.

— Estou indo. — Paloma se desvencilhou de mim e foi abraçar meu irmão.

— Cuide para que o Arthur conheça meninas novas, ok, Gui? Prometa para mim que ele irá se apaixonar, se casar e ter uma linda família com uma mulher a altura dele.

Guilherme olhou para nós dois com certa confusão nos olhos.

— Ignore o que ela diz. — Falei, já me aproximando deles.

— Não ignore não. — Olhou pro meu irmão. — Me prometa, por favor.

— Prometo. — Guilherme disse, sem saber ao certo se deveria ter prometido.

— Você vai fazer 18 anos em alguns meses, Paloma, vem para Capital.

Ela sorriu e beijou minha bochecha.

— Eu ia amar, mas não posso te prometer isso.

— Paloma...

— Um dia, Arthur, nós vamos nos reencontrar e eu espero do fundo do meu coração que você me perdoe.

— Do que está falando?

— Um dia você vai descobrir, no momento só quero que seja feliz, viva a sua vida, você só tem 15 anos, tem muito o que viver, sonhar e descobrir. — Ela tinha lágrimas nos olhos e isso me emocionou ainda mais. — Mas no momento a única certeza que posso te dar é o quanto eu te amo, e que esse amor vai durar por toda a vida.

Eu iria falar mais alguma coisa, mas ela me calou com um beijo, um beijo cheio de amor, mas com gosto de despedida, de perdão. Então ela se afastou, se virou e caminhou para dentro do orfanato, sem olhar para trás nenhuma vez.

— Você vai superar. — Guilherme colocou o braço ao redor do meu ombro.

— Não tenho tanta certeza.

Olhei para ele, que me lançou um sorriso fraco, nós viramos e seguimos para fora do orfanato, para nosso novo lar.

Naquele mesmo ano, quando a Paloma completou 18 anos eu esperei alguma mensagem, ligação, qualquer sinal dela, mas não obtive. Uma semana depois eu decidi que faria o que havia prometido para ela, iria curtir minha nova vida e aproveitar.

E foi assim até meus 22 anos, quando a reencontrei novamente.

Meu celular tocou, me tirando dessa onda de lembranças que me tragava a cada vez que vinha visitá-la, o nome do meu irmão constou na tela e eu atendi.

— Fale. — Me levantei da cadeira e caminhei até a janela do quarto.

— Preciso conversar com você, tem que ser agora.

Olhei para a mulher na cama e suspirei.

— Estou indo, quer me encontrar aonde?

— Pode ser na minha casa. Quero aproveitar que a Verônica está ocupada.

Estranhei, de nós dois ele sempre foi o mais sábio e o mais correto, esconder algo da esposa não era do seu feitio.

— O que você quer esconder da Verônica?

— Vai vir ou não?

— Estarei aí dentro de uma hora.

Desliguei o celular, voltei para perto da Paloma, afastei o cabelo de sua testa e deposei um beijo ali.

— Amanhã eu voltarei e trarei a Duda, não sei o que ela vai pensar ou dizer quando eu lhe contar toda a verdade, mas eu espero do fundo do meu coração que ela não pense que eu estou usando-a de alguma maneira. Porque eu jamais teria coragem de fazer isso.

Me afastei, lancei mais um olhar sobre a cama e saí do quarto.



— Ainda estou tentando entender o que você quer com isso, Guilherme.

Falei, olhando a carta que ele tinha acabado de me entregar.

— Apenas entregue isso para a Verônica, na hora certa.

— E como, diabos, eu vou saber qual a hora certa? — Eu não estava entendendo mais nada.

— Você vai saber, é meu irmão. Vai saber quando tiver que entregar a ela.

— Guilherme...

— Só faça o que estou pedindo, por favor.

— Eu vou fazer, sabe disso.

Ele se sentou no sofá e me encarou logo depois.

— O que decidiu fazer?

— Vou contar a verdade para a Eduarda.

— Faz bem, ela merece saber.

— Sim, merece. — Suspirei. — Vou leva-la até lá amanhã.

— Acha que ela está pronta para vê-la?

— Se eu vou contar tudo, ver a Paloma também inclui isso.

— Certo, foi bom você ter tocado no nome da Paloma. — Guilherme se levantou e me entregou uma pasta.

— O que é isso?

— A Verônica colheu o depoimento da mulher que você e a Eduarda levaram para o hospital, no momento do depoimento ela citou o nome da Paloma, como sendo a primeira Prostitua de luxo da boate.

— Sim, eu sei que ela era isso. — Abri a pasta, mas eu já sabia o que tinha ali. — O colar que tenho guardado em meu apartamento prova isso.

— Exato, a Jéssica tinha o mesmo colar e você sabia.

— Mas eles não queriam a Paloma morta. — Falei e franzi a testa. — Eles me queriam fora do caminho, por isso cortaram os freios do meu carro, eles me queriam fora para ter certeza de que a Paloma não fugiria novamente.

— Isso, eles não a queriam morta por um motivo que não conhecemos, eles precisavam dela viva, mas eles mataram a Jéssica. Mas a Jéssica também era uma prostituta de luxo, sendo assim eles precisavam dela viva. — Guilherme concluiu.

— Eles não querem as prostitutas de luxo mortas, eles precisam delas vivas, a Jéssica não foi alvo dos seus cafetões.

Olhei para o Guilherme, segundo sua linha de raciocínio.

— Conversei com a delegada e ela já entrou com o pedido para obtermos um mandato de busca e apreensão, vamos revirar aquela boate.

— Se eles não queriam a Jéssica morta, quem queria?

— Nesse momento entramos em outra linha de raciocínio. — Falou. — Nessa mesma conversa com a Débora, ela relatou o nome do pai da criança.

— Então a Duda teve êxito na sua busca, ela encontrou o pai da criança.

— E nosso possível assassino. — Guilherme argumentou.

— Como?

— A Eduarda foi, juntamente com a Júlia, almoçar com ele, se chama Caio Fonseca de Camargo.

— O filho do político. Por que ele entra como suspeito?

— Não qualquer suspeito, nosso principal suspeito, não temos provas, mas tentaremos buscar algo — Declarou. — Júlia saiu mais cedo do almoço, mas sem que ninguém percebesse deixou uma escuta na mesa em que estavam, nós monitoramos tudo. Ele relatou que a Jéssica o dispensou porque, para ela, ele não passava de uma marionete, uma maneira de arrumar dinheiro.

— Mas ela engravidou.

— Mas ainda não sabemos se o filho é dele.

— Já foi pedido o exame de DNA? — Perguntei.

— Fernando entrou como advogado dele e já encaminhou um pedido de investigação de paternidade, falta apenas o juiz assinar autorizando.

Olhei para ele e revirei os olhos.

— Eu sou o juiz. — Me levantei pronto para voltar ao meu escritório.

— O pedido já está na sua mesa, de acordo com sua secretária.

— Assinarei assim que eu chegar lá.

Comecei a andar, mas sua voz me parou.

— Arthur... — Me virei para ele. — A Eduarda é idêntica a Jéssica.

— Como assim? — Franzi o cenho, isso não era bom.

— Quando o Caio chegou ao local, ele chamou a Eduarda de Jéssica

Fiquei calado.

— Se for o assassino...

— Não quero pensar nisso, — O interrompi. — Mas temos que trabalhar o mais rápido que pudermos.

Assenti e fui embora.

Eu não colocaria a Eduarda no meio da linha de fogo, mas não colocaria mesmo.



CAPÍTULO 18

Arthur

Eu penso te tocar

Te falar coisas comuns

E poder te amar

O amor mais incomum

Não deixa o medo te impedir

De chegar perto de mim

O que aconteceu ontem

Não vai mais repetir

Me deixa então estar contigo

Seus desejos sei de cor

Pro bem e pro mal

Você me tem

Não vai se sentir só

Meu amor! Se quiser!

Sempre que quiser um beijo

Eu vou te dar

Sua boca vai ter tanta sede

De me tomar

Se quiser!

Sempre que quiser ir às estrelas

Me dê a mão!

Deixa eu te levar

Me deixa ser real

E te ajudar a ser feliz

Porque eu sou o seu fogo

Tudo que você quis

Tudo que você quis

Afrouxei o nó da gravata assim que entrei no meu apartamento, estava exausto, minha cabeça parecia que ia explodir. Fui direto para o meu quarto, precisava de um banho. Antes de entrar no banheiro meu celular tocou e tinha uma mensagem da Eduarda.

Eduarda: *Nosso jantar ainda está de pé?*

Arthur: *Com certeza, estou esperando você.*

Eduarda: *Cheguei em casa agora, vou só tomar um banho, chego em uma hora.*

Arthur: *ok.*

Bloquei o celular e fui para o banheiro.



Terminei de preparar o jantar e fiquei esperando a Duda chegar, ansiedade me definia naquele momento, minha mente tentava produzir as reações dela, mas nenhuma delas era boa.

— Eduarda, você vai me enlouquecer se não chegar logo.

Terminei a frase e a companhia do meu apartamento tocou. Eduarda tinha passe livre para subir sem ser anunciada, então presumi que fosse ela.

Me levantei, fui abrir a porta e ali estava ela linda, usando um vestido preto de renda, os cabelos presos em um rabo de cavalo e o costumeiro sorriso que sempre trajava quando não encarnava a temida advogada Eduarda Medeiros.

— Atrasei?

— No horário. — Dei passagem para entrasse e fechei a porta a seguir.

— Pelo cheiro você cozinhou.

— Sim, eu preparei algo para nós dois. Quer comer agora ou conversar primeiro?

— Vamos comer. — Falou. — Algo me diz que nossa conversa não vai ser tão agradável.

Apenas assenti e a guiei para cozinha.

Comemos em silêncio, Eduarda apenas fazia comentários esporádicos sobre o tempero. Quando terminamos de comer um silêncio caiu sobre nós, parecendo um presságio do que poderia acontecer.

— Bom, Arthur. — Ela apoiou os cotovelos na mesa e me encarou. — Sou toda ouvidos, pode começar.

— Não é um assunto fácil. — Comecei. — Tem a ver com meu passado, nosso presente e depois disso, nosso possível futuro.

Observei-a engolir em seco.

— Certo.

Me levantei, dei a volta na mesa e estendi a mão para ela. Eduarda pareceu em dúvida, mas colocou sua mão sobre a minha, puxei e a levei para frente do quarto que eu sempre pedi para que não entrasse.

— Arthur não precisa...

— Preciso, Eduarda, eu preciso fazer isso, você precisa entender meu passado se quiser fazer parte do meu presente e quem sabe construir um futuro ao meu lado.

Seus olhos se arregalaram em surpresa, mas ela apenas assentiu, criando coragem, abri a porta e dei passagem para ela, Duda entrou no cômodo devagar, olhando tudo, observando cada

detalhe. Notei que ela caminhou até o vestido de noiva pendurado na arara, tocou o tecido de maneira delicada. Caminhou até as fotos coladas na parede, fotos que mostravam tudo que a Paloma e eu vivemos, todo o amor que sentíamos um pelo outro.

Quando a Duda se virou para mim havia lágrimas em seus olhos.

— Eu sempre imaginei que você tinha tido alguém no passado, sabe, mas isso... — Ela fez um gesto com os braços, abrangendo todo o local. — Isso é um memorial, é como se você não quisesse seguir em frente, como se não quisesse esquecer. Como posso fazer parte do seu presente e tentar construir um futuro com você, se ainda vive no passado?

— Eu quero te contar toda a verdade, posso?

Ela se virou para as fotos e tirou uma da parede, analisando.

— Ela era linda.

— Sim, ela era. — Me aproximei dela.

— O que aconteceu, Arthur?

— Eduarda, de uma maneira que eu não faço ideia como, essa história, a minha história, está ligada ao caso da Jéssica, a boate.

Ela franziu o cenho e me encarou.

— Como ...

— Ela — apontei para a foto. — Se chama Paloma.

Eduarda arregalou os olhos e me encarou.

— Paloma... Paloma... Claro! A prostitua de luxo! Mas como?

— Quer se sentar?

Ela assentiu e saiu do quarto, eu só pedia a Deus forças para que ela me entendesse.

EDUARDA

Minha cabeça girava, eu queria entender e ao mesmo tempo tinha medo do que poderia vir a seguir, assim que me sentei no sofá olhei para ele.

— Pode começar. — Eu precisava da verdade, precisava dela de uma maneira aterradora.

— Eu conheci a Paloma no orfanato, eu tinha 11 anos e ela 14. Ficamos amigos, só que nossa amizade evoluiu e eu nos apaixonamos, foi inevitável, um amor de infância. Algo que eu não imaginava que pudesse acontecer. — Observei ele respirar fundo. — Quando eu tinha 15 anos, fui adotado, ela completaria 18 em alguns meses e estaria livre daquele lugar, no dia em que eu fui embora pedi para ela me procurar, ela disse que não sabia se voltaríamos a nos ver, mas eu não acreditei nela, algo me dizia que ela me procuraria, mas ela não o fez. Quando ela completou 18 anos eu fiquei esperando algum sinal, alguma mensagem, ligação, o que fosse, mas ela não apareceu. Nesse dia eu percebi que ninguém podia controlá-la, nem o garoto que ela dizia amar.

— Eu...

— Me deixa terminar antes de falar qualquer coisa.

— Ok.

— Eu a reencontrei 7 anos depois, mais linda do que nunca, mais ela tinha perdido aquele brilho no olhar, aquele sorriso que me encantava tinha desaparecido. Ela parecia fugir de mim, eu fui atrás várias vezes, até que uma noite nos rendemos um ao outro, matando toda a saudade que estávamos sentindo, depois desse dia eu só a vi no ano seguinte, quando ela estava fugindo e veio me procurar desesperada.

Arthur parou, respirou fundo, como se estivesse revivendo aquele dia. Eu estava inquieta, sem saber o que fazer, como agir, o que falar. Estava me sentindo uma inútil naquela situação.

— Foi nesse dia que eu descobri toda a verdade. — Fechei os olhos, apenas prestando atenção em sua voz. — Paloma havia se tornado uma prostituta de luxo, usava um colar com as iniciais...

— S&C. — Completei, agora eu olhava completamente para ele. Ele sempre soube do colar, sempre soube da boate, de tudo? — Você sabia?

— Eu sei o que a Paloma me contou, apenas isso. Ela não sabia de muita coisa também.

— Por que ela estava fugindo? A Débora falou que chegar ao estágio de prostitua de luxo na S&C é algo bem elevado.

— E era, por que desde os 15 anos ela era treinada para isso. — A voz dele se tornou gélida. — O antigo diretor do orfanato aliciava os menores, para que quando eles crescessem trabalhassem para eles.

Levei as mãos até a boca, eu não sabia o que dizer.

— Na época eu quis matar todos, quis vingar tudo que foi tirado da Paloma, mas ela não deixou, disse que não valia a pena, ela só queria esquecer e eu queria fazê-la esquecer.

Ele suspirou.

— Eu ainda era apaixonado por ela, naquele tempo nenhuma mulher despertou meu interesse igual ela fazia. Então eu a escondi, a mantive assim por uns dois meses, até termos certeza de que ela estava segura e ninguém mais estava atrás dela. — Ele se levantou. — Confesso que gostei de tê-la por perto, cogitei a hipótese de fugirmos, de irmos embora, nos casar em outro lugar. Paloma achou a ideia um absurdo, mas aceitou, ela aceitou se casar comigo. Ela já saía de casa sem medo, acreditávamos que *eles* haviam desistido de procurá-la, mas *eles* nunca pararam. Estávamos sendo

observados, sempre, a cada minuto, cada instante. Eu havia saído com o Guilherme para comprar uma aliança de casamento para dar a ela, aquela noite seria especial, ela havia saído para fazer os últimos ajustes do vestido de noiva, nunca a vi tão feliz, o sorriso dela estava de volta, assim como o brilho nos olhos.

“Naquele mesmo dia, em um jantar à luz de velas, eu a pedi em casamento, prometi que a amaria, que a protegeria e daria minha vida para ela se fosse preciso. Na hora de irmos embora do restaurante, eu esqueci meu celular em cima da mesa e voltei para pegar, deixando-a com a chave do carro para ir entrando. Não precisou de muito tempo, segundos depois eu ouvi o motor do carro arrancar e sair em disparada, corri para fora do restaurante, mas vi que a Paloma tinha sumido com o carro, e estava sendo perseguida por dois veículos. Eu fiquei desesperado, não tinha como fazer nada, não tinha como ir atrás, fiquei parado, era como se todos os músculos do meu corpo tivessem paralisados, meu cérebro não se comunicava mais com meus membros.”

“Quando finalmente saí da minha paralisia, liguei para o Guilherme e, imediatamente, ele e a Verônica chegaram. Meu irmão pegou a moto e saiu em disparada pelo caminho que os carros seguiram, alguns minutos depois ele ligou no celular da esposa. Havia tido um acidente alguns quilômetros à frente, um carro despencou da ribanceira e capotou.”

Arthur se calou e percebi que ele chorava, eu mesma tentava conter as lágrimas que ameaçavam cair. Em um impulso, me levantei e fui até ele, Arthur me olhou e vi um homem quebrado, um homem que se escondia por trás de uma máscara, que tentava a todo custo esconder os cacos de seu coração. Abri os braços lentamente e, mesmo em dúvidas e passos lentos, ele se aproximou de mim e me abraçou. Ouvi Arthur chorar, os sons de seu choro sendo abafados pelos meus cabelos, suas mãos prendiam minha cintura, como se eu fosse sua válvula de escape. Aos poucos fomos escorrendo aos poucos, até ficarmos ajoelhados, ele me abraçando e derramando toda a sua dor, toda a angústia que carregava, todo o medo. Eu tentei segurar meu próprio choro, mas era impossível, aos poucos me sentei no chão e ele deitou a cabeça em meu colo, ainda via as lágrimas escorrendo pelo

seu rosto. Aquilo me doeu, aquilo me matou porque ele sofria há 12 anos, a porcaria de 12 anos e nunca havia desabafado com ninguém sobre sua história, sobre sua vida.

— Eu sinto muito. — Falei, depois de um tempo.

— Era para eu estar naquele carro, Eduarda, eles me queriam morto.

— Foi uma fatalidade.

— Não, não foi, eles sabiam que eu iria dirigir, quem sabe o que teria acontecido. Os freios do carro foram cortados, eles queriam dar um fim em mim ou nela. Naquele dia, parte de mim morreu.

— Sinto muito. — Estendi minha mão para ele, que a apertou e suspirou.

— Só que tem mais uma coisa, Eduarda, e isso é mais complicado do que tudo.

O que poderia ser pior do que tudo isso que ele me contou?

— A Paloma não está morta.

Paralisei.

Pisquei algumas vezes, abri a boca tentando falar algo, mas eu não conseguia formar uma frase coerente.

A Paloma... Viva?

— Como...

— A Paloma entrou em coma devido a gravidade do acidente. — Arregalei os olhos. — Tem 12 anos que ela está deitada em uma cama, ligada a aparelhos e sem probabilidade nenhuma de acordar.



CAPÍTULO 19

Eduarda

É que a gente quer crescer

E, quando cresce, quer voltar do início

Porque um joelho ralado

Dói bem menos que um coração partido

Era uma vez - Kell Smith

A Paloma não está morta.

A Paloma não está morta.

A Paloma não está morta.

A frase ecoava em minha cabeça como se fosse um CD arranhado. Pisquei algumas vezes para tentar discernir o que ele queria dizer com isso, mas eu não conseguia raciocinar. Encarei Arthur e vi seus olhos cheios de temor, medo.

Me levantei devagar e caminhei até a janela da sala, precisava de um ar. A afirmação não queria se formar na minha mente, eu não queria ter que proferir esses pensamentos em voz alta, não queria sequer imaginar, mas não dava, simplesmente não dava.

— Duda...

— Não fala nada, Arthur, eu preciso pensar, preciso tentar entender e não posso fazer os pensamentos da minha mente se tornarem reais.

Eu não podia ser amante.

Eu não podia ser amante.

Eu não podia ser amante.

Eu não podia ser amante.

Era isso que eu repetia várias e várias vezes, na falsa tentativa de me convencer disso.

— Você nunca foi minha amante, Eduarda, sei que é isso que se passa na sua cabeça.

— Não? Tem certeza disso? — Coloquei as mãos na cabeça e comecei a andar de um lado para o outro, como se pudesse colocar os pensamentos em ordem.

— Tenho, será que pode me escutar? — Olhei para ele.

— Arthur, eu preciso pensar, você não pode jogar essa bomba em mim e achar que vai ficar tudo bem, porque não vai!

— Eu sei que não vai, droga, eu sei disso. — Ele tentou se aproximar de mim, mas eu impedi com apenas um balanço de cabeça.

— Por favor, eu preciso ficar sozinha, preciso respirar. — Pausei, quando ele enfim percebeu que eu realmente estava falando sério. — Preciso ficar longe de você até entender tudo o que está acontecendo.

— Eu entendo você, por mais que eu queira te contar tudo, você precisa absorver isso primeiro.

— Sim, eu preciso, me desculpe.

— Não peça desculpa por um erro que não é seu, o erro aqui é exclusivamente meu, deveria ter contado quando nos envolvemos anos atrás.

Caminhei até a minha bolsa e fui até a porta, mas antes me virei para ele.

— Eu não te odeio, Arthur, eu acredito em você, mas nesse momento, para te entender, entender sua dor, eu preciso por minha cabeça e meu coração no lugar. — Suspirei e tentei controlar as lágrimas. — Eu preciso pensar longe de você, só isso.

— Quando estiver melhor me liga, eu vou estar esperando, seja a hora que for.

Assenti, me virei e saí, batendo a porta atrás de mim.



Dirigi.

Apenas dirigi.

Sem rumo, sem saber para onde ir.

Eu queria explodir, queria sumir, queria jogar tudo para o alto, queria matar o Arthur, queria bater naquele filho da mãe até não poder mais. Mas ao mesmo tempo queria consolá-lo, queria ajudá-lo a segurar essa barra, porque não deveria ser fácil.

Com certeza eu era burra, uma idiota você deve pensar, mas era uma droga, porque a gente não pode escolher por quem vamos nos apaixonar.

INFERNO.

EU ERA COMPLETAMENTE APAIXONADA POR ARTHUR BRANDÃO.

Irrevogavelmente apaixonada por ele.

Maldito juiz envolvente.

O que eu podia fazer? No início pensei que era apenas atração, sempre foi atração para mim, mas desde que aquele infeliz cruzou minha vida eu sabia que jamais encontraria outro homem que eu desejasse na mesma proporção que ele, eu sabia que nunca alguém me faria tremer dos pés à cabeça como ele faz apenas me olhando.

Freei o carro bruscamente.

A rua deserta, iluminação fraca.

Eu estava sozinha.

Meu coração gritava e sangrava na mesma proporção.

Uma dor tomava conta do meu ser, eu queria ser forte, mas eu não era. Eu era fraca, medrosa e completamente burra, por ser apaixonada por ele. Porque no fundo, bem lá no fundo, eu sabia que ele nunca me amaria igual amava a Paloma, ele nunca seria completamente meu, mas eu seria completamente dele, e esse fato ninguém jamais mudaria.

ARTHUR

Minha vida era uma droga, eu já não sabia mais o que fazer ou o que pensar.

Quando a Eduarda saiu desse apartamento, senti que eu jamais teria o amor dessa mulher.

Você não merece que ela o ame.

E não merecia, nem um pouco.

Eduarda merecia um homem que não tivesse um passado tão obscuro como o meu.

Nunca, jamais eu pensei nela como minha amante, eu não queria que ela pensasse isso. Eu não teria coragem.

Um ano após o acidente da Paloma decidi romper todos os laços que nós dois tínhamos, em uma conversa, que foi um monólogo, falei que nunca deixaria de amá-la, que não deixaria de cuidar dela nem por um instante, mas nossos laços amorosos estavam cortados e que, se algum dia, ela despertasse eu voltaria para ela.

Bom 12 anos se passaram e ela não tinha acordado.

Então eu conheci a Eduarda e eu me encantei, me encantei de uma forma que me fez ter medo, medo de entregar a ela um coração tão quebrado feito o meu. Mas eu não resisti, como poderia? Eu estava completamente hipnotizado por sua beleza, pela forma que ela me provocava.

Eu me apaixonei por ela, mas não era digno de fazê-la se apaixonar por mim, ainda havia partes de mim que estavam presas ao passado, preso em uma cama de hospital. Eu jurei a mim mesmo que pegaria quem havia deixado Paloma dessa maneira, a verdade era que haviam se passados anos e anos e eu nunca obtive uma resposta sobre o acidente.

Nada.

Absolutamente nada.

Era uma droga ficar no escuro dessa maneira.



Não dormi, não vi a hora que o meu celular despertou, apenas fiquei onde passei a noite, sentado no chão da sala, olhando para o nada e com a cabeça rodeada de mil pensamentos.

Eu não tinha forças para levantar, não tinha forças para começar mais um dia como se nada estivesse acontecendo. Se eu pudesse, ficaria aqui o dia inteiro, sentado nesse chão.

Devo ter ficado mais de uma hora aqui, porque meu celular começou a tocar insistentemente, me obriguei a me esticar e procurar o bendito aparelho, vi o nome do Guilherme e ponderei se deveria atender ou não.

Rejeitei a chamada, mas ele tornou a me ligar. Resolvi atender logo, antes de vê-lo bater aqui.

— O que foi?

— *Pensei que estivesse no escritório.*

— Eu não estou com cabeça para o trabalho hoje.

Ele ficou em silêncio, mas o ouvi suspirar.

— *Contou para a Duda, não foi?*

— Eu só queria que ela tivesse entendido, mas eu sei que é complicado para ela, é complicado para mim que vivo nessa merda há 12 anos, não posso pedir para ela aceitar tão facilmente.

— *Posso fazer uma pergunta? É algo que já quero descobrir a um tempo.*

— Faça, não posso te impedir mesmo. — Respondi, a contra gosto.

— *O que você sente pela Eduarda, se iguala ao que você sentiu pela Paloma?*

Eu parei. Se igualar? Não, jamais, não chegava perto.

Paloma foi meu primeiro amor, um amor de infância que esteve comigo por boa parte da

minha vida, nosso amor era calmo, eu me sentia gravitando quando estava com ela.

Eduarda era totalmente o oposto, ela me irritava e me fazia desejá-la na mesma intensidade, cada molécula, átomo, partícula e célula do meu corpo reagia a ela, reagia a sua voz, seu sorriso, seu corpo. Nós dois éramos uma verdadeira explosão juntos, opostos e ao mesmo tempo iguais.

Fogo e gasolina.

Opostos perfeitos.

Ela era meu encaixe, meu número, sabia que ela estaria sempre preparada para qualquer tipo de aventura, ela sempre estaria pronta para mim, em todos os sentidos, formas e maneiras.

Isso era estar apaixonado?

Isso era amor?

Por que se fosse, eu estava afogando em um amor profundo e completamente diferente de tudo que eu já tinha vivido.

Se isso era amor, eu não pretendia jamais parar de sentir, essa onda de emoções que crescia no meu peito a cada vez que eu a via, ou pensava nela, apenas a menção de seu nome fazia meu coração disparar de uma maneira incontrolável.

Se isso era amor, eu estava perdido dentro dele e não queria ser encontrado.

Se isso era amor, eu precisava mostrar a ela que nem o meu passado seria capaz de parar o que eu sentia.

— *Arthur, você ainda está aí?* — A voz do Guilherme me chamou de volta a realidade.

— Eu a amo, Guilherme. Amo a Eduarda, mas é totalmente diferente do amor que eu sentia pela Paloma, tem como amar duas pessoas de maneira tão diferente assim?

— *Se você está dizendo que ama, então sim, tem um jeito.* — Podia apostar que ele estava

sorrindo. — *Acho que algumas pessoas são privilegiadas, sabe, podem estar destinadas a ter dois amores, duas paixões avassaladoras, que mudam completamente a vida da gente. Você é esse cara, viveu um amor lindo com a Paloma, eu vi isso, vi o quanto eram apaixonados, mas isso foi tirado de você, mas vejo também o amor pela Duda, por mais que vocês desconverssem sobre isso, eu vejo o quanto a ama e tudo que faria para que nada de ruim acontecesse a ela. São amores diferentes sim, enquanto um era calmo esse é explosivo, enquanto um era manso e te deixava feliz, esse te leva ao limite, te deixando desnortado. Então sim, meu irmão, existem dois tipos de amores e você foi um filho da puta sortudo por poder sentir os dois.*

Fiquei sem saber o que falar depois desse discurso dele, eu sabia que ele estava certo, eu só precisava fazê-la acreditar nisso, acreditar que meu futuro era ao seu lado, que minha vida não existia sem ela.

A campainha tocando ininterruptamente chamou minha atenção.

— Obrigada, Guilherme. — Me levantei. — Depois nos falamos.

Encerrei a chamada e fui abrir a porta, minha surpresa foi ver a Eduarda parada ali. Seus olhos inchados indicavam que ela esteve chorando, vestia a mesma roupa de ontem, presumi que não passou em casa. Só de pensar que ela passou a noite dirigindo e chorando por minha causa, fez meu estômago se retorcer. Odiava vê-la sofrer, odiava ser eu o causador desse sofrimento.

— Eduarda...

— Eu odeio você, Arthur. — Ela disse.

Nesse momento meu mundo caiu e as palavras dela se repetiam em minha mente.

Eu odeio você, Arthur.

Eu odeio você, Arthur.

Eu odeio você Arthur.



CAPÍTULO 20

Eduarda

Você, Bela página De um velho livro...

Não vou mais te esquecer...

Assim, morre outra vez meu coração

Nessa estrada onde eu caminho só

E o céu que se abriu pra gente se amar,

Ficou cinza e de repente se escondeu de nós

Onde a gente se perdeu?

Queria tanto achar...

E me lembrar... Eu só queria te amar"

Eu só queria te amar - Laís Yasmin

Arthur, me olhava como se estivesse sofrendo, mas ele não sabia que a dor maior estava em

mim, tudo doía. Estava completamente despedaçada, estava perdida.

Sofrer por amor era uma droga, ninguém merecia passar por isso.

— Me odeia? — Sua voz era um sussurro rouco, isso fez meu coração se apertar.

Eu odiava? Sim, muito. Mas também o amava na mesma proporção, tinha como existir isso?

Ódio e amor caminham juntos. Minha mente gritou e eu gritei por dentro, se eu pudesse, se eu soubesse que tinha a mínima chance dele me amar eu diria que o amo também, falaria que era apaixonada por ele, mas eu não podia, sabia que jamais seria correspondida dessa forma, não enquanto ele estivesse ligado ao passado, eu merecia mais, eu merecia ser feliz.

EU

MERECIA

UM

AMOR

POR

INTEIRO.

Arthur não seria capaz de me dar esse amor, por mais que me doesse, por mais que isso acabasse comigo. Não podíamos continuar com essa relação, não fazia bem para nenhum de nós dois, apenas sofreríamos, como estamos agora.

— Eu... — Minha voz saiu rouca e eu limpei a garganta para recuperá-la. — Vim terminar tudo com você, Arthur, não podemos ficar mais nessa relação, não podemos mais viver desse jeito, a partir de hoje você e eu não teremos mais nenhuma relação que não seja profissional.

— Duda...

— Não vamos fazer isso se tornar ainda mais difícil do que já está sendo, Arthur.

— Você não me ouviu... — Ele tentou se aproximar de mim, mas me afastei.

— Ouvi sim! — Abracei a mim mesma. — Não posso fazer isso com você, não posso fazer isso comigo. Não tenho carga emocional para aguentar seu passado rondando a gente como se fosse um fantasma. Não dá para mim!

— E se eu disser que...

— Arthur! — Ele me olhou, me olhou como se eu tivesse destruído o seu mundo, mas mal sabia ele que o mundo destruído era o meu. — Não adianta dizer e não provar, palavras vazias sem ações não significam nada.

Ele olhou para baixo, percebi seus ombros caírem.

— Queria ser o suficiente para você. — Ele voltou a me encarar. — Ainda quero ser o suficiente para você, eu vou te provar Eduarda que vale a pena me ter na sua vida.

Eu deixei as lágrimas caírem, já não ligava mais se ele as via ou não. Senti suas mãos em meu rosto.

— Eu sei que você precisa de tempo. — Fechei os olhos, não me fazia bem sentir sua proximidade. — E eu vou te dar esse tempo, mas, Eduarda, jamais duvide que o que eu sinto por você não seja verdadeiro, porque, por mais que meu passado seja complicado, nunca senti o que sinto por você.

Ele se afastou e eu abri os olhos, o encarei mais uma vez e engoli em seco.

— Adeus, Arthur.

Me virei para acionar o elevador. Pareceu uma eternidade até ele chegar em seu andar. Podia sentir seus olhos em minhas costas, eu lutava contra mim mesma, pois meu desejo era ignorar tudo e ir atrás dele, gritando que o amava e que eu seria forte por nós dois, mas eu não era, nunca seria.

O elevador chegou, entrei e acionei o térreo.

Arthur ainda me observava, a porta do elevador se fechou, mas eu o vi mexer os lábios e eu juro, com todas as minhas forças que li a frase.

“Eu te amo”.



Eu queria jogar meu coração fora, queria arrancá-lo peito e esquecer que existe o amor, esquecer tudo que vivi durante todos esses anos, esquecer que ele existia. Se eu pudesse, voltava para época em que havíamos nos conhecidos, voltava para lá e faria tudo diferente.

Parei o carro em frente à casa da minha amiga, esperava do fundo do coração que a Bruna estivesse ali, eu precisava dela mais do que qualquer coisa naquele momento.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem.

Duda: *Está em casa?*

Ela estava online e respondeu logo em seguida.

Bruna: *Sim, só vou trabalhar a tarde.*

Duda: *Preciso de colo agora, pode ser minha amiga e me ouvir chorar?*

Bruna: *Meu Deus! Claro que eu posso, onde você está estou indo agora.*

Duda: *Estou na sua porta, só me deixa entrar.*

O portão da garagem imediatamente se abriu, joguei meu celular no banco e guiei o carro para dentro.

Assim que estacionei, a vi vindo ao meu encontro.

— Meu Deus, Duda! O que aconteceu com você?

Eu não consegui esperar ela se aproximar de mim, desabei ali mesmo e fui amparada por seus braços.

Céus, por que doía tanto?

— Ah, minha amiga, porque o amor doí tanto, Bruna? Por que amar doí? Por que sinto que estou prestes a morrer por causa disso? Por que eu tenho que sofrer por amor?

Despejei tudo nela e comecei a chorar ainda mais, eu estava acabada, arrasada, quebrada.

Acabei perdendo as forças nas pernas e caí no chão, Bruna se ajoelhou e ficou abraçada ali comigo, alisando meus cabelos, enquanto eu me perguntava porque eu me apaixonei por ele.

Mas eu não tinha a resposta para nenhuma dessas perguntas.

ARTHUR

Então era assim que ficava um homem quando tinha seu coração partido, como se tivesse perdido toda a razão de viver. Eu pensei que havia sofrido com a situação da Paloma, mas essa dor, essa angústia dentro de mim jamais se compararia ao que senti no passado. Meu coração havia sido esmagado como se não fosse nada, como se eu não tivesse sentimentos, como se eu fosse um Nada.

E, porra, doía *pra* caralho.

Eu não queria que ela fosse embora daquela maneira, não queria que ela me deixasse, não queria que ela desistisse de nós, mas eu não podia obrigá-la a acreditar em mim, nem nas palavras que eu dissesse.

Me sentia um lixo, queria desaparecer, queria deixar de existir.

Caminhei até o meu quarto, tirei toda a roupa durante o percurso e entrei no banheiro, liguei o chuveiro na água gelada e entrei ali debaixo. Deixei que minhas lágrimas se misturassem com a água, queria que ela levasse a dor que eu estava sentindo embora, queria que ela me deixasse sem emoções, queria parar de sentir.

QUERIA

QUE

PARASSE

DE

DOER.

Me sentei no chão e gritei.

Gritei porque eu queria extravasar a dor que eu estava sentindo, queria que ela fosse embora de alguma maneira.

Encostei a cabeça na parede, enquanto a água caía em cima de mim.

— Por que o amor tem que doer tanto, Deus? Por quê?



— Arthur? Arthur, você está aí? — Essa era a voz do Fernando, mas eu não tinha forças para responder.

— Arthur! — Esse era o meu irmão, por que eles, simplesmente, não iam embora e me deixavam em paz?

— No banheiro, Guilherme. — Fernando disse e eu queria expulsá-los daqui, queria ficar sozinho com minha dor, queria morrer com ela.

— Caralho, Arthur, levante desse chão. Meu Deus! — Guilherme desligou o chuveiro e me puxou, mas eu não tinha forças para ficar de pé. — Fernando, ajuda aqui!

Fernando apareceu e os dois me seguraram, me levando para o meu quarto e me colocando na cama.

Eu queria mandá-los embora, queria falar, queria brigar com eles, queria que me deixassem em paz, mas eu não tinha forças.

— Arthur, você não pode ficar desse jeito.

— Guilherme tem razão, sei que você está sofrendo, mas não pode entregar os pontos dessa maneira cara, não pode desistir dessa forma.

— Eu a amo, vocês não entendem isso.

— Entendemos, cara. — Fernando falou. — Sabemos que vocês dois estão sofrendo, mas vocês precisam de tempo, precisam pensar. As coisas vão se resolver, você vai ver.

— Não vão, eu estou sentindo isso. Eu a perdi para sempre, a Eduarda nunca vai voltar para mim, se é que ela já foi minha alguma vez. Ela é o espírito mais livre que eu conheço, linda e determinada, ela merece alguém que não tenha um passado como meu.

— Você é o homem que ela ama, Arthur, só você não vê isso, mas você precisa reagir, não é aí, deitado nessa cama, que você vai provar para ela que é merecedor do seu amor. — Guilherme falou.

— Eu não sei se consigo. — Encarava o teto, com mil pensamentos na cabeça.

— Consegue. — Fernando afirmou. — Só deem um tempo e coloquem a cabeça no lugar,

vocês precisam disso mais do que ninguém, sei que vocês dois vão se acertar.

Eu permaneci calado, mas eu pedia, do fundo meu coração, para que estivessem certos, porque se não existisse mais nenhuma possibilidade de termos algo, eu perderia minha alma, igual estou perdendo meu coração.



CAPÍTULO 21

Guilherme

Mentes tão bem

Que parece verdade,

o que você me fala

Vou acreditando

Mentes tão bem

Que até chego a imaginar, que não quer me enganar

Que me ama de verdade

Mentes tão bem

Mentes tão bem - Zezé de Camargo e Luciano

Eu sabia que meu irmão estava sofrendo, já o vi sofrer tantas vezes que pensei que já havia me acostumado com esse aperto dentro do meu peito toda vez que o via assim, mas não, ele sempre

estava ali.

Respirei fundo e apertei o volante, encarando o trânsito à minha frente.

Meus pensamentos foram para minha esposa, eu pedi forças para Deus, porque não seria fácil, nunca era fácil, mas dessa vez eu não poderia fazer nada diferente.

— A Júlia mandou mensagem. — A voz de Fernando me tirou dos meus pensamentos, olhei-o por uns segundos, mas logo voltei minha atenção para a estrada. — Está indo para a casa da Bruna, a Eduarda não está nada bem.

Suspirei novamente.

— Sabia que ela iria ficar arrasada quando soubesse a verdade.

— Nem eu acreditei quando você me contou.

— Arthur não parece que sofreu tanto assim, não é? — Divaguei. — Tão sério, centrado, mas ninguém imagina o quanto meu irmão sofreu, e ainda sofre, por isso.

— Realmente, é algo surreal.

— Eu queria poder dizer para ele que a Paloma vai acordar, apesar dele dizer saber que isso é improvável de acontecer, eu sei que lá no fundo ele ainda tem esperança de que isso aconteça.

— Mesmo amando a Eduarda?

— Mesmo amando a Eduarda, no fundo se existisse uma possibilidade de a Paloma voltar, ela não ficaria com meu irmão, não de novo.

— Por quê?

— Uma das características da Paloma era, e sempre será, desapego. Ela pode amar o meu irmão na maior intensidade que conseguir, mas ela não ficaria com ele, não quando a Eduarda está em jogo.

— E o seu irmão?

Ponderei, o que Arthur faria? Mas eu sabia a resposta, conhecia ele como a palma da minha mão.

— Por mais que a Paloma seja o amor da infância dele, e que ele não entenda os motivos dela, ele vai escolher a Eduarda, sempre vai ser ela.

— Espero que ela o perdoe.

— Ela vai, eles só precisam de um tempo.

Permanecemos em silêncio, eu sabia que ele queria perguntar mais alguma coisa, conhecia-o bem demais para saber disso.

— Vai mesmo fazer *isso*? — Não disse?

— Sim, já está tudo pronto.

— Deveria contar para a Verônica.

— Ela vai saber na hora certa. — Apertei os dentes, essa decisão ainda acabava comigo.

— Cara, ela é sua esposa, está com você desde que eram adolescentes e agora quer esconder esse fato dela?

— Você não entende, Fernando, é para o bem dela.

— Bem dela? — Ele riu, mas não havia humor ali. — A Verônica é a policial mais durona que eu conheço, coloca medo em qualquer homem apenas com um olhar, acha mesmo que ela não vai ficar do seu lado e te entender?

— Eu sei que ela iria, mas não é só isso, Fernando e você sabe.

— Já a conheceu?

— Não, ela chega da França hoje. — Apartei as mãos contra o volante, eu estava com medo essa era a verdade, e por conta desse medo estava mentindo para minha esposa pela primeira vez.

— Bom, — Ele continuou. — Espero que saiba o que está fazendo, de verdade, porque vai ser a minha mulher que vai ajudá-la a se reerguer quando toda a verdade cair no colo dela.

Parei o carro em frente ao prédio que ficava seu escritório.

— Eu vou fazer o possível para que as coisas não extrapolem.

— Essa, Guilherme, é a atitude mais burra que você já tomou, apenas tome ciência disso. — Dito isso, ele desceu do carro e eu toquei para a delegacia.



No momento em que cheguei na delegacia, a Sandra, recepcionista, me informou que a delegada estava me esperando em sua sala.

Caminhei até lá já sabendo sobre o que ela queria falar. Bati na porta e entrei logo em seguida.

Geovana estava analisando alguns papéis e então levantou os olhos para mim.

— Guilherme, que bom que chegou. — Ela tirou os óculos e apontou para a cadeira em sua frente. Me sentei e a encarei.

— Queria falar comigo?

— Sim, sua viagem já tem data marcada.

— Pra quando? — Perguntei.

— Daqui um mês. — Arregalei os olhos. — Já? Pensei que demoraria um pouco mais.

— Não, não podemos demorar mais, temos que agir logo, Georgia acabou de chegar da França.

Murmurei algo incompreensível e a delegada arqueou a sobrancelha.

— Sei que não está contente com a situação, mas não podemos mudar o plano.

— Eu sei.

— Você é o nosso melhor agente em campo, Guilherme, vai dar tudo certo. Confiamos em você.

— Agradeço o voto de confiança, Geovana. — Ela sorriu para mim e estendeu uma mão para mim.

— A Verônica vai entender, tenho certeza disso.

— Espero que sim. — Soltei sua mão e me levantei, a porta foi aberta de supetão e uma morena entrou, usava óculos escuros, macacão preto, uma bota alta e um batom vermelho destacava seus lábios.

— Cheguei atrasada? — Ela tinha um leve sotaque francês, mal dava para perceber.

— Que maravilha. — Observei Geovana se levantar e ir abraçar a mulher, depois se virar para mim. — Guilherme, conheça Georgia, Georgia, esse é o Guilherme, seu parceiro.

Ela tirou os óculos escuros, me apresentando olhos incrivelmente azuis.

— Prazer, Guilherme, será uma honra trabalhar ao seu lado.

Apertei sua mão.

— Georgia, a honra será minha. — Ela sorriu ainda mais e voltou a olhar para a delegada.

— Estava morrendo de saudades, tia.

— Eu também, meu bem. — Elas se abraçaram novamente e eu resolvi sair da sala.

Entrei no meu escritório e praticamente me joguei na cadeira.

Deus, espero não estar cometendo a maior burrada da minha vida.



CAPÍTULO 22

Eduarda

Mais um dia triste

Me pego outra vez pensando em você

Não dá pra evitar

O seu olhar me disse

Que ainda há tanta coisa pra se entender

Pra que controlar

Paz é tudo que eu venho tentando encontrar

Mas me vem a saudade fazendo lembrar

Tentei evitar

Tentei esquecer tudo o que me lembra você

Tentei não te amar

Mas olho no espelho e nada de me reconhecer

Eu queria muito descobrir de onde surgiam tantas lágrimas, porque, quando parecia que eu iria me acalmar, eu começava a chorar novamente, esse ciclo estava me deixando nervosa, aflita, irritada.

— Amiga...

— Não, Júlia, não adianta, eu não consigo. — Falei, minha voz se tornando chorosa de novo.

Estava com a cabeça apoiada nas pernas da Bruna e ela acariciava meus cabelos, eu só queria esquecer, sério, eu queria muito, muito esquecer Arthur Brandão de uma vez.

— Eduarda. — Bruna chamou, ignorando as lágrimas que teimavam escorrer em meu rosto, levantei a cabeça de seu colo e olhei para minha melhor amiga. — Sei o que você está sentindo aí dentro, sei que está doendo, sei que você precisa de um tempo, precisa colocar as coisas no lugar, colocar seu coração no lugar, mas não se afaste amiga.

— Por que? Estou me afastando justamente para não sofrer!

— Porque... — Encarei a porta e vi a Verônica entrando no quarto. — Você é a única mulher capaz de curar todas as feridas do Arthur.

— E quem vai curar as minhas?

Ela sorriu, e veio se sentar ao meu lado.

— Ele, um precisa do outro, Eduarda.

— Você sempre soube, não é? Sempre soube dela.

— Sim. — Assentiu. — Mas não cabia a mim contar, Duda.

Abaixei os olhos e encarei minhas mãos.

— Como ela era? — A pergunta saiu sem minha permissão.

— Ela era linda, não vou mentir, o tipo de mulher que tinha o espírito livre, o tipo de mulher que você olha e pensa que quer ser igual, não a conheci muito bem, na época em que ela voltou para o Arthur eu estava grávida e passava pelos meus próprios problemas, mas eu via a alegria nos olhos do meu cunhado, eu via a forma que ele vivia, como se o mundo fosse dela.

Mais uma lágrima caiu pelo meu rosto e eu respirei fundo.

— Verônica, chega...

— Não, Duda. — Ela apertou minha mão. — Você precisa saber. Arthur amava aquela mulher que eu pensava que nada seria capaz de abalar a relação deles, se ela pedisse o dia, ele lhe entregava a noite também. Mas isso mudou, em um piscar de olhos ela foi tirada dele e toda a felicidade que ele transmitia com o olhar sumiu, morreu e ele não fez nada para trazer isso de volta, ele se entregou a dor e ficou preso nela, fechado, sem saber como sair de seu próprio mundo.

“Mas então você apareceu, e quando o Arthur te apresentou eu vi ali, naquelas intrigas e brigas bobas que vocês dois protagonizavam a chance do meu cunhado voltar a vida e não me enganei, porque eu via vocês cada vez mais ligados e cada mais vez íntimos, eu queria que ele lhe contasse a verdade, mas ainda não era hora, tínhamos que esperar mais um pouco, mas você era a luz que ele precisava em meio a escuridão em que estava.

“Então vocês se separaram, e não pense que não sabíamos que vocês tiveram um caso no passado, na época em que era estagiária dele, porque era impossível não notar, tentei entender o que tinha acontecido, mas ele não falava e o Guilherme não sabia, então deixei de lado, mas ele voltou do Canadá e eu vi, aliás todas vimos, aquela chama, fogo, paixão e desejo que ainda sentiam um pelo

outro.”

“Mas o destino é traiçoeiro amiga e colocou você em um caso ligado ao passado dele, o presente de vocês e um possível futuro em que estejam juntos, Paloma era prostituta de luxo da S&C e foi vítima de um atentado, que não sabemos se era para ela, Arthur ou os dois. Apesar de ele afirmar fielmente que era para ele, eles queriam a Paloma viva, a polícia está tentando encontrar algo que ligue a tentativa de assassinato da Paloma com a morte da Jéssica, mas não encontramos nada.”

“Não sei o que você vai decidir daqui pra frente, se vai esquecê-lo ou se vai dar uma nova chance a ele. Ele está sofrendo igual você, talvez até mais, porque ele já esteve nesse limbo que se encontra agora, ele já sofreu isso, mas nesse momento está sendo mil vezes pior. Não estou falando isso para te pressionar ou para te fazer tomar uma decisão de cabeça quente, mas coloque tudo na balança e veja o que vale a pena ser feito agora, sei que não quer sofrer e colocar seu coração em risco, mas o que seu coração está dizendo? O que ele quer? Não sua mente, porque nessas horas eles dois não concordam em nada, o que o seu coração está pedindo para você fazer?”

Pisquei uma, duas, três, vezes.

Maldito coração que quer sofrer!

Me levantei e fui atrás da minha bolsa.

— Aonde você vai? — A voz da Júlia não me fez parar.

— Preciso ficar sozinha. — Murmurei.

— Não está em condições de dirigir desse jeito. — Bruna falou.

Me virei para as três ali, me olhando com apreensão e medo do que eu poderia fazer.

— Eu estou bem, vou pra casa, preciso pensar, ficar sozinha, por mais que meu coração grite e implore para eu ir atrás dele, eu não posso, não agora, eu preciso de um tempo.

— Vai atrás dele? — Bruna questionou.

— Eu o amo, Bruna, eu o amo incondicionalmente, mas não sei se ...

— Tem carga emocional para lidar com o passado dele. — Ela disse, me interrompendo. Se levantou e segurou minhas mãos. — Há cinco anos eu pensei a mesma coisa, no dia da minha formatura em que eu deixei o Fellipo voltar para a Inglaterra e fiquei aqui. Eu não tinha essa carga emocional para enfrentar os medos e o passado dele, mas você, Duda, você é a mulher mais forte e decidida que eu conheço, se tem alguém que aguenta todo esse peso do passado, essa bagagem que o Arthur carrega, esse alguém é você, amiga, apenas você consegue lidar com tudo, por vocês dois.

Eu já estava chorando de novo, ela me abraçou e logo depois as meninas entraram no abraço também. Me afastei delas e enxuguei as lágrimas.

— Vou ficar bem, podem me ligar a qualquer momento, só preciso ficar sozinha.

Elas me olhavam como se quisessem saber se eu faria isso mesmo, dei um sorriso fraco para elas e me virei para ir embora.



Cheguei em casa e vi meu irmão sentado no sofá, mexendo no celular, ele me olhou e rapidamente largou o aparelho, vindo correndo até mim.

— Eduarda, o que aconteceu? — Segurou meu rosto em suas mãos e me fitava, desesperado.

— Provavelmente eu me apaixonei e estou sofrendo por amor. Nesse momento tenho um coração partido em milhares de caquinhos e não sei o que fazer para ele ficar inteiro novamente.

Então eu chorei novamente e ele me apertou em seus braços.

— Pode chorar, maninha. — Sussurrou. — Chorar faz bem e alivia a alma. Chore o quanto quiser que quando estiver pronta para conversar estarei aqui para ouvir você.

Um soluço alto escapou dos meus lábios e me perguntei porque o amor doía tanto.



UMA SEMANA DEPOIS

Acabada.

Parecia que eu não existia mais, eu não enxergava mais a temida Eduarda Medeiros. Agora, eu via uma mulher mais magra, com olheiras, rosto pálido. Eu não comia direito, não dormia, mal prestava atenção no meu trabalho. Chorava todas as vezes que a imagem do Arthur vinha em minha mente.

Fazia uma semana que não nos falávamos, mas minhas amigas fizeram questão de dizer que a situação dele era praticamente a mesma, mais magro, abatido, olheiras.

Encostei a testa no espelho e amaldiçoei meu coração por clamar por ele tão desesperadamente, por pedir pelo seu carinho, seu toque. Enquanto minha mente gritava para eu esquecer e preservar o que restava do meu coração, que mesmo sangrando, ansiava por aquele homem.

— O que eu tenho que fazer? — Perguntei ao meu reflexo.

A imagem dele veio em minha mente, mais forte do que das últimas vezes, mais nítida. Respirei fundo e fechei os olhos, impedindo uma nova crise de choro, estava vestida para ir ao trabalho, peguei meu celular e disquei o número da Marta.

— *Sim, Eduarda?*

— Não irei pro escritório essa manhã.

— *Aonde a senhora vai?* — Sua voz indicava esperança.

— Tentar reconstruir meu coração.

Desliguei, peguei minha bolsa, a chave do carro e saí do meu apartamento, decidida a falar com Arthur.



CAPÍTULO 23

Arthur

A vida sempre coloca a gente em perigo

E você com certeza é o meu preferido

É só um toque seu

Hum... já era!

Já era de se esperar, não é?

Quem se faz de forte costuma ter medo da dor

Mas olha que loucura, né?

Te vi e os meus olhos mudaram de cor

Antes da gente dar nome já era pra sempre

E eu com medo de ser

Mas quando eu falo de amor por aí,

é pensando em você

Eu não conseguia me concentrar, não conseguia pensar, não conseguia sequer fazer minha mente parar de pensar na Eduarda. Eu estava ficando louco, ela estava me deixando louco.

Passei as mãos nos cabelos e tentei, pela milésima vez, me concentrar, mas sempre era em vão.

Estava foda, literalmente.

— Porque o amor tem que ser tão difícil? — Essa era a pergunta que eu fazia todos os dias, todo santo dia.

Peguei meu celular para mandar uma mensagem a Jaqueline, mas parei ao ouvir gritos do lado de fora.

— *Eu preciso falar com o Arthur!*

— *Senhora, ele foi bem claro quando disse que não queria ser incomodado.*

— *Foda-se, eu irei falar com Arthur e não é você quem vai me impedir.*

— *Eu terei que chamar a segurança.*

Me levantei às pressas, eu reconheceria essa voz em qualquer lugar do mundo. Abri a porta da minha sala no exato momento em que a Duda tentava passar pela minha secretária.

— Dr. Eu não queria atrapalhar o senhor, mas é que a doutora Eduarda está fazendo um escândalo e ...

Meu olhar travou com o dela, o mundo desapareceu, eu só sabia vê-la, observar seus traços, sua respiração acelerada, o modo como suas mãos se contorciam em meio ao desespero.

— Eduarda...

— Podemos conversar em outro lugar? Por favor.

Apontei para minha sala, e ela passou por mim, seu perfume entrando no meu sistema, me deixando completamente fora de mim, não dei assunto para nenhum funcionário, entrei na sala e fechei a porta.

Ela olhava ao redor, como se nunca tivesse vindo aqui, como se estivesse fugindo de mim, respirei fundo.

— Será que dessa vez podemos conversar seriamente?

Ela assentiu.

Só que nenhum de nós tomou iniciativa de começar. Eu estava preso em seu olhar, então ela começou.

— Eu pensei mais do que gostaria essa semana, Arthur, eu pensei que seria melhor nos afastarmos, pensei que seria melhor guardar meu coração, que talvez, apenas por um motivo, eu deveria te esquecer. Você ainda é ligado ao seu passado, mas eu sou egoísta ao ponto de não querer isso, pensei que eu fosse forte o suficiente para deixar você de fora do meu coração, mas eu não fui, eu não sou. Mas a verdade é... sou completamente apaixonada por você e eu não consigo mais, eu não dou conta de esconder esse sentimento. Eu não sei o que fazer, preciso de você, mas não posso ficar com você enquanto não resolver essa parte da sua vida.

Engoli em seco, por mais que eu a amasse eu sabia que ela tinha razão, mas porra, eu amava a Eduarda mais do que qualquer coisa, eu queria ficar com ela, queria senti-la, queria poder me perder na intensidade do seu olhar, queria me perder nela.

— Eu sei que deveria ter jogado limpo com você, queria ter contado toda a verdade, tive medo sim, tenho medo até hoje, luto todos os dias com isso, por mais que eu não tenha mais nada com ela, ela está sobre minha responsabilidade, sou eu quem cuido, sou eu quem pago a enfermeira, tudo. Eu sei que ela está sofrendo, queria poder acabar com seu sofrimento, mas não posso e como você disse, infelizmente ela é uma parte do meu passado que eu não posso ignorar, não posso esquecer que

ela existe, Eduarda.

Caminhei pela sala e parei em frente a janela, olhei para o céu azul, as nuvens se movendo gradativamente, alguns pássaros voaram ao longe, me fazendo querer ser livres como eles.

Senti suas mãos em minhas costas e me virei para olhá-la, me perdi na profundidade do seu olhar, na sinceridade dele, em tudo que ele queria dizer.

— Não pedi para você abandoná-la, pedi para me deixar entrar em sua vida totalmente, quero conhecer cada detalhe seu, cada segredo, cada medo. Quero estar ao seu lado, quero estar com você, mas temos que resolver seu passado primeiro, sei que quer pegar quem fez isso com a Paloma, sei que quer vingança, te conheço o suficiente para isso. Estarei ao seu lado, como amiga, até que você esteja pronto para seguir em frente.

— Ah, Eduarda. — Segurei seu rosto entre minhas mãos. — Você é a luz que eu precisava no meio dessa escuridão toda, você é aquele sopro de felicidade que eu quero sentir todos dias, seu sorriso pode me tirar do mais profundo vendaval. Você não sabe, mas apesar de tudo que me cerca, você já tem acesso livre ao meu coração, por mais que eu negasse, que brigasse dizendo que era coisa da minha cabeça, eu sabia, lá no fundo, que você já tinha pegado meu coração, reconstruído e tomado para si.

Havia lágrimas em seus olhos e ela sorriu.

— Bom, acho melhor você pegar o meu e reconstruir também, porque eu não sei se ele tem conserto.

A puxei para um abraço e seus soluços foram abafados pela minha camisa.

— Eu vou reparar isso. — Sussurrei contra seus cabelos. — Irei colar cada pedacinho dele e vou fazer o possível para não o quebrar novamente.

Ela se afastou de mim e me encarou.

— Quero pedir mais uma coisa.

— O quê?

EDUARDA

Meu coração martelava fortemente contra minha caixa torácica, podia sentir o sangue correndo pelas minhas veias.

— Eu quero vê-la.

Ele piscou algumas vezes, abriu a boca para falar algo, mas nada saiu, apenas me encarou como se tentasse entender meu pedido, por fim, apenas perguntou.

— Tem certeza?

— Eu preciso, por favor.

Ele assentiu, me soltou e caminhou até sua mesa, observei todo o trajeto me perguntando o que ele iria fazer. Arthur pegou seu celular em cima da mesa e digitou alguma coisa, me olhando em seguida.

— Vamos? Acabei de falar com a Jaqueline, enfermeira dela.

Assenti, eu queria fazer isso, precisava na verdade.

Arthur esticou a mão para mim e ponderei se deveria segurar, mas parecia existir algum tipo de magnetismo que nos puxava, querendo que ficássemos juntos. Minha mão uniu com a sua e ele entrelaçou nossos dedos. Observei a maneira como nossas mãos ficavam unidas, como se encaixavam perfeitamente, esse homem tinha um poder sobrenatural sobre mim, meu corpo reagia ao seu de uma maneira inexplicável.

Ele me olhou profundamente.

— Vamos tentar fazer isso dar certo, Eduarda.

— Vamos sim, eu acredito.



Arthur estacionou o carro em frente a uma casa afastada da cidade. A pequena viagem foi feita em silêncio, cada um mergulhado dentro de seu pensamento, tentando entender o que estava acontecendo.

Arthur foi o primeiro a descer do carro, segundo depois o segui, ele avançou para dentro da casa e o vi sendo cumprimentado por uma senhora, que lhe deu um abraço reconfortante.

A senhora me viu e arregalou os olhos, olhando para Arthur de maneira questionadora. A senhora veio até mim e abriu os braços.

— Você deve ser a Eduarda, sou Jaqueline. — Sem saber como reagir a deixei que me abraçasse. — Um prazer conhecê-la querida.

— O prazer é meu. — Falei, encarando Arthur.

Me afastei da senhora e vi seu sorriso afetuoso, não pude deixar de sorrir de volta.

— Venha, vamos entrar, preparei um lanche para vocês.

Estávamos sentando na sala e eu não sabia o que fazer direito, respirei fundo diversas vezes, sabia que Arthur notava meu desconforto.

— Quer entrar agora? — Ele perguntou e eu assenti depois de um tempo. — Jaqueline...

— Pode deixar que eu levo a menina até ela. — Falou, gentilmente. — Venha, Duda.

Estendeu a mão para mim e, respirando fundo, a peguei e deixei-me ser guiada para o quarto.

Jaqueline abriu a porta e entrou, me dando passagem em seguida. Respirei fundo três vezes e entrei no quarto

A cena me fez parar, ela estava conecta a várias máquinas, mesmo de longe podia notar sua pele pálida, cabelos opacos, magreza. Me aproximei bem devagar da cama e fitei seu rosto. Mesmo dormindo por tanto tempo ela ainda era linda, uma beleza que eu não conseguia discernir, parecia uma princesa à espera do seu príncipe encantado, que a despertaria apenas com um beijo. Analogia besta, eu sei, mas parecia.

— Paloma... — Sussurrei seu nome, eu não sabia muito sobre como as pessoas ficavam quando estavam em coma, mas já li algumas reportagens a respeito. — Não quero competir com você, sabe, eu realmente amo o Arthur, mas não sei se um dia vai ter espaço na vida dele para mim. Sinto muito pelo que aconteceu com você, de verdade, não quero nem imaginar o quanto tenha sofrido ou esteja sofrendo. Só preciso dizer que eu vou cuidar do Arthur, de todas as formas e maneiras possíveis, vou ser o apoio que ele precisa, vou ser a âncora na vida dele. Mas não sei se vou conseguir esperar todo esse tempo por ele, porque por mais que eu o ame, não estamos juntos, ele ainda ama você e parece não se libertar.

A máquina deu um *bip* maior e eu encarei, de olhos arregalados, suas mãos se mexeram em cima da cama e eu sufoquei um grito, colocando a mão na boca.

— Arthur! — Gritei, imediatamente ele veio em minha direção, olhos arregalados, expressão confusa.

— O que...

Apenas apontei com a cabeça em direção a cama, onde a Paloma movimentava as pálpebras, em uma tentativa de abrir os olhos.

Observei Arthur ir até lá, parecia temeroso, como se estivesse com medo. Como se estivesse preso a mais um sonho, um sonho que ele tinha todos os dias.

— Paloma? — Sua voz era um mero sussurro quebrado.

A dor ali me desestruturou, quando olhei para a mulher via sua luta para abrir os olhos.

Então ela os abriu completamente, voltando para a vida que foi lhe tirada 12 anos atrás.

— Meu Deus, você acordou! — Arthur sussurrou.

Pisquei para frear as lágrimas.

Não, eu não posso perder o Arthur! Minha mente gritou no exato momento em que ele caiu de joelhos em frente a cama dela e agarrou sua mão, chorando copiosamente.



CAPÍTULO 24

Arthur

Não sei por que você se foi

Quantas saudades eu senti

E de tristezas vou viver

E aquele adeus não pude dar

Você marcou na minha vida

Viveu, morreu

Na minha história

Chego a ter medo do futuro

E da solidão

Que em minha porta bate

E eu

Gostava tanto de você

Gostava tanto de você – Tim Maia

Eu não conseguia acreditar, era um milagre, um verdadeiro milagre.

Como alguém que passou 12 anos dormindo havia acordado, mesmo com as estatísticas sendo tão baixas? Como? Eu não sabia, só conseguia encarar os olhos azuis dela, olhos pelos quais já fui completamente apaixonado.

Paloma piscou algumas vezes, tentando reconhecer o local em que estava, ela fixou o olhar em mim e abriu um leve sorriso, que foi retribuído por mim, em meio a um mar de lágrimas, segurei sua mão.

— É um milagre. — Ouvi Jaqueline dizer, voz embargada.

— Paloma, consegue falar? — Hesitei na hora de perguntar, ela franziu a testa e fixou seu olhar atrás de mim.

Virei em direção e vi a Eduarda chorando, vi seu olhar quebrado ao ver meu antigo amor acordada após todos esses anos, eu sabia que ela estava pensando em um milhão de coisas naquele instante, vi angústia e medo em seus olhos.

Droga, não queria fazê-la sentir isso.

— Eduarda. — A voz da Paloma chamou minha atenção, olhei para ela e me perguntei como alguém que ficou tanto tempo sem falar conseguiu pronunciar uma palavra perfeitamente.

— Paloma, você... — Ela continuou olhando para a Duda, que se encontrava estática no mesmo local.

— Eduarda. — Repetiu. — Venha aqui.

Mesmo com medo e a passos lentos, Eduarda se aproximou até ficar ao meu lado.

— Tem que me prometer uma coisa — Paloma olhava para ela de maneira intensa. — Tem que ser a força do Arthur, tem que mostrar a ele que o amor vale à pena.

— Paloma... — Ela não me deixava falar.

— Eu sei que o seu amor é forte e pode superar qualquer luta, qualquer coisa, sei que consegue isso. Por tudo que ele já me falou, por tudo que você me disse agora. Você precisa acreditar que o amor sempre vence tudo.

— Eu... — Lágrimas banhavam seu rosto, mas ela não conseguia dizer nada, apenas ouvia sua respiração entrecortada.

— Me promete que vai cuidar dele e ser a mulher que ele merece, apenas prometa.

— Prometo. — Ela disse e senti uma vontade enorme de segurar sua mão, mas olhei novamente para a Paloma quando ele me chamou.

— Arthur, meu amor. — Lentamente ela esticou a mão para mim e eu a segurei, estava mais gelada do que o normal e eu arregalei os olhos. — Me perdoe por tê-lo feito sofrer todo esse tempo, eu não queria, mas eu precisava de uma garantia que se eu partisse você não desmoronaria, precisava saber que tinha alguém ao seu lado capaz de ajudá-lo a se reerguer, sei que não será fácil, mas sei

que vai conseguir.

— Do que...

— Eu te liberto, Arthur, de tudo que vivemos, de todo o passado, de tudo. Você é um homem livre para viver seu novo amor e eu me sentirei imensamente feliz por saber que estará ao lado de uma mulher forte como a Eduarda.

— Paloma, o que você quer dizer...

— Eu te amo, meu amor. — Ela sorriu, as máquinas começaram a apitar mais altas.

— O coração dela está parando. — Jaqueline gritou e correu para as máquinas, mas eu a parei. Sabia que ela não queria mais isso, sabia que ela queria ir embora, sentia isso.

— Deixe. — Falei, ainda encarando a mulher que um dia amei. — É hora de deixá-la descansar.

Paloma sorriu e acariciei seu rosto, colhendo uma lágrima solitária que caia ali.

— Obrigada, meu amor. — Sussurrou, a voz ficando longe, a máquina diminuindo o *bip* rapidamente. — Eu te amei até o fim dos meus dias, como disse que sempre faria.

— Sim... — Minha voz soava embargada por conta das lágrimas.

— Agora vocês precisam me prometer que serão felizes, independentemente de qualquer coisa, porque a vida é curta demais para ficar preso ao passado.

Ela terminou de dizer isso e seu olhar perdeu o foco, sua mão ficou inerte sobre a minha a máquina que monitorava seu coração deu um último *bip* antes de exibir uma linha na tela, indicando que a vida havia deixado seu corpo, indicando que ela havia partido.

Desespero tomou conta de mim quando me dei conta de que ela havia me deixado.

— Paloma, fala comigo. — Me levantei e segurei seus ombros. — Paloma, Paloma!

PALOMA!

Agarrei seu corpo como se pudesse trazê-la de volta a vida e gritei por ela e pela dor que estava sentindo.

EDUARDA

Não existia um manual para me preparar para aquilo, não existia nada. Estava em choque com tudo que presenciei hoje, com tudo que vi e ouvi. Minhas emoções estavam à flor-da-pele. Eu prometi que seria forte, prometi que não sucumbiria, mas mesmo assim doeu vê-lo chorar sobre o corpo de sua ex noiva.

Ainda não conseguia acreditar, era surreal.

— Tome menina. — Jaqueline me estendeu uma xícara de chá, ela havia chorando também, afinal, foram 12 anos dedicando sua vida àquela mulher.

— Obrigada. — Falei, inalando o cheiro da camomila.

— Não fique triste, menina, você tem o coração daquele homem.

— Mas mesmo assim ainda me dói vê-lo chorar desse jeito, sei que estou sendo egoísta, mas ainda dói.

— Arthur dedicou 12 anos de sua vida cuidando dela, pela história que ele me contou sei que a amou profundamente.

— Onde eu entro nessa história? — Questione.

— Menina, você o trouxe de volta a vida, o tirou da escuridão em que ele se encontrava, você devolveu a ele o coração que ele pensou ter perdido naquele acidente.

— E agora, o que vai acontecer? Ele vai chorar por ela para sempre?

— Não, meu bem, ele vai entrar em luto, depois de anos ele finalmente está livre desse peso que era vê-la em uma cama de hospital, dormindo sem estimativa se acordaria ou não. Esse homem viveu coisas que você não consegue imaginar, ele precisa agora colocar a cabeça no lugar, espere passar o tempo de luto e depois vocês conversam.

Assenti e encarei a porta de saída, Arthur saiu por ela mais cedo e até agora não voltou, a preocupação me atingiu em cheio.

— Deixe-o, Arthur precisa de um tempo agora. — Ela ficou na minha frente e segurou minha mão. — Lembre-se do que prometeu a ela, você seria a âncora dele, menina, não desabe agora.

— Mas quem vai ser a minha âncora, Jaqueline? — Sussurrei.

— Você será forte pelos dois e quando ele estiver bem, ele será seu porto seguro em todos os momentos que você precisar.

Assenti e fechei os olhos, eu não tinha muitas opções.

Ir ou ficar.

Infelizmente meu coração já havia tomado essa decisão.

Sempre seria ele.

Sempre.

UMA SEMANA DEPOIS.

Eu estava em meu escritório, decidi voltar a minha rotina normal, eu sabia que não podia ficar quieta em meu apartamento. Tirei os óculos e fiz um coque em meu cabelo, respirando fundo.

Estava esperando o e-mail em minha frente há dias, e ele finalmente havia chegado.

O exame de DNA entre a Yasmin e o Caio já estava pronto, mas apenas o juiz poderia abri-lo. Uma audiência foi marcada para daqui há dois dias, peguei meu celular e procurei o telefone da

Malu, ela atendeu após alguns segundos.

— Doutora, pensei que não ligaria mais! — Sua voz estava aflita, sei que ela queria ganhar a guarda da Yasmim, se o teste desse positivo Caio iria lutar pela guarda da menina.

— Tive problemas pessoais, Malu, mil perdões. — Me desculpei, não foi uma semana fácil. — Bom, eu liguei agora porque recebi um e-mail, uma audiência foi marcada para sabermos o resultado do teste de DNA.

— Será quando?

— Daqui dois dias.

— Iremos nos preparar, obrigada mais uma vez, doutora.

— Disponha, Malu.

— Eduarda?

— Sim?

— Iremos lutar até o fim para ter a guarda da Yasmin. — Falou, convicta.

— Sim, iremos lutar. — Encerei a chamada e suspirei.

Meu celular apitou e vi uma mensagem de Arthur.

Arthur: *Obrigada por se preocupar, Duda, estou melhor. Estarei retornando para a capital amanhã, recebi o e-mail informando sobre a audiência também. Quando eu chegar nós iremos conversar. Mil beijos.*

Apenas visualizei a mensagem e bloqueei o celular, Arthur foi para a cidade natal, a cidade onde era o orfanato em que cresceu para o enterro da Paloma. Ele chegou a perguntar se eu queria ir com ele, mas eu neguei, ele precisava fazer isso sozinho.

Foi nesse momento que eu lembrei de algo que Arthur falou no dia em que ele me contou

sobre a Paloma.

“— E era, por que desde os 15 anos ela era treinada para isso. — A voz dele se tornou gélida. — O antigo diretor do orfanato aliciava os menores, para quando elas crescessem trabalhassem para eles.”

Aliciava menores para a prostituição.

Me lembrei do que a Débora disse.

“O primeiro caso de sumiço foi com a Paloma, há 12 anos atrás. Ela é uma lenda dentro da boate, a primeira prostituta a se tornar uma acompanhante de luxo. Mas alguns meses depois foi encontrada morta, brutalmente assassinada.”

“Jéssica era uma das mais bem pagas prostitutas de luxo de São Paulo.”

“Existe uma regra que não devemos conhecer nenhum dos outros 5 sócios, e ela não podia falar quem era dela, assim como eu não podia falar quem era o meu. Uma regra ridícula, eu sei, mas vindo deles você tinha que obedecer.”

A Paloma não foi brutalmente assassinada, Arthur me disse que teve que fingir a morte dela. Mas não era essa história que a Débora contava, alguém havia sido assassinado e disseram ser a Paloma, alguém mentia nessa história.

Peguei minha bolsa, eu tinha duas pistas muito boas para seguir, durante o caminho para o elevador mandei uma mensagem para Guilherme.

Duda: *Preciso de todos os registros do orfanato que você e o Arthur cresceram o mais rápido possível.*

Era hora de fazer mais uma visita para a Débora, algo me dizia que ela sabia mais do que falava.



CAPITULO 25

Arthur

Eu sinto saudade

Eu fico, eu vivo, sentindo a sua saudade

De nós, da voz

Saudade da gente

Saudade é pra sempre

Eu vivo sentindo a sua saudade

Sinto saudade – Thaeme e Thiago

Respirei fundo várias vezes, já não chorava mais, era um avanço. Apesar de ainda doer, sabia que doeria desse jeito, mas era como se eu já estivesse me preparado para isso.

Me agachei e passei os dedos pela sua foto, ela estava sorrindo. Essa seria imagem que eu guardaria dela, seu sorriso e sua forma de lidar com a vida, por mais difícil que tenha sido.

— Descase em paz, Paloma. — Sussurrei enquanto colocava as flores no túmulo.

Enfim, ela poderia descansar, depois de 12 anos ela, finalmente, teria seu merecido descanso.

— E eu te prometo que vou colocá-los na cadeia, irei vingar você e todas as outras, Paloma.

E acho que já sei por onde começar.



O prédio estava completamente abandonado, ponderei se conseguiria entrar, as grades fechadas com corrente remetiam o quanto era antiga, parecia um cenário de filme de terror.

Eu precisava de provas, não sabia o que exatamente eu estava procurando, mas tinha que ter alguma coisa nessa casa que nos desse alguma pista.

Um carro se aproximando chamou minha atenção, apertei os olhos para tentar identificar a quem pertencia, quando parou ao lado do meu fiquei mais aliviado, era meu irmão.

Desceu do carro e caminhou até mim, me jogando um molho de chaves durante o percurso, o peguei antes que atingisse o chão.

— O mandato de busca da casa saiu mais rápido que o da boate. — Falou erguendo o papel.

— Maravilha, vamos entrar?

— Vamos esperar a Verônica. — Falou conferindo a hora no relógio. — Ela me informou que estava a caminho.

— Certo. — Voltei a encarar a casa. — Acha que vamos encontrar alguma coisa?

— Não sei. — Ele parou ao meu lado. — Como nunca percebemos antes?

— Um esquema muito bem bolado, eu diria. Não tinha como percebermos. — Falei e respirei fundo. — Não gosto nem de imaginar o que ela passou durante todo esse tempo.

— Ela foi forte, Arthur, sempre foi. — Então se virou para me olhar. — A Eduarda me pediu todas as informações sobre este orfanato.

Franzi o cenho.

— Ela sabe de algo que não sabemos?

— Não sei, mas algo me diz que ela pode ter encontrado alguma pista e só vai nos contar quando tiver certeza.

— Espero que ela não faça nada imprudente, ela é teimosa.

— Acredito que ela sabe o que está fazendo e não irá fazer nada para colocar sua vida em risco.

— Já basta a última vez. — Murmurei, me lembrando do episódio em que ela foi até a boate.

Ouvi outro carro se aproximando, me virei e vi carro da Verônica sendo estacionado ao lado do meu. Ela desceu, e acompanhei seu percurso até nós dois. Ela era a típica mulher que sabia mandar e botar medo ao mesmo tempo. Seus incríveis 1,60 de altura colocava qualquer homem de 1,90 de joelhos e com a mão na cabeça. Tinha a valentia de 10 homens armados e mandava e desmandava na casa, mesmo que meu irmão não admitisse isso, ele era completamente louco pela sua mulher, desde que se conheceram.

— Ainda bem que não começaram. — Falou, levantando os óculos escuros e colocando-os no alto da cabeça, seus cabelos loiros presos em seu costumeiro coque e o sorriso em seus lábios indicavam que estava ansiosa para entrar no local e explorar cada canto dele. Parou em nossa frente e arqueou uma sobrancelha. — Prontos?

— Sempre. — Guilherme disse se virando para encarar a casa, apenas assenti e caminhei até o portão, pronto para reviver meu passado.



Realmente, abandonada era a palavra correta para descrever a casa. Verônica tossiu algumas vezes por conta do acúmulo de poeira que o local guardava.

— Se queremos descobrir algo temos que ir até a sala do diretor. — Guilherme informou, preocupado com a esposa que tossia sem parar.

— Certo. — Falei, mas eu olhava para a escadaria aonde levava para os quartos. — Podem ir para lá, eu irei ver uma coisa.

— Arthur...

— Não se preocupe, Guilherme. — Falei me virando para encará-los. — Já eu encontro com vocês.

Caminhei até a escada e subi os degraus de dois em dois, no fim da escadaria havia dois corredores, um era a ala dos meninos e outro a ala das meninas, me virei para a esquerda e segui em direção ao quarto que pertenceu a Paloma.

Assim que parei em frente ao quarto que foi dela, respirei fundo. Ao abrir a porta parecia que eu havia voltado no tempo. A decoração era a mesma, os detalhes da cama, as fotos presas na parede, as pedras que ela gostava de colecionar estavam em cima da penteadeira, me aproximei e peguei um pingente que ela usava desde o dia em que chegou ao orfanato, esquecido ali como se não tivesse nenhuma serventia.

Abri a primeira gaveta e tateei o fundo, me lembrando de uma conversa que tivemos, antes

de eu ir embora daqui.

— *Sério, não vai me dizer o que você escreve aí?*

— *Um dia você vai descobrir, amor, mas não agora.*

Revirei os olhos, não sei o motivo de garotas guardarem diários, achava a maior baboseira. Paloma se levantou e abriu a primeira gaveta da penteadeira, guardando ali seu maior tesouro.

— *Por que o aguarda aí?*

— *Segurança. — Sussurrou. — Ninguém sabe o motivo de escondê-lo aqui.*

— *Agora eu sei. — Falei.*

— *Exato. — Ela se virou para mim e sorriu. — Você sabe, e é exatamente por isso que eu sei que quando precisar dele vai saber onde procurá-lo, eu jamais o tiraria daqui.*

— *O que você...*

Não tive tempo de terminar a frase, ela me calou com um beijo, como sempre fazia quando soltava essas frases misteriosas e ia questioná-la.

Removi o fundo falso e tateei o local em busca do caderno que a Paloma tanto escondia, então o encontrei.

Quando puxei para fora, me sentei na cama e fiquei olhando o objeto, tomando uma respiração profunda abri o diário e vi sua letra perfeitamente desenhada, com os seguintes dizeres.

“Esse não é um diário comum, não vai encontrar nele a história de uma adolescente que sonhava com um conto de fadas, não mesmo, aqui relato o inferno na terra que vivi e ainda vivo. Bom, se você encontrou esse caderno espero que tenha estômago para ler tudo que relatarei aqui.

Meu nome é Paloma Bernardes, tenho 15 anos e essa é a minha história.

EDUARDA

Estacionei o carro em frente à casa da Débora, desci e segui o caminho até a porta, acionando o alarme do veículo durante o percurso, cheguei na porta e toquei a companhia duas vezes, três, quatro, cinco, na sexta vez ela atendeu e arregalou os olhos ao me ver, tentou fechar a porta, porém fui mais rápida e entrei em sua casa. Percebi que ela estava assustada, seus machucados já haviam ganhado uma cor amarelada.

— Débora, irei perguntar apenas uma vez, por que mentiu para a polícia?

— Eu não menti, deve estar enganada...

— Débora. — Interrompi e ela virou de costas. — Eu não sou da polícia e você sabe disso, sabe que pode me contar a verdade, não sabe?

— Você não entende, Eduarda, ninguém entende, acha mesmo que estou nessa vida porque quero? Ou porque gosto? Não, ninguém entra nessa vida por livre espontânea vontade, sempre tem um motivo.

— E porque você entrou?

— O caso não sou eu, é a Jéssica. — Ela respirou fundo. — A Jéssica sempre quis uma vida melhor, sempre. Ela tinha o sonho de encontrar seus pais biológicos, ela queria descobrir porque foi deixada em um orfanato...

— Espera, a Jéssica morou em um orfanato?

— Durante toda a infância, saiu quando tinha 18 anos, direto para essa vida.

Coincidência demais.

— Ela tinha esperanças de um dia sair, de um dia poder parar de vender seu corpo em troca de um pouco de dinheiro.

— Mas ela não conseguiu e com um tempo ela se tornou prostituta de luxo.

— Exato, ela se tornou. O cargo mais elevado dentro da boate. Depois descobriu que estava grávida, terminou com o Caio, implorou para ele a deixar, jogou mentiras em sua cara apenas para que ele a deixasse em paz. Um tempo antes de sua morte ela vinha agindo diferente, como se estivesse com medo, na verdade, ela estava. Se descobrissem a gravidez ela estaria morta, mas eu a conhecia, apesar de estar a pouco tempo ali, eu a conhecia e sabia que não era apenas o fato dela estar esperando um bebê que a estava deixando apreensiva.

— Você sabia o que era, não é? Sempre soube.

— Eu jurei que não contaria, eu... — Ela suspirou e se sentou. — Eu só ouvi, por alto, uma discussão dela com o cafetão.

— Você disse que não conhecia o cafetão...

— Não conheço, mas eu ouvi e não era apenas um, era em casal, não consegui ver o rosto deles, mas era claramente um homem e uma mulher.

— E o que eles diziam, Débora?

Ela me encarou e repetiu a frase, como se estivesse revivendo a cena em sua mente.

— Nós vamos matar você, Jéssica, vamos matar você e essa criança que você está esperando.

Então ela me olhou e disse.

— Você é praticamente a cópia da Jéssica, Eduarda.

— Caio me disse. — Sussurrei. — Por que não me contou?

— Porque, por um instante, eu pensei que você fosse ela, mas você não era. Eduarda, — ela se aproximou de mim e segurou minhas mãos. — Se eles verem você, se eles sonharem que você é a cópia da mulher que eles mataram, você estará morta.

A frase que a Yasmim pronunciou outro dia chicoteou em minha mente naquele instante.

“Porque ouvi o tio Rogério dizer que se você se aproximar daqui vai te matar.”



CAPÍTULO 26

Arthur

*A justiça é a vingança do homem em sociedade,
como a vingança é a justiça do homem em estado selvagem.*

Epicuro

Eu não conseguia terminar a leitura, simplesmente não conseguia. Meu estômago embrulhou e tive que correr para o banheiro para vomitar.

Apenas as primeiras páginas daquele diário eram suficientes para que colocasse muita gente na cadeia. Só de imaginar o que a Paloma sofreu, o que ela passou, eu queria voltar no tempo e socar cada filho da puta daqueles, como tinham coragem? Como eles podiam fazer isso com várias meninas? Mereciam apodrecer na cadeia.

— Arthur, desce aqui!

Guilherme gritou, voltei para o quarto pegando o caderno e indo até onde sua voz estava me chamando. Os encontrei na antiga sala do diretor, olhei para o local e os vi imersos em vários

arquivos.

— O que houve? — Perguntei, olhando ao redor.

— Isso está bem interessante. — Verônica murmurou.

Caminhei até ela.

— O que é isso? — Questionei, pegando um papel que ela havia me estendido.

— Encontramos esses arquivos em um fundo falso, dentro daquele armário. — Apontou com a cabeça, pelo visto, fundos falsos eram bem usados. — Essa pasta aqui possui o nome de cada menina, que eu suponho ter passado por aqui, tem nome, características, idade e fotos de cada uma.

Analisei os papéis, procurando o nome da Paloma, então encontrei. Tudo sobre ela estava ali, todas as características e havia um carimbo em sua foto, que dizia “VENDIDA” minha pele se arrepiou e eu não gostei nada daquilo.

— Tem um carimbo como o nome vendida, o que significa?

Verônica se levantou e olhou para o papel, franzindo a testa.

— Não tem em nenhuma outra menina. — Ela olhou as folhas rapidamente.

— Acho que já sei o que significa. — Olhei para o meu irmão. — Esses arquivos aqui, são documentos de leilões.

— O que era leiloado? — Uma ideia horrível se passou em minha cabeça, mas eu não queria que se tornasse real, porém, Guilherme deu vida ao meu pesadelo.

— Todas essas jovens. — Olhou novamente o papel. — Várias boates de prostituição, infantil ou não, participavam. Adolescentes acima de 15 anos eram seus alvos, aqui tem uma lista de boates com seus respectivos donos.

— A Paloma foi vendida para qual? — Verônica perguntou.

Guilherme folheou o caderno, mas eu não precisava disso, eu já tinha a resposta.

— S&C. — Me olhou e eu respirei fundo. A mesma boate que a Jéssica trabalhou.

— O colar. — Falei. — Tem alguma coisa sobre o colar que a Jéssica tinha e o da Paloma?

— Espera. — Minha cunhada caminhou até o armário e tirou uma caixa de veludo, forçando o fecho ela foi aberta e vi vários colares.

— O que significa? — Perguntei, olhando a caixa.

— Ainda não sabemos, mas vamos descobrir. — Guilherme falou, pegando o celular e fazendo uma ligação.

— Geovana, acho que você vai se interessar pelo que temos aqui. — Falou. — Temos um possível caso de tráfico humano e um suspeito principal. Rogério Alencar.

Finalmente as provas que colocariam esse filho da puta na cadeia.

EDUARDA

— Eles não podem pensar que eu sou a Jéssica, eles a mataram, não é?

— É o que eu acredito, Eduarda. — Débora se sentou no sofá. — Mas não sabemos se foram eles.

Me sentei ao seu lado e segurei sua mão.

— Eu sei que tem medo, mas preciso saber de tudo, absolutamente tudo para poder colocar essas pessoas na cadeia.

— Eu já disse tudo que eu sabia. — Ela olhou para baixo. — Se *ele* descobre que estou ajudando...

Ela fechou os olhos e pude notar sua luta interna.

— Existe um motivo, para não conhecermos todos os cafetões daquele lugar, se uma de nós for pega não vamos denunciar todos.

— Certo, faz sentido.

— Depois que descobriram sobre a gravidez da Jéssica, eles a mandaram embora, ela estava com muito medo e se escondeu até o fim da gravidez, teve a filha e eu consegui ir visitá-la uma vez. — Percebi que ela começou a chorar. — Devo ter sido seguida, dois dias depois soube da morte dela, da forma horrível como aconteceu. Se eu não tivesse ido ela poderia ainda estar viva.

— Débora, não foi sua culpa. — A abracei. — Essas pessoas são criminosas, elas são frias e manipuladoras, não se culpe pela morte da Jéssica, você era a única amiga dela, a única em quem ela confiava e tenho certeza que ela não te culpou quando tudo aconteceu.

Ela se afastou de mim e franziu o cenho.

— Como pode ser tão parecida com ela? — Perguntou.

— Não sei, eu te juro que eu queria descobrir também. — Me levantei e comecei a andar pela sala dela, como poderíamos ser tão parecidas. — Disse que ela foi criada em um orfanato, certo?

— Sim, não tinha noção de quem eram seus pais biológicos.

Uma ideia idiota se passou pela minha cabeça, mas não fazia sentido, eu já tinha um irmão gêmeo, não tinha a possibilidade de sermos parentes, era uma mera coincidência do destino. Uma péssima, diga-se de passagem.

— Tem alguma possibilidade de serem irmãs? — Ela perguntou e eu neguei.

— Não, impossível, eu tenho um irmão gêmeo e eu saberia se tivesse outra, não? — Milhares de perguntas se passavam pela minha cabeça.

Ia fazer mais uma pergunta quando a porta da sala foi aberta e eu me virei rapidamente para proteger a Débora, mas me assustei ao ver o Jeferson ali.

— Jeferson? — Perguntei, tentando entender o que ele estava fazendo ali.

— Eduarda, eu não sabia que estava aqui. — Ele parecia sem graça, colocou as mãos no bolso dianteiro e ficou calado.

— Eu vim conversar com a Débora. — Falei, me virando para olhá-la, mas seus olhos fitavam o médico a sua frente, como se estivesse surpresa ao vê-lo ali, olhei de um para o outro e os vi perdidos, se olhando, como se eu não existisse.

Ah, meu Deus!

Tentei esconder um sorriso, mas por dentro estava criando mil possibilidades.

— Bom. — Falei, chamando a atenção deles. — Débora, se precisar de qualquer coisa me ligue.

— Eu já te disse tudo. — Falou e lhe dei um sorriso.

— Eu sei. — Acreditava nela, ela era apenas mais uma vítima nessa história. — Apenas me ligue se precisar de mim.

A abracei e ela retribuiu o abraço.

— Obrigada. — Sussurrei.

— Pelo o quê? — Ela tentou se afastar e eu não deixei.

— Porque sinto que você é a mulher que vai trazer a vida de volta ao meu amigo.

Me afastei e caminhei até o Jeferson, o abracei também.

— Sabe que eu te amo, não é?

— Eu também te amo. — Respondeu, beijando meus cabelos.

Me afastei e sorri para ele, mas não disse nada, apenas sai em direção ao meu carro, que estava do outro lado da rua.

Entrei e peguei meu celular para conferir as mensagens.

Havia apenas uma do Arthur.

***Arthur:** Preciso que venha urgente para a delegacia.*

Nem respondi, apenas dirigi para o local indicado.



Assim que cheguei encontrei Arthur andando de um lado para o outro.

— O que houve?

— Não sei. — Falou, visivelmente nervoso. — Descobrimos muitas coisas, o Guilherme e a Verônica estão com a delegada nesse momento, estou ficando impaciente aqui sem poder fazer nada.

— Então se acalme, pois precisaremos.

— Onde você estava? — Ele perguntou. — Guilherme me falou que você pediu todos os dados do orfanato onde a Paloma cresceu.

— Sim, mas ainda não tive tempo de olhar, fui conversar com a Débora.

— Pensei que já tinha feito isso. — Ele franziu a testa.

— E já fiz. — Falei, suspirando. — Mas ela deixou de contar algumas coisas e mentiu sobre outras.

— Tipo?

— Omitir a parte em que ouviu a Jéssica ser ameaça de morte pelos seus cafetões, o fato de eu ser praticamente uma cópia dela. — Balancei a cabeça. — A Jéssica foi criada em um orfanato, consegue acreditar nessa coincidência?

— Infelizmente, sim. — Percebi seu olhar perdido, ia perguntar o motivo, porém a delegada saiu às pressas de sua sala, seguida do Guilherme que apenas acenou para nós, Verônica apareceu em seguida, mas parou ao nosso lado.

— O que houve? — Perguntei.

— O juiz emitiu um mandado de prisão para Rogério Alencar, antigo diretor do orfanato em que a Paloma morou. — Falou, ainda olhando a saída.

— Você disse Rogério Alencar? — Perguntei, enquanto procurava meu celular na bolsa.

— Sim. — Arthur disse. — Achamos muitas provas contra ele.

Encontrei o aparelho e procurei o número da Júlia, no momento que eu liguei ela atendeu.

— Eduarda...

— Júlia, quero o nome do diretor do orfanato onde a Yasmim está.

— O nome? Espera ... — Ela pareceu mexer em algo. — Aqui, Rogério Alencar, mas ele não está em exercício, se afastou por um motivo de saúde, quem está no comando agora é Suzana Duarte.

Desliguei a chamada.

— Eduarda, você está branca como o papel, o que houve?

— O diretor do orfanato da Yasmim... — Olhei para ambos. — É o mesmo que a polícia está procurando agora.



CAPÍTULO 27

Eduarda

Todos os homens têm medo...

Jean-Paul

Todos olhavam petrificados para mim. Mil pensamentos se passavam em minha cabeça, mas eu não queria verbalizar nenhum, só de imaginar qualquer coisa meu estômago já embrulhava.

— Precisamos ir até lá. — Falei, pegando minha bolsa. — Preciso saber se está tudo bem com a Yasmim.

— Eduarda...

— Não posso ficar aqui parada, a polícia precisa fazer alguma coisa. — Olhei para Verônica. — *Você* precisa fazer alguma coisa.

— E eu vou, vou falar com a diretora, mas não podemos invadir um orfanato, Duda. Não temos um mandado para isso!

— Enquanto isso ela vai ficar lá? E se eles... — Apertei os olhos, negando falar aquilo que

se passava em minha cabeça.

— Se acalme, Duda. — Verônica disse. — A delegada já saiu atrás do Rogério, ela vai conseguir pegá-lo, não se preocupe.

Balancei a cabeça, eu precisava saber se ela estava bem.

— Eu não vou demorar, me ligue se tiver alguma novidade. — Me virei e caminhei até a saída.

Parei na porta ao ser puxada pelo Arthur, ele me encarava seriamente.

— Não faça nada que vá se arrepender.

— Você não entende, Arthur, eu me encantei por aquela menina assim que coloquei meus olhos nela, ela é linda, meiga. Só quero que sua história seja esclarecida e que ela não sofra igual a mãe sofreu.

Ele me soltou e se aproximou de mim.

— Eu tenho certeza de que você quer o melhor para ela, Duda, sei que suas intenções são as melhores, mas por favor, eu te imploro, não faça o trabalho da polícia.

— Eu só preciso saber se ela está bem, por favor. — Ele travava uma luta interna dentro de si, me queria em segurança, eu sabia disso, mas eu precisava saber se aquela menininha que me encantou estava bem.

— Está certo, mas eu irei com você e observaremos de longe.

Sorri para ele.

— Obrigada.

— Vamos no meu carro. — Falei e ele negou com a cabeça.

— No meu. — Arqueei uma sobrancelha.

— S3rio?

Arthur sorriu para mim e puxou minha m3o, me levando at3 o seu carro.

— N3o discuta comigo, Eduarda, sabe que sempre perde quando faz isso.

Cerrei os olhos e o encarei logo ap3s ele abrir a porta.

— Prepotente.

Ele sorriu e apertou o meu nariz.

— Voc3 n3o viu nada. — Se virou para dar a volta no carro e eu pisquei, atordoad.

N3o estava preparada para essa vers3o mais descontra3da do Arthur, n3o mesmo.



Assim que ele estacionou em frente ao orfanato, sa3 do carro e corri em dire33o ao port3o, estava tudo quieto, queria poder entrar e garantir com meus pr3prios olhos que ela estava bem.

— N3o podemos entrar, logo a pol3cia chegar3 com um mandado...

— Como posso ter tanta afinidade com uma crian3a que mal conhe3o? — O interrompi.

— Quem sabe 3 o seu instinto materno.

Ri um pouco.

— N3o sei, mas algo naquela menina me faz querer proteg3-la,

Encarei as grades e suspirei.

— O Rog3rio n3o est3 aqui, Duda, vamos embora, esperar a pol3cia dizer qual o pr3ximo passo.

Assenti e me virei para acompanhá-lo, mas não sem antes sentir como se estivesse sendo observada. Abracei a mim mesma e me virei novamente, olhando para as janelas da casa.

— Eduarda...

Olhei para o Arthur e segui para o carro.

— O que houve? — Perguntou depois de termos saído.

— Pensei que estivesse sendo observada.

Percebi ele franzindo o cenho.

— Quero que tenha cuidado, me prometa. — Ele olhou para e me perdi por um minuto, vários eu acho. Estava cada vez pior ficar perto dele.

— Prometo.

Olhei para frente, tentando acalmar as batidas do meu coração.

Já disse que era uma droga estar apaixonada?



A polícia ainda não tinha nada sobre o Rogério, o paradeiro dele ainda era desconhecido. Guilherme ligou avisando que foi emitido um alerta para todo o estado, eu só queria que esse pesadelo acabasse.

Mal sabia eu que o pesadelo estava apenas começando.

Meu irmão não estava em casa, com a viagem da Laura cada vez mais próxima, ele quase se mudou para o apartamento dela. Eles dois eram perfeitos juntos e eu não podia deixar de dar o meu apoio

Tomei um banho e me sentei no sofá, acompanhada de uma taça de vinho e da pasta com os papéis da audiência de amanhã.

Malu e André não irão desistir até terem a guarda da Yasmim, sei que eles queriam uma filha, sei que era importante, mas se fosse provado que o Caio era o pai biológico, ele também entraria na disputa.

Fechei os olhos e respirei fundo, me perguntando porque não me tornei advogada criminal. Meu celular tocou e me fez gemer, eu só queria ficar sozinha um pouco. Peguei o aparelho e me sentei ereta, era o número do Caio, não nos falamos constantemente, mas para ele estar me ligando uma hora dessa deveria ser algo importante.

— Alô...

— Eduarda, você precisa vir onde eu estou, agora.

— Caio? O que está acontecendo?

— Você precisa ver isso, eu não sei como pude me esquecer desse detalhe, mas é algo importante, muito importante.

Sua voz era desesperada, ofegante, como se tivesse corrido quilômetros.

— O que você encontrou? — Já estava a caminho do meu quarto nesse momento.

— Um diário da Jéssica, um diário que sempre a vi carregando de um lado para o outro, mas nunca perguntei o motivo dela guardá-lo consigo, só que voltando ao apartamento que morei anos atrás, eu o encontrei, após mexer no meu guarda roupa, estava escondido em uma caixa de sapato.

— Estou indo para aí agora, me mande a localização.

— Enviarei.

— Caio?

— O que? — Sua voz denunciava seu cansaço.

— Vamos dar um jeito em tudo. Eu prometo.

— Obrigada.



Cheguei no apartamento do Caio e o porteiro logo liberou minha entrada. Entrei no elevador e apertei o botão para subir para o andar do Caio. Estava nervosa, tinha medo.

O elevador parou, anunciando a chegada. Mal sai da caixa de metal e uma porta se abriu, revelando um Caio com olhos vermelhos pelo choro, com cabelos bagunçados e roupa desalinhada.

— Caio, o que houve com você? — Perguntei, indo até ele e o amparando, enquanto ele caía no choro de novo.

— Como uma pessoa pode sofrer tanto? Como pode existir pessoas que façam outras sofrerem dessa maneira? — Suas lágrimas molhavam minha blusa.

— Caio, calma. — Ele se afastou.

— A Jéssica sofreu tanto, Eduarda, tanto. — Ele respirou fundo. — Vem, entra.

Ele me puxou para o seu apartamento e me convidou para sentar no sofá e me entregou um caderno, encarei-o sem saber se deveria ler ou não.

— Ela anotava tudo aqui?

— Sim, tudo. — Seu olhar estava perdido. — Cada agressão, cada surra, cada estupro, cada noite em que ela pedia para morrer porque não aguentava mais essa vida. São tantas coisas ruins que

eu me odeio por não ter percebido antes o quanto ela sofria, o quanto ela estava quebrada.

— Você leu tudo?

— Sim. Cada palavra, cada vírgula, eu não conseguia parar. Ela me citou no diário dela. —

A sombra de um sorriso se passou por ele, mas foi tão rápido que pensei ser apenas fruto da minha imaginação. — Ela dizia que eu era a luz no meio da escuridão que ela se encontrava, a única coisa boa na vida dela. Era por mim que ela vivia.

Ele me encarou novamente, eu estava chorando. Até onde a maldade humana ia?

— Ela foi vendida. — Sua voz se tornou grave, como se pudesse colocar todo o ódio que sentia apenas naquelas palavras. — Ia ser levada para a Bolívia, de acordo com seus cafetões ela iria servir de escrava para um sádico.

Arregalei os olhos, tráfico humano, mulheres sendo obrigadas a venderem seus corpos desde pequenas, sofrendo todo o tipo de abuso e maus tratos que se podia imaginar.

— Mas ela engravidou. — Ele sorriu de verdade. — Não preciso de exame de DNA para saber que a Yasmim é minha filha, doutora. Eu acredito na Jéssica de olhos fechados.

Sorri para ele.

— Eu quero justiça, Eduarda, quero que aqueles filhos da puta paguem por tudo que fizeram, por ter feitos várias mulheres sofrerem.

— Eles vão pegar. — Pausei. — A Jéssica citou, em algum momento, o nome dos seus cafetões?

— Não, eu sei que eram mais de um, pelo que está escrito.

— Sim, eu sei que são um casal.

Me levantei e comecei a andar, me ajudava a pensar.

— Ainda não entendo como podem ser tão parecidas. — Olhei para ele. — Se me dissesse que era irmã gêmea da Jéssica, eu acreditaria.

De novo essa história de irmão gêmeo?

— Eu também queria descobrir. — Murmurei.

Era impossível, não era?

Acordei dos meus pensamentos com meu celular tocando, o peguei e vi o número da Verônica.

— Diga, Verônica. — Esperava que eles tivessem pego o Rogério.

— Um incêndio, Duda. — Sua voz era desesperada.

— Onde?

— No orfanato, se alastrou rapidamente e...

Meu celular caiu no chão e só consegui formar um nome em minha cabeça.

Yasmim.



CAPÍTULO 28

Eduarda

Você não sabe,

Mas é que eu tenho cicatrizes que a vida fez...

E tenho medo de fazer planos

De tentar e sofrer outra vez

Falando Sério - Claudia Leite

Tamanho era o meu choque que o Caio, precisou me balançar para acordar.

— O que aconteceu? — Olhei para ele, minhas lágrimas nublando minha visão.

— Um incêndio no orfanato onde a Yasmim fica, temos que correr para lá.

Caio arregalou os olhos e sussurrou, petrificado.

— Minha filha...

Não perdemos tempo, corremos em direção a porta, tínhamos o mesmo pensamento: Chegar

ao local e descobrir se a Yasmim estava bem.

Fomos no meu carro, ele dirigindo, não falava nada, sabia que estava tão nervoso quanto eu, tínhamos medo.

Peguei meu celular para ligar para o Arthur, mas o celular dele estava desligado.

Respira, Duda. Pelo amor de Deus.

— Meu Deus...

Levantei a cabeça e entendi o assombro na voz do Caio, não estávamos na rua do orfanato ainda, mas podíamos ver a fumaça e o fogo alto de onde estávamos.

Sem nenhum aviso Caio acelerou o carro, atravessando o sinal vermelho.

— Você nos matar não vai adiantar em nada! — Berrei.

— É a minha filha, doutora. Não posso perder minha filha sem ter tido ao menos a chance de cuidar dela!

Fechei os olhos e respirei fundo, isso só podia ser a droga de um pesadelo.

Caio não estacionou o carro, apenas o parou no meio da rua, correndo em direção as crianças que estavam juntas mais à frente. Não o segui, minha visão estava presa na catástrofe a minha frente.

O fogo destruiu completamente o local, de onde eu estava podia sentir o calor das chamas, eu não conseguia parar de olhar. Sabe quando tudo parece estar ligado em câmera lenta? Olhei para o lado, as sirenes anunciavam carros do corpo de bombeiro, ambulâncias, polícia.

Voltei meu olhar em direção a casa, vi bombeiros tentando conter as labaredas, mas elas estavam tão altas que era impossível. Ouvia os gritos e choros das crianças, mas eu não conseguia me mexer, estava estática naquele local, enquanto o fogo continuava com sua dança destruidora.

— Duda! — Ouvi alguém me chamar, me virei a tempo de ver o Guilherme correndo até mim. — Você está bem?

— Sim, acho que sim. — Murmurei, voltando a fitar a casa.

— Arthur está desesperado tentando falar contigo, deve estar chegando aqui agora.

Assenti.

— Sinto muito...

Me virei para olhá-lo, acordando do meu estupor.

— Onde está a Yasmim? — Minha voz era aflita, Guilherme apenas me encarou, sem dizer uma palavra, seu silêncio estava acabando comigo, tornei a perguntar. — Onde está a Yasmim?

— Eduarda, graças a Deus te encontrei. — Olhei para trás e vi o Arthur vindo em minha direção, ele me abraçou e eu me deixei ser amparada por ele, seus braços rodearam minha cintura me trazendo para mais perto, seu perfume fez as batidas do meu coração voltarem ao ritmo normal, ele me trazia paz, apesar de toda essa bagunça que éramos nós dois.

Me soltei dele e voltei a encarar o Guilherme.

— Por favor, Guilherme, me diga onde está a Yasmim.

Ele fechou os olhos e tornou abri-los, me olhando com pesar.

— Tem 2 crianças e um funcionário desaparecidos, uma das crianças é a Yasmim.

Voltei a olhar a casa, o fogo estava sendo contido.

— Yasmim. — Sussurrei, não querendo que a minha conclusão se tornasse real. O aperto dentro do meu peito se intensificou, puxei o ar algumas vezes, minhas mãos começaram a tremes, minha cabeça parecia querer se partir em duas.

Isso não podia estar acontecendo, não podia estar acontecendo.

— Duda, respira, por favor. Respira, meu amor. — Arthur sussurrava em meu ouvido, mas não estava adiantando. Minha visão ficou turva e o ar se tornou rarefeito.

— Res...pi...rar... — Foi tudo que eu disse, antes que a escuridão me atingisse.

ARTHUR

No momento em que a Eduarda desfaleceu em meus abraços a peguei no colo e levei para uma ambulância, ela foi colocada em uma maca com uma máscara de oxigênio.

Segurei sua mão, sabia que não seria fácil para ela, na verdade, não estava sendo fácil para ninguém, a polícia não tinha pistas concretas sobre a causa do incêndio. O Rogério ainda não tinha sido pego e eu tinha um medo enorme sobre o que poderia vir a seguir.



Eram 4 da manhã quando a Duda acordou, estávamos em um quarto de hospital, os médicos acharam melhor ela ficar de repouso. Fui até ela e a ajudei a sentar.

— Onde estamos?

— Hospital, fique calma. — Ela me olhou e então começou a chorar, me sentei ao seu lado e a abracei, sussurrando em seu ouvido. — Calma, meu amor.

Ela chorou mais um pouco e se afastou de mim.

— Notícias da Yasmim?

— Ainda nada, os três corpos encontrados foram levados para o IML, lá eles farão todo o

processo de autópsia.

— Ela não pode morrer, Arthur. Ela não pode estar morta.

— Calma, tenho certeza de que vai dar tudo certo.

Ela me olhou, olhos inchados, boca trêmula, ali não era a temida Eduarda Medeiros, era uma mulher que estava com medo do que viria a seguir.

— Quero ir embora, quero ajudar, não aguento ficar parada, Arthur, preciso me sentir útil!

— E você vai ser útil quando o médico liberar você, respirou muita fumaça, por favor, Eduarda, colabore comigo.

— Você...

Ela não terminou de falar, a porta do quarto foi aberta e um homem que eu não conhecia entrou, ele estava acabado, para não dizer pior, Eduarda paralisou por um instante, antes de sussurrar o nome dele.

— Caio... — Me afastei da cama e vi homem caminhar até ela, apenas observei a interação dos dois, pareciam conversar apenas com os olhos, como se entendessem tudo que queriam dizer.

Então ele desabou, não se importou se eu estava aqui, se sentou na cama e chorou, sendo abraçado por ela, que também chorava.

Senti algo crescer dentro de mim. Não sabia o que era, mas não estava gostando. A contragosto, decidi deixar o quarto, mas não sem antes olhar para eles dois, abraçados a ponto de se tornarem um.

Fechei a porta atrás de mim e respirei fundo.

Não é hora para ciúmes, Arthur.

Caminhei até a recepção, estava um caos como sempre, eu estava acabado, e estava

preocupado com a Eduarda, ela se fazia de forte, mas naquele momento estava precisando de apoio, e pelo visto, encontrou alguém para se apoiar.

Cerrei os punhos, tentando controlar essa crise de ciúmes, não era normal sentir isso.

— Arthur Brandão. — Me virei e vi a delegada Geovana caminhar em minha direção.

— Delegada. — Cumprimentei.

— Vim conversar com a Eduarda, fiquei sabendo que ela está nesse hospital.

— Sim, está, mas porquê...

— Nós pegamos o Rogério.

Parei.

— Como assim...

— Ele foi capturado algumas horas atrás, tentando fugir com documentos falsos. Só que existe um, porém. — Ela se aproximou de mim.

— Qual?

— Ele só vai abrir a boca quando a Eduarda estiver presente. Preciso saber o motivo.

— Não imagino qual motivo seja. — Murmurei.

— Mas eu imagino, irei conversar com os médicos e pedir a liberação dela. Está na hora de descobrirmos a verdade.

— Alguma notícia dos corpos encontrados? — Questionei.

— Não, prevejo que teremos esse resultado amanhã, os legistas precisam analisar a arcada dentária, pedi urgência nas análises.

— Causa do incêndio?

Ela arqueou uma sobancelha.

— Pensei que tivesse um palpite.

— E tenho, foi proposital.

— Exato, vou conversar com o médico, precisamos da Eduarda o mais rápido possível.

— Certo.

Ela assentiu e seguiu seu caminho.

Fechei os olhos.

Quando essa droga de pesadelo irá acabar?

— Desculpa te tirar do quarto. — Olhei para o lado e vi o homem que havia ficado com a

Duda.

— Quem é você? — Minha voz saiu mais ríspida do que eu imaginei.

— Caio.

O filho do deputado, suspeito pela morte da Jéssica.

— Certo, sinto muito. — Falei.

— Você é pai? — Ele perguntou.

— Não.

— Mas eu sou. — Ele riu sem graça. — No dia em que eu descobri que era pai, minha filha

pode estar morta.

— Eu...

— Quando vi a Eduarda, pensei que ela fosse minha Jéssica. A mulher que eu amei

incondicionalmente.

Travei, isso não era bom.

— Mas apenas fisicamente que são parecidas. Não sei como, nem porquê, mas são.

Ele me encarou.

— Tem sorte por tê-la ao seu lado, não desperdice isso, dificilmente você consegue encontrar um novo amor depois de perder outro.

Então caminhou para fora do hospital, me deixando sem palavras para tudo o que disse



CAPÍTULO 29

Eduarda

Todo mundo é capaz de dominar uma dor, exceto quem a sente.

William Shakespeare

Caio estava arrasado, não era para menos. A polícia suspeitava que a Yasmim não tivesse conseguido sair da casa a tempo, foram confirmados 3 desaparecimentos, duas crianças e um adulto.

A porta foi aberta e a delegada Geovana entrou, sua expressão denotava cansaço, mas ela não demonstraria isso.

— Eduarda, como vai?

— Não muito bem delegada.

— Imagino, vim conversar com você, posso?

Indiquei a cadeira para ela se sentar.

Geovana era uma mulher na faixa de seus 45 anos, uma ótima policial e muito competente.

— Nós pegamos o Rogério. — Arregalei os olhos.

— Pegaram? Onde ele está?

— Detido, mas não quer falar nada... — Ela me analisou atentamente. — A menos que você esteja na sala.

Franzi o cenho, o que ele queria?

— Por que eu?

— É o que eu pretendo descobrir. Pegamos o Rogério tentando fugir disfarçado e com documento falso.

— Acho que não duvidava que ele fosse fazer tal coisa.

— Sim, eu conversei com o médico e eles vão liberar você, algo me diz que essa história é mais podre do que eu imagino.

— Não entendo, delegada, porque eu?

— Como eu disse, Duda, vou descobrir. Estarei te esperando lá fora. — Ela falou se levantando.

— O Arthur...

— Seu juiz está lá fora, Eduarda. — Piscou e sorriu para mim. — Imagino que aquele homem não vá a lugar nenhum sem você.

Sorri timidamente e suspirei, as coisas estavam muito tensas para eu pensar em relacionamento agora, precisava descobrir a verdade primeiro.

A porta foi aberta, um médico alto entrou, estava olhando alguns papéis antes de levantar os olhos e me olhar.

— Como vai, Eduarda? — Perguntou, já colocando o estetoscópio para sentir meus

pulmões. — Sente algum incômodo ao respirar?

— Nenhum.

Olhei para a delegada, ela sinalizou que me esperaria do lado de fora e saiu do quarto, voltei minha atenção para o médico.

— Já posso sair?

Ele sorriu.

— Vim lhe dar alta, apenas porque a doutora ali pediu, qualquer sinal de cansaço, ou dificuldade para respirar, por favor, me procure com urgência.

Assenti.

— Uma enfermeira vem te auxiliar.

— Obrigada, doutor... — Procurei seu nome no crachá, mas não encontrei.

— Akin, — Respondeu sorrindo. — Meu nome é Akin.

— Nome diferente. — Comentei.

— Nome africano, sou natural da Nigéria.

— Uau! — Arregalei os olhos, inesperado.

— Espero que fique bem, Eduarda, e que não nos vejamos mais, ainda mais nesse local.

— Pode deixar, obrigada mais uma vez.

Ele sorriu e se retirou da sala.

Hora de descobrir o que Rogério escondia.



Estavam todos apreensivos na sala, Caio andava de um lado para o outro, fez questão de vir também. Arthur estava sentado, porém pensativo, Guilherme e Verônica mais afastados, pareciam estar tendo alguma discussão. Então a delegada entrou na sala, chamando a atenção de todos.

— Vamos, Eduarda? Não se preocupe, ele está algemado e não irá tentar nada contra você.

— Sei disso. — Respirei fundo e olhei para todos da sala. — Hora de descobrir a verdade.

Sabe quando parece que você ouve as batidas do coração, como se ele estivesse zunindo em seus ouvidos? Ou sente o sangue percorrendo cada veia do seu corpo? Minhas mãos suavam e um arrepio percorreu minha coluna.

— Está pronta? — Geovana perguntou, parando em frente a porta.

— Sim. — Respirei fundo.

A delegada acenou e abriu a porta, entrei e parei ali próximo, observando o homem sentado atrás de uma mesa. Entrei na sala, caminhando devagar, a porta se fechou atrás de mim. Rogério levantou a cabeça e me encarou, um sorriso brotando de seus lábios.

— Você é a cara dela. — Sussurrou, sem tirar os olhos de mim.

— Da Jéssica? — Perguntei e ele sorriu, um sorriso frio.

— Não, sua mãe.

Me sentei, de onde ele conhecia minha mãe?

— Conheceu minha mãe? — A pergunta escapou de meus lábios antes que eu pudesse contê-

Ele se apoiou na mesa e seus olhos se fixaram em mim.

— Eu conheci a Amélia melhor do que imagina. — Engoli em seco, não estava gostando nada desse assunto.

— Quer saber a história, Eduarda? — Assenti.

Rogério sorriu, um sorriso que fez outro arrepio subir pela minha espinha. Me arrumei na cadeira e pedi:

— Eu quero saber de tudo, Rogério.

ARTHUR

Eu encarava a televisão de maneira apreensiva, acho que todos estavam assim, ninguém entendia mais nada do que estava acontecendo.

— O que ele quer dizer com tudo isso? — Verônica falou.

— Não sei, mas vamos descobrir já. — A delegada murmurou, olhando para o aparelho a nossa frente.

— *Eu conheci sua mãe antes dela se casar com o Ricardo. Era completamente apaixonado por ela, se eu pudesse lamperia o chão que ela pisava, mas ela nunca me deu moral, nunca passei do status de melhor amigo, ela nunca me viu com outros olhos.*

Eduarda estava estática, ela não demonstraria nervosismo naquele momento, mas a conhecia o suficiente para saber que estava apreensiva.

— *“Então ela conheceu o Ricardo e todas expectativas que eu poderia ter algo com ela sumiram, como um passe de mágica. Odiava ver a forma como ela sorria para ele, como falava*

com ele, como agia quando ele estava por perto. As coisas pioraram quando ela anunciou a gravidez, fiquei atordoado, completamente louco, ela não podia ser de mais ninguém a não ser minha, a procurei e lhe contei dos meus sentimentos, lhe contei que estava completamente apaixonado, que daria a minha vida por ela. A Amélia riu e disse entender o ciúme de amigo que eu estava sentindo, disse que eu estava confundido as coisas e enfatizou bem que amava aquele engomadinho do Ricardo. Então, me afastei, e todos os dias, enquanto eu via a felicidade dos dois, os preparativos do nascimentos dos bebês, para o meu espanto eram gêmeos, meu ódio por ela aumentava, saber que ela tinha me rejeitado, quando eu podia dar tudo a ela, me fez querer acabar com aquela felicidade que ela sentia.

Mas que porra era essa que esse homem estava falando? Me levantei, mas fui impedido por Guilherme.

— Fique quieto, Arthur. — Me advertiu. — Precisamos saber onde essa história se encaixa.

— Apesar de já ter minhas suspeitas. — Olhei para o Caio, que tinha o rosto vidrado na televisão, ele me encarou e suspirou. Ainda não tinha entendido o ponto dele. Respirei fundo e voltei a prestar atenção na confissão.

— *Foi então que eu comecei a trabalhar em uma boate, que estava começando, mas possuía o nome de S&C. Sabe o que eles faziam? Obrigavam mulheres a venderem seu corpo em troca de abrigo, um pouco de comida e algumas migalhas de dinheiro. Melhor negócio que eu já participei, mas sabe o que é mais interessante? Eu já trabalhava em um orfanato na época, foi então que eles me deram uma ideia genial. Começaríamos a trabalhar com as meninas ali de dentro, aquelas que sabíamos que não seriam mais adotadas, sabe como é quanto mais velho você for, menor a chance de adoção.*

— Filho da puta! — Proferi, mãos em punhos tentando conter a raiva que me atingia.

— *Então eu comecei, foi fácil no começo, nada que algumas ameaças e surras que não*

fizessem as meninas ficarem de bico fechado sobre o que eu fazia com elas, e olha não tive prazer maior que me deliciar com cada menina daquela.

— Acho que vou vomitar. — Olhei para minha cunhada, que estava em choque e correu imediatamente para o banheiro, sendo seguida pelo marido.

Minha vontade era matar aquele miserável com minhas próprias mãos.

— *Eu tenho nojo de você.* — Eduarda sibilou, devagar, e o desgraçado apenas riu.

— *Sua irmã me dizia a mesma coisa.*

Eduarda arregalou os olhos e agarrou a mesa, notei seus dedos ficarem brancos tamanha a força que ela exercia.

— *Irmã?* — Sua voz saiu baixa, mas tamanho era o silêncio na sala, que todos nós ouvimos.

— *Claro, ou você acha que eu deixei barato a rejeição que sua querida mãe me fez passar? Nunca! Com ajuda de alguns amigos, no exato dia em que sua mãe deu à luz a duas lindas garotas, uma enfermeira, sobre o meu comando, trocou os bebês.*

— *Não, não, não...* — Eduarda se levantou e colocou as mãos sobre a cabeça.

— *Sim, uma bela troca diga-se de passagem. Sua irmã gêmea viria para mim e eles ficariam apenas com você.*

— *Onde o meu irmão entra nessa história?* — Ela gritou.

— *O bebê pelo qual eu o troquei havia acabado de chegar ao orfanato, pobrezinho, achei que ele merecia um lar também.*

— *Meus pais nunca desconfiaram...*

— *Sua mãe sabia desde o princípio, fiz questão de contar a ela, até a levei para conhecer a menina e fui bem enfático...* — Ele se ajeitou na cadeira e suas palavras mudaram de um tom de

deboche para ameaçador. — *Se algum dia ela tentasse contar a verdade para alguém, seja para o marido, seja para você, seja para a polícia, eu a mataria, mataria suas filhas e o garoto que criou como filho.*

A boca dela se abriu, me levantei, mas ele voltou a falar, prendendo minha atenção.

— *Exato, Eduarda, exatamente isso que está se passando em sua mente. Sua mãe contou para seu pai, e iria contar a verdade para vocês, a minha sorte foi que ...*

— *Você os matou.* — *Ela afirmou.*

— *Matei e tenha certeza disso, garota, mataria eles novamente, porque finalmente obtive a vingança que tanto queria.*



CAPÍTULO 30

Eduarda

Lágrimas não doem, o que dói é o motivo que as fazem cair.

Desconhecido

Eu não pensei, não medi as consequências, apenas agi. Virei outra mulher, o cansaço acabou, a tristeza se tornou o ódio, o sangue me subiu à cabeça e pude jurar que naquele momento eu vi completamente vermelho.

Quando dei por mim, estava socando a cara daquele filho da puta, desgraçado, manipulador.

— Vou matar você! — Gritei, enquanto socava seu rosto, estava em cima da mesa, ele algemado. — Eu odeio você, odeio você!

— Sua irmã também adorava me bater, ela era um tanto selvagem como você, deve ser de família.

— EU ODEIO VOCÊ! — Soquei mais algumas vezes, vendo sangue espirrar em minha roupa.

A porta foi aberta e a polícia me tirou de cima dele, estava fora de mim, descontrolada, eu respirava freneticamente, queria bater mais, queria bater nele até vingar a morte dos meus pais.

— Sabe, Eduarda? — Falou, como se não tivesse acontecido nada. — Imagino que deve ser tão gostosa quanto a Jéssica era, afinal sabe como são as coisas, os genes ajudam.

Tentei avançar, mas o policial me segurou.

— Tirem ela daqui. — A delegada entrou na sala, e se aproximou da mesa. — Irei garantir que você não saíra da cadeia por longos anos, Rogério. A aproveite, agora que começou a abrir o bico, e conte tudo que você sabe sobre o tráfico humano, começando da morte da Jéssica.

Fui tirada dali e colocada do lado de fora, Arthur e Caio vieram em minha direção, mas me afastei de ambos, eu queria ficar sozinha, precisava ficar sozinha depois de tudo isso que aconteceu, eu me sentei em uma cadeira, ignorando os dois homens que mantiveram distância de mim.

Estava perdida, confusa, com medo.

Havia um buraco no meu peito.

Minha vida foi uma mentira.

Eu não conseguia aceitar, não conseguia acreditar no que havia sido dito naquela sala, não entrava na minha cabeça, eu não conseguia aceitar.

— Eduarda... — Levantei a cabeça e vi a pessoa que havia sido prejudicada junto comigo.

Me levantei e corri para os braços do meu irmão, que não era meu irmão de verdade.

— Eu não... eu não... — Solucei, o choro me impedindo de falar.

— Olha para mim, Duda, meu amor. — Relutante, me afastei dele e o encarei, ele tinha os olhos marejados e segurou meu rosto. — Nós nunca deixaremos de ser irmãos, podemos não compartilhar do mesmo sangue dos mesmo pais, mas aqui dentro. — Ele apontou para o próprio

peito e guiou minha mão até ele, onde senti as batidas frenéticas do seu coração. — Aqui dentro você sempre, sempre vai ser minha irmã, ainda que falem que não, você sempre vai ser.

— Ah, William... — O abracei novamente. — Amo você.

— Eu também amo, você, Duda, mais do que minha própria vida e ninguém pode mudar isso.



A água escorria pelo meu corpo levando embora toda a sujeira do dia e disfarçando minhas lágrimas, que escorriam livremente pelo meu corpo. Era tanta coisa para um dia. Me sentia como se tivesse passado um trem por cima de mim.

Eu não queria nem sair da delegacia, queria estar ali para quando saísse o resultado da autópsia, mas a Verônica me garantiu que isso iria demorar e o melhor a se fazer era esperar em casa por notícias.

Agora toda essa ligação com a Yasmim tinha sentindo. Ela era minha sobrinha, minha sobrinha que teve a vida arruinada ainda na infância. Me recusava acreditar que algum daqueles 2 corpos era dela, me recusava fielmente a acreditar nisso, algo dentro de mim gritava que ela estava viva, mas corria perigo, o problema era saber qual direção tomar, eu estava em um beco sem saída.

Descobrir que a Jéssica era minha irmã gêmea, e não o William, também explicou o fato de sermos idênticas. E ela teve uma morte tão trágica, ainda não sabíamos o motivo dela ter sido assassinada, mas a delegada Geovana disse que, nem que fosse a última coisa que fizesse em sua carreira, descobriria quem a matou, porque o caso foi arquivado anos atrás e colocaria toda essa máfia na cadeia.

Desliguei o chuveiro e me enrolei na toalha, parando em frente ao espelho para analisar minha expressão.

Acabada...

Meu rosto parecia de alguém que não vê a cama a dias, o cansaço era evidente, meus olhos denunciavam claramente a dor que eu sentia.

Eu pensei que a dor física era ruim, mas não, a dor na alma é pior, pois não existia remédio para sarar as feridas abertas, apenas o tempo trataria disso, e não havia previsões para cicatrização.

Vesti um pijama confortável e fui para a sala, meu irmão estava sentando no sofá, segurando um papel, que presumi ser uma carta. Me aproximei devagar e me sentei ao seu lado.

— Há quanto tempo sabia? — Perguntei, depois de um tempo.

Seus olhos azuis me encararam e vi meu irmão prestes a desmoronar, pela segunda vez, a primeira foi quando nossos pais morreram.

— Um pouco antes deles morrerem, nosso pai veio me contar, disse que tínhamos o direito de saber a verdade, fiquei atordoado no início, com tudo que ele me contou, mas mesmo assim, afirmei que nunca deixaria de amá-los como se fossem meus pais.

— Você sabia que

— Não. — Me interrompeu e se levantou, começando a andar pela sala. — Apenas sabia que não era filho de sangue da dona Amélia e do seu Ricardo. Eu não fazia ideia da história, mas nossos pais disseram que era melhor assim, era perigoso eu saber de tudo. Não imaginava essa história inteira para falar a verdade.

Ouvi-o suspirar, me levantei e caminhei até ele.

— Imagino o que eles devem ter passado, nossa mãe todos esses anos com esse segredo,

não podendo ir atrás da verdade.

William se virou para mim e me estendeu o papel que estava segurando.

— Um pouco antes deles fazerem aquela viagem, pediram que eu lhe entregasse isso, caso a verdade viesse à tona.

Olhei para o papel e hesitei em pegá-lo.

— Sei que é complicado minha irmã, mas também sei que consegue.

Peguei o papel e o encarei.

— Amo você, maluca, nada vai mudar isso.

— Também amo você. — Ele beijou minha testa e se afastou.

— Leia e depois conversamos, vou para a casa da Laura, que horas você vai voltar para a delegacia?

— Ainda não sei. — Murmurei, olhos fixos no papel, minha mente tentando imaginar o que estava escrito.

— Me ligue quando tiver novidades.

Olhei para ele e assenti.

Meu irmão deixou meu apartamento e eu permaneci parada, com a carta na mão e com medo de abri-la, mas sabia que era necessário. Respirei fundo, me sentei no sofá, desdobrei o papel e vi a caligrafia da minha mãe, minha visão embaçou e eu pisquei para conter o choro, então comecei a ler.

Minha querida, Duda, se você está lendo essa carta significa que já sabe da verdade, eu jurei a mim mesma que jamais lhe contaria, deixaria isso no passado, mas imagino que quando algo de errado é feito, esse erro tem que ser consertado. Irei te contar do começo, sugiro que esteja sentada.

No início da faculdade eu conheci o Rogério, nos tornamos amigos inseparáveis, mas era apenas isso, amizade. Jamais me passou pela cabeça algo a mais, sabia que ele sentia algo por mim e tratei de ignorar, foi quando conheci seu pai, ele era tão lindo, filha, aquele homem que te passa confiança com o olhar, que te trata bem independente da sua classe social, educado, elegante. Em pouco tempo ele se tornou para mim mais do que eu poderia imaginar, ele se tornou meu tudo. Rogério ficou irreconhecível, mudou do dia para a noite, estava mais frio, agressivo. Não entendia o que estava acontecendo, então ele me procurou e jogou na minha cara que era apaixonado por mim, eu já imaginava, mas pensei que fosse algo platônico, uma coisa passageira, ledão engano.

Quando ele se afastou, agradei, ele estava me assustando com suas atitudes e palavras bruscas. Fora isso, eu estava radiante, grávida de duas princesas, me sentia realizada, tinha um homem que amava, minha família estava crescendo... Quem imaginaria que o dia do seu nascimento, seria também o dia mais triste da minha vida?

Quando a Emília, sim esse seria o nome dela, e você nasceram, pensei que meu coração fosse pular para fora do peito, tamanha era a minha felicidade. Infelizmente, bastou alguns minutos para que ela se transformasse em uma tristeza profunda.

Rogério foi bem claro, se a polícia fosse envolvida, e ele sonhasse que alguém descobriu sobre a troca dos bebês, ele mataria minha menina, mataria a Emília. Eu não podia arriscar, era a vida dela que estava em jogo, mesmo sabendo que ele poderia estar mentindo. Duda, eu não aguentaria receber o corpo da minha bebê em casa. Por um lado, meu coração sangrava com a perda da sua irmã, por outro ela foi suprida com o William, que mesmo não tendo meu sangue correndo em suas veias, eu o amava. Ele jamais ocupou o lugar da sua irmã, mas se tornou um filho que eu amo e daria minha vida, por todos esses anos.

Quando seu pai descobriu eu morri de medo, mas ele me garantiu que era necessário

contar a verdade a vocês, quando o William descobriu, fiquei desolada, medo se apossou de mim, medo de que acontecesse algo com ele, por isso insistimos tanto que ele fosse morar fora do país, tínhamos esperanças de que longe do Brasil ele não sofresse risco de vida. Mesmo o Ricardo garantindo que nada de mau aconteceria a ele, eu preferi afastá-lo do Brasil.

Apesar de tudo, amo-os dois, incondicionalmente. Não sei se quando estiver lendo essa carta, estarei com vocês, mas saiba que nunca desisti de lutar, nunca perdi as esperanças de que sua irmã fosse encontrada e trazida de volta para o lar a qual pertence.

Eduarda, se ao ler essa carta eu já tiver partido, me prometa que tentará encontrar a Emília, que contará a verdade. Meu sonho é ver minha família junta, por completo.

Amo você e o seu irmão.

Com carinho, mamãe.

Minhas lágrimas pingavam no papel.

— Mamãe. — Olhei para cima. — Tenho certeza de que a senhora e a Emília estão em um local melhor agora, eu prometo a vocês duas que irei colocar na cadeia todos aqueles que fizeram mal, seja a senhora ou a minha irmã, mas eu vou colocá-los na cadeia. É uma promessa.



CAPÍTULO 31

Arthur

O dinheiro não só fala, como faz muita gente calar a boca.

Millôr Fernandes

Nada foi capaz de tirar a tensão em que meu corpo se encontrava. Estava deitado em minha cama e não conseguia dormir, estava com medo pela Yasmim, estava com medo pela Eduarda, o mundo dela desabou de uma maneira que eu não imaginei que fosse possível. Eu só queria estar ao seu lado e ser o apoio que ela precisava.

Sabia que havia várias coisas para nós dois conversarmos, que precisávamos nos entender, mas porra, eu queria que ela me deixasse mais próximo, para provar que eu estava ali, inteiramente e exclusivamente, por ela.

Sempre seria por ela.

Me levantei, desistindo de tentar dormir.

Resolvi tomar outro banho e fazer um café, precisava relaxar, enquanto preparava tudo,

encarei o relógio da cozinha, que marcava 6 da manhã. Hoje seria o chamado “dia do cão”, eu não estava em condições de ir para o trabalho, tão pouco a Duda.

Peguei meu celular e, naquele exato momento, ele tocou. Atendi imediatamente, vendo o número do Guilherme.

— O que houve?

— Resultado da autópsia dos corpos saiu. — Fechei os olhos, foram encontrados três corpos depois do incêndio de ontem, havia duas crianças desaparecidas e eu pedi por um milagre, mínimo que fosse, mas eu pedia para que nenhum daqueles corpos fosse da Yasmim, tinha certeza de que a Eduarda não iria aguentar essa notícia.

— Qual foi o resultado? — Perguntei, cauteloso, depois de um tempo.

— Nenhum dos corpos pertence a Yasmim. — Respirei aliviado, mas parei. Onde ela estava então? — Arthur?

— Sim. — Respondi ao meu irmão.

— A Yasmim simplesmente desapareceu, não temos ideia de onde ela possa estar.

Fechei os olhos, mas essa agora.

— O que vocês irão fazer? — Questionei, já indo para o meu quarto atrás de uma roupa.

— A Geovana terminou de colher o depoimento do Rogério, estamos esperando a Suzana, diretora substitua para um depoimento, não sei se vocês vão gostar do que temos aqui.

— Já falaram com a Duda?

— Ainda não. — Respondeu. — O celular dela cai direto na caixa postal. Ela está com você?

— Não. — Falei, já me sentando na cama. — Ela saiu com irmão da delegacia, não tive

notícias dela depois.

— Tente entrar em contato com ela, ela precisa estar aqui para ouvir o que temos em mãos e precisamos descobrir onde a Yasmim pode estar.

— Farei isso.

Encerrei a chamada e fechei os olhos.

— Eduarda, espero que você não esteja fazendo nenhuma burrada.

Disquei seu número e caiu na caixa postal, tentei mais três vezes e nada, precisava falar com o irmão dela, mas não tinha o número dele. Liguei para o Fernando que pediu para a Júlia me passar o número da namorada do William, liguei no número indicado e após alguns segundos uma voz feminina enche meus ouvidos.

— *Alô.*

— Laura?

— *Eu mesma, pois não?*

— Preciso falar com o William, ele se encontra?

— *Claro, vou passar para ele.* — Ouço um barulho vago e depois sua voz. — *Pois não?*

— William, é o Arthur, gostaria de saber se tem notícias da Eduarda.

— *Eu a deixei em casa logo após saímos da delegacia, minha irmã precisava absorver algumas coisas, não está sendo fácil para ela.*

— Imagino que não. — Suspiro. — Irei passar lá para saber como ela está. Obrigada de qualquer forma.

— *Qualquer coisa é só me ligar.*

— Você também, até mais.

Encerrei a chamada e fui me vestir, eu precisava me certificar de que ela estava bem, tinha uma sensação estranha de que estávamos deixando passar algo.

EDUARDA

Dormi no sofá mesmo. Minhas costas doíam e meu pescoço parecia-meio torto, meus olhos estavam inchados e doloridos. Mas mesmo assim permaneci quieta no sofá, pensando em tudo que descobri e tudo que eu precisaria enfrentar.

O interfone tocou e deixei que ele tocasse, não queria receber ninguém, não estava bem para isso. Não ainda, mas o porteiro estava insistente, pois voltou a interfonar, a contragosto, me levantei a caminhei até o aparelho.

— Eu não quero receber ninguém. — Fui curta e grossa.

— Doutora, mil perdões, mas ele está insistindo muito, diz que é urgente.

— Ele quem?

— Caio, ele disse ter notícias sobre a Yasmim.

Isso me acordou completamente.

— Pode deixar subir, obrigada.

Encerrei a chamada e fiquei parada, imaginando o que ele poderia ter descoberto, mas nada se passava pela minha cabeça, simplesmente nada. Eu sentia que ela não estava morta, nenhum daqueles corpos era o dela, podíamos chamar de pressentimento de tia, mas era a realidade.

Sou acordada dos meus pensamentos quando a campainha toca, imediatamente abri a porta e

o Caio passou por mim.

— Caio o que está acontecendo? — Ele parecia atordoado, como se estivesse com medo.

— Eles pegaram a Yasmim, eles estão com a minha filha.

Parei. Quem era *eles*?

— Quem são eles?

— Não sei, Duda, mas eles estão com a minha filha, eu não sei o que fazer, estou desesperado.

Balancei a cabeça e tentei colocar as coisas no lugar.

— Temos que falar com a polícia...

— Eduarda, não. — Ele parou na minha frente. — Eles foram bem claros, sem polícia.

— Não tem cabimento, Caio! A polícia precisa saber, eles podem nos dar uma direção sobre o que fazer...

O celular dele começou a tocar, nos interrompendo, olhei assustada para ele e o vi engolir em seco.

Caio tirou o aparelho do bolso, atendeu a ligação e colocou no viva voz.

Uma voz feminina ecoou pela sala.

— *Caio, espero que você tenha feito exatamente o que eu mandei.* — Franzi o cenho, eu conhecia essa voz de algum lugar, mas não lembrava onde.

— Quero saber se minha filha está bem! — Esbravejou e a risada fria da mulher tomou conta do local.

— *Depende do sentido da palavra bem, se, bem você quer dizer viva, então sim, ela está*

viva.

— Preciso ouvir a voz dela, preciso...

— *Calma, rapaz, tudo no seu tempo. Além do mais, crianças podem ser bem chatas quando querem, por isso a coloquei para dormir.*

— O que você fez com ela?

— *Apenas dei algo para ela dormir, ela me serve mais viva do que morta, acredite.*

Eu só queria entender o que estava acontecendo, minha mente tentando entender de quem era a voz da mulher que estava ao telefone.

— *Agora, deixe-me falar com a Eduarda, sim?*

— Estou aqui. — Minha voz tremeu por algum milagre.

— *Como vai doutora Eduarda Medeiros, espero que esteja tudo bem já ficou sabendo que estou com sua sobrinha, não é?*

— O que vocês querem?

— *Simples meu bem.* — Ela se calou por um tempo, até pensei que a ligação havia caído, então ela voltou a falar. — *Preciso de dinheiro, a polícia logo estará atrás da gente e quero ter sumido daqui.*

— E o que te faz pensar que vamos ajudar? — Questionei.

— *Simples, se não me entregarem o dinheiro que eu preciso, mato a Yasmim e mando o corpo de presente para vocês.*

— Você não teria coragem...

— *Claro que eu teria, deveria ter me livrado dessa criança anos atrás, igual eu fiz com a mãe dela.*

Congelei.

Olhei para o Caio, tão apavorado como eu.

— De quanto você precisa? — Caio perguntou e eu neguei com a cabeça.

— *500 mil reais, em dinheiro vivo.*

— Isso é loucura. — Falei.

— *Quero esse dinheiro na minha mão, vocês têm até às 22 horas. Sei que querem a menina viva.*

Eu ainda tentava ligar a voz dela a algum rosto, mas eu não conseguia.

— *Entrarei em contato.*

A ligação foi encerrada, Caio se sentou no meu sofá e encarou o nada.

— Não podemos contar para a polícia, eles vão matá-la.

— Se não contarmos todos nós vamos morrer. — Me agachei e segurei sua mão. — Eu sei que é a sua filha, que a pouco tempo você não sabia que existia. Acredite, está doendo em mim também, por que ela é minha sobrinha.

— Eu sei, mas ela matou a minha Jéssica, eu não duvido que ela irá fazer o mesmo se não fizermos exatamente como ela mandou.

— Caio...

Ele se levantou e caminhou até a porta.

— Não estou pedindo para me ajudar, eu vou fazer isso sozinho.

Ele se virou.

—Caio! — Chamei, sabendo que estava cometendo uma burrada. — Eu vou te ajudar.

— Sem polícia?

Assenti.

— Sem polícia.

Ele voltou e se aproximou de mim.

— Tenho um plano, mas você não vai gostar dele.

Fechei os olhos, faria qualquer coisa por aquela criança, devia isso aos meus pais e a minha irmã.

— Qual é o seu plano?



CAPÍTULO 32

Arthur

Eu sabia que era preciso tempo.

Cada perda tem sua hora de acabar,

cada morto seu prazo de partir,

e não depende muito da vontade da gente.

Lya Luft

Ela não atendia o telefone, ela não estava em casa. Milhares de pensamentos se passavam pela minha cabeça sobre onde a Eduarda poderia ter ido.

Entrei na delegacia, com uma mísera esperança de que ela estivesse aqui, caminhei direto para a sala da delegada, onde ela estava reunida com meu irmão, a Verônica e uma mulher que ainda não tinha visto.

— Ela não está aqui, não é? — Eles sabiam a quem eu me referia e apenas negaram com a cabeça.

— Ela deve estar tentando colocar a cabeça no lugar, Arthur, é muita coisa para ela entender.

— Não, Verônica, se eu bem conheço a Duda, eu sei que ela já estaria aqui, igual uma louca, para ter notícias da Yasmim, ela não sumiria sem respostas... — Paralisei e os encarei, acho que eles chegaram a mesma conclusão que eu, Guilherme saiu correndo da sala, antes que eu pudesse completar meus pensamentos. — A não ser que ela saiba onde a Yasmim está.

— Tem certeza de que ela é advogada? — A morena perguntou e percebi Verônica a fuzilando com o olhar.

— Claro, *Georgia*. — Ela pronunciou o nome da outra com um tom de desdém. — A Eduarda é a melhor advogada de São Paulo, mas nesse momento ela não é uma advogada, ela é uma mulher, uma tia, desesperada para saber onde sua sobrinha está.

Guilherme entrou na sala.

— Liguei para o prédio da Eduarda, me informaram que um homem chamado Caio a visitou mais cedo e que por volta de meia hora depois eles saíram juntos, a Eduarda carregava uma mala.

— Porra. — Esbravejei, o que aquele filhinho de papai, metido a playboy pensava que estava fazendo. — Eu vou...

— Você não vai a lugar nenhum, Arthur. — A voz da delegada era firme, olhei para ela.

— Você não pode me impedir...

— Tem razão, não posso. Mas eu farei o que for preciso para não atrapalhar, não podemos colocar nada a perder.

— Nada a perder? Nada a perder? É a minha mulher que está desaparecida! Acha que eu vou ficar parado e não fazer nada? Vai saber o que aquele filho da mãe do Caio vai fazer com ela!

— Como tem tanta certeza de que ela está sendo obrigada a algo por ele? — A morena perguntou, chamando a nossa atenção.

— O que ele foi fazer ali então?

Ela riu.

— Pelo que me disseram, ele é possível pai da menina, não é?

— Sim. — Guilherme respondeu, olhei para ele, mas seus olhos estavam fixos na morena.

— Eles são os parentes mais próximos da Yasmim, se ela tiver sido sequestrada o mais correto seria ligar para eles.

— Exatamente. — Georgia emendou, se aproximando do meu irmão. — Esses criminosos, sabem que o cerco está se fechando, eles precisam fugir e precisam ter segurança para tentar uma fuga, uma fuga bem elaborada.

— Para isso eles precisam de dinheiro. — Guilherme completou e a morena sorriu para ele.

— Ponto para você, policial, agora me diga, quem teria uma quantidade exorbitante, porque é o que eles, provavelmente, pediram para entregar?

— Caio. — Eu mesmo respondi.

Fechei os olhos. Isso só podia ser um pesadelo.

Guilherme saiu novamente da sala, olhei para a morena que sorria.

— Quem é você? — Questionei.

— Nem me apresentei, que falta de educação. — Ela me estendeu a mão. — Sou Georgia Chevalier, sou agente especial da polícia federal.

Apertei sua mão e ela sorriu para mim.

— Prazer. — Respondi.

— Deixa-me ir ver se o Guilherme precisa de ajuda.

Ela saiu e eu tenho certeza de escutei minha cunhada xingar a Georgia de “cadela” bem baixo.

— Verônica. — A Delegada chamou. — Guilherme e Georgia foram verificar se o Caio fez alguma retirada de dinheiro em algum banco. Preciso que você rastreie o celular dos dois.

— Claro.

Ela se virou, mas parou com a voz da delegada.

— Leve o juiz com você, não preciso dele aqui tentando atrapalhar o meu trabalho.

Lancei um olhar mortal para a delegada, que fez questão de devolvê-lo.

— Vamos, Arthur.

Contra minha vontade, acompanhei a Verônica, ela caminhou até sua sala e se sentou, já mexendo no computador, cada coisa que ela digitava parecia querer matar alguém.

— Verôni...

— Tem alguma coisa de errada comigo? — Perguntou e notei que ela estava preste a desabar.

— Claro que não, porque a pergunta?

— Essa nova agente, a Georgia, parece que foi transferida para cá apenas para testar minha paciência, mulher insuportável. E o engraçado é que o filho da mãe do seu irmão não faz nada, parece um patinho babando por ela.

— Verôni...

— Ele pensa que eu sou idiota? Burra? — Ela se levantou e começou a andar. — Se eu sonhar que seu irmão está me traindo, depois de tantos anos de casado e tudo que passamos para ficarmos juntos, eu o mato!

Ela se sentou novamente e voltou a assassinar o teclado do computador.

Preferi ficar calado, sabe o ditado “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher?” Se encaixava perfeitamente nesse quesito. Mas isso não significava que eu não falaria com ele, eu falaria e descobriria o que estava acontecendo.



— *Eu nunca soube de nada, nem desconfiei. Sempre cuidei daquelas crianças como se fossem meus próprios filhos.* — Suzana disse.

— *Nem nas meninas mais velhas? Não notou nada de diferente?* — A delegada questionou.

— *Um tempo atrás, algumas começaram a agir de maneira estranha, pensei que fosse a idade, ou simplesmente o fato delas ainda estarem ali. Todas têm o sonho de sair daquele lugar, não porque as trato mal, mas porque sonham com uma família, sonham em ter um lar para chamar de seu. Jamais eu desconfiaria que eles fossem...* — A mulher fecha os olhos e suspira.

— *Porque o Rogério se ausentou?*

— *Ele alegou um problema de saúde, apresentou um atestado e não me procurava nem para saber como andavam as coisas, realmente pensei que ele estivesse muito doente. Ele não apareceu no orfanato por meses, até ontem de tarde, juntamente com um casal...*

— *Espera, você disse casal?*

— *Sim, eles foram conversar na sala da diretoria, e eu fui organizar as crianças para*

tomarem banho e irem comer.

— *Consegue descrever o casal?*

— *Claro, era uma mulher morena, e usava roupa preta, cabelos escuros, lisos e cumpridos. O homem era um pouco mais alto que ela, usava roupa casual, cabeça rapada, mas tinha barba grisalha.*

— *Suzana, que horário esse casal foi embora?* — A delegada apoiou as mãos na mesa e encarou a mulher.

— *Já era a noite, eu os vi saindo, estava organizando as meninas em seus quartos.*

— *A Yasmim foi vista durante o jantar?*

— *Sim, ela comeu na mesma mesa que eu, mas ela é uma criança muito sapeca, ama correr por aí e se esconder em lugares inusitados.* — A mulher fechou os olhos. — *Depois disso a confusão dentro da casa começou, as crianças desesperadas, algumas chorando, foi difícil levar todas para fora, eu... eu não encontrei a Yasmim, a Kelly e o Pedro, fora a Noeli, a cozinheira, que não conseguiu sair da cozinha.*

— *Foram encontrados 3 corpos, queimados pelo incêndio.* — Percebi a voz da delegada mudar drasticamente, de séria para amorosa. — *O IML identificou-os essa manhã. Dois deles pertenciam a Kelly e o Pedro, e o outro a cozinheira.*

— *Ah, meu Deus!* — a mulher começou a chorar, podíamos ouvir seus soluços, mesmo abafados por suas mãos, olhei para Verônica e ela estava chorando, Georgia tinha o olhar perdido e eu, eu estava prestes a desmoronar também, quando ouvi a última pergunta da delegada.

— *Sei o quanto é difícil, sei que está doendo, mas eu preciso saber apenas de uma coisa, Suzana. Existe a possibilidade de a Yasmim estar viva, eu preciso saber o nome do casal que o Rogério levou ontem ao orfanato. Ele não quis me dizer, você sabe?*

A mulher tomou um gole de água e encarou a delegada.

— *Ele os chamou de Malu e André.*

Malu e André?

Malu e André.

Arregalei os olhos.

Eles eram o casal que queriam adotar a Yasmim, a Eduarda era advogada deles no processo de adoção.

Putá que pariu!



CAPÍTULO 33

Eduarda

O silêncio arquiteta planos que não são compartilhados.

Quando nada é dito, nada fica combinado.

Martha Medeiros

— Nós precisamos desse dinheiro! — Caio informou ao seu gerente, eu estava nervosa, com medo também, qualquer falha e ele descobriria nossa mentira.

— Caio, eu já disse, não podemos retirar esse valor de uma hora para outra, ainda mais nessa quantidade exorbitante.

— Doutora... — Caio apontou para mim, respirei fundo e entrei no meu melhor modo advogada.

Abri minha pasta e retirei um documento, assinado por mim e pelo Caio.

— Temo que isso possa ajudar.

Era uma declaração, que fizemos as pressas antes de sair de casa. Uma declaração, em nome

de um banco na Suíça, onde eles pediam que esse valor fosse depositado ainda hoje, uma mentira, isso nunca aconteceria, mas eu torcia para dar certo.

— Sinto muito. — Foi enfático. — Não temos condições de retirar uma quantia tão grande nesse espaço de tempo.

Notei Caio fechar os olhos, me levantei e estendi a mão para o homem.

— Obrigada mesmo assim pela paciência.

— Se quiserem posso providenciar a quantia, podendo ser retirada daqui a 3 dias.

— Não precisa. — Caio murmurou, já se virando para sair. — Até lá será tarde demais.

Sorri para o gerente e segui Caio, puxei sua mão e o parei.

— Não desista, por favor.

— Onde vamos arrumar esse dinheiro todo, Eduarda? — Vi lágrimas em seus olhos e o abracei.

— Eu sei quem pode nos ajudar.

Ele se afastou de mim.

— Quem teria todo esse dinheiro em casa, Eduarda?

— Vamos para o carro. — Olhei ao redor, eu não gostava nem um pouco da minha ideia, mas não tínhamos outra solução.



— Isso é loucura. — Caio falou, entrando no estacionamento de um hotel de luxo, na

avenida Paulista. — Até mesmo para você, Eduarda.

— Não gosto da ideia tanto quanto você, mas ele é o único capaz de nos ajudar.

— Confia nele? — Indagou me olhando.

— Claro que não, Pierre é um bandido, que foi solto e continua com seus atos criminosos, agora mais escondido.

— Como pode ter tanta certeza de que ele pode nos ajudar.

— Nada que uma boa quantidade de dinheiro de verdade não faça. — Abri a porta e desci do carro, ele fez o mesmo. Coloquei meus olhos escuros e assumi minha pose de executiva. Caminhei até a frente do carro e Caio parou ao meu lado.

Eu trajava um vestido vinho, mangas longas e rendadas e uma gola alta e saia rodada, trajava um salto alto preto, e uma bolsa pequena. Caio vestia o terno mais elegante que possuía, seus cabelos devidamente penteados. Seus olhos verdes contrastando perfeitamente com o sorriso que demonstrava agora.

Ele estendeu a mão para mim.

— Senhorita, *Riviera*. — Coloquei minha mão em cima da sua, ele a levou aos lábios e me puxou para mais perto. — Confio em você, Eduarda, espero que saiba o que está fazendo.

— Apenas finja ser meu marido e deixe o resto comigo.

— Não será difícil. — Passei meu braço pelo seu e seguimos em direção a entrada do hotel.

Várias pessoas pararam para nos olhar, eu sabia que estávamos chamando a atenção, mas essa era ideia. Pierre não me atenderia se eu fosse apenas Eduarda Medeiros.

— Senhorita Riviera. — A recepcionista nos cumprimentou. — O Senhor Pierre os aguarda em seus aposentos, precisam de alguma coisa?

— Que se meta com o seu trabalho, querida. — Acho que interpretei meu papel muito bem, a mulher se encolheu como se não fosse nada e me senti mal, mas permaneci com minha máscara.

— *Cher*^[3], não fale assim com pobre moça.

Olhei para o meu então “marido”.

— Se intrometa apenas nos seus assuntos, *amour*.^[4]

Me virei e segui para o elevador, senti Caio caminhar elegantemente atrás de mim, enquanto eu andava de forma poderosa, como se fosse mesmo *madame Riviera*.

Entrei no elevador, seguido dele e apertei o botão da cobertura.

— O que foi isso? — Olhei para Caio que me olhava como se tivesse nascido mais quatro cabeças em mim.

— Acha que eu peguei pesado?

Ele sorriu.

— Se passa facilmente por atriz, Eduarda, você foi ótima.

— Espero só convencer o Pierre.

— Ele vai saber que você não é a Madame Riviera.

O elevador parou, indicando que havíamos chegado.

— Sim ele vai, mas vai ajudar também.

As portas se abriram e caminhamos para o quarto. A porta foi aberta e entramos, ainda em nossos personagens.

— Senhorita Riviera, que prazer recebê-la aqui! Senhor Riviera, como vai? Em que este humilde servo pode ser útil?

Me virei para encará-lo, tirei os óculos e o vi empalidecer quando notou quem eu era.

— Você não é a madame Riviera.

— Constatação óbvia, Pierre.

— O que você quer, Eduarda? Eu não estou fazendo nada de errado, sabe disso.

Revirei os olhos.

— Você sempre está fazendo algo de errado, Pierre, e é por isso que preciso de você.

Ele estreitou os olhos e se aproximou de mim, com certa curiosidade.

— O que exatamente quer dizer com isso?

— Preciso de 500 mil reais em notas falsas. — Ele arregalou os olhos e soltou um assobio.

— Jamais esperei isso de você, doutora, algo ilegal?

— Algo que não é da sua conta, Pierre, preciso do dinheiro até às 21 horas.

— Pouco tempo para quem quer tanto dinheiro.

Abri minha bolsa e caminhei até a cama, virando a toda em cima dali, depositando cerca de 10 mil dólares.

— Cristo! — Caio murmurou.

— Para o começo dá. — Pierre sorriu e me olhou.

— Será um prazer trabalhar para a senhorita, você acaba de contratar os serviços do maior falsário que esse país e outros já tiveram.

— Não me decepcione.

— Nunca passou pela minha cabeça, considere o serviço pronto.



Eu estava olhando para o entardecer, sentia o medo tomar conta de mim. Eu estava arriscando demais, se a verdade fosse descoberta estaríamos todos mortos.

— Pensando no quê? — Caio parou atrás de mim.

— E se não der certo? — Não olhei para ele.

— Tem que dar, Eduarda, eu preciso tentar, se você não quiser se arriscar...

— Não. — Me virei para ele. — Yasmim é minha sobrinha, eu devo isso a minha mãe e a Jéssica também.

Caio sorriu para mim.

— Vocês se dariam muito bem, sabia.

— Como ela era?

— Linda, espontânea, apesar da vida que levava, ela tinha esperanças de sair.

— Por que não insistiu para tirá-la dali?

— Eu tentei, juro, mas ela me disse que não era fácil, hoje eu sei, realmente não é. — Ele me encarou e sorriu. — Eu faria qualquer coisa para tirar ela de lá, mas ela me rejeitou e eu pensei que ela só queria me usar.

— Você a amou de verdade, não é?

— Amei, eu nunca amei nenhuma mulher como ela, não teve nenhuma outra que ocupou meu coração como ela fez.

Ele fechou os olhos e suspirou.

— Sinto muito, de verdade.

— Não posso dizer que fui infeliz, porque eu vivi os melhores momentos da minha vida ao lado dela, tudo que restou dela é a Yasmim e eu vou fazer questão de salvá-la, nem que isso custe minha própria vida.

Não pude responder, Pierre entrou no exato momento carregando a mala que eu havia trazido mais cedo. Ele a colocou em cima da mesa e a abriu, nos aproximamos e vimos 500 mil reais em notas falsas. Caio pegou o dinheiro e olhou perplexo.

— Isso é muito parecido com dinheiro de verdade.

— Está lidando com o melhor falsário, rapaz. — Respondeu, pegando o dinheiro da mão dele.

— Existe a probabilidade de descobrirem que é falsa? — Perguntei, olhando para a mala.

— Sempre existe, é dinheiro falso, mas garanto que eles não vão perceber tão cedo.

Assenti, peguei minha bolsa e estendi um papel com meu número ao Pierre.

— Me ligue amanhã para pegar o restante do dinheiro. — Pierre pegou o papel e sorriu.

— Considere como um presente, doutora. — Seu rosto se fechou e ele ficou sério. — Tenha cuidado, não sei o que pretende, mas peço que tenha cuidado. Acho que ninguém quer ficar sem a melhor advogada de São Paulo, ainda faço questão que a senhora me coloque na cadeia.

Sorri com esse comentário.

— Adeus, Pierre. — Fechei a mala e sai do quarto, nem esperei Caio, eu apenas queria acabar logo com isso.

PIERRE

— Vocês estão mexendo com gente perigosa. — Falei, depois que a porta se fechou atrás da Eduarda.

— Você não imagina o quanto. — Ele se virou para mim. — Irei precisar da sua ajuda.

Arqueei a sobrancelha.

— Mais?

— Eu pago...

— Não preciso que me pague, playboy, apenas diga o que quer.

— Esse... — Levantou um cartão com um número de celular. — É o meu telefone, você vai ficar esperando até às 20:00 eu te mandar um endereço via mensagem, você vai encaminhar esse endereço para o telefone da polícia.

— Por que não faz você mesmo? — Questionei.

— Por que se eu ou ela fizermos, estaremos mortos antes de chegar lá.

Assenti e peguei o número.

— Mandarei para uma amiga que trabalha na policia Federal, está aqui em São Paulo. É mais seguro para mim.

— Contatos na polícia? — Sorri. — Você não imagina o quanto.

Me afastei um pouco e me servi de um copo com uísque.

— Obrigado. — Ele falou e se virou.

— Caio. — Ele me olhou novamente. — Estou fazendo pela doutora, não sei qual a

situação, mas ela não merece passar pelo pior.

— Obrigado.

Saiu do quarto e eu caminhei até a sacada e respirei fundo.

Peguei meu celular e desbloqueei a tela, onde imediatamente surgiu a foto da morena, o motivo pelo qual voltei ao Brasil.

Não sei, mas talvez o destino quisesse a gente junto de novo e eu não desperdiçaria essa chance por nada nesse mundo.



CAPÍTULO 34

Arthur

Às vezes te odeio por quase um segundo

depois te amo mais

teus pelos, teu gosto, teu rosto, tudo

tudo que não me deixa em paz

Quais são as cores e as coisas para te prender

eu tive um sonho ruim e acordei chorando

por isso eu te liguei,

será que você ainda pensa em mim?

Será que você ainda pensa?

Cazuza

Já era fim da tarde e não tínhamos nenhuma notícia dela, estava ficando preocupado. A

polícia ainda não tinha conseguido encontrar a Malu e o André. A presença da Débora foi solicitada na delegacia e observei a mulher tremer diante do olhar da delegada, não assisti seu depoimento, mas fui informado que ela revelou que a Jéssica possuía um casal de cafetões, minhas suspeitas de que ela estava por trás da morte da Jéssica, sumiço da Yasmim e agora da Eduarda e do Caio.

Guilherme e Georgia não encontraram nada sobre o paradeiro deles, não havia movimentação bancária, o que me deixava mais inquieto. O celular deles dois estava desligado, ninguém tinha notícias ou os tinha visto.

Eu estava mais que frustrado.

Eduarda onde você se meteu?

— Rogério acabou de confessar que colocou fogo no orfanato. — A delegada entrou. — A moça, Débora, o reconheceu como um dos sócios da boate em que trabalha, mas garantiu que ele não é cafetão de nenhuma das moças, de acordo com ela, ela não pode conhecer nenhum outro, apenas o dela, o que me levou a pergunta seguinte, quem era seu cafetão. Ela ficou nervosa, relutou, mas por fim revelou o nome. Henrique Fragoso, o mandado de busca da boate saiu hoje, coloquei a Verônica para ir até o local.

Olhei para mulher a minha frente, sua expressão apontava cansaço, ela não havia saído dessa delegacia em nenhum momento.

— Nenhuma notícia?

— Nada, Arthur, e estou mais frustrada que você, pode acreditar.

— Eu só queria saber onde eles estão...

— Vamos encontrá-los, Arthur, nem que eu revire cada canto dessa cidade, mas eu te prometo que vamos encontrá-los.

Apenas acenei, iria perguntar outra coisa, quando a Georgia entrou afobada na sala.

— Conseguimos ter acesso a última ligação do Caio. Acho que vocês não vão gostar disso.

Então ela colocou a gravação;

— *Caio, espero que você tenha feito exatamente o que eu mandei.*

— *Quero saber se minha filha está bem!*

— *Depende do sentido da palavra bem, se, bem você quer dizer viva, então sim, ela está viva.*

— *Preciso ouvir a voz dela, preciso...*

— *Calma, rapaz, tudo no seu tempo. Além do mais, crianças podem ser bem chatas quando querem, por isso a coloquei para dormir.*

— *O que você fez com ela?*

— *Apenas dei algo para ela dormir, ela me serve mais viva do que morta, acredite.*

— *Agora, deixe-me falar com a Eduarda, sim?*

— *Estou aqui.*

— *Como vai doutora Eduarda Medeiros, espero que esteja tudo bem já ficou sabendo que estou com sua sobrinha, não é?*

— *O que vocês querem?*

— *Simples meu bem. Preciso de dinheiro, a polícia logo estará atrás da gente e quero ter sumido daqui.*

— *E o que te faz pensar que vamos ajudar?*

— *Simples, se não me entregarem o dinheiro que eu preciso, mato a Yasmim e mando o corpo de presente para vocês.*

— *Você não teria coragem...*

— *Claro que eu teria, deveria ter me livrado dessa criança anos atrás, igual eu fiz com a mãe dela.*

— *De quanto você precisa?*

— *500 mil reais, em dinheiro vivo.*

— *Isso é loucura.*

— *Quero esse dinheiro na minha mão, vocês têm até as 22 horas. Sei que querem a menina viva. Entrarei em contato.*

22 horas. Olhei para o relógio, marcava 19:30.

— Eu sabia que tinha envolvimento de dinheiro. — Georgia murmurou.

— Mas eles não fizeram nenhuma retirada, foi averiguado. — Falei, nervoso.

— Mas tentaram. — Guilherme entrou na sala. — Consegui conversar com o gerente do banco, que cuida de todas as finanças do Caio, ele apareceu mais cedo, acompanhado de uma mulher, querendo retirar do banco uma quantia de 500 mil reais. O banco negou, não tinha como retirar aquela quantidade ainda hoje. Eles foram embora.

— A mulher era a Eduarda. — Constatei.

— A descrição bate. — Ele confirmou. — Agora o que não bate é como eles teriam esse dinheiro.

— Ninguém em sã consciência guarda 500 mil reais em casa. — A delegada afirmou.

— Não, não guarda. — Georgia estava perdida em pensamentos, então olhou para nós. — Eu acho que eles conseguiram esse dinheiro, mas de outra forma.

— Que forma? — Notei o olhar entre ela e a delegada.

— Ele está em São Paulo? — A mulher questionou.

— Sim, não sei o que veio fazer, mas está aqui.

— Você não acha que...

— Não acho tia, tenho certeza. — Georgia falou e saiu da sala.

— O que está acontecendo? — Perguntei.

— Georgia foi averiguar uma coisa, se o palpite dela estiver certo, teremos uma pista sobre o paradeiro da Eduarda, do Caio e da Yasmim.

Ela saiu da sala e olhei para o meu irmão, que estava de cenho franzido.

— O que rola entre você e a Georgia? — Fui direto.

— É complicado...

— Complicado o cacete, Guilherme, quero a droga de uma explicação agora.

— Não posso, mais logo você irá saber.

— Guilherme, se eu descobrir que você está traindo a Verônica...

— Não estou traindo minha esposa, pelo menos não da maneira que está pensando.

— Como assim?

— Depois, Arthur, preciso saber como anda a invasão na boate.

Ele saiu e me deixou sozinho, juro por Deus que se ele magoasse a Verônica eu mesmo daria uma surra nele.

GEORGIA

O vento frio fazia minha pele se arrepiar, mandei uma mensagem e esperava o retorno, mas não obtive. Estava frustrada, com ódio e querendo matá-lo.

Estava há 15 minutos aqui e nenhum sinal dele, eu não errava, não quando o assunto era ele.

Conferi a hora em meu relógio e vi que eram 20:00 horas, me recusava a estar enganada, eu não podia estar enganada.

Meu celular apitou, indicando uma mensagem. Sorri ao reconhecer o número.

Pierre: *Estou com saudades, mon amour,*^[5] *sei que não quer me ver nem pintado de ouro, mas tenho algo que possa te interessar.*

Mais abaixo havia um endereço e uma mensagem curta.

Pierre: *O dinheiro possui um rastreador, sei que podem precisar também. Um beijo, do para sempre seu, Pierre.*

Sorri.

Pierre não dava ponto sem nó.

— Ah, Pierre, o que tem de bandido tem de gostoso. — Murmurei para mim mesma, sem me dar trabalho de responder à mensagem.

Era hora de resgatarmos uma família.



CAPÍTULO 35

Eduarda

Toda pessoa arrogante, soberba e altiva não aceita ser corrigida, visto que não deseja ser mudada por um comportamento superior, porque já possui um espírito de conduta inferior que a satisfaz.

Helgir Girodo

Estávamos chegando perto do local que a mulher havia indicado, ainda estava com a voz dela na minha cabeça, tentava a todo custo me lembrar de onde eu já tinha ouvido aquela voz, porque eu sei que já a ouvi antes.

Olhei para a janela do carro, não havia um único movimento do lado de fora.

— Estou com medo. — Confidenciei.

— Eu também. — Caio falou e estacionou o carro.

Olhei ao redor e parecia ser uma pista de pouso abandonada, mais a frente vi um jatinho.

— Será que eles já estão ali?

— Acho que sim, Eduarda. — Se virou para me olhar. — Sabe que não podemos confiar

neles, não é?

— Sei. Eu sei, mas... — Respirei fundo, apoiando a cabeça no encosto do banco e fechando os olhos. — Eles não vão deixar nos deixar sair vivos daqui, Caio.

— É por isso que você precisa seguir o plano à risca.

— Isso é loucura! — O Desespero ameaçava tomar conta de mim, fazendo meu corpo tremer e meu coração acelerar. — Deveríamos ter falado com a polícia.

— O que já está feito não pode ser mudado. — Olhei para ele, Caio encarava o nada, perdido em seus pensamentos. — Se eu não voltar, promete cuidar dela.

— Caio... — Ele se virou para mim.

— Tem que me prometer, por favor, Eduarda, vai cuidar da minha filha?

Senti o gosto salgado das lágrimas em minha boca. Assenti, não tinha condições de falar nada.

Caio soltou o cinto de segurança e se aproximou de mim, segurando meu rosto e secando minhas lágrimas.

— Sabe de uma coisa? — ele sussurrou, encarei seus olhos.

— O que?

— Se eu tivesse certeza de que sairia daqui vivo... — Tentei cortar sua fala, mas ele colocou um dedo em meus lábios, me impedindo. — Se eu saísse daqui vivo, eu faria de tudo para me apaixonar por você.

— Caio... — Eu não sabia o que falar, minha mente girava e eu podia ouvir as batidas do meu coração reverberando por todo meu corpo.

— É verdade, você é uma mulher magnífica, linda e forte, e não estou falando isso porque

você é parecida com a Jéssica, mas é o que pude perceber em todas as vezes que nos encontramos, principalmente hoje. — Sua mão contornou meu rosto. — Você é incrível, Eduarda, merece ser feliz e merece ser amada da maneira mais especial que possa existir. E o Arthur é um filho da puta sortudo por ter o seu amor.

Fechei os olhos e senti seus lábios em minha testa, eu não sabia o que estava acontecendo, acho que toda essa adrenalina, esse medo, esse misto de sentimentos que estavam em mim, me fizeram tomar essa atitude, me chame de louca, de irracional, de burra, idiota, mas eu precisava.

Seus lábios se afastaram da minha testa, mas seu rosto continuou perto do meu, senti sua respiração misturada com a minha, nossos narizes se encostando.

— Não posso fazer isso. — Ele sussurrou, abri meus olhos.

— Eu posso. — Então o beijei.

Foi diferente, não foi um beijo sensual, não foi algo que tinha teor sexual, era um beijo de...
Despedida. Minha mente gritou.

Seus lábios sobre os meus, seu gosto, a forma como segurava meu rosto, como sua língua acariciava a minha, era como se ele quisesse decorar cada detalhe. Nos afastamos.

— Você vai viver, eu tenho certeza, eu sei disso...

Ele me deu mais um beijo demorado e se afastou.

— A Yasmim vai ter uma ótima, mãe. — Falou e desceu do carro, me deixando sozinha.

Chorei novamente.

— Meu Deus, me dê forças porque eu não sei se vou conseguir sozinha.



Caio voltou para o carro e o ligou.

— Já?

— Sim, acabaram de falar que poderíamos nos aproximar.

Respirei fundo e mantive meu olhar fixo na estrada. Nos aproximamos do avião de pequeno porte. Não parecia ter alguém ali dentro.

Descemos do carro e eu olhei em volta, até a porta do bimotor se abrir e ver um homem descer, apertei os olhos para enxergar melhor, mas somente quando ele se aproximou de nós foi que minha ficha caiu.

Eu não acreditava em meus olhos, não podia ser verdade.

— André... — Sussurrei, ainda sem acreditar.

— Como vai, doutora? Tínhamos uma audiência marcada para hoje, como foi cancelada decidimos fazer as coisas do nosso jeito.

Olhei para o avião e vi uma mulher saindo, na frente dela tinha uma criança.

— Yasmim! — Gritei, tentei me aproximar, mas o Caio me segurou.

— Não chegue perto, Eduarda. — Malu falou, chegando ao lado do marido. — Que bela reunião, não acha?

— Vocês... vocês...

— Exatamente, nós! Surpresa?

— Como vocês puderam? — Questionei, tentando entender compreender o que estava acontecendo.

Malu riu, uma risada de escárnio.

— Que tal ouvir uma história, acho que vai gostar.

Olhei para ela e depois para a Yasmim, havia lágrimas em seus olhos, ela estava apavorada.

— Vocês eram os cafetões da Jéssica. — Comecei.

— Exatamente. — Malu falou. — Aquela garota nos dava dinheiro, uma das melhores prostitutas que pegamos, você não imagina o quanto que nós lucramos com ela. Nosso melhor negócio, então decidimos leiloá-la.

— Igual fizeram com a Paloma. — Falei. Arthur havia me contado isso, um pouco antes do depoimento do Rogério.

— Exato. — Ela falou. — Mas aquela vadia fugiu quando anunciamos para onde ela iria. — Ela estalou a língua. — Ela era outra que me daria dinheiro, mas fugiu. Ela fugiu por conta de um amor de infância, mas ela deveria saber que não deveria ter me desafiado

— Ela tinha sido avisada, mataríamos ela e o Arthur, caso ela tentasse fugir, mas ela fugiu, ela fugiu e contou a verdade para aquele juiz de merda. — André falou. — O acidente era para ter matado os dois, eles deveriam estar debaixo de sete palmos do chão agora.

— Mas ela foi a única que entrou no carro. — Murmurei.

— Um erro cometido por um de nossos capangas, ela os viu e saiu em disparada, o resto você já sabe, um acidente e ela em coma por 12 anos.

— Como você sabia do coma? — Questionei.

— Acha mesmo que não iríamos descobrir? — André perguntou e riu. — Falamos que ela

foi brutalmente assassinada, mas passar 12 anos em coma era um castigo muito melhor. Ainda mais ver a cara do Arthur ao saber do que éramos capazes.

— Acompanhar o sofrimento dele foi muito divertido, divertido até demais. — Malu falou.

— Onde a Jéssica entra nessa história? — Caio perguntou, falando pela primeira vez.

— Simples, muito simples. Rogério falou que havia mais uma menina, uma que ele fazia questão que pegássemos, analisamos o perfil e decidimos conversar com ela, sabe como é, promessas de uma vida melhor, um bom salário e pronto, mais uma prostituta. Jéssica era uma bela cadela mandada. — André disse. — Fazia tudo que mandávamos, não foi difícil elevá-la para ser prostitua de luxo, depois de um tempo ela foi aceita para ser colocada em leilão e olha tínhamos nosso melhor lance com ela, faturaríamos milhões:

— Então ela se apaixonou por você. — Malu falou, olhando para o Caio. — E colocou nossos planos a perder quando descobriu a gravidez.

— Eles não queriam uma mulher grávida, sabe o quanto perdemos, eu jurei que aquela vadia pagaria. — André falou. — A mandamos embora, sem ter onde cair morta e sem dinheiro, fomos enfáticos quando avisamos que se ela procurasse o pai da criança, ele seria um homem morto na mesma hora.

— Por isso ela terminou comigo. — Caio murmurou.

— Sim, ela foi esperta. — Malu riu. — Mas isso não foi suficiente para livrá-la da morte, havíamos perdido milhões, novamente, e não deixaríamos barato.

— Vocês a mataram. — Sussurrei.

— Sim, e deixamos essa linda criança aqui para morrer de fome ao lado da mãe. — Yasmim tinha o olhar travado em mim, enquanto Malu percorria os dedos em seu rosto. — Mas ela sobreviveu e foi para um orfanato. Que para nossa sorte era comandado pelo Rogério.

— Por que adotar?

— Porque vimos você, a cópia da mulher que matamos, pensei estar ficando louca. Quando a vi na rua, então decidimos nos disfarçar, pesquisamos sua vida, tudo que você imaginar e descobrimos seu caso com o Arthur.

— Foi então que vimos uma oportunidade de acabar com dois possíveis problemas de uma vez só. — André completou.

— E decidiram se passar pelo casal a procura de uma criança.

— Queríamos que você chagasse na Yasmim de qualquer maneira. — Malu informou. — Com a guarda dela estaríamos livres de qualquer suspeita. Mas você decidiu investigar o passado, você decidiu estragar tudo ao procurar o pai dela.

— Vocês são malucos. — Afirmei. — Tudo por dinheiro?

— O dinheiro move o ser humano, Eduarda. E eu perdi milhões com a morte da Paloma e da Jéssica. — Malu falou. — Mas vamos falar de negócios, certo? Onde está o dinheiro?

— Dentro do carro. — Murmurei.

— Você vai pegar o dinheiro e nos entregar, depois soltaremos a criança. — André informou. — E não tente nenhuma gracinha.

Caminhei até o porta-malas, abrindo-o e retirando a mala, pedindo a Deus que eles não descobrissem a verdade.

Levei até onde estavam e fechei os olhos.

— Traga o dinheiro. — André disse.

Me preparei para caminhar até eles, mas parei ao sentir um aperto em minha cintura e o cano de uma arma em minha testa. Arregalei os olhos e sufoquei um grito de espanto.

— Agora vocês vão fazer o que eu mandar. — Caio falou de forma firme. — Ou ela terá uma bala na cabeça em questão de segundos.



CAPÍTULO 36

Eduarda

Que haja em seu coração vontade para recomeçar.

E que não haja apenas vontade, mas também coragem.

Laureane Antunes

Respirei fundo e tentei conter meu nervosismo, mas era impossível, meu coração batia freneticamente, minha respiração estava acelerada. Meus olhos pareciam querer saltar para fora das órbitas.

— Eu sei que vocês a querem no lugar da Jéssica. — Caio falou, devagar. — Foi por isso que pediram para que ela soubesse o que estava fazendo. Vocês querem a Eduarda, a Yasmim e a mim, mas eu vou morrer assim que tiverem com elas em mãos.

— Muito inteligente você. — Malu comentou. — Agora deixe-a vir.

— Se não soltarem minha filha agora, irão perder mais um negócio de milhões de reais, porque eu vou disparar contra ela.

Eles dois se olharam.

— Você não tem essa coragem. — André murmurou.

Aconteceu rápido demais para que meu cérebro acompanhasse, o toque gelado da arma saiu de mim e apontou para o André, logo após ouvimos um disparo, e ele gritou de dor.

— Filho da puta! — Urrou, caído no chão, o tiro pegou no ombro e provava que o Caio não estava brincando.

— Minha filha! — A arma voltou a apontar para mim.

— Será uma troca justa afinal de contas. — Malu murmurou. — A Eduarda pela Yasmim.

Então ela soltou a menina que imediatamente correu até nós, foi o que precisávamos, Caio me soltou, e eu peguei a arma escondida em minha roupa e apontei para a Malu, que se assustou.

— Não se mexa, se não quiser que aconteça com você o mesmo que ele. — Falei, tentando não tremer, nunca havia atirado na vida, mas sabia como manusear uma arma.

Com o canto do olho vi quando a Yasmim correu para trás do carro, a mando do Caio. E nós dois apontamos a arma para eles.

— Plano inteligente o de vocês. — Malu se aproximou de nós e olhou o companheiro que estava no chão, parecia fraco devido à perda de sangue. — Me dê o dinheiro e vamos sumir da vida de vocês.

— Acha mesmo que vamos acreditar nisso? — Perguntei.

— Vocês não têm muita escolha. — Ela estendeu a mão. — A mala com o dinheiro.

— Vai pro carro, Duda. — Caio falou, sem me olhar e ainda apontando a arma para a Malu, sem abaixar minha arma, comecei a me afastar, caminhando de costas, mais próximo do carro me virei. E foi esse o meu erro, tudo que eu ouvi foram 4 tiros sendo disparados e o grito do Caio em

seguida, depois o da Malu, me virei rapidamente e vi o André com a arma apontada para mim.

— Últimas palavras? — Ele estava sangrando, eu abaixei minha arma, minhas mãos tremiam.

O que eu poderia dizer? O que eu poderia fazer? Arma caiu da minha mão, o barulho do impacto da arma no chão.

Estava apavorada, não sabia que havia como ficar com mais medo do que eu já estava. Arrisquei olhar de canto de olho para onde a Yasmim estava, ela estava com os olhos arregalados, voltei a olhar para o André.

— Sabia que não. — Proferiu.

Fechei os olhos no exato momento que mais dois tiros foram disparados.

Esperei a dor me atingir, mas não senti nada.

Abri os olhos e vi André caído no chão, dois tiros foram cravados em seu peito.

— Se eu não chego a tempo você não estaria aqui para contar história. — Pierre saiu do meio das sombras, não tentei pensar, nem perguntei o que ele estava fazendo ali, apenas corri até o corpo de Caio no chão e o segurei.

— Agente firme, Caio, por favor. — Sussurrei.

— Cuide da minha filha... — Ele sussurrou.

— Você vai ficar bem, você vai ficar bem. — Repeti.

— Cuide...

— Eu vou cuidar, prometo, mas por favor, não nos deixe. — Estava desesperada.

— Eu não salvei a Jéssica, mas salvei você, salvei você e minha filha. Não me arrependo.

— Caio...

Então ele se foi, me deixando sem saber o que fazer. Seus olhos se fecharam e eu soube que a vida havia deixado seu corpo.

— Obrigada... — Sussurrei. — Muito obrigada.

Agradei a ele, apesar de saber que jamais existiriam palavras para agradecer o que ele fez por mim.

Me levantei e fui até a Yasmim, ela estava apavorada.

— Você está bem? — Perguntei. Ela apenas chorava, me aproximei e a abracei. Seu corpinho estava tremendo.

— Eu... Eu...

— Calma meu amor, vai dar tudo certo. Eu vou cuidar de você, vou cuidar, prometo.

Ouvi seu choro baixinho, não falei nada, não procurei por ninguém, apenas fiquei com ela ali, abraçando-a.

— Vai ficar tudo bem, eu prometo, acabou o pesadelo.

Ouvi sirene do carro da polícia vindo, olhei para o céu e pedi a Deus que pudéssemos ficar em paz agora.

ARTHUR

Quando eu as vi, Eduarda agarrada a Yasmim, fechei os olhos e agradei aos céus. Corri para perto delas.

— Eduarda! — Chamei, já me aproximando, ela levantou os olhos e me encarou. Abracei as duas. — Vai ficar tudo bem, o pesadelo acabou.

Ajudei as duas a se levantarem e a delegada as levou para o carro. Caminhei mais à frente e vi o corpo do Caio jogado no chão, mais a frente André e Malu estavam mortos também.

Não conseguia imaginar o que elas haviam vivido.

— Eduarda vai precisar nos contar o que aconteceu aqui. — Meu irmão falou.

— Ela não fez isso. — Falei.

— Eu sei que não, mas ela é testemunha.

Vi Georgia caminhar até o corpo do André e se abaixar, depois se levantou e olhou para o local, como se procurasse alguém.

— O pesadelo acabou. — A delegada parou ao meu lado. — A Verônica acabou de ligar, a operação boate foi um sucesso. Obrigada aos dois, sei que não foi fácil, ainda existe muita gente para prendermos por conta dessa operação, mas tenho certeza de que com a quantidade de provas e testemunhas que temos, não irá demorar.

Não respondi, olhei para trás e vi a Eduarda conversar com a Yasmim, sabia que os próximos dias seriam difíceis, mas também sabia que a partir de agora as coisas se resolveriam.



1 SEMANA DEPOIS

Voltei a minha rotina, mas era como se não tivesse voltado, meus pensamentos não saiam da Eduarda, eu tentava conversar com ela desde aquele dia, mas parecia que ela estava me evitando, não atendia aos meus telefonemas, nem mensagens. Não queria ir até o seu apartamento, sabia que ela precisava de um tempo para colocar a cabeça no lugar e entender tudo que havia acontecido, até eu precisava disso, mas trabalhar me fazia pensar menos nessas coisas.

A boate S&C foi fechada, vários sócios foram presos e outros estavam foragidos. Quando viu que o cerco estava fechado, Rogério entregou todo o esquema da quadrilha, com isso fechamos mais 4 boates espalhadas dentro do estado de São Paulo, ele foi transferido para o presídio onde iria aguardar o julgamento, que ainda não tinha data marcada. Malu e André estavam mortos, de acordo com o depoimento da Eduarda, Caio havia atirado no André e na Malu, recebendo dois tiros no peito ao entrar na frente dela. Mas não foi esse tiro que havia matado o André, ele ainda havia tentando atirar na Duda, mas ela foi salva por um homem chamado Pierre, que não viu para onde foi.

A Yasmim foi levada pelo conselho tutelar, estava sobre os cuidados da Júlia, que me informou que a Duda ia visitar a sobrinha todos os dias.

Eu só queria poder conversar com ela, saber o que estava acontecendo. A porta da minha sala se abriu e Fernando entrou.

— O que faz aqui? — Perguntei.

— Não soube da novidade?

— Não. — Arqueei uma sobrancelha, incentivando-o a falar.

— A Eduarda entrou em contato comigo e vai entrar com o pedido de adoção da Yasmim, creio que será um processo rápido, visto que ela é tia da menina, então em torno de um mês ela será mãe de uma garotinha.

— Que bom. — Falei e suspirei. — Como ela está?

— Está voltando a rotina aos poucos, não se preocupe meu amigo, dê um tempo a ela, logo as coisas irão se resolver.

— E se não resolverem, e se ela não me amar mais?

— Ela louca por você, Arthur, mas passou por muita coisa, tenha paciência e respeite o espaço dela, tenho certeza de que tudo vai dar certo se fizer isso.

Eu faria isso, daria a ela o tempo necessário para que decidisse o que iríamos fazer.



CAPÍTULO 37

Eduarda

Porque eu te amo

E não consigo me ver sem ser o teu amor por anos

Não é acaso, é só amor

Não existe engano

Que me carregue pra longe

Que te faça outros planos, meu bem

Teu cheiro só tu tem

Tua boca só tu tem

Me tem

Porque eu te amo – AnaVitória

1 MÊS DEPOIS

Acordei sobressaltada, estava suada e ofegante. Fechei os olhos, desde daquele dia eu estava tendo pesadelos com armas e mortes, após ter certeza de que estava mais calma, conferi a hora e vi que eram oito horas.

Me levantei e fui tomar um banho, já havia se passado um mês desde que tudo aconteceu, mas as lembranças ainda estavam vivas em minha mente. Parecia que todas as noites eu revivia aquele pesadelo e em todas elas eu via a Yasmim e o Arthur sendo mortos e eu não podia fazer nada.

A água escorria pelo meu corpo, levando embora todo o cansaço da noite.

De banho tomado, escolhi uma saia lápis, uma blusa fechada na cor branca, peguei meus saltos pretos e separei uma bolsa.

Já vestida, apenas soltei meus cabelos, penteando-os apenas com os dedos, coloquei um par de brincos e fiz uma maquiagem leve. Já pronta, fui para a cozinha e preparei um café.

Na parte da tarde eu assinaria os documentos que me dariam a guarda da Yasmim, eu estava animada, cheia de expectativa e com medo, porque não sabia como seria nossa relação.

Suspirei, meus pensamentos trazendo Arthur a minha mente, eu sei que precisávamos conversar, não havia dúvidas sobre o amor que sentia por ele. Decidi que depois que resolvesse minha situação com a Yasmim, procuraria por ele para conversarmos.

A companhia tocou e me fez franzir a testa, quem seria naquele horário, não estava esperando ninguém. Fui até porta e quando abri não consegui esconder minha surpresa ao ver o Arthur.

— Arthur?

Senti um frio na barriga ao vê-lo depois de tanto tempo. Minha respiração acelerou e meu coração aumentou a frequência cardíaca.

— Posso entrar? — Perguntou e dei passagem para ele.

Ele passou por mim e sentir seu perfume penetrar todos os meus poros, impregnando em meu sistema, me fazendo fechar os olhos e flutuar no mar de sensações que era estar em sua presença.

Fechei a porta e me virei ao som de sua voz.

— Como você estava claramente me evitando, resolvi vir até você.

— Não estava... — Ele me cortou, se aproximando o suficiente para me fazer perder o ar.

— Você estava e ainda está. — Mordi o lábio e o encarei. — Dança comigo?

— Dançar?

— Sim, dançar, saudades de fazer isso com você, podemos?

— Sem música?

Ele pegou o celular e colocou uma música, imediatamente *no me compares de Alejandro Sanz* e Ivete Sangalo. Estendeu a mão para mim, pousei a minha em cima da dele e ele me conduziu a passos lentos.

Fazia tanto tempo que eu não dançava até pensei que havia desaprendido, mas não. Dançar com Arthur era natural, parecia que nos moldávamos a cada passo, a cada giro, a cada nota tocada eu entregava a ele a condução da dança, sendo apenas guiada. Não havia nada entre nós, problemas não existiam mais, preocupações haviam se dissipado.

Éramos apenas Arthur e Eduarda.

Dois apaixonados de corpo, alma e coração.

Nossos corpos sendo guiados pela dança, nossos olhares conectados, nossas respirações sincronizadas.

Em um passo me afastei dele, apenas mãos dadas e então ele me trouxe de volta, com um giro, colando assim nossos corpos com o fim da música.

— Eu amo você, Eduarda, não fuja de mim, nunca mais. Quero ficar ao seu lado, quero estar com você nos momentos felizes e tristes, sei que tem medo, mas estou aqui para ajudá-la a enfrentá-los. Eu sou completamente apaixonado por você, minha diaba. Sou completamente apaixonado por você.

Eu estava chorando, andava muito emotiva.

— Amo você, Arthur. Amo você mais do que a mim mesma e eu não suporto mais ficar longe de você, e você está certo, estou morrendo de medo, e eu quero enfrentar tudo para ficar com você, eu te amo e nada vai mudar esse sentimento, porque desde aquele dia que eu derramei café em você, que soube que não me apaixonar seria impossível. Eu te amo, Arthur, te amo pelo homem que você é, por tudo que você representa, eu te amo porque simplesmente não poderia ser diferente, nasci para ser sua e você para ser meu. Eu poderia fugir, negar e brigar comigo mesma dizendo que não queria, mas não posso, quero viver com você até ficarmos bem velhinhos, você reclamando de alguma coisa e eu enchendo a sua paciência. Eu amo você e não tenho nenhuma dúvida sobre isso. Você me tem para sempre, porque eu te amo!

Ele não respondeu nada, apenas me beijou, sua boca sobre a minha, faminta e ávida.

Não perdi tempo, afrouxei o nó de sua gravata, até tirá-la completamente. Arthur se separou de mim, enquanto eu o encarava e desabotoava sua camisa, botão a botão, devagar, como se fosse uma tortura. Quando ele já estava sem camisa, percorri com minha mão seu peitoral, beijando e lambendo cada pedacinho dele, ouvindo-o respirar fundo, beijei em cima do seu coração, ouvido as batidas ritmadas.

— Cada batida do meu coração sussurra seu nome, Eduarda.

— E você é dono do meu coração, da minha alma, da minha vida. Te amo.

Ele me beijou, me pegando no colo e me levando até o quarto, lentamente me depositou em minha cama, abrindo os botões da minha camisa, da mesma maneira que eu havia feito. Após

terminar beijou minha barriga, subindo até a borda do sutiã, aproveitando o fecho frontal o abriu, deixando meus seios expostos para ele, de uma maneira lenta e deliciosa ele passou a língua nos bicos endurecidos, mordendo-os e depois chupando-os, um de cada vez. O que me fez fechar os olhos e gemer lentamente.

Ele subiu, beijando o colo, pescoço, queixo até parar em minha boca.

— Abra os olhos. — Assim o fiz. — Vou amar você, Eduarda, vou te amar Eduarda, vou amar cada pedacinho do seu corpo.

ARTHUR

Quando ela apenas concordou, tomei sua boca, beijando-a, exigindo tudo dela, gravando seu sabor, me excitando a cada vez que apertava sua cintura com mais força.

Me afastei e tirei o restante da minha roupa, Eduarda olhou para mim e observei seu olhar excitado em cima do meu pau, que já estava duro apenas de vê-la deitada, seminua.

Retirei seus saltos e levantei sua perna esquerda, beijando a panturrilha, deixando um rastro quente de lambidas até chegar à barra de sua saia, parcialmente embolada, ela virou de costa e eu desci o zíper, exibindo uma calcinha preta, fio dental.

— Porra, Eduarda, quer acabar com a minha sanidade?

— Quero que você acabe comigo, Arthur, eu preciso de você.

Sem nenhum aviso prévio ela se virou, saia embola em sua cintura e ela montada em mim, gemi quando senti o contato de sua boceta contra meu pau. Ela também gemeu e começou a rebolar devagar, me usando para seu bel prazer, com uma mão, afastei aquele pequeno tecido de renda que me separava do paraíso e esfreguei seu clitóris inchado, ouvindo-a arfar e gemer, rebolando ainda

mais, agora em meu dedo. Seus peitos balançavam em meu rosto e tomei um, sugando-o brutaemente e beijando em seguida.

— Isso... — Ela disse, perdida de prazer.

Tirei minha mão dela e a ouvi choramingar.

— Preciso estar dentro de você, agora.

Sem esperar mais nada, a deitei novamente tirando aquele pedaço de tecido e tendo a visão de sua boceta perfeita, inchada e implorando pelo meu pau, aproximei meu rosto e inalei sua excitação, fazendo a gemer algo. Subi em direção a sua boca, deixando beijos pelo caminho.

Parei em cima dela, suas pernas se fecharam em minha cintura e eu entrei nela, devagar, até chegar ao fundo e gemermos juntos. Com uma mão, preendi seus braços acima de sua cabeça e me apoiei com outro, começando a me mexer, nos torturando, o quarto sendo preenchido pelos nossos gemidos, o som dos nossos corpos se batendo, fotografando cada expressão de prazer de seu rosto, aumentei o ritmo, sentindo que estava prestes a explodir.

Eduarda fechou os olhos e os abriu, explodindo em gozo, me fazendo gozar logo em seguida.

— Eu te amo. — Falei, olhando em seus olhos e recebendo um beijo e um sorriso em seguida.

— Eu te amo muito mais.



Teríamos ficado na cama o dia inteiro, nos curtindo, mas a Eduarda precisava comparecer ao fórum para a audiência da guarda da Yasmim, estávamos em meu carro e ela mexia no celular.

— O pai do Caio não quis saber da neta? — Questionei.

— Não, no enterro do Caio, o pai dele me disse que não queria contato com a neta, não queria ter nada a ver com ela. Segundo ele, ela foi o motivo da morte do filho. Fiquei possessa, disse umas verdades e que jamais precisaria da ajuda dele, que a Yasmim não merecia ser neta de um homem como ele. Disse que se precisasse de ajuda financeira podíamos procurar por ele, mas não vou me humilhar a esse ponto.

— Realmente, não vale a pena. — Comentei.

Após toda a confusão, fiquei sabendo que a Duda fez o teste de DNA com a Yasmin e o teste deu positivo, a Jéssica realmente era sua irmã.

— Acha que serei uma boa mãe? — A pergunta dela me pegou desprevenido, olhei-a de soslaio.

— Não acho, tenho certeza de que você será a melhor mãe que ela poderia ter.

— Obrigada, por estar comigo.

— Sempre estarei com você, meu amor. — Beijeí sua mão. — E como ela está em relação ao que aconteceu?

— Júlia está cuidando disso, psicólogas e tudo, infelizmente ela está meio reclusa em relação a tudo isso, mas tenho certeza de que com o tempo ela vai melhorar.

— Vai sim, tenho certeza de que você vai ajudar a superar esse trauma.

Estacionei em frente ao fórum.

— Nós vamos. — Ela disse e me fez olhá-la. — Quero você junto comigo nessa, ao meu lado, criar a Yasmim como se fosse nossa filha. — Ela abaixou o olhar e sorriu tristemente. — Não posso gerar um filho, essa é a única coisa que eu posso te oferecer.

— Eduarda, desde que seja com você eu topo qualquer coisa, nem que seja para morar debaixo da ponte.

— Exagerado. — Ela riu e ficou séria em seguida.

— Eduarda, desde que você esteja ao meu lado, eu enfrento qualquer situação. E se daqui alguns anos você quiser adotar uma criança vai me fazer o homem mais feliz desse mundo, não importa se você gerou ou não, vai ser amado tanto por mim, quanto por você.

— É por isso que eu te amo. — Ela sorriu e me deu um beijo, descendo do carro.



CAPÍTULO 38

Eduarda

Segura teu filho no colo

Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui

Que a vida é trem bala, parceiro

E a gente é só passageiro prestes a partir

Trem bala – Ana Vilela

Minhas mãos suavam e eu estava nervosa, respirei fundo várias vezes. Olhava a todo momento para a sala de onde a Júlia havia entrado com a Yasmim, não tinha como conter minha ansiedade.

— Ficar nervosa não vai adiantar, sabia?

— Tem muito tempo que elas entraram?

— Dez minutos, amor, fica calma.

Ele beijou minha mão e eu voltei a olhar o relógio na parede.

Então a porta foi aberta e a Júlia saiu da sala, com a Yasmim segurando sua mão. Me levantei e me aproximei dela, a passos lentos, com medo de assustá-la. Yasmim me olhava com curiosidade.

— Oi, Yasmim. — Me abaixei em sua frente. — Tudo bem?

Ela confirmou e eu respirei fundo.

— Eu vou levar você para morar comigo, tudo bem? Eu quero conhecer você melhor e poder fazer você feliz, tá bom? Eu prometo tentar ser uma boa mãe, tentar de todas as formas não te decepcionar, quero te dar um lar, uma família e muito amor. Você aceita?

Ela sorriu para mim, o sorriso mais lindo que eu já vi em toda a minha vida, que fez lágrimas escorrem em meu rosto.

— Não chora, não gosto de te ver chorando. — Suas mãos enxugaram meu rosto e eu fechei os olhos.

— É de felicidade, meu amor. Porque vamos formar uma família.

— Você vai cuidar de mim para sempre? Promete?

— Para todo o sempre, até você ficar bem grandona!

— Então eu quero ir com você!

Então ela me abraçou, me pegando desprevenida, mas eu retribui, ainda mais forte, chorando e agradecendo a Deus por me dar esse presente.

Senti mãos fortes em minha cintura e vi o Arthur agachado ao nosso lado. Me afastei e sorri para ele.

— Yasmim, esse é o Arthur.

— Apresentei.

A menina olhou para mim e depois olhou para ele, depois voltou a me encarar.

— Ele é o seu namorado? — Abri a boca em espanto e olhei o juiz que sorria para a menina.

— Ela não quer namorar comigo, Yasmim.

— O quê? — Questionei surpresa. — Você nunca me pediu!

— Não seja por isso. — Ele se levantou e estendeu a mão para mim, então se ajoelhou na minha frente, atraindo a atenção de todos.

— Eduarda Medeiros, você aceita namorar comigo?

Olhei para a Yasmim e ela sorria e batia palmas, gargalhei da reação dela.

— É claro que eu aceito! — Falei e ele se levantou, me erguendo e me beijando.

Ao som de palmas e assobios, me colocou no chão e sussurrou que me amava, pegou a Yasmim no colo nos abraçamos.

— Foto da família! — Ouvi a Júlia pedir.

Olhamos para ela e sorrimos, nossa primeira foto em família.

Família.

Era tudo o que podia querer e mais do que eu merecia receber, eu os amaria de forma incondicional.

ARTHUR

2 SEMANAS DEPOIS

— Amor, você viu onde eu coloquei a sacola de roupas que eu trouxe para a Yasmim? —

Eduarda apareceu na porta do quarto.

— Acho que você colocou em cima do sofá, amor.

— Obrigada. — Ela disse, já no corredor.

Ainda não estávamos morando junto, mas estávamos arrumando um quarto para a Yasmim aqui em casa. O antigo quarto da Paloma foi desocupado, algumas coisas foram doadas e outras eu preferi queimar, deixando as memórias dela apenas em minha mente.

O quarto passou por uma reforma rápida e agora estávamos mobiliando o cômodo, arrumando do jeito que a Yasmim queria.

Terminei de me vestir e fui até a cozinha, onde a Jaqueline estava cozinhando.

Eu não queria me afastar dela, então a chamei para trabalhar comigo.

— O que teremos para o almoço, está cheirando bem.

— Pode dar licença da minha cozinha, Arthur, anda, anda. — Ela só faltou me bater com a colher de pau e sai de lá levantando as mãos.

Meu celular tocou e eu vi o número da Verônica.

— Oi, Verônica.

— Tem notícias do Guilherme? — Sua voz era nervosa.

— Não, não tenho.

— Tem dois dias que ele não aparece em casa, não aparece na delegacia, celular está desligado, estou desesperada.

— Se acalme, eu estou indo até aí.

— Eu só quero saber onde aquele infeliz está, Arthur.

— Creio que tenho uma coisa para lhe entregar, chego em 15 minutos.

Encerrei a chamada e fui até o meu quarto, pegando a carta que ele me entregou meses atrás.

— Droga, Guilherme, o que você fez? — Murmurei. — Amor!

Ela entrou no quarto.

— O que foi?

— Vem comigo, acho que a Verônica vai precisar de você.

— Do que está falando?

— Só vamos amor. — Peguei a chave do carro. — A Jaqueline fica com a Yasmim.



Chegamos na casa da Verônica e ela andava de um lado para o outro.

— Onde está o Nicolas? — Perguntei.

— Foi ao shopping com alguns amigos, o que você tem para mim?

Olhei para a Eduarda e ela assentiu, peguei a carta e entreguei a ela.

— O que é isso?

— Há alguns meses o Guilherme me pediu para te entregar isso, não entendi o que ele quis dizer, mas disse que eu saberia a hora certa de te entregar.

Ela pegou o papel e o rasgou, lendo as palavras, então começou a chorar.

— Não acredito que ele fez isso, não pode ser.

— Verônica... — A Eduarda foi até ela e a amparou antes que caísse no chão e eu só queria entender o que tinha acontecido.



CAPÍTULO 39

Verônica

Pra que falar

Se você não quer me ouvir?

Fugir agora não resolve nada.

Mas não vou chorar

Se você quiser partir.

Às vezes a distância ajuda

E essa tempestade

Um dia vai acabar...

Quando a chuva passar – Ivete Sangalo

“Tudo que vivemos foi intenso, mas acredito que ficamos juntos quando éramos muito novos, quero conhecer outras pessoas e te dar o direito de conhecer outra pessoa. Nunca me

arrependerei do que vivemos, mas agora é melhor cada um tomar seu próprio caminho. Amo o Nicolas e diga que um dia ele entenderá minha decisão.

Até um dia, Guilherme.”

As palavras não saiam da minha cabeça, eu não conseguia parar de pensar que ele fez isso comigo, desperdiçou quase 15 anos de casamento por que queria viver novas aventuras. Ele não podia fazer isso comigo, ele não podia fazer isso com a gente.

As lágrimas vieram novamente, eu queria matá-lo, queria bater nele até entender o porquê de estar fazendo isso.

Tudo doía, tudo me matava.

Em algum momento eu peguei no sono, acordei apenas com um enjoo enorme e corri para o banheiro. Vomitei tudo que eu havia comido durante o dia. Lavei a boca e me encarei no espelho. Pousei as mãos em minha barriga e suspirei.

— Se depender de mim o Guilherme nunca vai saber da existência desse bebê. — Falei para mim mesma. — Eu vou ser forte e ter esse filho sem precisar do apoio dele.

As lágrimas caíram novamente e eu fechei os olhos.

Seria difícil? Sim, mas eu não entrava em provas para perder, eu sei que eu iria conseguir.

Eu precisava conseguir!

GUILHERME

Foi a decisão mais difícil da porra da minha vida, Deus sabia o quanto eu sangrava por dentro. Nunca pensei que poderia chegar a fazer isso, nunca passou pela minha cabeça abandonar a mulher que eu amo.

Encarei o sol se pondo, o avião passando por dentro das nuvens. Estava acabado, destruído. Eu sabia que ela nunca me perdoaria, eu sabia que havia acabado com nosso casamento naquele instante, sabia que eu jamais teria o amor dela novamente.

Levantei a mão e fitei a aliança que mandei fazer com toda a luta e esforço, uma aliança que significava amor, respeito, companheirismo e confiança. Acabei com tudo isso com poucas palavras.

Suspirei.

— Sabe que ainda pode voltar, não é? — Encarei Georgia, que se sentou à minha frente.

— Não posso consertar o que já está quebrado, Georgia.

— Pode, vai demorar, mas pode.

— Minha mulher não vai me perdoar, nunca.

— Vai sim, o amor de vocês é forte, tenho certeza de que ela te perdoa.

Ri, mas era sem graça, forçado.

Voltei a encarar a janela do bimotor e creio que ela tenha percebido que eu não estava afim de conversas.

— Tome. — Levantei o olhar e ela me entregou uma carteira.

Ergui meu olhar para ela, que apenas esticou ainda mais a mão, peguei o objeto e abri, olhando o conteúdo.

— Isso é...

— Documentos falsos. — Ela completou, se sentando novamente à minha frente.

— A partir de agora você não é mais Guilherme Brandão e sim, Dimitri Dmitriev e eu sou Tânia Dmitriev. Somos os maiores traficantes internacionais de drogas conhecidos. Vamos lidar com todo o tipo de pessoa e negociador, mas Guilherme, jamais, fuja do seu personagem e não se esqueça

de quem estamos atrás.

— Farei o possível. — Falei.

— Sei que sim, policial. — Ela piscou para mim e se levantou.

Voltei a olhar para as nuvens.

Qualquer passo errado e nós dois estaríamos mortos, e eu faria qualquer coisa para que isso não acontecesse, eu precisava voltar para minha esposa.



CAPÍTULO 40

Eduarda

Guarde

Sem ter porquê

Nem por razão

Ou coisa outra qualquer

Além de não saber como fazer

Pra ter um jeito meu de me mostrar

Ache

Vendo em você

Explicação

Nenhuma isso requer

Se o coração bater forte e arder

No fogo o gelo vai queimar

2 MESES DEPOIS

O sol estava quente e eu brincava com a Yasmim na areia.

— Mamãe eu quero sorvete!

— Quer? Quer? — A peguei no colo fazendo cócegas em sua barriga, sua risada me fez gargalhar. — Temos que esperar seu pai, não estou com dinheiro aqui.

Ela sorriu e começou a correr, me fazendo ir atrás dela.

Não existiam palavras para descrever a felicidade que eu sentia, era algo inexplicável. Estávamos em Búzios, passando as férias. Já que no próximo mês, Arthur e eu faríamos uma pós em direito criminal, então ficaríamos um pouco ocupados com tudo isso, mas tentaríamos ter tempo para a nossa filha, que passou a nos chamar de pai e mãe, o que nos encheu de felicidade.

Yasmim e eu acabamos nos mudamos de vez para o apartamento do Arthur e eu coloquei o outro apartamento à venda.

Hoje eu poderia dizer que a minha vida estava realizada, tinha uma filha, um namorado, uma carreira, amigas que me apoiavam em tudo. Se há cinco anos me perguntassem se eu me via nessa situação, eu diria que não, mas não mandamos no destino, muito menos no coração.

Sorri ao lembrar do meu juiz.

Ele estava estudando para se tornar Juiz Federal, e eu sabia que ele iria conseguir, porque aquele homem podia tudo.

— Mãe, papai está vindo! — A voz da minha menina chamou minha atenção, e eu olhei na direção que ela apontava.

Prendi o fôlego ante a visão, tirei até os óculos para observar melhor a “vista”

Arthur trajava uma bermuda branca, uma camisa de manga curta do tipo praiana, usava óculos escuros e caminhava vagarosamente, sem ter noção do que sua pose descontraída causava nas turistas que o comiam com os olhos, estreitei os olhos para uma mulher que o parou no meio do caminho.

Me levantei e tirei minha saída de praia, revelando um biquíni branco, que criava um perfeito contraste com minha pele morena, olhei para meu namorado e o vi retirando os óculos escuros, me comendo, literalmente, com os olhos, soltei meus cabelos que estavam presos em um coque e eles caíram como cascata pelas minhas costas.

Ah, meu querido, até parece que você não me conhece.

— Yasmim, mamãe vai ali rapidinho. — Pisquei para ela que riu, marota.

A mulher ainda tentava puxar assunto com meu namorado e eu revirei os olhos, apesar de ele não estar dando a mínima atenção para ela.

Caminhei até eles, lentamente, como se estivesse desfilando chamando a atenção de vários caras que estavam por perto.

Como estávamos perto de um quiosque, decidi que provocar não seria um tanto ruim, havia um grupo de mulheres dançado mais adiante, caminhei até elas no momento que começou a tocar *terremoto*.

E, como no passado, eu dancei exclusivamente para provocá-lo, dançando sensualmente, rebolando conforme a batida da música, vi quando Arthur dispensou a mulher e caminhou até onde estávamos, chamando a atenção com tanta beleza, mas seus olhos completamente presos em mim. Fiz questão de ficar de costas e rebolar mais um pouco, então senti minhas costas serem prensadas ao seu peitoral, e sua mão em minha barriga.

— Vai pagar caro por isso, diaba. — Sussurrou em meu ouvido.

— Mal posso esperar, Meritíssimo. — Ele me virou e sorrimos.

Estava louca para sentir seus lábios em mim, mas nossa filha adorava estregar nossos momentos.

— Mamãe, meu sorvete!

Sorrimos, demos as mãos e caminhamos até ela, que estava esperando, impacientemente.

Arthur a pegou no colo, jogou ela em cima do ombro e saiu correndo em direção ao carinho de picolé.

Sorri sozinha, eu não poderia pedir mais do que isso, apenas agradecer

ARTHUR

Havia acabado de colocar a Yasmim para dormir, ela estava cansada. Beijei seus cabelos e saí do quarto. Parei ao ver a Eduarda parada na varanda. Fiquei parado, observando sua beleza e sua pose descontraída.

Linda era pouco para defini-la, acho que nunca encontraria um adjetivo apropriado que abrangeria tudo que ela significava. Como se sentisse meu olhar, ela se virou e sorriu para mim.

— Vem aqui, amor.

Coloquei as mãos nos bolsos dianteiros da bermuda e caminhei até ela, que sorria para mim, trajava um vestido leve e seus cabelos estavam soltos, sendo acariciados pelo vento, fazendo-a ficar ainda mais linda.

Ela voltou a olhar o céu, parei atrás dela e abracei sua cintura, apoiando o queixo em sua cabeça.

— Se naquele dia, em que eu derrubei café em você, alguém falasse que um dia ficaria comigo, dessa maneira, você acreditaria. — Ela perguntou.

— Não, eu riria e falaria que a pessoa estava completamente louca.

Ela suspirou.

— Eu te amo, sabia? — Ela se virou e seus abraços rodearam meu pescoço. — E eu vou te amar pelo resto da minha vida.

Acariciei seu rosto e ela fechou os olhos.

— Não mais que eu, te amo infinitamente mais, Eduarda.

— O destino amou brincar com a gente, não foi? — Sorri para ela.

— Acho que aconteceu exatamente como era para acontecer. Sem tirar nem por.

— Sim, eu jamais amaria outra pessoa, o meu amor foi guardado exatamente para você. — Ela disse e eu toquei nossos lábios.

— Eu te amo, Arthur.

— Eu te amo, Eduarda.



EPÍLOGO

Eduarda

Tem brinquedo espalhado pela casa toda

E as paredes rabiscadas com o giz de cera

Mudou de tal maneira

Nossa vida já não é a mesma

A gente já não dorme mais a noite inteira

Na mesa tem dois copos e uma mamadeira

Mudou de tal maneira

A nossa vida já não é a mesma

Tem um pinguinho de gente correndo na sala

Com o sorriso banguelo eu não quero mais nada

Sabe aquele amor que se multiplica

Quem nunca sonhou ter isso na vida

Ser herói de alguém e melhor ainda

Ter do lado a mulher maravilha

Mulher maravilha – Zé Neto e Cristiano

3 ANOS DEPOIS

Minha cabeça estava explodindo de dor, olhei a hora, faltavam 5 minutos para a meia noite, me levantei e fui até a sala, precisava preparar a mamadeira dos gêmeos, eles tinham o *time* perfeito de acordar exatamente a meia noite, para comer.

Após testar a temperatura e colocar as duas mamadeiras no balcão, ouvi os dois chorando dentro do quarto. Sorri para mim mesma e balancei a cabeça, indo até lá.

Abri a porta e encontrei apenas Caio chorando agora, a Jéssica era mais calma e estava olhando para os brinquedos presos no berço, como eu sabia que seu irmão era mais impaciente, o peguei primeiro, me sentando na poltrona e dando a mamadeira para ele, que tomou tudo rapidamente. O coloquei no berço e depois peguei a Jéssica, que estava mais tranquila, ela mamou e depois a coloquei no berço e fiquei os admirando até pegarem no sono.

Fazia 4 meses que nós os adotamos, quando os vi foi amor à primeira vista e não tive dúvida de que os queria na minha vida, como meus filhos. Arthur me apoiou na hora e a Yasmim amou a ideia de ter irmãozinhos.

Fui em direção ao quarto dela, que estava dormindo com os fones de ouvido e o tablet do lado. Tirei os fones e o aparelho e os coloquei em cima do criado mudo, a embrulhei e beijei seu rosto.

Agradecia aos céus todos os dias por ela não ter traumas de tudo que aconteceu, graças a Deus ela era uma criança extrovertida que amava sair e brincar.

Fechei a porta e voltei para a sala.

Olhei o relógio, 00:30 hrs.

Onde ele estava?

Então a porta foi aberta e ele entrou, me levantei e o observei, colocou a mala dentro de casa e fechou a porta, foi só depois que notou minha presença e sorriu.

— Achei que te encontraria dormindo. — Arthur falou, se aproximando de mim, seus braços me envolveram e seu perfume me inebriou.

— As crianças acabaram de mamar, e eu estava com saudades suas.

— Também estava morrendo de saudades suas, meu amor. — Seus dedos contornaram meu rosto. — Como você consegue ficar tão linda com o passar dos anos?

— Segredo. — Pisquei para ele, que sorriu.

— Como foi no Canadá?

— Cansativo e chato, você não estava comigo, transar por vídeo chamada não é legal, amor.

Sorri para ele.

— Bom, não estamos em vídeo chamada, e confesso que gozar sozinha também não é legal, prefiro você com dedos, língua.

— Amor...

— Sou sua, amor, está esperando o que?

Arthur me pegou no colo, me levando até o quarto e depois para o banheiro, me colocando em cima da bancada.

— Quero fazer amor com você nessa banheira. — Murmurou contra meus lábios.

— Faço amor com você aonde quiser.

O azul de seus olhos se intensificou.

— Casa comigo?

Pisquei mediante a sua pergunta.

— Casar?

— Sim, aceita se tornar minha esposa?

Sorri para ele e preendi seus lábios com os dentes, soltando-os e arrastando minha boca até sua orelha, chupei o lóbulo e sussurrei a resposta.

— Todos os dias se for preciso.

Não preciso dizer que ele me devorou em cima da bancada, e depois na banheira, no box do chuveiro e por fim, na nossa cama.

— Te amo, Eduarda Medeiros Brandão. — Sussurrou em meu ouvido, grudando seu peito em minhas costas.

— Te amo, meu juiz Envolvente, mais do que possa imaginar.

Definitivamente, eu era a porra da mulher mais sortuda da face da terra.

MEU *Médico*
ENVOLVENTE
SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 3



PRÓLOGO

JEFERSON

*Nós nunca somos tão desamparadamente
infelizes como quando perdemos um amor.*

Sigmund Freud

5 ANOS ANTES

Dor.

Muita dor.

Uma dor que não cabia dentro de mim.

Só de pensar que uma hora temos alguém do nosso lado e no instante seguinte ela não está mais ali, apenas esse fato, muda o pensamento de alguém.

Eu não sentia apenas a dor, meu coração estava estilhaçado, meu peito sangrava, eu tinha perdido meu mundo inteiro em apenas uma noite.

Depois que o médico deu a fatídica notícia de que minha mulher havia ido embora desse mundo, eu sai do hospital sem um norte, estava encarando a rua, os carros passando, o vento soprava na direção contrária a que eu estava.

Eu não tinha mais lágrimas, não tinha mais forças, não tinha mais vida. Minha vida era ela e agora ela tinha ido embora.

Eu estava vazio, era como se minha alma tivesse deixado meu corpo. Podia ter todos os defeitos do mundo, podia ser o cara mais chato, baladeiro, mas nada tirava o fato de que eu amava aquela mulher com todas forças que eu tinha, eu faria tudo por ela, se ela me pedisse o mundo eu daria um jeito e lhe daria de presente.

Pedi-la em casamento foi o melhor dia da minha vida, ouvir da sua boca o tão esperado sim foi inesquecível, poder ver a felicidade estapanda em seus olhos me deixava extasiado, apenas o fato de receber uma mensagem dela todas as manhãs me desejando um bom dia, me fazia sorrir de orelha a orelha.

Olhei para o céu estrelado e gritei, gritei sem me importar com o que as pessoas iriam pensar de mim ou se me chamariam de doido, mas eu precisava me livrar dessa dor que tomava conta de mim.

— Por que o Senhor a tirou de mim? — Perguntei. — Por que tirou a pessoa que eu mais amava?

Chorei novamente, será que isso nunca iria acabar? Será que não iria parar? A dor estava me corroendo, me matando. Me levantei e andei sem rumo, chorando feito uma criança, me lembrando de todos os momentos que passei ao lado da minha Tati.

Quando coloquei meus olhos nela pela primeira vez, sabia que ela seria minha ruína, ela levaria meu coração para si e me amarraria de todas as formas possíveis. E ela fez isso e como eu amei isso, ela me conquistou das maneiras mais improváveis que se podia imaginar, era involuntário da parte dela, mas quando dei por mim eu já estava completamente apaixonado, mas ela não estava por mim e conquistá-la se tornou uma meta pessoal, mesmo depois que ela se declarou, eu insistia em conquistá-la todos os dias, seja com uma declaração por mensagem, um presente, o sorriso dela era minha maior conquista.

Só que eu não veria mais esse sorriso, não receberia mais suas mensagens, não diria que amo.

Meu Deus, o que eu ia fazer da minha vida?

O que eu seria dali em diante?

Me sentei em um banco e observei o movimento diminuir, as ruas mais desertas, poucas pessoas caminhando.

— Meu Deus, o que eu vou fazer?

Perdido era uma boa palavra para definir meu estado. Eu não tinha um caminho sem ela, ela era meu tudo, como eu podia ter algo se ela era tudo que eu tinha?

Mesmo preso naquela onda de dor que, ouvi um choro baixinho, perto dali, ignorando minha tristeza fui atrás e identifiquei um choro feminino. Me aproximei de um arbusto e vi uma mulher, não pude ver seu rosto direito, mas sabia que ela chorava.

— Está tudo bem? — Perguntei.

— Vai ficar. — Ela respondeu em meio a soluços, então se levantou. — Tenho que ir, licença.

— Espere, aonde vai nesse estado e sozinha?

— Preciso voltar para o hospital, deixei minha sobrinha sozinha ali.

— Eu levo você, tenho que voltar para lá.

A dor se intensificou dentro de mim, eu sabia que teria que encarar a realidade uma hora ou outra.

— Sério, não precisa, eu vou sozinha.

— Não sou filho da puta a ponto de te deixar ir sozinha durante a noite, eu acompanho você, estou indo para lá também, já disse.

Ela ficou em silêncio, parecia pensar, até que respondeu.

— Tudo bem.

Enquanto caminhávamos resolvi perguntar.

— O que aconteceu para você estar chorando desse jeito?

Ela não respondeu de imediato, depois de longos minutos ouvi sua voz novamente.

— Minha irmã estava grávida, só que teve complicações no parto, infelizmente ela não resistiu.

Ela voltou a chorar, entendia sua dor, me sentia da mesma forma.

— Meus sentimentos. — Falei.

— Obrigada. — Ela respirou alto e continuou falando. — Agora estou sozinha, com dois sobrinhos para criar, meu Deus o que eu vou fazer?

Tinhamos o mesmo questionamento.

— Eu perdi minha noiva. — Falei. — E estava fazendo essa mesma pergunta agora pouco.

— Sinto muito.

Não respondi, quando chegamos ao hospital, ela se virou para mim e vi seu semblante pesado, seu olhar triste.

— Obrigada por ter me acompanhado. — Ela falou. — Preciso ir para maternidade, até mais.

Ela se virou antes que eu pudesse falar qualquer coisa, me virei e caminhei para a recepção do hospital, apenas a Duda estava ali. Os olhos inchados e o nariz vermelho indicavam que ela havia desabado. Me aproximei dela e ela me abraçou.

— O que eu vou fazer sem minha amiga? — Ela questionou, mas não respondi.

Eu só queria mais uma oportunidade de dizer que a amava, que ela era meu ar e minha razão de viver.

Chorei novamente ao notar que nunca mais falaria isso para ela, pois a Tati havia morrido e levado o meu coração com ela.

DÉBORA

Eu não tinha a mínima noção do que fazer dali pra frente, a morte da minha irmã era algo que não esperávamos, eu não esperava. Como eu poderia viver sem ela? Daniele era meu alicerce, minha amiga, meu apoio. E a pergunta mais importante, como eu iria criar duas crianças que dependiam dela para tudo?

Estava em frente ao berçário e encarava meu sobrinho que tinha acabado de nascer, apesar de tudo, ele era forte e saudável. Ficaria bem.

— Tia, minha mamãe foi morar no céu?

Me abaixei para ficar da altura da Ester, as lágrimas ainda escorriam pelo meu rosto, se em mim doía imagina em uma criança de 4 anos.

— Foi sim, meu bem. Sua mamãe agora é uma estrelinha lá no céu. Agora ela está bem.

— Eu queria poder ter dado um beijo nela.

— Eu sei, meu amor e ela também sabe. — Ajeitei seu cabelo e acariciei seu rosto.

— Vai cuidar da gente agora? De mim e do Thales?

— Vou sim, vou fazer o possível para fazer o melhor para você e o seu irmão.

Beijeí seu rosto e abracei.

Os próximos dias foram de pura adaptação, tanto minha como das crianças. Infelizmente, eu não tinha tempo para esperar alguma coisa, eu só estudava e cuidava da Ester, minha irmã era quem trabalhava e colocava dinheiro em casa, todas as vezes que eu falava sobre procurar um emprego, ela me cortava e dizia que eu deveria focar nos meus estudos, e assim eu fiz. O problema agora era que

eu não conseguiria conciliar emprego, faculdade, duas crianças, sendo um deles recém-nascido. Eu teria que abrir mão de uma coisa, e essa coisa seria minha faculdade.

Mas não pense que era fácil arrumar um emprego, saia todos os dias cedo batendo de porta em porta a procura, nem que fosse de uma faxina, mas não arrumava nada.

Estava perdida e não sabia o que fazer para começar do zero. Até *ele* apareceu na minha porta.

Havia acabado de chegar em casa, as crianças estavam com a Alessandra, uma vizinha que cuidava deles para mim, enquanto eu corria atrás de alguma coisa. Quando eu escutei a batida na porta até pensei que fossem meus sobrinhos, mas quando abri a porta vi o Henrique. Fazia meses que ele não parecia aqui, desde que descobriu que minha irmã estava grávida.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei.

— Vim ter uma conversa com minha cunhada, não posso?

— Cunhada? Não seja hipócrita. Você e a Dani não tinham nada desde que você a abandonou grávida!

Ele revirou os olhos.

— Eu tive meus motivos e a sua irmã sabia disso.

— E o que você faz aqui agora? A Dani morreu dando à luz a um filho seu e você não teve a decência de aparecer no enterro dela, muito menos saber se seus filhos estavam bem, se estão passando fome! Que tipo de pai é você? — Gritei e em contrapartida ganhei um tapa na cara.

Paralisei.

Pela primeira vez na vida, senti medo desse homem.

Coloquei a minha mão em cima do local acertado por ele e o encarei, sem acreditar que

aquele homem havia me batido.

— É o seguinte, Débora. — Ele falou, pausadamente. — Sempre achei você uma mulher atraente, sempre te achei bem mais gostosa que sua irmã. Todas as vezes que eu estava com ela, eu imaginava que era você gemendo meu nome e não a cadela da sua irmã, mas eu sou um cara paciente, eu esperei esse tempo todo para ter você a minha mercê e, finalmente chegou a hora que eu tanto sonhei.

— Você é nojento, Henrique. — Falei, tentando expressar toda a repulsa que eu estava sentindo.

— Eu sei que você não está arrumando emprego, sei que você está desesperada. Por isso tenho uma proposta de emprego para você.

— Não quero nada que venha de você.

Ele sorriu e segurou meu queixo com força.

— Eu sei que você vai precisar de mim, Débora. No momento você não tem nada, não tem dinheiro, não tem emprego, não sabe por onde começar e tem duas crianças remelentas para cuidar e quando você cair em si, virá me procurar eu te darei o emprego que merece.

— Nunca vou te procurar. — Falei devagar, para que ele entendesse.

— Veremos.

Ele me soltou, jogou um cartão em cima da mesa e saiu sem olhar para trás.

Tentei, juro que tentei arrumar um emprego, mas quanto mais tempo se passava mais desesperada eu ficava. Eu não arrumava nada, as contas estavam vencendo e as crianças só não passavam fome porque Alessandra trazia comida para eles.

Certa noite os deixei dormindo aos cuidados da vizinha, que me olhou como se soubesse o

que eu fosse fazer.

Não acreditei quando cheguei ao local que indicava ao cartão. Minha respiração era ofegante e eu não podia deixar de piscar.

— Sabia que viria. — Me virei e dei de cara com Henrique.

— O que...

— Silêncio, você trabalha para mim agora, Débora, me obedece e faz o que quero sem reclamar.

— Isso é... isso é...

— Exato. — Sua mão subiu pelo meu pescoço e a bile subiu pela minha garganta.

— Você agora é uma prostituta, Débora. A minha prostituta.



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter permitido que essa história fosse escrita, sem Ele nada disso teria acontecido.

Minha família, por me dar todo o apoio necessário quando precisei, amo vocês.

Primeiramente agradeço minhas amigas autoras que estão comigo desde o início, obrigada a A.G Moore, Amy Campbell, Nana Valentttine e Natalia Oliveira, vocês fazem parte dessa realização tanto quanto eu, obrigada por sonharem junto comigo.

Agradecer a minha amiga Josi, por sempre ter apoiado as minhas ideias, por mais loucas que fossem. Obrigada por estar sempre comigo.

Aninha, por sempre estar comigo, seja ouvindo minhas loucuras, novas ideias, obrigada por ser minha amiga e por estar nessa caminhada ao meu lado. Obrigada por escolher cada música, frase e por criar algumas citações desse livro.

Valéria e Thaynara, minhas betas e revisoras, obrigada por terem amado esse conto tanto quanto eu, vocês são muito especiais em minha vida!

Minhas meninas nos grupos do *WhatsApp*, obrigada por sempre me acompanharem, sei o

quanto estavam ansiosas por este livro.

E, por último, obrigada você, leitor, que embarcou nessa história e se emocionou com esse casal!

Escrever Meu Juiz Envolvente foi um desafio, Arthur e Eduarda não são as pessoas mais fáceis de lidar, mas acredito que tenha passado tudo para vocês, medo, inseguranças, anseios, desejos e, principalmente, o amor deles dois.

Muito obrigada e até o livro do Jeferson!

Juju Figueiredo



SOBRE A AUTORA

Juju figueiredo, pseudônimo de Alice Lima, tem 20 anos, estudante de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Apaixonada por romances e pela escrita. Escreve desde os 14 anos de idade, porém só se aventurou a publicá-los quando tinha 17 anos. Publicou seu primeiro livro na Amazon, Apenas mais um CEO, em março de 2019. Possui mais obras completas e sendo escritas na plataforma wattpad.

[Página da Autora](#)

[Instagram](#)

[perfil wattad](#)

E-mail: autorajujufigueredo@gmail.com

[Grupo facebook](#)



MEU ENVOLVENTE PROFESSOR

SÉRIE ENVOLVENTE – LIVRO 1



[Clique Aqui](#)

Desde que começou a graduação em Administração, Bruna tem um objetivo: Provar para o seu pai que pode viver sem depender da herança que ela tinha a receber.

Agora em seu último ano de faculdade, quando as coisas estão encaminhadas, ela se depara com uma situação que não estava em seus planos. Seu orientador é afastado do cargo após um

acidente e ela se vê obrigada a trocar de professor.

O que ela não esperava era que seu novo orientador despertasse nela desejos intensos e reações inesperadas.

Bruna tenta resistir, mas se envolver com seu professor vai além do que ela podia imaginar, e isso pode fazer com que feridas do passado sejam reabertas e novas feridas surjam nesse caminho.

“Ela não queria, mas era impossível não se envolver.”

Apenas Mais Um CEO

Duologia CEO – Livro 1



[Clique Aqui](#)

Sinopse

Se você pensa que essa história é sobre um CEO que descobre o amor pela primeira vez, está muito enganado.

Mathew Thompson já amou. Entregou seu corpo, sua alma e seu coração para uma única mulher. Mas o tempo, o destino e a vida são traiçoeiros. E em questão de segundos, aquilo que diziam ser para sempre acabou. Sendo enterrado para sempre dentro de dois corações eternamente feridos.

Anos se passaram e Mathew se tornou apenas mais um CEO arrogante e mulherengo. Todos que conheciam Mathew Thompson intimamente, sabiam que a vida havia lhe tirado o único motivo para viver. E a forma que encontrou para se proteger foi construir um muro entre seus sentimentos e o mundo.

Seu corpo não mais lhe pertencia, era de todas com quem passava suas noites.

O destino mais uma vez decidiu brincar com sua vida, mas poderia um homem, completamente destruído pelo amor, amar novamente?

Um CEO em busca do amor

Duologia CEO- Livro 2



[Clique aqui](#)

Sinopse

No passado, Mathew e Cassie viveram a história de amor que todo casal queria viver, mas uma decisão errada os separou e com isso ficaram sem ter notícias um do outro por 10 anos.

Em uma noite, Mathew se encantou pela maneira exótica e sensual que Megan dançava e ambos foram tentados a se entregarem em uma noite de descobertas e prazeres.

Porém quando o destino resolve entrar em ação e começa a colocar as cartas na mesa, verdades são descobertas e vidas pagam o preço e foi o que aconteceu.

Mathew mais uma vez está desolado e busca o caminho para a redenção de todos os seus erros.

Cassie está em busca de perdão, redenção e, quem sabe, de um novo amor.

Megan luta por sua vida.

Para que as coisas sejam colocadas em ordem, para que todos possam seguir seus caminhos é preciso mexer no passado e o passado é sempre complicado de lidar, porque pode fazer sentimentos enterrados, ou até mesmo esquecidos, virem à tona.

No último livro da duologia CEO, conheça a verdade por trás do passado de Cassie Tanner, saiba para quem Mathew Thompson vai entrar entregar seu coração e descubra se Megan Tanner terá uma segunda chance de voltar a vida.

Simplesmente Amor

Trilogia Recomeços – Livro 1



[Clique Aqui](#)

Sinopse

A vida muda do dia para a noite, em um piscar de olhos. Em um dia Júlia estava feliz, na faculdade dos sonhos, com pais amorosos e vivendo bem. Em outro ela se viu em um meio um mar de problemas que jamais pensaria enfrentar.

Uma gravidez inesperada a faz tomar uma decisão a qual ela pode se arrepender profundamente.

Fernando havia perdido a vontade a vontade de viver, a vida o tinha castigado de maneira monstruosa.

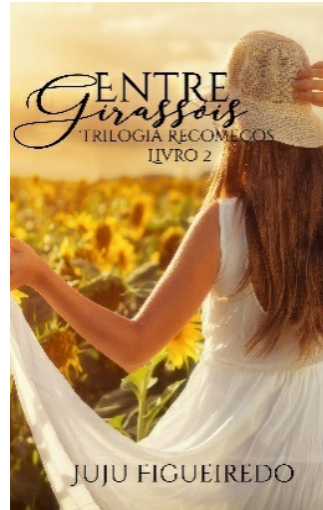
Mas o destino colocou um anjo em sua vida, um anjo tão lindo a qual ele tentará salvar a todo custo.

Simplesmente amor trata de perdão, relacionamento, perdas e o amor, amor mais profundos que duas

almas podem sentir.

Entre Girassóis

Trilogia Recomeços – Livro 2



[Clique aqui](#)

Sinopse

Laura tinha apenas uma prioridade em sua vida: sua filha.

Desde que ficou viúva não pensou em se relacionar novamente, se apaixonar era a última coisa que passava pela sua cabeça.

Afinal, quem iria querer uma mulher viúva, com uma filha de quatro anos e um passado um tanto conturbado?

Mas quando o destino quer, os pequenos imprevistos do dia a dia trabalham para que você conheça sua alma gêmea.

William não acreditava em amor à primeira vista, destino, alma gêmea e até mesmo o amor era algo duvidoso.

Mas algo na ruiva de olhos verdes, sorriso encantador, que pararia o mundo por sua filha, o

fez questionar esse pensamento.

Podemos nos apaixonar à primeira vista? Podemos descobrir que o amor existe?

Um homem que não acreditava no amor.

Uma mulher que não pensava em se relacionar.

Uma confissão feita em um campo de girassóis.

[\[1\]](#) Nunca esqueça que eu te amo.

[\[2\]](#) Nunca, meu amor.

[\[3\]](#) querida

[\[4\]](#) amor

[\[5\]](#) Meu amor